

Um apaixonante romance policial

O FILHO DA ASSASSINA

E se a tua mãe fosse uma assassina em série?

JOY ELLIS



Joy Ellis

O FILHO DA ASSASSINA

Um apaixonante romance policial
cheio de voltas e reviravoltas

Tradução
Vasco Teles de Menezes


casadasletras

Ficha Técnica

Título: O Filho da Assassina
Título original: The Murderer's Son
Autor: Joy Ellis
Editora: Rita Fazenda
Revisão: Manuela Gonzaga
Capa: Rui Rosa
ISBN: 9789896618575

CASA DAS LETRAS
Uma chancela LeYa S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2016, Joy Ellis
Inicialmente publicado por Joffe Books, Londres
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@casadasletras.leya.com
www.leya.com

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezasseis](#)

[Capítulo dezassete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezanove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Lista de personagens de o filho da assassina](#)

Dedicado aos meus queridos amigos Margaret e Alan Hughes,
com amor.

PRÓLOGO

Setembro de 1993, Lincolnshire Fens

O homem a fazer *jogging* percorreu firmemente as veredas sombrias ao longo do brejo, a caminho de casa. Do outro lado dos campos a escurecer, conseguia ver as luzes do chalé dele. Só mais uma centena de metros e estaria a passar os portões da Quinta Haines e a seguir ficaria a uma curta distância de um duche quente e de uma grande bebida fresca.

Quando fez uma curva na vereda e chegou aos portões da quinta, escorregou. Um palavrão escapou-se-lhe dos lábios e esforçou-se para não se estatelar no asfalto gasto e esburacado. Sem saber bem como, conseguiu equilibrar-se e, ao olhar para baixo para perceber o que o que tinha feito perder o balanço, viu uma poça de óleo que alastrava da entrada da quinta. Voltou a praguejar. Os ténis de corrida caros estavam manchados e salpicados, provavelmente estragados, pensou, furioso. Olhou para a frente, para a velha casa da quinta e viu que havia uma luz acesa na cozinha. Ainda a praguejar, resolveu ir para casa e mudar de roupa e depois voltar e ter uma conversa séria com George Haines. Estava danado não só por causa dos ténis, mas também porque sabia que alguns dos aldeões levavam os cães para um último passeio pela vereda e muitos eram velhotes. Uma escorregadela no óleo de um trator podia implicar uma anca ou um pulso partidos, ou pior. Quando se aproximou da porta do chalé, a luz de segurança acendeu-se com uma explosão de luz de halogénio branca. Olhou lugubrementemente para os pés e ficou paralisado.

Estava à espera de ver nódoas escuras de óleo, mas os ténis estavam sujos com manchas vermelho-escuras. Tocou a medo na mancha vermelha e cheirou o dedo. O estômago revirou-se-lhe e uma onda de náusea invadiu-o. Deu meia-volta e desatou a correr, o mais depressa que as pernas cansadas lhe permitiram, na direção da Quinta Haines. Quando os portões ficaram

visíveis, abrandou o passo. O medo do que poderia encontrar inundou-o. Era um verdadeiro «*yellowbelly*»^[1], um camponês nascido em Lincolnshire, e tinha visto alguns acidentes horríveis relacionados com máquinas agrícolas. Uma dúzia de cenários do que poderia ter acontecido passou-lhe pela cabeça. Nenhum era agradável e todos implicavam quantidades copiosas de sangue. De um dos lados dos grandes portões duplos, havia uma pequena porta de acesso. George Haines raramente a trancava e foi através dela que o jovem entrou na ampla área acimentada à frente da velha casa da quinta.

A presença dele ativou os sensores das luzes de segurança, com o rapaz a reconhecer imediatamente o agricultor pelo cabelo ruivo chamejante e o característico casaco fluorescente com as palavras *Quinta Haines* estampadas nas costas.

George estava deitado de barriga para baixo, os braços estendidos à frente do corpo e os dedos contraídos como garras. Estava apenas a poucos metros dos portões e parecia que tinha ficado petrificado no tempo enquanto procurava desesperadamente rastejar até à estrada.

O corredor arquejou. Olhou para cima e viu o trator parado. Jesus! O homem tinha-se atropelado a si próprio! Já tinha visto isso acontecer quando um travão tinha falhado e uma máquina colossal tinha dado um solavanco para a frente e apanhado o motorista desprevenido.

Sim! As pernas dele, oh, meu Deus, as pernas dele! Tapou a boca com a mão e empurrou o vômito para dentro. Da cintura para baixo, a roupa do agricultor estava preta do sangue.

– George?

O jovem não era socorrista, mas, de alguma maneira, conseguiu vencer a repulsa e apalpou o pescoço do homem à procura de pulsação. Ao fazê-lo, os dedos tocaram em qualquer coisa escorregadia e fria e tirou rapidamente a mão, caindo para trás, repugnado.

Saiu apressado e atabalhoadamente pela porta para a estrada, onde, agachando-se na valeta, tirou o telemóvel do bolso e chamou a polícia.

A casa da quinta resplandecia de luz. Luzes da casa, fortes luzes móveis da polícia e luzes azuis cintilantes. Os raios tremeluzentes dançavam pela terra pantanosa e davam um ar sinistro ao cenário rural.

– Aquele é que é o tipo que o encontrou?

O polícia mais velho apontou para o rapaz suado encostado a um dos lados do carro da polícia. Estava embrulhado num cobertor e ainda exibia a expressão descrente, com a boca meio aberta, que acompanha um choque profundo.

– Pobre desgraçado – murmurou o colega, – mas, pelo menos, não entrou. Um dia, vai sentir-se muito grato por isso.

– Ao contrário de nós.

O detetive-inspetor ergueu as sobrancelhas e deitou ao seu sargento um meio-sorriso resignado. Esperara chegar ao fim do tempo de serviço sem voltar a ver uma coisa como aquela. Sabia, por experiência, que ficaria com aquilo na memória até a velhice já ir bem avançada e parte dele sentia-se enganada por estar a acabar a carreira com uma investigação tão angustiante.

– Antes de entrarmos, conta-me o que disse o médico sobre esta vítima – soltou, indicando com a cabeça o cadáver que estava deitado junto à saída dos portões.

O sargento inspirou fundo e repetiu palavra por palavra o que lhe tinha sido dito. A voz era monótona, como se estivesse a ler a informação, e o inspetor percebeu que o polícia estava simplesmente a tentar manter as emoções à distância. Não era boa ideia deixarmos que os sentimentos interferissem quando estávamos a lidar com um caso como aquele.

Um caso como aquele. O inspetor estava plenamente convencido de que, para além dele, nenhum dos presentes tinha visto alguma vez qualquer coisa parecida com aquilo. Eram polícias de província. Já tinham tido a sua dose no que toca a quase todo o tipo de crimes e, se calhar, um bocadinho mais do que a sua dose no que toca a colisões de trânsito fatais nas estradas retas e rápidas, mas um homicídio deliberado e a sangue frio não era uma ocorrência comum nos brejos brumosos.

– O médico acha que o George Haines levou o trator até ao pátio e desligou o motor. Desceu da cabina de costas para quem quer que o tenha atacado. O agressor atingiu-o na parte de trás das pernas, logo acima dos

calcanhares, com uma arma pesada e com uma lâmina, possivelmente um machado, mas, pelo ângulo dos ferimentos, mais provavelmente uma faca estilo machete.

O inspetor teve uma imagem imediata dos ceifeiros nos campos, brandindo aquelas facas perigosas, cortando com toda a facilidade os caules grossos e duros das couves-flores e das couves e a colocá-las nas taças do tapete rolante.

– O médico diz que isso o deixou completamente incapacitado. Os dois golpes cortaram-lhe os tendões de Aquiles. Que lhe contraíram as pernas como estores de rolo. O George Haines terá tido dores excruciantes e ficado incapaz de fazer fosse o que fosse.

Olharam ambos para um ensanguentado rasto duplo que ia do trator até ao portão.

– Exceto arrastar-se e sangrar até morrer – acrescentou o sargento.

Engoliu em seco com força.

– E não podia gritar para pedir ajuda porque o assassino lhe tinha enrolado fita-cola para embalagens à volta da boca.

– Uma coisa é certa, ele arrastou-se para *longe* da casa, por isso é muitíssimo provável que a nossa vítima soubesse que o atacante tinha ido lá para dentro.

O sargento olhou para a casa e depois voltou a olhar para o chefe.

– Está na altura de irmos ver, não?

O inspetor assentiu e dirigiram-se para a porta da frente aberta. Encontraram Lydia Haines na cozinha, que estava quente, acolhedora, e cheirava a ervas, pão caseiro, café e sangue fresco.

Quando lhes tinham telefonado do centro de comando e controlo, tinham sido avisados de que tinha sido um ataque selvático e para se prepararem. O facto de lhes terem recordado os serviços de aconselhamento de que podiam dispor tinha sido muitíssimo esclarecedor. Era uma coisa que geralmente sucedia depois do acontecimento e não antes.

– Bom Deus! Isto dá à palavra «selvático» um significado completamente novo – desabafou o sargento.

O vazio na voz dele não passou despercebido ao chefe.

– Tenta apreender a cena toda, filho, e não só a vítima. Precisamos de saber quem e porquê e temos de o fazer rapidamente. Não podemos permitir que quem quer que seja que tenha feito isto fique muito tempo em

liberdade.

Olhou em volta e viu um polícia fardado com a cara completamente branca, parado à porta.

– É você o polícia local, Agente?

– Sim, senhor inspetor, recebi o telefonema. Fui o primeiro a chegar.

Fez uma pausa e depois acrescentou:

– Por mal dos meus pecados.

– Conhece estas pessoas?

– Bastante bem. A família do George Haines cultiva esta faixa dos sapais há séculos. E a Lydia, a mulher dele...

Baixou os olhos para o corpo ensanguentado esparramado no chão de pedra e engoliu em seco.

– Era uma mulher com um verdadeiro espírito comunitário, dedicada a todas as questões locais – WI^[2], orientação, flores para a igreja. Está a ver o género, senhor inspetor, boa gente.

– E não o tipo de mulher que seja assassinada – sussurrou o sargento.

– Existe um «tipo»? – perguntou o inspetor.

– Só estou a dizer que algumas pessoas têm mais probabilidades de serem vítimas do que outras, senhor. E não incluo esta senhora no grupo das «vítimas».

– Porque não é uma prostituta? Ou uma drogada?

O inspetor soltou um suspiro profundo.

– Neste preciso momento, ela é uma vítima tão perfeita como qualquer outra que eu já tenha visto. E há por aí alguém à solta que concordaria comigo. Porque alguém achou que valia a pena gastar um tempo considerável a cortá-la aos bocados. Alguém a odiava mesmo.

Voltou-se para o polícia local. – Viviam sozinhos?

– Não, senhor inspetor, mas graças a Deus, hoje à noite, os dois filhos foram ao cinema com a tia e o tio. Uma festa de aniversário para o primo. Cerca de 10 miúdos, incluindo os dois rapazes Haines.

– Intencionalmente ou apenas por acaso? – murmurou o inspetor. – Vive mais alguém aqui?

– Duas outras pessoas, senhor inspetor. O encarregado da quinta tem uma vivenda pequena do outro lado do pátio e há uma mulher que ajuda com as crianças e o trabalho de casa, tipo uma *au pair*, acho eu. Tem um

apartamento independente num celeiro convertido ao lado da garagem. Nenhum deles está em casa agora, mas já estamos a tentar contactá-los.

– Nomes?

– O Ian Farrow é o encarregado. É divorciado e os trabalhadores da quinta acham que é uma pessoa reservada. A *au pair* é uma francesa chamada Françoise Thayer. Está cá há dois meses e, mais uma vez, também não se dá muito com os trabalhadores.

– É possível que tenham uma relação?

– Perguntámos aos homens, mas, se têm, não é do conhecimento geral.

– Bem, um deles é o assassino, ou talvez os dois – declarou o inspetor categoricamente.

O sargento olhou dubiamente para o chefe, mas conhecia-o suficientemente bem para não discutir.

O inspetor não falou de imediato, mas olhou em redor da sala com os olhos franzidos. A cozinha tinha a estrutura típica de uma casa de quinta, modernizada com bom gosto, mantendo todos os elementos antigos como o lava-louças grande e fundo e o fogão a carvão, mas acrescentando todos os instrumentos que poupam trabalho.

– Não roubaram nada, por isso não foi nenhum assalto mal-amanhado. E ambos conheciam o atacante. O George não se importou de lhe voltar as costas e descer da cabina do trator e a Lydia tinha estado a servir café.

Apontou para a cafeteira partida que estava caída junto do corpo dizimado dela, depois para as duas pequenas canecas de café que ainda estavam em cima da mesa de pinho.

– Segundo o médico, a Lydia morreu primeiro, por isso o George ainda não estava em casa. Como todas as outras pessoas estavam fora de casa, ela tinha de estar a fazer café para o assassino. Tudo indica que estava completamente descontraída, tão descontraída como o marido estava quando chegou a casa.

Fez uma pausa.

– Mas os animais e os humanos têm uma intuição misteriosa em relação a estas coisas. Sentem que há alguma coisa errada, só que nem o George nem a Lydia se sentiram ameaçados. Foi um dos dois hóspedes. Aposto a minha pensão.

Com um último olhar para Lydia Haines, o inspetor virou costas.

– Vamos deixar os agentes dos serviços forenses fazerem o seu trabalho, filho. Temos de apanhar um assassino e garanto-te que, quando o fizermos, vai ser o maior traste que irás conhecer.

[1] N.T.: Pessoa nascida no condado de Lincolnshire.

[2] N.T.: Sigla de Women's Institute, ou Instituto das Mulheres, organização do Reino Unido para mulheres que se reúnem para atividades sociais e culturais.

CAPÍTULO UM

**Setembro de 2015, Esquadra da Polícia de Fenland,
Saltern-Le-Fen, Lincolnshire.**

A DS^[1] Marie Evans sabia que devia ir para casa, mas a adrenalina ainda lhe percorria o corpo e mantinha-a firmemente ancorada à secretária. Não que fosse fácil concentrar-se, uma vez que o cérebro tinha decidido repetir incessantemente a cena do crime. Se fechasse os olhos, nem que fosse por um só instante, Marie via o sangue escuro a acumular-se nas profundas feridas abertas no corpo devastado da mulher. Parecia que a imagem tinha sido gravada a fogo na pele do interior das pálpebras e um único pestanejar bastava para lha trazer de volta.

Marie estava na polícia há tempo suficiente para já ter visto muitas coisas horríveis, mas o que tinha visto naquela manhã, na casa remota chamada Berrylands, na margem dos brejos, tinha sido extremamente brutal.

O chefe dela, o DI^[2] Rowan Jackman, ainda estava na cena do crime. Marie sorriu. Claro que estava. Jackman nunca saía da cena de um crime até ter a certeza de que não havia mais nada para descobrir. Isso não queria dizer que não confiasse nos funcionários do laboratório forense. Era como uma esponja humana e não se ia embora até ter absorvido todas as informações do local.

Marie imaginou-o naquele momento, alto e de costas direitas, no meio do caos, mas conseguindo, mesmo assim, parecer que tinha acabado de sair das páginas da revista *Country Life*. Viu os olhos azuis semicerrados, franzidos com a concentração enquanto o chefe tentava extrair mais informação invisível da carnificina na cozinha da Berrylands. Desejou ainda lá estar com ele, mas alguém tinha de preparar o programa de ação para a equipa e ela tinha-se oferecido relutantemente para essa tarefa.

Marie deitou uma olhadela ao relógio. Quase 23 horas. Bocejou e desligou o computador. Tinha feito tudo o que podia naquela noite. O dilema agora era se devia ir para casa ou voltar para o brejo iluminado pela lua e juntar-se a Jackman na casa dos horrores.

Uma coisa era certa, sabia que ele ainda lá estaria.

Aquele assassinio brutal tinha-o afetado muito mais do que o habitual, principalmente porque conhecia a vítima. Não muito bem, seguramente não tão bem que tornasse a chefia da investigação um problema, mas continuava a ser pessoal. Nunca era bom vermos uma cara que reconhecíamos quando deparávamos com uma morte súbita ou suspeita. Era como se o assassino nos tocasse por procuração. Jackman não tinha dito nada, mas Marie tinha-o lido nos olhos dele.

Marie recostou-se na cadeira e olhou para a volumosa pilha de papéis que tinha produzido nas últimas horas. Tratava-se principalmente de informações sobre os antecedentes da mulher assassinada, Alison Fleet, e do marido, Bruce, um homem de negócios. Ela tinha sido uma conhecida defensora de instituições de caridade e ele era o dono e gerente da fábrica de cerveja de Saltern. Pareciam ser o casal perfeito, que levava uma vida perfeita, sem um inimigo no mundo. Mas Marie tinha descoberto há muito tempo que o que vemos de fora raramente corresponde à verdade. E mesmo com a investigação ainda tão no início, já estava a descobrir uma série de anomaliazinhas na existência «perfeita» deles.

Marie olhou para o único ocupante que restava na sala e abanou a cabeça.

– Vai para casa, Max. Estás com um ar merdoso.

– Obrigadinho, sargento, também gosto muito de si.

O detetive Max Cohen sorriu e passou a mão pela cabeleira espessa de caracóis escuros. Espreguiçou-se e bocejou.

– Mais uma confirmação e vou-me embora, ok?

Marie assentiu.

– Desde que o faças. Descobriste alguma coisa que eu deva saber?

– Nada de espetacular, para além do facto de eu achar que a puríssima Mrs. Fleet não é assim tão pura como pensávamos.

Max pôs-se a mexer numa pilha de documentos impressos e abanou a cabeça.

– Espero estar enganado, mas aposto que se escavar todas as boas obras e angariações de fundos, irá descobrir que a Santa Alison tem um passado secreto. Tenho a certeza de que há mais coisas a saber sobre ela e o marido do que as pessoas podem pensar.

Levantou os olhos do ecrã.

– Então e a senhora, sargento?

– Ao que parece, basicamente a mesma coisa. Mistério a seguir a mistério.

Marie fez-lhe uma careta.

– À superfície, no jardim dela parece só ter havido rosas durante estes últimos 10 anos, mas quando escavo mais um bocadinho, cheira-me a estrume!

– Oh, que maravilha! – exclamou Max, deitando-lhe um olhar cúmplice.

Marie gostava do jovem *cockney*^[3]. Bem, agora já gostava. Gostava de toda a equipa. Eram chegados, muito unidos. Tinham de o ser, dado o tipo de trabalho que faziam, mas, inicialmente, tinha tido um problema com Max e não tinha tido nada a ver com ele ser um recém-chegado. Como quase todos os habitantes dos brejos, acolhia com prazer pessoas de fora do condado, sabendo que algumas das aldeias mais pequenas dos pântanos teriam morrido sem uma injeção de vida nova. Não, era simplesmente porque Max se mostrara um bocadinho convencido e não era avesso a exprimir as suas opiniões, especialmente quando significava gozar com o colega mais novo, o detetive Charlie Button. Contudo, não levou muito tempo a perceber que toda aquela fanfarronice se devia a ser o mais novo de uma grande tribo de irmãos do East End de Londres e a ter tido de se defender desde muito cedo. Além disso, os pais tinham-se divorciado quando ele tinha 13 anos, o que não ajudou nada em termos de atitude. E Marie apercebera-se rapidamente de que mesmo que Max gostasse de mandar uma boca a Charlie, que Deus ajudasse quem tentasse fazer o mesmo!

Agora, passados já alguns anos, Marie sabia que se quiséssemos alguém para nos proteger as costas, devíamos escolher Max Cohen. Ele sabia muito bem o que era a lealdade.

Marie abriu a gaveta e tirou de lá as chaves. O chamamento da cena do crime tinha sido mais sedutor do que o do edredão fofo. Enquanto arrumava a secretária, pensou no que tinham encontrado na aldeia rural adormecida

de Thatcher's Hurn.

Ela e Jackman, com fatos protetores, tinham entrado cautelosamente na linda casa antiga e tentado assimilar tudo o que viam. Tinham-se deslocado lentamente e em silêncio. A «hora dourada» depois da descoberta de um crime era um período de tempo vital. Era a *única* altura em que as provas estavam frescas, em que a integridade da cena não tinha sido corrompida ou contaminada, em que o que tinha acontecido ainda estava bem gravado nas mentes das testemunhas. E, para Marie, era uma altura em que ainda havia alguma coisa a pairar no local, alguma coisa deixada pelas ações do criminoso. Para ela, era como uma memória a desaparecer lentamente, em que, naqueles primeiros momentos, sentimentos, emoções e sombras quase tangíveis pairavam no ar na cena do crime antes de desaparecerem sob a atividade intensa da análise forense. Não era nada de sobrenatural, era simplesmente uma capacidade de ler o que via e compreender o que a intuição lhe estava a dizer. E o DI Jackman era igual, embora abordasse as coisas de um ângulo completamente diferente. Cerca de 13 anos mais novo do que ela, tinha seguido a carreira académica. Uma licenciatura em Sociologia tirada em Cambridge deu-lhe uma compreensão mais clara da sociedade e do comportamento humano do que a maioria das pessoas tinha, mas os pensamentos dele baseavam-se na teoria, ao passo que os dela eram simplesmente orgânicos, o instinto de uma polícia de giro que se tinha tornado detetive-sargento.

Marie olhou em redor do gabinete. Naquele preciso momento, os seus malditos instintos «orgânicos» estavam a gritar-lhe que havia qualquer coisa errada na maneira como Alison Fleet tinha morrido na cozinha da quinta. Marie tinha-se sentido assoberbada com a impressão de que tudo aquilo tinha sido encenado. O quer que fosse que lá tivesse acontecido não encaixava em nenhuma das hipóteses habituais. Mas o que teria sido? Franziu o sobrolho. Era uma boa razão para voltar para lá e falar com Jackman.

– Vou voltar para Thatcher's Hurn – disse em voz alta para Max. – Vai para casa e dorme.

Max levantou a mão, agradecido.

– É o que vou fazer. De qualquer das formas, esta linha de investigação já deu o que tinha a dar. Boa noite, sargento.

– Desculpe, Sargento Evans.

Uma secretária civil bloqueou a saída de Marie precisamente quando ela estava preparada para se ir embora.

– O sargento de serviço quer falar com o DI Jackman, mas não o consegue encontrar em lado nenhum e o telefone vai logo para o *voice mail*.

– Está na cena do crime. Posso ajudar?

Marie estava esperançada de que a resposta fosse um não, mas a mulher assentiu rapidamente:

– Tenho a certeza de que pode. Pode vir já lá abaixo?

Os olhos de Marie estreitaram-se e o cansaço desapareceu como por magia.

– O que é que aconteceu?

– O sargento tem uma pessoa numa sala de interrogatório que julga que deve ter interesse para o DI Jackman.

Marie fez sinal a Max.

– Ignora as minhas últimas palavras. Vem comigo, se fazes favor.

O sargento fardado parecia pensativo quando Marie e Max entraram apressadamente na receção. A cara enrugada estava ainda mais marcada com uma massa de rugas de perplexidade.

– É possível que a esteja a fazer perder tempo, Sargento Evans, mas a verdade é que...

Calou-se e esfregou o queixo com força.

– Ele pode ser apenas outro maluquinho. Deus sabe que temos muitos desses.

– Sinto que vem aí um «mas».

– Sim, bem, este está a deixar-me perplexo.

Soltou um suspiro ruidoso.

– Quando pensamos que os conseguimos compreender num instantinho, aparece-nos um assim.

Voltou a franzir o sobrolho.

– Acho que é melhor avaliar por si própria.

Encaminhou-se para a fila de salas de interrogatório.

– Está aqui dentro. Boa sorte.

O sargento abriu-lhes a porta e voltou para a secretária da receção, a abanar a cabeça.

O homem devia andar pelos 25 anos de idade. Tinha cabelo loiro-escuro, espesso e ondulado, olhos claros e esbugalhados e a roupa, longe de apropriada para o tempo e a hora da noite, estava completamente ensopada.

Marie mirou-o com interesse. Não havia dúvida de que não parecia um drogado vulgar nem um pequeno criminoso e ela apercebeu-se da inteligência por trás daquele olhar estranhamente perturbador.

– Sou a detetive-sargento Marie Evans e este é o detetive Max Cohen. Em que é que o podemos ajudar?

O jovem soltou uma pequena gargalhada estranha. Esta pairou no ar viciado da sala pequena e claustrofóbica, fazendo Marie sentir um arrepio pela espinha abaixo.

Durante uns instantes, pensou que ele não ia falar, mas depois, numa voz clara e forte, o rapaz disse:

– Chamo-me Daniel Kinder e assassinei a Alison Fleet.

[1] N.T.: Abreviatura para detetive-sargento.

[2] N.T.: Abreviatura para detetive-inspetor.

[3] N.T.: Natural do East End londrino.

CAPÍTULO DOIS

— O que é que *tu* achas dele?

A voz de Jackman estava a fraquejar enquanto ele conduzia pelo brejo de volta à esquadra. Era frequente haver pouca rede naquela área remota.

— Para ser sincera, senhor inspetor, não faço ideia nenhuma.

— Não acredito nisso nem por um instante – ouviu-se o eco do outro lado da linha. – Deve ter-te causado uma impressão qualquer.

— Oh, sim, lá isso causou.

Marie sentiu outra vez o arrepio de apreensão quando ouvira Daniel Kinder soltar aquela gargalhada estranha.

— É só que não sei se ele é completamente doido, um caso para nos fazer perder tempo, ou...

— Ou um assassino?

— Hum, ou um assassino.

Odiava sentir-se assim, mas as coisas eram como eram.

— Resolvi esperar por si antes de voltar a falar com ele.

— Predeste-o?

— Sim, tive de o fazer. Confessou um homicídio. E tratei de todas as questões preliminares. Revistei-o, confisquei-lhe a roupa e pedi ao médico para ver se ele está apto para ser interrogado.

Fez uma pausa.

— Recusou um advogado, embora eu tivesse insistido para que aceitasse, por isso preciso mesmo de si aqui antes de voltar a falar com ele.

— Ok, estarei aí dentro de 10 minutos.

A chamada terminou e Marie ficou sozinha com os seus pensamentos confusos.

– Antes de entrarmos, o que é que sabemos sobre este homem?

Jackman endireitou a gravata embora já a tivesse perfeitamente centrada no colarinho muito bem engomado.

Marie olhou para o bloco de notas.

– Chama-se Daniel Kinder e...

– Kinder? – perguntou Jackman, arregalando os olhos. – É cá da terra?

– Sim. Vive com a mãe numa dessas casas vistasas, em...

– Eu sei, em Riverside Crescent – terminou ele num tom sombrio.

– Já teve algum contacto com ele, patrão?

– Não, mas conheci o pai, o Sam Kinder. Teve uma espécie de relação comercial com a minha família há alguns anos. Morreu há algum tempo com uma doença tropical horrível qualquer. Bilhárzia, creio.

– De facto, achei que o nosso homem falava demasiado bem para ser um janado qualquer com o cérebro a derreter.

– Não posso falar pelo Daniel, claro, mas a família tinha muito boa fama. O Sam Kinder era um homem rico que, quase sozinho, levou água a centenas de aldeias em África. Trabalhou lá com uma delegação da Water Aid e foi aí que ficou doente.

Jackman fez uma careta.

– Foi uma ironia cruel que tivesse morrido de uma doença transmitida pela água.

Fez uma pausa.

– Nunca conheci a Ruby, a mulher dele, mas tenho ideia de que tinham só um filho, embora me pareça que nunca ouvi o nome dele.

– Bem, parece que a mãe anda a fazer *trekking* pela Ásia para tentar lidar com a dor e o senhor inspetor está prestes a conhecer o único filho. E espero que fique tão desconcertado com ele como eu. Porque odiaria pensar – acrescentou ela, franzindo o sobrolho – que estou a perder a minha capacidade para interpretar as pessoas.

– Vamos lá ver, está bem?

Jackman virou-se para entrar na sala e depois parou a meio.

– *Daniel* Kinder? O nome é-me familiar. Não é jornalista?

– Ainda não cheguei aí, senhor inspetor.

– Bem, se é o mesmo tipo, é muitíssimo bom.

Fez uma pausa.

– Mas não pode ser, pois não? Ele é uma dessas «vozes» promissoras do mundo moderno.

Marie encolheu os ombros e dirigiu-se para a porta.

– Não faço ideia. Mas se for esse o caso, então a «voz» dele agora anda a dizer que o tipo acabou de matar uma pessoa.

Abriu a porta.

– O senhor primeiro.

Entraram na sala de interrogatórios e Jackman foi imediatamente atingido pelas ondas de energia nervosa que emanavam do jovem com o fato descartável. Ficou à espera enquanto Marie abria uma cassete nova e a colocava no gravador, iniciava as apresentações formais e reiterava a sugestão de que estivesse presente um advogado. A detetive-sargento olhou esperançosamente para Kinder, mas ele abanou a cabeça e recusou terminantemente qualquer tipo de representação.

Inicialmente, Jackman deixou-se ficar sentado em silêncio, tentando avaliar Daniel Kinder. O médico tinha dito que ele estava em condições de ser interrogado e que, na opinião dele, não havia necessidade da presença de um adulto responsável. Jackman observou Kinder atentamente e concluiu que não estava assim tão seguro. Havia qualquer coisa no jovem que lhe provocava pequenos choques pela espinha abaixo, como se fossem notas numa escala.

Tinha-se sentido assim uma vez, quando era estagiário e tinha escoltado um prisioneiro para uma unidade psiquiátrica de alta segurança. Tinha havido um erro administrativo qualquer que causara um atraso, e Jackman tinha passado mais tempo do que teria desejado com o «paciente». Não soubera como comunicar com ele nem como lhe reagir. Embora nunca o tivesse admitido a ninguém, a doença mental assustava-o.

Agora estava a experimentar uma sensação semelhante, sentado na sala de interrogatórios, a olhar para Kinder. Não queria dizer que o homem fosse ameaçador. Exteriormente, estava calmo, mesmo que estivesse a emitir mais energia estática do que um cabo de alta tensão. Eram os olhos dele que perturbavam Jackman. Os olhos contavam uma história muito diferente, uma história que era tudo menos calma.

– Diz que matou a Alison Fleet, correto? Talvez nos possa explicar como e porquê?

Jackman inclinou-se para a frente, acrescentando:

– Na verdade, vamos começar pelo *onde*, está bem?

O homem pestanejou rapidamente e depois franziu os olhos. Como se estivesse a tentar lembrar-se com exatidão.

– Na casa dela em Thatcher’s Hurn. Uma casa chamada Berrylands.

Nada que ele não pudesse ter descoberto facilmente, pensou Jackman. A aldeia tinha aparecido no noticiário das cinco horas e o nome da casa não tinha sido ocultado.

– E em que sítio da casa é que a matou?

– Na cozinha.

Daniel Kinder olhou diretamente para ele, um desafio implícito na dicção perfeita.

Jackman manteve uma expressão neutra, mas sentiu Marie, sentada ao lado dele, a retesar-se ligeiramente. O local do crime não tinha sido divulgado aos *media*. Depois pensou nas imagens na televisão. Qualquer pessoa, mesmo conhecendo Berrylands muito mal, podia tê-lo deduzido pelo posicionamento das tendas de proteção que os investigadores tinham erguido para esconder o local dos olhares curiosos.

– Ok, Daniel, então e como é que a matou?

– Apunhalei-a.

– Porquê? – perguntou Jackman rapidamente.

Pela primeira vez, o jovem hesitou. Teve um pequeno estremecimento peculiar, mexendo o pescoço e a cabeça com um movimento brusco, e depois sussurrou muito baixinho:

– Porque sou capaz disso.

Jackman não estava à espera daquele tipo de resposta. Devia ter sido: «Porque a odiava.» Ou: «Porque a amava e ela enganou-me.» «Porque tinha ciúmes.» Havia sempre uma causa, algo que desencadeava uma emoção violenta e imparável.

– Todos nós somos capazes disso – disse Marie tranquilamente –, em determinadas circunstâncias. Mas muito pouca gente comete homicídios. Há *sempre* uma razão, Daniel, ou uma provocação. Qual foi a sua? O que é que a Alison fez que o levou a matá-la?

O rapaz soltou um grande suspiro e respondeu:

– Não foi ela. Podia ter sido qualquer pessoa. Eu estava destinado a matar a um dado momento da minha vida. Aconteceu ser a Alison Fleet.

– Com o que é que a apunhalou? – Atirou Jackman rapidamente, tentando não dar tempo ao jovem para pensar.

– Uma faca de cozinha.

Interrogaram Kinder durante quase meia hora. Às vezes, respondia imediatamente, outras vezes era vago e parecia confundido e, além disso, houve perguntas a que, simplesmente, não respondeu.

Jackman sentou-se para trás na cadeira, olhou demorada e duramente para Kinder e sentiu-se completamente confuso.

– Dá-nos licença por uns momentos, Mr. Kinder?

Empurrou a cadeira para trás, declarou para efeitos da gravação que estavam a suspender o interrogatório e fez sinal a Marie para o acompanhar.

Lá fora, e um bocadinho afastado da sala, encostou-se à parede do corredor e exalou profundamente.

– Muito bem, portanto ele sabe alguns pormenores, mas não os suficientes, nem de perto nem de longe.

– Nem mesmo *nós* sabemos que tipo de faca foi usada, mas ela *foi* apunhalada.

– Sim, mas quantas maneiras há para matar uma pessoa? E estou a falar de uma morte violenta e sangrenta, não de um plano furtivo e premeditado que envolva cicuta ou arsénico. Damos-lhe um tiro, espancamos-la até à morte, afogamos-la, estrangulamos-la ou *apunhalamos-la* e qual é que é a mais provável neste país?

– Uma punhalada.

– Exatamente – concordou Jackman, abanando a cabeça. – Ele está a adivinhar. Não foi ele.

– Mas está muitíssimo longe de ser o típico sujeito que só nos faz perder tempo, não lhe parece? – perguntou Marie. – E também não é o maluco típico, se é que existe tal coisa.

– Concordo completamente – respondeu Jackman, soltando um suspiro.

– Mas a verdade é que não engulo a história dele e não sei bem como abordar isto.

– Vamos falar com ele mais um bocado. Introduza o facto de ter conhecido o pai dele. Vamos ver se conseguimos descobrir o verdadeiro Daniel e tentar perceber o que é que ele anda a tramar.

Marie fez uma pausa.

– Ele está a emitir vibrações que chegariam para atordoar um tigre a atacar, e eu quero saber o que é que está a levar um jornalista aparentemente inteligente, jovem e em ascensão a decidir repentinamente que é um assassino.

– Tens razão, como de costume – retorquiu Jackman com uma gargalhada pouco amigável e voltaram a entrar na sala.

– É o filho do Sam Kinder, não é? – perguntou o inspetor, tentando manter um tom amigável. – Ele foi colega do meu pai. Tive muita pena quando soube do falecimento dele.

Daniel franziu as sobrancelhas e depois descontraiu.

– Sou o filho *adotivo*, detetive-inspetor.

As palavras foram ditas com gravidade, como se tivessem a intenção de indicar algo verdadeiramente importante.

– A morte dele foi muito penosa para a minha mãe adotiva e para mim.

Jackman assentiu com a cabeça.

– Uma grande perda, certamente para a família dele, mas também para inúmeras outras. Era um homem realmente grande.

Foi a vez de Daniel assentir. Depois levantou a cabeça e espetou o queixo quase agressivamente.

– E o que é que isso tem a ver com eu ter assassinado aquela mulher? Está a compreender o que eu vos estou a dizer, não está?

– Não me parece que tenha matado seja quem for, Daniel – respondeu Jackman sem qualquer emoção.

Os olhos claros do jovem chamejaram de fúria.

– Matei, sim! Porque é que não acredita em mim?

Jackman resolveu irritá-lo:

– Porque não nos disse nada que não pudesse ter descoberto facilmente. Sobretudo tendo em conta a *sua* profissão. Você é jornalista, por amor de Deus! Tem amigos que estão a par de tudo. Ouve sussurros, tem contactos, paga por umas informaçõeszinhas.

Abanou lentamente a cabeça e continuou:

– Não, Daniel. Não sei porque é que está a fazer isto, mas você não é um assassino.

Inesperadamente, Daniel Kinder levantou-se de um salto e atirou-se para o outro lado da mesa, agarrando nas lapelas do fato de Jackman.

– Tem de acreditar em mim! Não percebe? Tem de acreditar!

Calmamente, Marie inclinou-se para a frente e prendeu as mãos de Daniel com toda a força e, como Jackman já se tinha afastado rapidamente do alcance do rapaz, Daniel ficou deitado em cima da mesa, a soluçar que tinham de acreditar nele.

– Ok, meu amigo, já chega.

Marie voltou-se vagarosamente para Jackman e murmurou por entre dentes:

– Creio bem que ele enganou o nosso médico de serviço. Precisamos de uma avaliação médica completa antes de avançar.

Jackman assentiu e ficou a observar enquanto Kinder era levado da sala por dois polícias fardados.

– Chamem o médico para o ver! – gritou Marie para um dos homens, por cima do barulho que Daniel estava a fazer. – E mantenham-nos informados do estado dele.

Jackman viu o jovem a ser levado, meio ao colo, meio arrastado, pelo corredor.

– Não há mais nada que possamos fazer esta noite. Tenho a certeza de que o médico lhe vai administrar um sedativo e que ele vai dormir até de manhã. E, nessa altura, veremos o que o dia de amanhã nos traz.

– Estou aqui a pensar: haverá alguém que devamos notificar? – perguntou Marie. – Da primeira vez que falámos, ele disse-me que tinha uma namorada, mas recusou-se a dizer-me o nome dela. Provavelmente, ela está louca de preocupação por causa dele.

– Vamos mandar um agente a casa dele, só para o caso de viverem juntos. Para além disso, não podemos fazer mais nada sem a autorização dele.

Jackman apercebeu-se de que os ombros lhe estavam a doer. Esticou-se.

– Vai para casa, Marie. Descansa. Este caso não vai ser nada fácil.

– É exatamente o que eu acho. Até amanhã.

Jackman viu-a a ir-se embora e, como fazia muitas vezes, agradeceu silenciosamente aos deuses por uma sargento com quem tinha conseguido dar-se bem. Marie Evans era especial. Era quase tão alta como ele, com um belo cabelo castanho, e tinha a certeza de que era natural, uma estrutura vigorosa e braços e pernas fortemente musculados. Sabia que ela passava muito tempo no ginásio, mantendo-se em muito melhor forma física do que seria alguma vez de esperar numa pessoa de 45 anos. O cabelo e as feições

claramente definidas e bem proporcionadas lembravam-lhe sempre uma mulher pré-rafaelita vestida com roupa de couro para corridas. Marie também era uma motociclista altamente qualificada.

Sorriu para a figura que se afastava, depois arrepiou-se e permitiu-se um suspiro preocupado. Uma sensação opressiva percorreu-o e, repentinamente, soube que estavam no início de algo titânico. Aquilo não era apenas o assassinio de uma mulher, embora isso já fosse suficientemente mau. Era o mais perto que já tinha estado de uma premonição e não era uma experiência agradável.

Enquanto descia o corredor silencioso pensou que aquele caso tinha todas as características do pior tipo de investigação. Uma investigação em que uma mente *está* verdadeiramente baralhada e escura.

Na receção, pediu que enviassem um agente à casa dos Kinder e rezou para estar preparado para o que quer que fosse que o caso estivesse prestes a atirar-lhe. Não tinha os anos de experiência de Marie e, embora soubesse que tinha todo o apoio da equipa, ainda tinha muito para provar. Por muito dedicado que pudesse ser e, raios, *era* dedicado, continuava a ser um funcionário de 32 anos em rápida ascensão, oriundo de um meio privilegiado. Isso era ótimo se a pessoa andasse atrás da trança de ouro e das estrelas no ombro, mas Jackman aspirava a algo muito diferente. Só queria ser o raio de um bom polícia e se, ao mesmo tempo, conseguisse ganhar o respeito das tropas seria perfeito.

Sorriu amargamente enquanto voltava para o gabinete. Perguntou-se o que pensaria a equipa se soubesse que o seu passatempo preferido era imaginar sítios novos e excitantes para os chefões enfiarem as estrelinhas!

CAPÍTULO TRÊS

— **D**esculpe estar a incomodá-la tão tarde, menina, mas posso perguntar-lhe se conhece o Daniel Kinder?

O polícia era bastante velho, um homem de cara redonda e agradável que Skye Wynyard achou que parecia exatamente o arquétipo do polícia britânico da década de 60.

E foi então que se apercebeu de que tinha um polícia parado no degrau da entrada da casa depois da meia-noite e a perguntar por Daniel e ficou com o coração gelado.

— Sim, sim – respondeu, gaguejando. – Sabe onde é que ele está? Está ferido? Está bem?

— Está mais do que em segurança, menina. Dá-me licença que entre e fale consigo? Sou o Agente Ray Hallowes.

Skye deu um passo atrás.

— Sim, claro, faça favor, entre.

As palavras saíam-lhe de rajada.

— Sou a Skye Wynyard. A namorada do Daniel. Estou aqui com ele, enquanto a mãe está no estrangeiro. O que é que lhe aconteceu?

A pergunta estava a queimar-lhe a garganta.

— O que é que aconteceu?

— Está na esquadra da polícia, menina. Vai ficar algum tempo connosco.

— Está bêbado? – perguntou Skye incredulamente. – Quer dizer, ele não bebe com muita frequência, por isso, se bebeu demasiado, pode ter ficado afetado e...

— Não está bêbado, Miss Wynyard, mas o nosso inspetor suspeita de que não se encontre muito bem.

Skye calou-se. Bem, teria de concordar com aquela observação. Há semanas que Daniel andava muito diferente do habitual. Mas que raio teria feito? Franziu a testa e olhou para o polícia.

– Foi mesmo preso por alguma coisa?

– Sim, menina. Mas foi decidido que seria visto pelo nosso médico. Ele não está... como é que eu posso dizer? Não está a agir racionalmente neste momento.

– Foi preso porquê?

As palavras pesavam como chumbo. Embora tivesse feito a pergunta, na realidade, Skye não queria saber a resposta.

– Ele fez certas alegações, menina. Umas coisas de que gostaríamos de falar consigo. É possível que nos possa esclarecer algumas questões.

Skye apontou para uma cadeira e sentou-se no sofá.

– E que... alegações são essas?

O Agente Hallowes sentou-se na poltrona e olhou para ela.

– Ele diz que matou uma pessoa.

A mão de Skye voou-lhe para a boca. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que ele tivesse estado envolvido num desastre de carro, mas o automóvel dele continuava estacionado na entrada. Quando desapareceu, Daniel tinha deixado o telemóvel, a carteira, as chaves do carro e até o casaco em casa.

– Não compreendo. Está a falar de um acidente?

– Não, Miss Wynyard. Ele confessou um assassinio, mas, conforme já referi, os nossos superiores não estão convencidos de que ele esteja no seu perfeito juízo, por assim dizer.

– Assassinio?

Skye sentiu um zumbido na cabeça e uma tontura agonizante.

– Que raio...? O Daniel?

– Desculpe. Perturbei-a. Posso ir buscar-lhe um copo de água? – perguntou o polícia.

– Não. Foi só de ouvir uma coisa tão ridícula – retorquiu, abanando a cabeça. – Não conhece o Daniel. Ele é a pessoa mais bondosa, mais atenciosa...

Abanou a cabeça com mais força ainda.

– *Nunca* faria mal a ninguém.

– Então nunca o ouviu fazer uma afirmação destas antes? Acontece mesmo, sabe? Temos uma data de gente que se apresenta quando há um homicídio, ficaria surpreendida.

Então, tinha havido *realmente* um assassinio? Skye tentou pensar. Sim, claro que tinha. Tinha vindo nas notícias, tinham encontrado uma mulher morta numa aldeia perdida nos brejos. Mas o que poderia Daniel ter tido a ver com isso? Olhou para o agente da polícia e franziu o sobrolho.

– O Daniel não é uma dessas pessoas, garanto-lhe. E não faço ideia da razão que o levou a dizer uma coisa dessas. Não faz sentido.

Precisava de falar com Daniel.

– Posso vê-lo?

– Gostaríamos que fosse à esquadra amanhã para falar com os detetives encarregados do caso, Miss Wynyard. Tenho a certeza de que a deixarão vê-lo nessa altura.

– Quero vê-lo hoje à noite, não amanhã! *Tenho* de falar com ele!

– E pode, mas hoje à noite não.

A voz do agente Hallows era tranquilizadora e o polícia não parecia nada perturbado pela explosão dela.

– Pode vê-lo de manhã. Deram-lhe qualquer coisa para o ajudar a dormir. A minha visita é apenas para serenar quaisquer medos que pudesse ter em relação ao paradeiro dele e para lhe pedir ajuda para amanhã.

Sorriu-lhe. Skye lembrou-se de um Pai Natal rechonchudo e afável com uma criança irascível e teve vontade de lhe bater.

Depois de o polícia se ter ido embora, Skye foi verificar as janelas e as portas e acionou o alarme. Pelo menos, sabia que Daniel não voltaria para já, por isso pareceu-lhe sensato pôr a casa em segurança, principalmente por ser da mãe de Daniel.

Olhou em redor, para as salas grandes e lindamente decoradas, e sentiu-se desconfortável.

Era uma casa grande e as casas grandes eram um chamariz para os ladrões. Skye só queria voltar a correr para o seu apartamentozinho confortável, mas tinha de pensar na gata de Daniel. Ele adorava-a e ela não podia simplesmente deixá-la ali e, de qualquer maneira, isso implicaria ter de voltar de manhã para a alimentar, antes de ir à esquadra da polícia. E como as coisas dela estavam ali, fazia sentido ficar.

Além disso, estava cansada. Correção, estava exausta. Devia ter-se sentido aliviada ao saber que ele estava a salvo, mas estava duplamente confusa por saber o que Daniel tinha feito. Confessar um homicídio? Mas que ideia teria sido aquela?

Skye ficou paralisada quando se apercebeu de uma coisa. Daniel tinha andado anos a tentar, sem sucesso, encontrar a mãe biológica e durante algum tempo a busca tinha-se transformado numa cruzada. Nos últimos tempos, enquanto os meses passavam sem uma conclusão, ele tinha-se mostrado cada vez mais obcecado e stressado. *Tinha* de haver uma ligação.

Skye soltou um suspiro penoso e a energia escoou-se-lhe do corpo. Sentia-se como se as pernas fossem feitas de chumbo e a única coisa que queria era dormir. Com um esforço supremo, arrastou-se e começou a trepar lentamente a escada larga até ao quarto deles.

Enquanto subia para a cama que partilhavam, perguntou-se se a polícia ia revistar a casa. Se levassem a confissão dele a sério, teriam de o fazer.

Puxou o edredão, enrolando-se nele, e começou a preocupar-se. Havia coisas ali que Daniel não ia querer partilhar, principalmente com a polícia. Ajeitou a almofada espessa e fofa debaixo do pescoço e fechou os olhos com força. Mas o que podia ela fazer?

Enquanto lutava para conter as lágrimas, Skye sentiu uma pequena pressão no edredão. Asti, a preciosa gata-tartaruga de Daniel, subiu delicadamente a cama e aninhou-se numa bola apertada no peito dela. Passou um braço em volta da gata e o calor do animal fê-la sentir ainda mais a falta de Daniel. Repentinamente, perdeu a luta contra as lágrimas e abraçou-se à gata até cair num sono exausto.

Daniel acordou por volta das 3h da manhã e viu-se enrolado no colchão da cela. Era exatamente o que lhe parecia, como se estivesse de pé, ligeiramente afastado, a observar o seu próprio corpo adormecido.

As drogas, fossem lá o que fossem, tinham-no feito sentir-se estranho, desligado. Mas, por qualquer razão, sentia-se invulgarmente em paz – até ver o sangue.

Enquanto Daniel continuava a dormir, o observador silencioso no canto da cela de detenção olhava para o sangue que lhe pingava dos dedos e se acumulava à volta dos pés. Numa mão, segurava uma faca afiadíssima e com uma lâmina comprida. Na outra, havia uma fotografia, embora a cara retratada nela fosse agora apenas uma confusão escarlate e irreconhecível.

À medida que a mancha escura se espalhava pelo chão, ia ficando mais funda. Começou a cobrir-lhe os dedos dos pés e a subir em direção aos tornozelos. Conseguia sentir o fluido pegajoso a agarrar-se-lhe à pele.

Ia afogar-se no sangue dela!

Com um grito, soltou a faca e viu-a desaparecer sob a superfície do sangue quase negro.

E voltou a gritar, uma e outra vez.

CAPÍTULO QUATRO

A luz matinal do sol a espalhar-se pelos brejos iluminava os campos com um brilho verde-dourado que Marie sentia pertencer inteiramente aos poucos momentos mágicos a seguir ao nascer do sol. Era o seu momento preferido do dia e quando estava a conduzir o carro, abrandava sempre e desligava o rádio a fim de permitir que o silêncio resplandecente a rodeasse. Não havia muita paz na vida dela, por isso a que conseguia, por pouca que fosse, era sempre bem-vinda.

Naquele dia, ia na adorada Kawasaki Ninja verde-lima e preta faiscante e sentia-se ainda melhor. Estava ao ar livre, como que com um sentido ampliado a completar-lhe a experiência, e era necessário ser-se motociclista para compreender aquele olfato reforçado.

Provavelmente, teria sido capaz de indicar exatamente onde estava mesmo que a tivessem vendado. O trecho onde se encontrava agora contornava campos orgânicos que tinham sido deixados em pousio durante uma estação e o perfume que flutuava até ela era uma mistura inebriante de trevo e milefólio. Havia qualquer coisa em andar de mota no ar fresco que permitia inspirar a atmosfera da terra, fazer parte dela.

Teria sido bastante mais rápido atravessar a cidade para chegar ao trabalho, mas Marie seguia sempre pela sua estrada circular pessoal, uma viagem que circum-navegava Saltern-Le-Fen e a levava até à esquadra, seguindo pelas veredas sinuosas dos brejos. Adorava os brejos, adorava os vastos quadros celestiais panorâmicos e a desolação, por vezes esmagadora, do pântano. Era um sítio que permitia pensar com clareza. A sua pura beleza sombria punha tudo em perspetiva. Quando a única coisa que se ouvia era o grito do ostraceiro e a única coisa que se movia entre a vista das nuvens e o mundo aquático cheio de juncos era uma garça-cinzenta, sentia-se uma paz rara.

À medida que se ia aproximando da cidade, perguntou-se o que lhe traria o dia. Na sua profissão, não havia forma de saber. Tinha passado uma noite péssima, os períodos curtos e irregulares de sono perturbados pelos pensamentos sobre Daniel Kinder e a sensação inquietante de que havia qualquer coisa terrivelmente errada nele.

Mesmo assim, estava ansiosa por voltar a encontrá-lo. Era tão diferente dos marginais habituais que acabavam nas salas de interrogatórios que aquela excentricidade era quase refrescante.

Quando os portões de ferro da esquadra da polícia se abriram, Marie sentiu um arrepiozinho de excitação. O assassinato de Alison Fleet, a que tinha sido dado aleatoriamente o nome operacional Noitibó, já estava envolto num manto sinistro de mistério. Não era claro. Não era inequívoco. Até àquele momento, não seguia nenhum padrão e, enquanto estacionava a moto ao lado do 4x4 de Jackman, Marie questionava-se sobre o que encontrariam quando escavassem abaixo da superfície.

A esquadra de Saltern estava instalada num velho edifício vitoriano, outrora um liceu prestigiado e, antes disso, uma academia de artes. Embora a sua antiga glória estivesse agora pesadamente manchada e completamente ignorada pela constante corrente de marginais que passava por ela, continuava a ser uma estrutura espantosa. Em algumas partes, os corrimões permaneciam polidos, juntamente com as janelas de vitrais e os vestíbulos e corredores pesadamente apainelados. E o melhor de tudo, o imenso e alto *foyer*, com a pequena varanda interior profusamente ornamentada, alardeava um chão de mármore que, para sorte da polícia, tinha sido construído com um padrão de xadrez preto e branco. Naquela manhã, brilhava da limpeza noturna e Marie sentiu a familiaridade do edifício antigo enrolar-se à volta dela. Aquele sítio era, para ela, mais um lar do que a própria casinha bem arranjada onde morava às portas da cidade. E, pensou lamentosamente, não havia dúvida de que passava muitíssimo mais tempo ali.

Viu, do outro lado do átrio, Jackman a aproximar-se velozmente.

– Bom dia, patrão. Como é que está o nosso autoproclamado assassino hoje de manhã? Já acalmou depois da explosão na sala de interrogatórios?

Jackman enfiou as mãos nos bolsos com força.

– Está no hospital.

O início resplandecente do dia de Marie começou a turvar-se.

– Porquê? – perguntou, franzindo o sobrolho.

– Quase paralisou a zona de detenção inteira ontem à noite. Ia matando de susto os tipos do turno da noite. A berrar como se quisesse...

Interrompeu-se, fazendo uma careta.

– Matar alguém? – completou Marie com um sorriso amarelo. – É-nos permitido usar essa palavra, senhor inspetor, mesmo quando nos estamos a referir a assassinos ou supostos assassinos.

Já estavam ao lado um do outro e seguiram juntos para os elevadores.

– Então e o que é que aconteceu?

– O sargento responsável acha que terá sido um pesadelo, mas o Kinder estava num tal estado que chamaram outra vez o médico – explicou Jackman, carregando no botão para o andar deles. – Ao que parece, a tensão arterial estava no máximo e, tendo em conta as circunstâncias e o estado de malaqueira dele, o médico resolveu salvaguardar-se e mandou que o levassem para o Saltern General para ser avaliado.

– Isso quer dizer que não o podemos interrogar. Gaita!

– Bem, o relógio parou no que se refere ao tempo em que o podemos deter, e os elementos da escolta foram avisados para não falarem sobre o que quer que seja relacionado com o caso, por isso sugiro que, entretanto, arranjemos umas informações sobre o passado dele, que te parece?

– Através da namorada, a Skye Wynyard?

– Exatamente, ou lá que raio de nome é esse. E ela vai cá estar daqui a...

– Jackman olhou para o relógio quando as portas do elevador se abriram – 20 minutos.

Deu um passo atrás e deixou Marie entrar no elevador.

– Vou só tirar esta roupa e já vou ter consigo à sala do DIC^[4], senhor inspetor.

Quando Jackman viu Skye pela primeira vez, concluiu que se tinha enganado ao presumir que os pais dela tinham feito uma tentativa pretensiosa para dar à filha um nome «original».

Skye assentava-lhe perfeitamente. Tão simples como isso.

Observou-a atentamente enquanto Marie lhe agradecia por ter vindo. Skye Wynyard tinha olhos azul-violáceos e cabelo encaracolado da cor da areia molhada. E era evidente que estava doente de aflição por causa do

namorado.

Enquanto Marie explicava sucintamente o que acontecera durante a noite, os olhos daquele azul curioso abriram-se ainda mais.

– No hospital? Oh, não! Posso vê-lo?

– Lamento, mas isso não é possível. Ele continua preso.

– Mas...

A rapariga remexeu nervosamente numa pulseira grossa. As dúzias de bocadinhos minúsculos de ametistas faziam um tilintar irritante ao bater umas contra as outras.

Jackman dirigiu-lhe o que esperava ser um sorriso tranquilizador.

– Como diz a sargento Evans, ainda não o pode ver, mas vamos marcar uma visita assim que saibamos o que se está a passar.

A cara dela estava cheia de preocupação e Jackman sabia que aquele nervosismo não tinha nada a ver com culpa e tudo a ver com o facto de se encontrar numa situação que não compreendia. A rapariga estava desorientada. Resignadamente, deixou-se cair para trás na cadeira.

Jackman continuou a observá-la. Gostava de perceber aquilo que os instintos profissionais lhe diziam e depois comparar notas com Marie. Às vezes, concordavam, mas, na maioria dos casos, dava por si a recuar, amaldiçoando as suas conjecturas puramente académicas, e a aceitar as observações muitíssimo mais intuitivas da sua sargento.

Na cara de Skye, Jackman via honestidade, preocupação e aquilo que interpretou como determinação. Esperava que fosse determinação no sentido de esclarecer a situação de Kinder.

– Acredita que o Daniel é capaz de cometer um homicídio? – perguntou Marie abruptamente.

– Nem num milhão de anos – respondeu Marie, espetando o queixo. – Ele é um homem inteligente e atencioso, de certeza que não é um assassino.

– E há quanto tempo é que o conhece?

– Há cerca de quatro anos. Temos uma relação séria há dois.

– E onde é que se conheceram? – perguntou Jackman.

– Ele foi ao hospital onde eu trabalho. Sou terapeuta ocupacional no Saltern General.

Franziu o sobrolho.

– Onde ele agora está, imagino.

A expressão franzida desapareceu.

– O Daniel é jornalista de investigação e tinha havido muita má imprensa sobre o hospital. Um surto de MRSA^[5] e uma enorme confusão sobre falta de pessoal, já sabem como é com o NHS^[6], mas o Daniel escreveu um artigo sobre os heróis ignorados. Agarrou naquilo que se passa nos hospitais gerais de uma perspetiva muito diferente e apresentou-o do ponto de vista dos enfermeiros e do pessoal.

Mirou-os quase envergonhadamente.

– Quando li o artigo no jornal, fiquei deslumbrada com a sensibilidade dele, embora a escrita tivesse muita força. O Daniel não se importava com o facto de estar a pisar os calos da administração e de provavelmente vir a ser atirado à fogueira. Parecia que acreditava em todas aquelas palavras e, quando o conheci melhor, compreendi que era verdade.

Dirigiu-lhes um sorriso cansado.

– Foi estranho, mas, no dia em que ele me entrevistou, soube instantaneamente que íamos ser amigos.

Voltou o olhar para Marie.

– Foi um daqueles momentos, sabe a que me refiro?

Marie assentiu e Jackman viu compreensão e uma tristeza profunda nos olhos da sargento. Compreendeu que ela e Bill, o marido falecido, deviam ter tido uma experiência semelhante e, durante um segundo, permitiu que a mente refletisse sobre o sítio onde aquele ponto mágico no tempo teria ocorrido. Onde quer que isso pudesse ter acontecido, Jackman tinha a certeza de que tinha havido uma mota envolvida. Bill Evans tinha sido um dos melhores elementos da polícia motorizada e a paixão pelas corridas tinha sido a causa da sua morte prematura. Jackman fungou e, desviando-se do passado, recentrou-se na entrevista.

– E então porque é que, na sua opinião, esse homem «afável» confessou repentinamente um homicídio brutal? – estava a perguntar Marie.

Skye inspirou profunda e longamente.

– Não sei, mas...

Olhou fixamente para a secretária antes de continuar:

– Ele leva o trabalho muito a sério. Talvez as coisas se tenham acumulado em cima dele. O Daniel tem estado com muitas coisas na cabeça nos últimos tempos.

Jackman achou a explicação muito fraca e teve a certeza de que a mulher sabia bastante mais do que tinha divulgado até àquele momento, mas ia levar as coisas calmamente. Ela podia ser-lhes muito útil e por isso não valia a pena antagonizá-la logo no primeiro encontro.

– Coisas pessoais? Coisas relacionadas com o trabalho? Problemas de saúde? Pode ser mais específica?

Skye Wynyard voltou a hesitar e Marie inclinou-se para a frente, a cara mais perto da rapariga.

– Estou a ver que se preocupa muito com ele, Skye, mas se realmente o quer ajudar, tem de nos contar tudo o que sabe. Ele está metido num sarilho muito grave.

Jackman assumiu o interrogatório sem esperar por uma resposta:

– Se calhar, muito mais grave do que aquilo que pensa. Para além de nos fazer perder tempo, mesmo que não esteja envolvido na morte da Alison Fleet, pode estar a arriscar-se a uma pena de prisão por impedir a polícia de exercer o dever que lhe compete. A perverter o curso da justiça? Enquanto estamos a lidar com o Daniel, Skye, o verdadeiro homicida pode estar a safar-se de um assassinio.

A rapariga engoliu em seco audivelmente, como se a gravidade da situação de Daniel tivesse sido, finalmente, compreendida. Olhou de Marie para Jackman e, por fim, disse:

– Podem voltar a casa do Daniel comigo? Há uma coisa que acho que deviam ver.

Meia hora mais tarde, Jackman e Marie estavam parados ao fundo de um lanço de escadas estreito. Skye Wynyard estava a olhar fixamente, na direção de um patamar, para uma porta de aspeto sólido, uma chave apertada com força na mão. Era evidente que estava a ter sérias dúvidas sobre convidá-los a entrar na casa de Daniel.

– Não se sinta mal, Skye – disse Marie simpaticamente. – Nós tínhamos de vir cá de qualquer maneira. A confissão do Daniel é suficientemente grave para justificar uma revista à casa dele. É muito melhor assim, sinceramente.

– Ele confia em mim e agora sinto que o trai – retorquiu Skye. – Por favor, tentem só compreender que o Daniel é...

A voz foi perdendo intensidade e, então, apercebendo-se de que não havia maneira de voltar para trás, a rapariga inspirou determinadamente, apertou a chave com mais força e marchou pela escada íngreme acima, dizendo:

– É melhor que vejam com os vossos próprios olhos.

Jackman entrou na sala comprida do sótão e olhou em redor.

Estava aninhada sob um telhado muito íngreme e tinha pequenas janelas que sobressaíam. As manchas escuras por baixo das janelas salientes indicavam-lhe que deixavam passar água quando o vento soprava a chuva vinda do Leste. Virou-se para olhar para o resto da sala e foi incapaz de deter o arquejo de choque que lhe escapou dos lábios. Apercebeu-se, mais do que sentiu, de que, nas costas dele, Marie tinha ficado tensa.

A única mobília naquela divisão consistia numa secretária e numa cadeira. A secretária era de madeira gasta e amolgada, coberta pelos círculos claros das canecas de café húmidas e descuidadamente poisadas, e dava uma sensação de incongruência quando víamos o ecrã do computador topo de gama lá instalado. Dúzias de caixas de papel de impressão, tanto novas como usadas, estavam amontoadas em grandes pilhas irregulares e espalhadas pelo chão, disputando o espaço com pastas de arquivo, ficheiros e sacos de plástico, carregados de papelada.

Mas nada disso preocupava Jackman. Era a parede comprida que ocupava todo o comprimento da sala do sótão que o tinha chocado. Estava coberta, de cima a baixo, com recortes de imprensa, fotografias, fotocópias de textos e notas rabiscadas. E não foi apenas o volume da investigação de Daniel sobre os pais que fez Jackman arrepiar-se, era a forma como estava tudo disposto.

No centro, no fulcro daquele estranho trabalho na parede, estava uma fotografia ampliada várias vezes de uma mulher. Reconheceu-a imediatamente, tal como aconteceria com a maior parte da população adulta da Grã-Bretanha.

Era um grande plano de Françoise Thayer. Há mais de 20 anos, ela tinha assassinado brutal e friamente os patrões, George e Lydia Haines. Françoise Thayer, rotulada pelos *media* como a «Carniceira Loira». E tal e qual como no caso da icónica fotografia tirada pela polícia a Myra Hindley, Françoise

Thayer também era instantaneamente reconhecível e igualmente sinistra. Os olhos de Hindley pareciam os de um tubarão – sem emoção e mortos –, mas os de Thayer revelavam indícios de um divertimento sinistro e Jackman sempre considerara isso ainda mais perturbador.

Todas as outras fotografias e demais papelada irradiavam do sorriso malvado da mulher e, por baixo dele, ligeiramente à parte, estava uma fotografia de Daniel Kinder. Por baixo dela, garatujado em letras gigantescas, pretas e irregulares na própria parede, estavam as palavras *O FILHO DA ASSASSINA*.

– Receio bem que seja nisto que ele acredita.

A voz de Skye pouco mais era do que um suspiro. A rapariga encolheu os ombros e olhou implorante para Jackman.

O inspetor tirou o telemóvel do bolso.

– Desculpe, Skye, mas precisamos de chamar a equipa de investigação forense, sobretudo um fotógrafo.

– Não! Por favor! Esta casa não é minha. É da mãe do Daniel e ela está no estrangeiro.

Jackman conseguia ver-lhe as lágrimas a brotarem-lhe dos olhos, mas antes que fosse capaz de falar, ela já estava a gritar:

– Oh, meu Deus! Não tinha o direito de vos trazer para aqui. Direito nenhum!

Marie avançou rapidamente e pousou o braço à volta do ombro fremente da rapariga.

– Ei, não se preocupe. Faz apenas parte do investigação e a Skye fez o que devia, mostrando-nos isto tudo – disse suavemente.

– Acredite em mim – acrescentou Jackman –, como a DS Evans já referiu, é muitíssimo melhor que tenha sido a Skye a convidar-nos a entrar. E agora, que tal irmos lá para baixo?

Fechou a tampa do telemóvel.

– Precisamos que nos explique exatamente o que é que isto quer dizer. Para tentarmos compreender.

Dirigiu-lhe o que esperava que fosse um sorriso encorajador.

– Vá lá, vamos sentar-nos para nos falar sobre o Daniel.

Aquilo tudo parecia completamente surreal. Sentaram-se na sala de estar e Skye sentiu que devia estar a oferecer bebidas refrescantes e a fazer conversa de circunstância com os convidados. Precisava de pôr o cérebro a funcionar para os fazer compreender aquilo que sabia sobre o verdadeiro Daniel e a vontade desesperada do namorado de conhecer a verdade sobre o seu nascimento.

Levou mais de meia hora, mas, no fim, soube que não podia ter feito mais. Tinha rezado silenciosamente a quaisquer que fossem os anjos que pudesse ter à volta e tentado tornar o discurso sucinto e a história credível. Talvez tivesse conseguido, porque os dois detetives pareciam absortos nos seus pensamentos.

– Existe a mínima possibilidade de ele ter razão?

O inspetor olhou para ela com aqueles olhos azuis exasperantemente sinceros.

– Pode mesmo ser filho da Françoise Thayer?

– Tenho ajudado o Dan na investigação. Estudei essa mulher durante meses, mas não encontrei absolutamente prova nenhuma, embora...

Skye odiou-se por dizer o que se seguiu:

– A data do nascimento dele coincide com a data em que a Thayer teve uma criança. Uma criança do sexo masculino, mas não consigo encontrar nenhum registo oficial.

– E a Thayer está morta, não está?

Skye assentiu.

– Morreu na prisão, um ano depois de ser presa.

– Assassinada, tanto quanto me lembro – acrescentou a sargento Evans.

– Achem que foi um milagre ela ter durado um ano – disse Skye. – Até os presidiários pensavam que ela era a encarnação do diabo. E nunca acusaram ninguém.

– Bem, que grande surpresa.

A sargento lançou um sorriso sarcástico ao inspetor e ambos ergueram uma sobrancelha.

Skye sentiu algo parecido com alívio a inundá-la. Pela primeira vez desde que tinham chegado, pensou que talvez tivesse tomado a decisão certa. Era evidente que os dois polícias não correspondiam ao que ela esperara. Para começar, tinham escutado realmente o que ela tinha a dizer e parecia que havia uma espécie de empatia entre ambos. Perguntou-se se

seriam um casal. Provavelmente, a mulher era bem mais velha do que o inspetor, mas isso já não queria dizer nada. E a polícia era bem conhecida pelos relacionamentos «internos». Daniel tinha escrito um artigo sobre o tipo de empregos que eram propensos a produzir infidelidade e tinha descoberto que muitas esquadras da polícia pareciam ser antros de relações sexuais ilícitas. Não que isso, por alguma razão, parecesse aplicar-se propriamente a Jackman e a Evans, embora ele fosse atraente de uma forma «aristocrática». Skye concluiu que o mais certo era que fossem apenas um par de colegas que trabalhavam bem em conjunto.

– Consegue contactar a mãe do Daniel? – estava a perguntar o inspetor.

Skye ignorou os pensamentos sobre a vida pessoal deles e respondeu:

– Ela está na Ásia, num retiro qualquer, mas não sei exatamente onde. E o Daniel também não sabe.

– Talvez a consigamos encontrar através das embaixadas ou das transações feitas com os cartões – sugeriu Marie.

– Posso dizer-vos o último sítio para onde sabemos que ela estava a ir, mas é uma coisa muito vaga.

– E um telemóvel?

Skye abanou a cabeça.

– Infelizmente, ela reagiu muitíssimo mal à morte do marido. Embarcou naquilo a que chamou uma viagem de recuperação espiritual. Os telemóveis não fazem parte do esquema. Segundo as últimas informações que tive, até os sapatos foram descartados.

– Arriscado – murmurou Evans. – Não têm cobras por lá?

Skye estava a começar a simpatizar com a mulher mais velha.

– Oh, sim, e ainda por cima venenosas, víboras, cobras, serpentes...

– Então esperemos que os anjinhos da senhora caminhem à frente dela.

Skye olhou atentamente para aquela mulher-polícia. Nunca tinha ouvido um bófia a falar assim. E também não tinha sido sarcasmo. Skye acreditava em anjos e, sem pensar, tocou no berloque de prata que usava sempre. Daniel tinha-lho comprado e tinha lá gravadas as palavras «Protegida pelos Anjos».

– Sim, esperemos – repetiu.

E, a seguir, acrescentou:

– Vai ver o Daniel? Importa-se de lhe dizer que...

Calou-se, hesitante.

Dizer-lhe o quê, perguntou para os seus botões.

– Não o vamos ver, Skye. Só quando os médicos tiverem dito que ele está em condições de ser interrogado.

A voz da sargento era suave e compreensiva.

– É a lei. Só o podemos deter durante um certo tempo sem o acusar e quando ele entrou no hospital esse relógio parou. Se algum de nós falar com ele sobre o caso ou qualquer assunto relacionado com ele, o relógio recomeça a contar e não o podemos parar.

Skye assentiu e uma parte dela ficou quase contente. Até ver Dan com os seus próprios olhos, não queria tentar adivinhar que raio se estaria a passar naquela cabeça baralhada.

– E o que é que acontece aqui? Preocupa-me que isto não seja a minha casa e andarem polícias a pisar tudo.

– Um fotógrafo forense vai fotografar o sótão e depois será tudo empacotado e levado como prova. Tendo em conta a gravidade do crime que o Daniel confessou, a casa inteira terá de ser revistada, mas faremos tudo para garantir que nada se estraga e que regresse tudo ao sítio original, mas... – rematou o inspetor com uma careta.

– Percebo o que quer dizer – disse Skye.

Perguntou-se se Daniel faria alguma ideia do caos que a atitude ridícula dele tinha causado.

– Diga-me lá, Skye – atirou Marie Evans. – Quanto ao jornalismo dele. O Daniel trabalha a partir de casa? É que não vi nenhum escritório.

– Não. Diz que se distrai demasiado se trabalhar aqui. Arrenda um gabinetezinho numa empresa de um amigo lá na zona industrial. O nome da empresa é «Emerald Exotix» e o amigo chama-se Mark Dunand. Importa plantas exóticas do mundo inteiro. Calculo que também tenham de verificar isso, não é?

Os polícias puseram-se de pé.

– Se nos pudesse dar o endereço, Miss Wynyard, ficaríamos muito gratos. Vamos precisar de lá ir.

Skye dirigiu-se à cozinha e arrancou uma folha de um bloco de notas. Apontou o nome, a morada e o número de telefone de Mark Dunand.

– Quero ajudar o Daniel, a sério que quero! – exclamou repentinamente.
– Ele não matou essa mulher, eu sei que não! Acho que a dor dele sobre o passado causou este caos todo!

Olhou suplicante para eles.

– Quando voltarem a falar com ele, por favor, tentem ver para lá daquilo que o Daniel vos diz. Olhem para as provas reais. Talvez sejam capazes de o convencer de que ele está terrivelmente enganado sobre ser o filho de uma assassina.

O inspetor levantou a mão.

– Uma coisa que fazemos realmente bem, Miss Wynyard, é analisar as provas. Acredite em mim, vamos dismantelar tudo, peça a peça, até chegarmos à verdade.

Ela voltou a assentir e aceitou a mão estendida. O aperto de mão do polícia era firme e tranquilizador.

– A verdade é o que todos nós queremos, Inspetor Jackman, e embora, para si, possa ser difícil de acreditar, é exatamente o que o Daniel também quer.

[4] N.T.: No original, CID – Criminal Investigation Department (Departamento de Investigação Criminal).

[5] N.T.: MRSA, *Staphylococcus Aureus* resistente à metilina.

[6] N.T.: Sigla de National Health Service, o serviço nacional de saúde britânico.

CAPÍTULO CINCO

Duas enfermeiras observavam a figura adormecida de Daniel Kinder. Foi então que uma olhou furiosamente para o polícia fardado que estava posicionado perto da cama.

– Ele é um herói, sabe? Tem de o vigiar desta maneira?

O agente, um homem chamado Roger Lucas, decidiu não entrar numa discussão e respondeu simplesmente:

– Desculpe, menina. Ordens são ordens e este homem está preso.

– Tem de haver algum engano – disse a outra enfermeira, uma loira pintada, rechonchuda e com os olhos demasiado maquilhados. – Este homem defendeu a nossa causa há pouco tempo. Passou muito tempo connosco. É muitíssimo simpático. E na nossa opinião – acrescentou quase agressivamente – não pode cometer erros.

– Nesse caso, tenho a certeza de que não vai ter de se preocupar com nada, mas, para já, não vamos sair daqui.

Roger sentou-se para trás na cadeira ao lado da cama e fez uma careta. Era uma sensação bastante estranha. Afinal de contas, geralmente era o prisioneiro que era visto com desconfiança e não ele.

Quando as enfermeiras se foram embora, levantou os olhos para a janela de vidro que o separava do companheiro de escolta e a cara ensombrou-se-lhe.

Fora do quarto, o Agente Zane Prewett estava ociosamente encostado à parede a falar com uma das outras enfermeiras. Roger perguntou para os seus botões quanto tempo levaria para a rapariga sucumbir às frases de engate já mais que batidas de Zane. Bufou indignadamente e desviou o olhar. Odiava trabalhar com Prewett, mas naquele dia não tinha outra opção. O colega dele estava de férias e o Agente Kevin Stoner, o parceiro sofredor de Prewett, tinha metido outra falta por doença. Não que Roger o censurasse, pobre desgraçado. Trabalhar com aquele porco devia ser um

inferno. Roger gostava de Kevin, era um gajo porreiro e, por mais voltas que desse, não conseguia compreender por que razão ainda não teria pedido uma transferência para se afastar de vez de Zane Prewett. Prewett, independentemente de ser também polícia, era veneno puro.

Uma enfermeira diferente entrou no quarto pequeno e verificou a pressão arterial do prisioneiro.

– Desculpe, senhora enfermeira, mas quando é que o médico vai voltar a ver o Mr. Kinder? – perguntou educadamente Roger, à espera de ouvir outra descompostura.

Surpreendentemente, a mulher sorriu-lhe e encolheu os ombros.

– Estamos cheios de trabalho, por isso ele está atrasado, mas esperamos que seja em breve.

Voltou a sorrir-lhe e continuou:

– Posso trazer-lhe um café? Sei que não está autorizado a deixá-lo sozinho e o seu colega parece bastante ocupado com outras coisas neste momento.

– Isso seria ótimo, se não for demasiado incómodo.

Ela parou à porta.

– Deixe-me adivinhar? Leite e dois torrões de açúcar?

Roger devolveu-lhe o sorriso e, embora tomasse normalmente o café sem leite e só com um torrão, respondeu:

– Perfeito.

O crachá tinha-a identificado como sendo uma enfermeira que fazia parte dos quadros chamada Kelly King e embora – ao contrário de Zane Prewett – Roger não fosse um mulherengo, não podia ignorar o facto de ela, com o cabelo comprido preso numa trança, ser muito atraente.

Viu-a a afastar-se e soltou um leve suspiro. Uma rapariga daquelas não estaria livre. Se não fosse casada, de certeza que teria uma fila de admiradores e ele não era nenhum David Beckham.

Voltou os olhos para o prisioneiro, que se tinha começado a agitar na cama.

Ora bem, aquilo é que era um caso muito estranho, sem dúvida alguma.

Roger franziu os sobrolhos, desconcertado. Tinha lido bastantes artigos de Daniel Kinder sobre assuntos locais e um ou dois tinham sido realmente estimulantes. Eram bem fundamentados, com abordagens provocadoras.

Achara sempre que alguém já devia ter dado a Daniel uma coluna permanente num dos jornais importantes. Por isso, porquê aquela viragem radical, a transformar um jornalista competente num assassino sádico?

As drogas tinham sido a primeira coisa em que Roger pensara. Estavam por trás de quase todos os crimes irracionais com que já se tinha deparado. Conseguiram desorientar o cérebro mais brilhante e transformá-lo numa papa. E achava que com o *cocktail* de drogas certo, toda a gente era capaz de matar.

Mas depois tinha ouvido dizer que Daniel não se drogava. E se isso fosse verdade, o que pensar então?

Roger olhou para o jovem atraente que resmoneava incoerentemente enquanto dormia e começou a questionar-se se tudo aquilo seria uma mistificação. Seria uma falcatrua? Um dos tais jornais importantes ter-lhe-ia dado a oportunidade de uma vida? Seria Daniel Kinder uma espécie de jornalista secreto a investigar a polícia?

Era possível. Havia muito má vontade contra a polícia naquele preciso momento. Dois casos importantes de corrupção policial andavam a monopolizar os cabeçalhos dos jornais quase diariamente. Semicerrou os olhos. E se alguém era capaz de se insinuar e agitar as coisas, era aquele homem. Se calhar, Roger devia partilhar as preocupações com o capitão. Mordeu o lábio. Mal se apercebeu do sorriso sedutor de Kelly King quando esta lhe entregou o café.

Jackman estava sentado no lugar do passageiro e lançou os olhos para Marie Evans.

– Esse teu silêncio não me está a deixar nada descansado.

– Estou a pensar naquele quarto no sótão, senhor inspetor – respondeu ela, dando uma olhadela ao espelho retrovisor e mudando de faixa. – Senti um desespero real naquele sítio, não senti isso também?

Jackman perguntou para consigo se tinha sido desespero que sentira ou apenas loucura.

– Só de lermos os artigos dele, percebemos logo que, para o Daniel, o mais importante de tudo é chegar à verdade e que está disposto a encontrá-la a qualquer custo. Talvez a natureza dele não lhe permita largar o osso a

partir do momento em que o abocanha.

– E, se calhar, acabou por abocanhar mais do que devia quando começou a aprofundar a árvore genealógica da família biológica – retorquiu Marie enquanto acelerava pela estrada em direção à esquadra. – Acho que não conseguir encontrar respostas está a dar com ele em doido.

– Suficientemente doido para matar?

– Não disse isso – respondeu Marie muito séria. – Mas diria que ele está a caminhar para a paranoia, não acha? Aquelas coisas na parede do sótão eram mega-horripilantes.

Fez uma curta pausa e continuou:

– Sei que já foi há algum tempo, antes de o senhor entrar para a polícia, mas seguiu o julgamento do Terence Marcus Austin?

– Até certo ponto – respondeu Jackman, tentando lembrar-se do que sabia. – Estás a falar do rapaz de Sheffield que assassinou a família inteira, não estás?

– E várias outras pessoas. Era atormentado por pensamentos obsessivos e, infelizmente, ninguém viu os sinais de alerta até ele ter matado sete pessoas – três crianças e quatro adultos. Se tivessem olhado para ele mais cedo, teriam visto os sintomas clássicos da esquizofrenia.

Marie fez sinal com o pisca e regressou à faixa inicial com toda a suavidade.

– O tipo degenerou rapidamente. Em 18 meses, passou de finalista universitário a assassino impiedoso.

– Estás a sugerir que o Daniel Kinder é esquizofrénico?

– Não faço ideia. Não sou psiquiatra, mas o Terence Austin tinha um diário, um caderno de apontamentos cheio dos pensamentos dele, e eu vi-o – concluiu Marie com um arrepio.

– Parece que preferias não o ter feito.

– Uma fonte de pesadelos.

Carregou no botão para abrir a janela, inclinou-se para fora e mostrou rapidamente o cartão de identificação à câmara de segurança no portão de entrada para o parque de estacionamento da polícia.

– O pior de tudo foi a maneira como ele passou de comentários perfeitamente normais e de garatujas quase infantis para imagens explícitas terríveis e notas rabiscadas horríveis sobre as crenças extraordinariamente loucas que tinha.

Inspirou fundo.

– Não sei porquê, mas assim que vi aquela parede no sótão, pensei imediatamente no bloco de notas do Terence Austin.

Jackman tirou o cinto de segurança e saiu.

– E, ainda assim, se eliminássemos as duas imagens principais, até poderia ser uma daquelas técnicas de *brainstorming* que, supostamente, ajudam na resolução de problemas.

Marie fechou a porta ruidosamente e carregou no botão da chave.

– Ou um dos nossos quadros brancos. Sei que, provavelmente, estou a ser neurótica, mas foi essa a impressão que tive, que havia qualquer coisa a ampliar-se perigosamente.

– Não duvido que tenhas razão – respondeu Jackman enquanto se dirigiam para o edifício principal. – Assim que estiver tudo catalogado, vamos reconstituir a parede exatamente como estava para ver o que é que as outras pessoas têm a dizer sobre ela.

– Acha que podemos arranjar um psicólogo para nos dar uma opinião profissional?

– Vou falar com a superintendente a esse respeito – respondeu Jackman, que não estava nada ansioso por essa reunião em particular. – Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos, com ou sem orçamento.

Assim que entraram, um civil aproximou-se deles para lhes dizer que o sargento de serviço lhes queria dar uma palavrinha.

– O que é agora? – resmungou Jackman.

O sargento fardado era um homem entroncado com uma cabeleira prematuramente branca e uma tez rosada. Levou-os para o gabinete interior e fechou a porta.

– Isto pode não ser nada, mas pensei que deviam saber que há maus sentimentos em relação aos nossos homens que estão de serviço no hospital – disse ele, passando uma mão pesadona pelo cabelo branco e encolhendo os ombros. – O Agente Roger Lewis ligou mesmo agora e disse que lhes estavam a chamar «mauzões» por causa da reputação quase de santo do Daniel Kinder. O artigo dele no jornal, aquele que transformou o pessoal lá do hospital de um bando de preguiçosos apáticos e irresponsáveis em anjos cintilantes, trouxe-lhe uma data de fãs naquelas bandas.

– Já era de esperar, não era? – perguntou Jackman, não parecendo impressionado.

– Pois, mas o agente Lewis ligou-me da casa de banho dos homens. Há uma forte probabilidade de alguém lhe ter enfiado um laxante no café.

A primeira coisa que passou pela cabeça de Jackman foi rir, reparando inclusive que Marie também estava a tentar reprimir uma risadinha, mas depois pensou duas vezes. Daniel Kinder podia muito bem ser um assassino sádico e essas enfermeiras que lhe eram tão dedicadas estavam a comprometer a sua própria segurança só porque ele tinha apoiado a causa delas.

O sargento Jim Masters ficou à espera até que percebessem o que estava em causa.

– Está tudo bem. Pedi à superintendente para falar muito a sério com as autoridades do hospital e dupliquei o número de agentes que estão de serviço lá. Sei que o pessoal do hospital não sabe exatamente o que o Kinder fez ou pode ter feito, mas esse tipo de comportamento não é aceitável – concluiu fazendo uma pausa breve. – Mas não era isso que eu vos queria dizer. O agente Lucas tem uma teoria.

Relatou a ideia do agente de que Kinder podia estar a tentar «infiltrar-se» para conseguir um exclusivo.

– E ele chegou a essa perolazinha quando estava na retrete? Bom trabalho, tendo em conta as circunstâncias. Estou impressionada – atirou Marie.

Jackman olhou para a sargento e viu dúvida por trás do sorriso dela. Estava-se a perguntar o mesmo que ele. Poderia Kinder estar a *fingir*? E se estava, de que raio estaria à procura na esquadra de Saltern? O que, ou quem, seria objeto do interesse dele?

Agradeceu ao sargento de serviço e dirigiram-se vagarosamente para a escadaria que levava ao segundo andar. Nenhum deles falou. Foi então que, quando chegaram ao primeiro patamar, Marie parou e, agarrando o corrimão de madeira reluzente, disse lentamente:

– O Roger Lewis é um bom agente, bastante fiável. Se tiver razão, isto pode ser um problema grave para nós.

– Concordo. Há uma linha muito ténue entre perturbação mental e astúcia. E se isto for um esquema inteligente para garantir uma história, o que é que pode ser tão importante que valha o risco de ser preso?

Marie abanou a cabeça.

– Nem consigo imaginar. A carreira dele, a reputação dele, desapareceria tudo e – fez uma curta pausa – o mesmo aconteceria com a relação com a Skye Wynyard, porque estou completamente convencida de que a rapariga está doente de preocupação com o Daniel Kinder.

Jackman fez uma careta.

– Também podia estar doente de preocupação se soubesse que ele anda atrás de um furo jornalístico e que está preparado para perder tudo, incluindo ela, se a coisa lhe correr mal.

Fizeram o resto do caminho até à sala do DIC em silêncio.

Daniel Kinder viu o uniforme preto ao lado da cama e sentiu-se invadido por uma onda de alívio. Ter-se-ia sentido ainda melhor se tivesse uma peça de metal à volta do pulso. Significaria que estavam a levá-lo realmente a sério. A mente dele começou a divagar. Tinha ouvido dizer que o PACE, o Police and Criminal Evidence Act^[7] de 1984, tinha virado tudo a favor dos criminosos, por isso se calhar já não estavam autorizados a algemar um suspeito.

Tentou focar-se no polícia, mas as pálpebras pareciam feitas de chumbo. Ao pestanejar, tudo no quarto tinha mudado. O polícia já se encontrava parado ao pé da porta e uma enfermeira estava a fazer-lhe uma coisa qualquer com uma agulha e uma cânula presas com adesivo nas costas da mão. Desejou que a mulher não fosse uma enfermeira. Desejou que fosse Skye. Ela era tudo o que ele queria naquele preciso instante. Nada de medicamentos, nada de azáfama à volta dele, nada de nada, só a sua linda Skye. Voltou a pestanejar e o homem estava outra vez ao lado da cama. Que raio lhe teriam dado? Estava a dormir enquanto pestanejava!

Gemeu e voltou a sentir que se estava a esvair...

O jovem Daniel olhou em volta da sala desconhecida. Era simples, com paredes muito brancas, e a única mobília consistia em duas cadeiras. Melhor dizendo, cadeirões! Sentou-se na enorme poltrona de pele suave e perguntou-se quanto teria custado. Centenas de libras, calculou.

Conseguia ouvir os pais a falar baixinho com o homem que estava prestes a juntar-se-lhe.

Estavam parados do lado de fora da sala, mas conseguia ouvir algumas das coisas que estavam a dizer e percebeu palavras como «cólera», «impróprio» e «razões para preocupação».

Não fazia ideia da razão por que estava ali. Quando se é novo, as coisas parecem simplesmente acontecer e nunca nos explicam porquê. Tinha visto o diretor e o pai a conversar daquela maneira a que a mãe teria chamado «clandestina», tipo secreta e séria. Mas isso não era nada novo. O que era engraçado era que raramente via outros pais no gabinete do diretor. Às vezes, Daniel sentia que estava a ser observado, estudado, avaliado. Quando falou disso à mãe, ela riu-se e disse-lhe para não ser tonto. Numa escola privada cara como a dele, todas as crianças eram cuidadosamente monitorizadas. Fazia parte do serviço.

A porta fechou-se com um clique e sentiu-se percorrido por uma sensação nervosa e doentia. Por que motivo estava aquilo a acontecer?

– Viva, Dan. Chamo-me Conrad Young e a tua mãe e o teu pai querem que eu tenha uma conversa contigo. Estás de acordo com isso?

Um homem alto com cabelo castanho espesso e óculos de armações grossas deixou-se cair descontraidamente no outro cadeirão.

A voz do homem era profunda e calma e os medos de Dan desapareceram.

– Claro. Embora não saiba porque é que aqui estou – respondeu ele, esperando soar como um adulto, ainda que nem tivesse 9 anos.

– Tenho a certeza de que vamos descobrir à medida que formos avançando, certo?

O homem enfiou a mão num bolso que havia de lado na poltrona e tirou de lá um auscultador.

– Já tinhas visto uma coisa destas? – perguntou num tom agradável.

Dan olhou para cima e percebeu que as luzes da sala estavam a esmorecer e que a parede à frente dele já não era branca, mas de um suave amarelo-dourado. Enquanto olhava, a parede mudou para cor de laranja e depois para vermelho. Observou as cores do arco-íris e disse:

– Isso é mesmo fixe.

– É uma caixa de luz. Ajuda-te a descontrair. Na realidade, ajuda a muitas coisas.

Dan inspirou e afundou-se ainda mais no assento de pele, confortável e muito almofadado. Gostaria de ter uma sala como aquela. Talvez o pai...? Começou a pensar em maneiras de abordar o pai, mas o homem estava outra vez a falar:

– Então, diz-me lá, porque é que bateste no teu amigo?

Dan já não se estava a sentir confortável. Então era disso que se tratava. Do Lucas Rickard e do estúpido do Power Ranger dele.

– Magoaste-o, Daniel. Era o que querias?

Aquilo era demasiado ridículo para ser verdade! Tinha sido só uma lutazinha por causa de um brinquedo que se partira. Ponto final. Baixou os olhos para as mãos. Tinham estado calmamente dobradas no colo e viu que agora estava a enterrar as unhas nas palmas das mãos com tanta força que estavam a deixar sulcos profundos.

– Ele disse que lhe parti o Power Ranger, mas foi ele que o partiu. Bateu-me primeiro. Não foi nada mais do que uma luta estúpida.

– Partiste-lhe o braço.

– Ele desequilibrou-se! Só o empurrei um bocadinho para o tirar de cima de mim. Estava a gritar e a berrar e eu queria que ele parasse.

Engoliu em seco e a voz baixou para um murmúrio:

– Só o empurrei.

– Ok, Daniel.

O homem sorriu-lhe e depois desviou o olhar e fixou a parede enquanto esta mudava de um lilás suave para cor-de-rosa.

– Tens razão. Os miúdos estão sempre a lutar.

– Eu não.

– Mas fizeste-o dessa vez, por isso o que é que foi diferente?

Dan sentiu-se profundamente infeliz. Tinha assistido a lutas horríveis na escola. Os miúdos metidos nisso apanhavam uma grande descompostura e, se fosse realmente mau, eram suspensos durante uns tempos, mas não eram enviados para uma clínica esquisita. Ignorou a pergunta e fez outra por conta própria:

– É médico?

– Sim, mais ou menos.

– Opera pessoas? Corta-as?

O homem sorriu.

– Não sou cirurgião, por isso, não, não tenho direito a fazer essas coisas sangrentas.

O sorriso dele era tranquilizador e Dan recomeçou a sentir-se seguro.

– Trabalho com as mentes das pessoas e com as das crianças em especial.

Dan inclinou-se para a frente, os olhos muito abertos.

– É psiquiatra?

– Estudo o comportamento das pessoas. O que as faz agir de determinada maneira.

Dan deixou-se cair para trás.

– Então está a falar com a pessoa errada. Quem devia estar aqui era o Lucas Rickard. O comportamento *dele* é que precisa de muita atenção.

– Fala-me do Lucas.

– Ele é um brutamontes e um mentiroso. E *não* é meu amigo.

Dan olhou para a parede verde-clara enquanto esta ia passando lentamente para a cor do mar quando estavam de férias.

– Às vezes, tenho de brincar com ele por causa de uma coisa a que o meu pai chama «estabelecer contactos» – explicou Dan, franzindo o sobrolho. – O pai dele anda sempre agarrado ao meu, a tentar convencer o meu pai a convidá-lo para vários sítios, tipo os estúpidos dos campos de golfe e coisas assim. Sei que o meu pai não gosta dele, mas chamam-lhe investidor ou qualquer coisa do género e, ao que parece, isso quer dizer que tenho de ser simpático com o Lucas.

– Mas o Lucas enfurece-te?

– A injustiça enfurece-me – respondeu Daniel enfaticamente, com uma determinação muito adulta. – Ele partiu o brinquedo e como estava com medo do pai dele, culpou-me. E agora *eu é que estou* sentado aqui e *ele* tem um Power Ranger novo. Isso não é justo, pois não?

– Não, não é – respondeu o homem olhando pensativamente para ele. – És capaz de me contar exatamente como é que o Lucas acabou com um braço partido?

– Já lhe disse, caiu.

– Descreve o que aconteceu.

Daniel abriu a boca para começar a falar e depois fechou-a. Porque não conseguia descrever o que tinha acontecido. E também não podia mentir, isso faria com que não fosse melhor do que Lucas.

– Não consigo lembrar-me – afirmou finalmente.

Tinha havido uma falha. Uma falha muito pequena, mas ainda assim uma falha. A dado instante, Lucas estava a agredi-lo a soco e a gritar-lhe, e, a seguir, o «amigo» já estava sentado no chão, a chorar desalmadamente e a agarrar o braço flácido.

– Não consigo lembrar-me.

Daniel ouviu-se a dizer aquelas palavras e viu a cabeça do polícia a erguer-se sobressaltada.

– Ah! Já está connosco outra vez.

Daniel pestanejou, olhou em redor no quarto do hospital e, dessa vez, ficou tudo onde estava.

– Acho que sim.

Tinha a boca seca como palha e a cabeça latejava-lhe como se estivesse com uma super-ressaca. Pelo menos, não iam interrogá-lo. Conhecia os procedimentos da polícia bastante bem. A única coisa que precisava de fazer era convencer o médico de que estava bem, de que ter sido detido pela polícia o tinha simplesmente confundido, e voltariam a levá-lo para a esquadra e a prendê-lo. Graças a Deus!

Daniel soltou um imenso suspiro de alívio e tornou a fechar os olhos.

[Z] N.T.: Conjunto de normas relacionadas com os direitos humanos e a forma como os cidadãos devem ser tratados sob custódia; trata-se de um modelo que estabelece e circunscreve os poderes da polícia e elabora um código de conduta para os agentes.

CAPÍTULO SEIS

— Um ataque de pânico, nada mais.

Jackman olhou desconfiadamente para a superintendente Crooke.

— E não vale a pena olhar para mim dessa maneira. O médico disse que a tensão arterial está normal e declarou que ele estava apto para o interrogatório. Vai voltar para nós dentro de um par de horas e o relógio recomeça a contar – declarou ela, fulminando Jackman com os olhos. – Por isso, vocês têm de pôr as unhas de fora, não queremos que a Operação Noitibó fique a pairar por aqui como um mau cheiro. Ele é uma de duas coisas, Jackman, um tipo que nos faz perder tempo ou um assassino, e é a vocês que compete decidir qual e muito rapidamente.

A superintendente Ruth Crooke era uma mulher esguia com feições marcadas, cabelo fino e uma expressão de descontentamento permanente. Tinha uma maneira estranha de contorcer os lábios estreitos quando estava a pensar, o que fazia com que parecesse que estava a tentar engolir uma coisa qualquer incredivelmente amarga. Marie tinha sugerido que podia ter sido o nome dela que lhe dera essa expressão tão azeda. Não devia ter sido nada fácil ser uma recruta da polícia com um nome como Crooke^[8].

— E fizeram-lhe uma avaliação psicológica?

— Os médicos das Urgências pediram ao departamento de psicologia que o examinasse e ele não demonstra sinais exteriores de qualquer perturbação mental.

Crooke exalou ruidosamente e olhou para o relógio.

— Portanto, dentro de um curto espaço de tempo, ele estará à vossa disposição. Sugiro que preparem a vossa equipa e resolvam isto.

— Tinha esperança de que pudéssemos ter a opinião de um psicólogo sobre a montagem arrepiante com que o Kinder decorou a parede do sótão, senhora superintendente. Será que dá para esticar o orçamento para isso? –

perguntou Jackman, dirigindo-lhe o seu melhor sorriso. – Seria uma ajuda para apressar o processo.

Os lábios da mulher apertaram-se até quase desaparecerem.

– Inspetor, o orçamento mal dá para o papel higiénico. E trazer alguém de fora dos serviços da polícia custa toneladas de dinheiro.

– E não temos ninguém nosso?

– Não há ninguém a quem confiasse uma coisa desta natureza e como não se considera que a Polícia de Fenland seja merecedora de um *profiler*, poderá ser difícil.

Olhou para ele, rugas de preocupação a estenderem-se pela pele marcada pelo tempo.

– Vou ver o que posso fazer, mas sem prometer nada.

Debaixo das rugas e do semblante franzido, Jackman lembrava-se da polícia corajosa que outrora adorava estar envolvida em tudo, por mais horrível que a situação fosse. Ruth Crooke tinha sido uma luz, uma mulher-polícia que se revelara uma autêntica tigresa e que tinha subido na escada da hierarquia sem a ajuda de ninguém. Até subir um degrau a mais e ver, horrorizada, que não tinha nada à frente. De um dia para o outro, a descrição das suas funções tinha deixado de ser a de uma veterana combatente do crime para passar a corresponder à de uma administradora sedentária. Já não se envolvia diretamente para enfrentar os vilões, agora as únicas coisas com que lutava eram objetivos, orçamentos, protocolos e ordens de trabalho para reuniões de gestão de quadros superiores. Jackman sabia que ela odiava aquilo tudo. Era um dos poucos que via a tristeza e a amargura escondidas atrás daqueles lábios apertados.

– Agradeço-lhe imenso, senhora superintendente.

De volta à sala do DIC, encontrou os três membros da equipa a trabalhar cuidadosamente num novo quadro branco. Tinham-no montado ao lado do que já existia e que exibia uma fotografia sorridente e o nome da vítima, *Alison Fleet*.

– Consegui que o fotógrafo acelerasse a revelação das fotografias da parede, patrão. E como não poderemos ter o material original, usámos cópias das fotografias. Isolámos cada um dos itens, aumentando-os e

imprimindo-os.

Max parecia satisfeito consigo mesmo.

– Excelente. Isso vai poupar-nos muito tempo. Como é que está a correr?

Marie olhou para todo aquele trabalho manual e ergueu uma sobrancelha.

– Bem, eu não o contratava para renovar a minha casa. Acho que ele estava ou pedrado ou bêbado ou...

– Doido varrido – disse o detetive Charlie Button, terminando a frase por ela.

Jackman sorriu. Charlie era o elemento mais novo da equipa, um jovem mal-arranjado de 22 anos, com cabelo despenteado e a pele cheia de espinhas. Parecia mais um estudante malcomportado do que um agente da polícia, mas o rapaz tinha vontade. Tinha vontade e entusiasmo e, por vezes, tinha explosões de puro brilhantismo, que habitualmente implicavam aperceber-se de um aspeto gritantemente óbvio que toda a gente tinha deixado passar por completo.

Jackman virou-se para estudar a recriação do trabalho visionário e esquizoide de Daniel Kinder e arrepiou-se. Embora a montagem tivesse perdido a sensação intensa de loucura do velho sótão, vê-la naquele cenário asséptico arrepiou-lhe os cabelos da nuca.

Ficou ali parado durante algum tempo, imerso nos seus pensamentos. Foi então que ouviu a voz de Charlie Button a interromper-lhe a cacofonia que lhe ia no cérebro:

– Matar *pode* ser herdado, senhor inspetor? Quer dizer, mesmo que ele fosse o filho natural dessa carniceira, não significaria obrigatoriamente que também fosse um assassino, pois não?

Jackman tentou recordar as aulas da faculdade.

– Isso é uma pergunta para os peritos, Charlie, embora no caso do Kinder isso me surpreendesse muito. Enquanto filho adotivo, o Daniel teve uma infância maravilhosa e uma educação privilegiada. É muito mais provável ser «tal pai, tal filho» no caso de alguém que tenha sofrido pessoalmente às mãos de um progenitor brutal. Acho que a predisposição para matar tem muito mais a ver com condicionamento e dessensibilização numa idade impressionável do que com uma coisa congénita.

– E se ele *acreditasse* simplesmente que era possível? – perguntou Marie. – Que se lixe todo o raciocínio racional e os factos médicos. Se ele acreditasse que é verdade, então, podia matar, não podia?

– A mente é superior à matéria – comentou Max enfaticamente. – Se o imbecil do gajo fez uma lavagem cerebral a ele próprio convencendo-se de que tem capacidade para matar, então é fácilimo, não é?

Jackman ouviu-os e assentiu.

– É muito possível, mas também é possível que ele seja um homem muito inteligente e desonesto que descobriu uma maneira extraordinária de entrar no coração desta esquadra.

– Mas porquê? – perguntou Charlie.

– Porque é um estupor de um jornalista – resmungou Max.

Voltando-se para Jackman, perguntou:

– Acha que se passa alguma coisa suja dentro destas paredes, inspetor?

– Se se passa, eu não sei nada sobre isso, mas acho que devemos ser cautelosos com o Daniel Kinder. Tudinho segundo as regras e, ao mesmo tempo, manter os olhos e os ouvidos atentos. Se o Kinder teve algum cheirinho de que se passa qualquer coisa desagradável em Saltern-Le-Fen, então temos de chegar à fonte antes de ele o fazer, ok?

– Lindo – rezingou Max. – Não bastava o raio de um tarado e uma pobre desgraçada morta, agora temos de lidar com um inimigo interno.

– Um *possível* inimigo interno, Max. Não sabemos, mas é um aviso para sermos cuidadosos.

Inspirou fundo.

– Ora bem, já temos o computador do Kinder que estava no sótão?

– Já está com os cromos da informática – replicou Max, sorrindo. – E garanti que a Orac é que se vai dedicar pessoalmente a ele.

– Esse não é o nome verdadeiro dela, pois não? Por favor, digam-me que não!

Jackman visualizou mentalmente a chefe das TI, de ombros largos e cabelo loiro branco com um assustador corte à moicano, mais os olhos mais estranhos que já vira.

– E o que é que se passa com aqueles olhos?

Max dirigiu-lhe um sorriso tolerante.

– O nome? Bem, é óbvio que não gosta de ficção científica de culto, pois não, senhor inspetor? E os olhos... oh, sim! – continuou com sorriso malicioso – Sei, de fonte segura, que são lentes espelhadas, como prata reluzente.

Jackman estava completamente desorientado. Quis perguntar porquê, mas decidiu proteger a sua credibilidade de homem sofisticado aos olhos do resto da equipa, limitando-se por isso a encolher os ombros com ar de enfado.

– Bem, eu *sabia* que eram lentes de contacto, claro. A questão é que o nome não parecia ter qualquer significado.

– Orac era o nome do supercomputador no *Blake's 7* – esclareceu Max, olhando esperançosamente para ele.

Como não houve resposta, continuou:

– Uma série televisiva britânica de ficção científica de 1978. O supercomputador Orac era brusco, irritadiço, tratava os humanos com condescendência e o inventor dele deu-lhe um ego enorme. Já lhe começa a soar a alguma coisa?

– Nunca ouvi falar disso, mas a descrição parece-me vagamente familiar.

– O lado positivo é que o Orac era extremamente valioso, conseguia aceder a informações cruciais ilimitadas e conseguia aceder ilegalmente a todos os comandos estratégicos de qualquer computador.

– Ah! Agora já *estou* a ver a ligação.

– Ótimo, porque ela gostava de falar consigo ainda hoje. Acha que estamos a falar de um sistema básico e que já terá tirado tudo o que for interessante ao fim do dia.

– Excelente. Mal posso esperar.

Na verdade, Jackman achava aqueles olhos tão fascinantes e perturbadores que, em qualquer conversa com a amazona das TI, se sentia sempre em desvantagem. Havia muito poucas pessoas que o conseguiam fazer sentir-se deslocado, mas Orac era uma delas e fazia-o com alarido! Se calhar, ia mandar Marie buscar quaisquer informações que a Orac tivesse sugado da infeliz máquina.

Olhou para o relógio.

– Bem, Charlie, gostava que organizasses um grupo de polícias fardados e fossem visitar o sítio onde o Kinder tem um gabinete. Fica no parque comercial Fendyke Endeavour, uma empresa que importa plantas, chamada

Emerald Exotix. O dono é um amigo do Kinder, chama-se Mark Dunand. Recolham tudo o que for relevante, coisas em que ele esteja a trabalhar, detalhes dos contactos, e deve lá haver outro computador, também vamos precisar dele. O Kinder vai cá chegar dentro de uma hora, mais coisa menos coisa, por isso gostava que coligissem tudo o que já sabemos sobre ele. Juntem tudo o que temos e eu e a sargento vamos analisar tudo antes de recomeçarmos o interrogatório. A coisa mais importante de que andamos à procura é de uma ligação, por muito ténue que seja, entre ele e a Alison Fleet. O mais depressa que conseguirem, pessoal. Quer queiramos, quer não, estamos outra vez a lutar contra o tempo.

Jackman voltou para o gabinete, fechou a porta e, durante uns momentos, saboreou o silêncio que o envolvia. O velho edifício tinha-lhe permitido ter um gabinete muito mais grandioso do que a humilde posição de detetive-inspetor lhe concederia, mas todas as salas eram grandes, com tetos altos e amplas janelas de batente. A forma como ele o mobilara é que fazia a diferença.

Jackman gostava de se vestir bem, preferindo fatos de bom corte, mas o gabinete era uma coisa completamente diferente. Podia ter pertencido aos tempos de Dickens. Parecia-se mais com a biblioteca de um velho professor do que com o local de trabalho de um jovem detetive-inspetor moderno.

Uma parede inteira era só prateleiras do chão ao teto e todos os centímetros estavam ocupados por livros. Jackman tinha substituído a secretária barata de pernas de metal e madeira folheada, fornecida pela polícia, por uma de carvalho sólido que tinha adquirido num leilão do recheio de uma casa. Com o tampo embutido de pele castanha, condizia perfeitamente com a sala. Havia um candeeiro de secretária com um abajur verde num dos cantos da secretária e, em vez da habitual parada de fotografias oficiais da polícia, a única fotografia emoldurada era de um potente cavalo cinzento anglo-árabe de competição.

Distraidamente, Jackman estendeu o braço e tocou na fotografia.

– Olá, minha amiga – sussurrou.

Aquela era a verdadeira paixão dele, para além da força policial. Quando era jovem, a sua preciosa Glory tinha-o feito ganhar uma série de taças, troféus e *rosettes* em competições equestres. Quando Glory morrera, tinha ficado inconsolável durante meses e ainda ficava com um nó na garganta quando via os vídeos que a mãe tinha feito dos dois em ação.

Em casa, na aldeia minúscula de Cartoft, as paredes estavam cobertas de fotografias da infância dele e em quase todas havia um animal qualquer, principalmente os adorados cavalos. Se calhar, era bom que nunca se tivesse casado, pois não haveria espaço para fotografias do casamento. Sorriu pesarosamente, porque a mãe teria discordado. Fortemente. Em cada carta que ela lhe enviava – cartas a sério, escritas com caneta de tinta permanente –, lembrava-lhe o estatuto de solteiro elegível e que devia corrigir a situação o mais depressa possível.

Definitivamente, o casamento não fazia parte da lista de prioridades de Jackman. Gostava das coisas tal como estavam. Tinha uma casa linda e, felizmente, um casal dessa zona para tomar conta dela enquanto ele passava longas horas a trabalhar. Mill Corner tinha sido um moinho de vento no início do século XIX. Atualmente, embora as velas já tivessem desaparecido há muito, juntamente com a cobertura em forma de «cebola», a torre ainda se mantinha e os edifícios ligados a ela tinham sido convertidos numa casa muito confortável. Planeava usar os anexos para estábulos e quando finalmente se reformasse voltaria a ter companhia equina.

Uma batida na porta interrompeu-lhe o devaneio.

– A superintendente quer vê-lo, senhor inspetor. Diz que é urgente.

Jackman agradeceu à funcionária civil, soltou um suspiro exasperado e saiu atrás dela. Uma segunda convocatória para os domínios da superintendente tão depressa depois da primeira só podia querer dizer que havia sarilho.

– Rowan. Entre e sente-se.

O coração caiu-lhe aos pés. O sarilho era sério. Quando Ruth Crooke o tratava pelo nome próprio era sempre mau sinal. Não estava sozinha no antro dela. De pé, direito como um fuso e com uma cara que parecia uma estátua de granito, encontrava-se o superintendente-chefe da Polícia, Wilson North.

– Temos um problema. Estou a fazer tudo para manter isto em segredo para já, mas...

A superintendente inspirou fundo e olhou ansiosamente para o chefe.

– Encontraram o corpo de outra mulher.

– O quê? – perguntou Jackman, verdadeiramente chocado. – Onde?

A cabeça encheu-se-lhe de uma grande quantidade de pensamentos contraditórios. Outra mulher assassinada. Uma vez que Daniel Kinder estava preso, não podia ser o responsável.

Tentou manter um tom de voz neutro.

– Estou a partir do princípio de que suspeitamos de homicídio, não é, senhora superintendente?

– Sim, a não ser que a vítima conseguisse cortar a garganta depois de ter dado uma pancada parte de trás da cabeça capaz de a amolgar toda.

Jackman ficou estupefacto. Não precisava de nada daquilo naquele momento, principalmente com o regresso iminente de Kinder e as limitações temporais à entrevista.

– Disse que lhe tinham cortado a garganta? Da mesma maneira que à Alison Fleet?

– É o que parece, mas precisamos que o senhor e a equipa forense vão lá ver.

– Bem, pelo menos, sabemos que não pode ser o Daniel Kinder.

– Eu não teria assim tanta certeza, detetive-inspetor.

As palavras do superintendente-chefe pairaram como a lâmina de uma guilhotina sobre a cabeça de Jackman.

– Precisamos do patologista para termos todos os factos, mas parece que ela já está morta há algum tempo.

– Há algum tempo?

Jackman pensou rapidamente no tempo quente e húmido e quase conseguiu sentir o cheiro da cena do crime do sítio onde estava.

– Há algum tempo.

Como era óbvio que não havia nenhuma forma de ignorar aquilo, Jackman resolveu que era melhor pôr a cabeça em ordem.

– Certo, bem, sabemos quem é que ela é? Encontraram-na em casa dela?

– O agente que a encontrou não conseguiu ver nada que ajudasse a identificá-la sem comprometer a integridade da cena. E ela foi encontrada num prédio em ruínas que está à espera de ser demolido.

Ruth Crooke ergueu uma sobrancelha.

– Foi assim que conseguimos manter tudo sossegado – continuou.

Depois de uma curta pausa, acrescentou:

– Por agora.

– Ok. E onde é que ela está?

– Na estrada para a aldeia de Bracken Holme, a cerca de quilómetro e meio de Frampton Shore. Há um *pub* antigo a uns quinhentos metros, no sentido da estrada velha para Londres. Está entaipado há meses. Perdeu o negócio todo quando construíram a via rápida. A demolição estava para começar na próxima semana.

Jackman levantou-se.

– Vou levar o detetive Cohen comigo. E assim a detetive-sargento Evans e o detetive Button podem começar a interrogar o Kinder. O patologista já foi notificado?

– Vem a caminho de um caso no tribunal de Lincoln. Vai encontrar-se lá consigo. Agora, ponha-se a mexer!

[8] N.T.: No original, jogo com o som das palavras *crook* (desonesto) e Crooke (apelido).

CAPÍTULO SETE

Jackman observou o que restava do Drover's Arms. Era óbvio que nunca tinha sido pitoresco. Um *pub* de trabalhadores do campo banal, do tipo que não tinha problemas em que os clientes usassem botas Wellington, mesmo que metade da quinta ainda viesse agarrada às solas.

Tinham-lhes dito para dar a volta até uma área de solo apropriado para estacionar nas traseiras do edifício em ruínas. Já lá estavam dois carros da polícia, discretamente estacionados atrás de um armazém velho e invisíveis da estrada. Dessa vez, parecia que as instruções para agir «de mansinho» estavam a ser seguidas à risca.

Uma agente apressou-se a vir ter com eles, parou e indicou-lhes uma porta aberta nas traseiras do *pub* decrépito.

– Por aqui, senhor inspetor.

Jackman ouviu a instabilidade na voz dela e, embora a mulher não exibisse nenhum sinal exterior de comoção, soube que a agente estava abalada até ao âmago.

– Foi quem a encontrou? – perguntou-lhe suavemente.

A mulher polícia assentiu.

– Ouvi falar de uns miúdos que andavam com uma lata de gasolina no guiador de uma bicicleta. Um tipo daqui viu-os a esgueirarem-se por estes edifícios e eu e o meu parceiro viemos dar uma olhadela – explicou, abanando a cabeça. – Quem me dera que tivesse sido só isso, uns quantos miúdos a fazer disparates.

Jackman olhou em volta. Flores de plástico desbotadas ainda caíam molemente de um cesto bolorento, pendurado de uma corrente ferrugenta. Colados nas paredes, havia anúncios de cervejas, rasgados e quase ilegíveis. A entrada estava coberta de lixo e mesmo do exterior sentia-se o cheiro a humidade e a matéria vegetal podre.

– Acho que nunca devem ter tido nenhuma estrela Michelin, patrão – resmungou Max, dando um pontapé num saco de rede cor de laranja, cheio de cenouras pretas de podres.

– Provavelmente, não – concordou Jackman.

– Mesmo nos seus melhores tempos, era o género de *pub* em que se limpava os pés quando se saía – acrescentou a mulher polícia sorumbaticamente. – Vim tantas vezes aqui por causa de distúrbios que fiquei contente quando fechou. Pensei que era o fim – afirmou.

Fazendo uma careta, acrescentou:

– Mas cá estamos de novo. Tenham cuidado, há porcaria por todo o lado.

E não estava enganada, pensou Jackman enquanto se desviava de um monte de dejetos de cão.

Ao fundo de um corredor comprido e estreito, viram outra figura fardada.

– Desculpe, senhor inspetor, mas tive de subir para respirar. O cheiro ali em baixo é do outro mundo.

O jovem agente estava com uma cor amarelo-pastosa e Jackman teve a certeza de que ele se tinha reencontrado recentemente com o almoço.

– Onde é que ela está?

– Na cave das cervejas, senhor inspetor. Vou indicar-lhes o caminho.

– Basta dizer-nos. Não há necessidade de ficar com o pulmão cheio outra vez quando não é preciso.

O polícia sorriu agradecidamente.

– Desça esses degraus e vire à esquerda. A sala dos barris fica mesmo em frente e a vítima está no chão, atrás de uma pilha de caixotes de plástico.

Jackman fez sinal a Max e começaram a descer a escada íngreme de pedra.

– As caves das cervejas costumam ser frias – disse Max, esperançosamente. – Talvez não seja assim tão mau.

Jackman estava uns degraus à frente e já sentia o fedor inconfundível nas narinas.

– Lamento dizer-te isto, meu amiguinho *cockney*, mas estás muito enganado.

Max teve um arranco de vômito quando o cheiro o atingiu.

– Pois estou. Oh, merda! Como eu odeio este cheiro!

– Ficaria muito preocupado contigo se não odiasses.

A cave estava longe de ser fresca. Era viscosa e abafada. Antes de se irem embora, os proprietários tinham atirado tudo o que não tinha valor para dentro da cave e fechado a porta. Jackman viu cadeiras, mesas e quadros partidos. Almofadas cheias de nódoas, panos da loiça imundos e caixas de cartão a cobrir o chão. Todos os barris tinham sido retirados, certamente pelas fábricas das cervejas, mas do teto ainda pendiam as cordas e as roldanas que tinham transportado a cerveja até ao bar. E depois viu as pilhas de grades de plástico azul. Formavam uma barreira bem-vinda entre eles e o que tinham vindo ver, mas Jackman sabia que não tinha tempo para hesitar.

– Ok. Vamos lá ver o que temos aqui.

Aproximaram-se juntos da parede de grades e olharam apreensivamente em volta.

Jackman mudou o cérebro para o modo de trabalho, desligou as emoções e registou simplesmente o que via.

Caucasiana, cabelo loiro, idade difícil de determinar, mas pelos trapos que estavam colados ao corpo, trapos que outrora tinham sido roupas na moda, Jackman calculou que a mulher devesse andar pelos 25 anos. Estava deitada de lado, permitindo que ele visse a enorme ferida na cabeça, a garganta cortada e os dentes desfeitos. Infelizmente, não eram essas as únicas feridas que ostentava. Foi preciso alguma coragem para prosseguir em modo de trabalho, mas, com um esforço extra, continuou a tirar notas mentais. A faca que lhe tinha cortado a garganta também tinha infligido dúzias de outras lacerações e, tal como já tinha visto com Alison Fleet, a roupa tinha sido completamente rasgada, mostrando tiras de carne por baixo. Voltou a pensar em Alison e tornou a ver a pele levemente bronzeada por baixo do tecido fino da blusa e da saia. Ali havia apenas matéria pútrida e em decomposição. Os pés estavam descalços, os dedos enegrecidos mordidos por roedores e Jackman não precisava que um patologista lhe dissesse que aquela pobre alma estava morta há várias semanas. E isso, pensou vagamente, punha Daniel Kinder outra vez no centro da cena.

Max não tinha dito nada e quando Jackman se voltou para perceber se ele estava bem, viu o jovem detetive a tirar notas cuidadosamente no livrinho. Max levantou os olhos quando se deu conta de que estava a ser observado e perguntou:

– Acha que é o mesmo assassino, patrão?

Jackman afastou-se do corpo.

– Acho que sim. Vamos ter de esperar para ver se o patologista concorda.

– Mas não por muito tempo – disse Max, num murmúrio. – Falai no mal...

Jackman virou-se e viu outra figura a descer cuidadosamente os degraus, transportando um saco volumoso.

– Espero que estejam os dois a proteger as minhas provas, correto?

Jackman forçou um sorriso. Por mais que se esforçasse, era-lhe impossível simpatizar com o homem. O Dr. Arthur Jacobs tinha algo estranho naquela aparência que ele não conseguia compreender. Por experiência, sabia que a maioria dos patologistas era estranha. Alguns eram extremamente inquietantes e uns quantos completamente assustadores, mas Jacobs tinha um distanciamento e uma frieza de pedra que não destoava da de alguns ocupantes da morgue onde trabalhava. Se tivessem pedido a Jackman que resumisse o homem com uma só palavra, teria dito *indiferente*.

– Não tocámos em nada, Dr. Jacobs. E também não o vamos fazer – respondeu, esforçando-se por manter o sorriso. – Mas vou fazer-lhe duas perguntas, se me permitir.

Fez uma pausa por uma fração de segundo e quando o patologista abriu a boca para falar, acrescentou:

– Oh, não se preocupe, nenhuma tem a ver com a temível hora da morte.

Jacobs esperou que as espessas sobrancelhas grisalhas se baixassem e retorquiu:

– O que só lhe fica bem.

– Preciso de saber se ela tem alguma identificação e, como também se ocupou do corpo da Alison Fleet, estou ansioso por saber se estamos a lidar com outra vítima do mesmo assassino.

– Isso não deve ser difícil de saber, embora eu não esteja a dizer-lhe nada oficialmente, está a compreender?

– Perfeitamente.

Ele e Max esperaram pacientemente que o homem se passasse cuidadosamente para trás da barreira de caixotes de plástico. Ouviram vários resmungos e palavras murmuradas enquanto o homem trabalhava e, a seguir, depois do que lhes pareceu uma eternidade, Jacobs levantou-se e olhou sombriamente para eles.

– Primeiro, não há nada nela que vos ajude a identificá-la, e não contam com a ajuda dos registos dentários. O nosso assassino dizimou-lhe praticamente o maxilar inteiro e os dentes todos. E, para responder à segunda pergunta, na verdade, não posso ter a certeza, mas há várias semelhanças com a morte anterior e, provavelmente, demasiadas para serem ignoradas.

Inspirou fundo, aparentemente imune ao cheiro terrível a morte que se infiltrava em todos os cantos da cave.

– Desconfio que as minhas conclusões vão mostrar que o assassino é a mesma pessoa que assassinou a Fleet – declarou, unindo as sobrancelhas grossas. – Mas até receberem o meu relatório preliminar, não presumam nada. Estou a fazer-me entender?

– Perfeitamente, obrigado. Estou ansioso por o ler – retorquiu Jackman friamente.

Apontando com a cabeça para as escadas, acrescentou:

– Anda, Max. Temos muito trabalho para fazer.

Voltou a agradecer ao homem e subiu rapidamente as escadas, questionando-se se estaria a fugir da cena do crime ou do patologista.

– Não gosta dele, pois não, chefe? – perguntou Max sagazmente quando chegaram ao bendito ar fresco.

– É bom no que faz e é isso que conta – respondeu Jackman.

Max torceu o nariz.

– É justo, mas se eu bater a bota inesperadamente, mande-me para outro condado. Não gosto da ideia de estar numa das mesas de dissecação dele.

– Desculpa?

– Oh, não estou a querer dizer que ele seja um perverso! Ele é... bem, ele é...

Max fez uma careta à procura das palavras certas.

– Tenho a ideia de que ele faz os *post-mortems* com tanta compaixão e consideração como se estivesse a fazer filetes de peixe. É um tipo frio, só isso.

– Glacial – concordou Jackman. – Mas talvez seja assim que consegue aguentar. É um dos poucos homens com quem trabalhamos de quem não sei absolutamente nada.

– Ninguém sabe. E não é que não tenhamos tentado. Eu e o Charlie lembrámo-nos de fazer umas investigações ao passado dele, mas fora uma enfiada de letras a seguir ao apelido, não descobrimos nada.

Por mais estranho que seja, o meu pai também não sabe nada sobre ele, pensou Jackman. E isso era realmente estranho. O pai tinha um livro de endereços com amigos, família, colegas, sócios de negócios e uma mistura de subordinados e auxiliares, com quase tantas entradas como as Páginas Amarelas. Hugo Jackman era um mestre a «coleccionar» pessoas, porque nunca se sabia quando uma delas poderia ser útil.

– E o que é achou daquela pobre mulher, senhor inspetor? – perguntou Max repentinamente. – Para lá do facto de estar cortada às tiras, claro.

Jackman encheu as bochechas de ar.

– Uf! É difícil dizer realmente quando um corpo está naquelas condições. É difícil ver para lá da decomposição e dos ferimentos, mas diria que devia andar pelos 25 anos, era britânica, muito provavelmente, e não estava propriamente na miséria.

– Hum, concordo, principalmente com o facto de estar bastante bem na vida. Tinha uma *T-shirt* por baixo do *top* e tenho a certeza de que era de marca. Penso que reconheci um logotipo bastante caro por baixo daquelas manchas de sangue todas.

Deu um pontapé a um bocado solto do asfalto.

– Temos um assassino em série aqui em Saltern, senhor inspetor?

Jackman engoliu em seco. Aquilo era uma coisa que nenhum polícia queria ter de enfrentar.

Haveria sempre assassinos, da mesma maneira que haveria sempre artistas talentosos, crianças-prodígio, pianistas de concertos, canhotos e pessoas que conseguiam interpretar a *Rule Britannia!* com peidos. Era um dos diversos talentos que a humanidade tinha desenvolvido. Um homem era capaz de mergulhar de uma prancha de 10 metros de altura e entrar na água praticamente sem a fazer ondular e outro conseguia tirar uma vida com a mesma simplicidade. Mas o assassino em série, esse animal mais receado e mais odioso, era algo completamente diferente.

– Ainda é muito cedo para começar a pensar assim. Tanto quanto sabemos, o assassino podia ter um rancor pessoal profundamente enraizado contra as duas mulheres mortas. Há uma dúzia de cenários diferentes que

podíamos aplicar ao que aconteceu, Max, e nenhum deles envolve assassinatos em série.

Tentou parecer firme, mas bem no fundo estava a pensar exatamente a mesma coisa.

Depois de trocarem algumas palavras com os agentes fardados, apressaram-se a voltar para o carro. A superintendente devia estar impaciente por novidades e precisavam de atacar a montanha de trabalho que aquela nova descoberta lhes tinha trazido.

Max conduziu e, passado cerca de quilómetro e meio, Jackman apercebeu-se de que não havia nenhuma da tagarelice infundável que geralmente acompanhava as deslocações de ambos. Olhou de través e ficou chocado ao ver uma lágrima a escorrer do canto do olho de Max.

Tocou no braço do detetive.

– Queres que guie?

– Estou bem, senhor inspetor – retorquiu ele, esfregando rudemente o punho do casaco nos olhos. – Mas como é que alguém pode fazer uma coisa daquelas?

Engoliu em seco ruidosamente.

– Quer dizer, é desumano! Agarrar numa jovem linda, numa rapariga, bem, na realidade, ela era pouco mais do que uma miúda, e fazer-lhe aquilo.

Abanou a cabeça como se quisesse livrar-se de uma coisa qualquer agarrada a ela.

– É simplesmente horrível. Como é que alguém é capaz de fazer uma coisa assim? Porque é que o fazem, chefe?

– Se soubesse, seria um homem rico – respondeu Jackman, soltando um suspiro. – Receio que não haja uma resposta simples. Daquilo que os nossos arquivos nos dizem, só posso concluir que alguns deles vivem num mundo de fantasia, desligados da realidade, onde o crime violento faz parte de um qualquer jogo psicosexual horrível que precisam de jogar até ao fim. Outros parecem simplesmente *gostar* de infligir sofrimento às outras pessoas. E outros pensam que estão perfeitamente justificados por matarem, devido a qualquer que seja a razão que as suas mentes retorcidas inventaram.

Max murmurou o seu assentimento e voltou a concentrar-se na estrada. Passado um bocado, soltou um suspiro.

– Não consigo olhar-lhes para as caras.

Jackman lembrou-se de ter visto o detetive a olhar atentamente para o bloco de notas, a registar os pormenores da roupa da mulher.

– Percebo perfeitamente.

– Há alguma coisa errada comigo, chefe? Os outros todos parecem capazes de lidar com isto. Alguns até conseguem dizer piadas.

Jackman abanou a cabeça.

– É o que dissemos sobre o Jacobs, Max. Toda a gente descobre a sua maneira de lidar com as situações más. O humor negro ocupa um dos primeiros lugares na lista dos mecanismos, mas há outros que acham que é cruel, ofensivo mesmo. Depende da personalidade de cada um.

– Não vai contar aos outros, patrão? Que choraminguei.

– É a última coisa que faria.

Jackman estava a ser sincero, embora soubesse que ninguém na equipa teria menos consideração pelo Max por ele ter vertido uma lágrima por uma rapariga morta. De facto, tinha a certeza de que Marie acharia que era muito querido.

– Oh, e não é um sinal de fraqueza, Max, é compaixão pelos outros. Sem ela, serias um polícia de merda.

Jackman tinha ido falar com o patologista. Marie estava sentada do outro lado da mesa, à frente de Daniel Kinder, ao lado de Charlie Button.

Kinder estava muito calmo, talvez até demasiado calmo. Marie perguntou-se se ele ainda estaria sob os efeitos do sedativo.

Como tinham feito em todas as ocasiões anteriores, Marie recomendou-lhe que usasse os serviços de um advogado, mas, mais uma vez, o rapaz recusou e por isso ela continuou:

– Recebemos os resultados das impressões digitais tiradas na cena onde tu afirmas ter cometido um homicídio.

Marie fez uma pausa e olhou para a cara impassível à frente dela.

– Não há nada no relatório que te coloque na cena, Daniel.

– É óbvio que fui muito cuidadoso – retorquiu ele sem qualquer emoção.

Tu, meu filho, és uma criatura muito diferente daquela que conheci ontem à noite, pensou Marie. Estreitou os olhos. Até que Jackman tivesse avaliado a situação em Bracken Holme, tinham decidido não referir a

Kinder que tinha sido encontrada outra mulher. Marie ainda estava convencida de que o rapaz não tinha matado ninguém e que a notícia de outro cadáver seria uma surpresa completa para ele, mas agora não era altura para lhe apresentar esse novo pedaço de informação. Ainda ouvia o aviso de Jackman para serem cautelosos, que Kinder podia apenas estar a fazer um jogo perigoso.

– O que é que pretendes com isto tudo, Daniel?

Os olhos arregalados ficaram confusos e o rapaz perguntou:

– O que é que quer dizer?

– Bem, tu é que vieste ter connosco, tu é que montaste a cena, deves ter um final em mente.

– Isto não é um jogo.

– Não é? – replicou Marie, devolvendo-lhe o olhar. – Não estou convencida.

Daniel não respondeu. Inspirou longa e profundamente e fixou o olhar no tampo arranhado da mesa à frente dele.

– Não mataste a Alison Fleet, Daniel. Mas, por qualquer razão, estás muito, muito ansioso para nos fazer acreditar que a mataste. Se isso não é um jogo, não sei o que é.

– Matei-a, sim.

– E consegues lembrar-te de todos os detalhes, não é verdade? Onde é que ela estava? O que é que ela te disse quando viu a faca?

A voz dela subiu de tom a cada frase até ecoar na sala pequena.

– Consegues lembrar-te do que fizeste com essa faca, não consegues? Onde é que está a faca, Daniel? Onde é que está?

– Não sei! Não *sei*!

A voz elevou-se e depois calou-se. Passados uns instantes, Daniel olhou diretamente para ela e atirou:

– Só sei que a matei. Agora não consigo lembrar-me de nada. Às vezes, acontece. Esqueço-me de coisas.

– Até de teres matado uma pessoa? – perguntou Charlie Button, com uma expressão incrédula.

– Até de *tudo*! Tenho falhas. Há alturas em que não sei onde é que estive nem o que é que fiz. Geralmente, é só durante uns segundos ou uns minutos, mas recentemente tornou-se pior.

– E tiveste uma dessas «falhas» na noite em que a Alison Fleet morreu?

Daniel Kinder assentiu com a cabeça, muito infeliz.

Marie franziu o sobrolho.

– Então, quando voltaste a ser «tu mesmo», tinhas sangue nalgum sítio?

– Não, mas acho que estava a usar roupas diferentes das que tinha vestido de manhã.

O franzir da testa de Marie acentuou-se.

– E onde é que estão agora?

Kinder encolheu os ombros desalentadamente.

– Não as consigo encontrar.

Raios, pensou Marie, como teria o departamento de psicologia do hospital deixado passar aquilo? Se não estivessem ligados à demência, os lapsos de memória graves eram geralmente o resultado de um trauma ou deviam-se a uma doença subjacente, como um tumor. Ou ao stresse, claro, e ela tinha visto que Daniel Kinder conseguia ficar stressado até ao ponto de rutura num abrir e fechar de olhos.

Por qualquer razão, não achava que ele estivesse a fingir. Já tinha visto e ouvido aquilo tantas vezes. «Não consigo lembrar-me» era uma desculpa muito gasta e, normalmente, conseguia aperceber-se disso imediatamente. Mas, por qualquer razão, com Kinder era diferente.

Marie sentou-se para trás na cadeira e olhou para ele com uma expressão muito séria.

– Sabes o que é que eu penso?

Os olhos de Kinder não se desviaram dos dela, mas o rapaz não disse nada.

– Acho que estás assustado com a perda de memória. Convinceste-te de que és filho de uma assassina e estás a tentar proteger a Skye Wynyard – disse ela, intensificando o olhar. – Protegê-la daquilo que acreditas que lhe podes fazer.

A cara de Daniel imobilizou-se, uma máscara sem qualquer emoção. O rapaz pareceu desligar por completo. Endireitou as costas e, num tom ártico, que teria congelado lava derretida, afirmou:

– Não tenho nada a dizer.

Skye Wynyard enterrou-se no sofá e soltou um suspiro de alívio. O último dos polícias tinha-se ido embora e ela estava, felizmente, sozinha. Levaria a noite inteira para arrumar as coisas outra vez, embora tivesse de admitir que a equipa responsável pela revista à casa tinha feito o melhor que podia para não causar demasiada confusão. Tinham-se concentrado principalmente no sótão e, francamente, tinha ficado satisfeita por o terem despejado. Não queria voltar a subir até lá. Só ver a porta fechada no cimo das escadas bastava para a pôr ansiosa.

A sargento Marie Evans tinha-lhe telefonado algum tempo antes para lhe dizer que a embaixada tailandesa tinha confirmado que Mrs. Ruby Kinder tinha voado para a província nordeste de Loei, com a intenção de se juntar a um grupo de meditação nas montanhas Phu Ruea. Segundo parecia, tinha seguido depois para o interior da floresta, para um retiro de silêncio num local não divulgado. Não havia maneira de a contactar, embora a polícia local tivesse sido alertada e fosse envidar todos os esforços para a encontrar.

Skye e Ruby davam-se bem. A mulher mais velha era mais uma amiga do que a mãe do namorado e uma parte de Skye estava aliviada por Ruby não estar ali para ver a confusão que o único filho dela tinha causado. *E* não estar ali para sentir o imenso desgosto que ele estava a causar àqueles que o amavam. A sargento Evans tinha dito que Daniel tinha voltado para a prisão e que, depois de o interrogarem, ia ver se conseguia combinar uma visita. Não lhe prometeu nada e Skye tinha deduzido pelas palavras dela que Daniel ainda estava metido numa encrenca das grossas.

Recostou-se para trás no sofá e tentou relaxar. Estava exausta, mental e fisicamente, mas ainda tinha de arrumar a casa. Sabia que Ruby nunca a censuraria, mas continuava a sentir-se responsável e desejava desvairadamente nunca ter contribuído para ajudar Daniel a alimentar a sua neurose de eleição.

Skye pôs-se de pé e dirigiu-se para a cozinha, onde encontrou o aspirador, os panos do pó e outros materiais de limpeza. Inspirando fundo e determinadamente, resolveu pôr um bocado de ordem na casa.

Estava a ligar o aspirador à corrente quando ouviu o telefone a tocar.

– Skye? Desculpa estar a incomodar-te, mas estás bem? Um dos auxiliares daqui disse que havia carrinhas da polícia à frente da casa onde estás agora.

A voz preocupada da gerente do departamento onde ela trabalhava era a última coisa que Skye estava à espera de ouvir.

– Sim, Lisa, estou bem. Isto tudo não passa de mal-entendido horrível.

Skye sentiu vontade de desembuchar tudo, mas conseguiu dominar-se.

– Tem a ver com o problema pessoal que te fez tirar férias com tão poucos dias de aviso?

A voz de Lisa Hurley estava cheia de preocupação.

– Nem parece teu pedires tempo livre, tenho estado preocupada contigo desde essa altura. Há alguma coisa que eu possa fazer ou que precisas de desabafar? Sou um espetáculo em Escuta Ativa!

Skye sorriu pela primeira vez em vários dias.

– E quanto tempo é que tens?

– Toda a noite, se te ajudar.

– Bem, neste momento tenho uma casa muito grande para limpar. Andaram polícias com botas tamanho 47 a cirandar por todo o lado. Mas talvez amanhã?

Faria realmente mal falar com alguém? Achava que não. Se havia uma pessoa suficientemente bondosa para a ajudar, por que motivo havia de dizer que não?

– Tenho uma ideia melhor. Diz-me onde é que estás e eu vou aí ter com uma garrafa de Fitou, uma refeição do M&S para o micro-ondas, uma lata de Pledge e um pacote de tamanho industrial de esponjas de limpeza. Que tal te parece?

– Parece-me uma autêntica boia de salvamento atirada a uma mulher a afogar-se.

– Excelente. Dá-me a morada e estou aí dentro de uma hora. A propósito, a imprensa já se apercebeu? Estás a ser perseguida por jornalistas e câmaras?

– Ainda não, mas tenho a certeza de que está prestes a acontecer. Até logo!

Skye desligou o telefone e soltou o ar. Afinal, não tinha de contar tudo a Lisa e podia simplesmente ouvir a opinião dela. A especialidade de Lisa era trabalhar com funcionários e doentes stressados, por isso podia ser útil ouvi-la.

Skye sentiu que lhe tiravam um peso enorme dos ombros. Lisa Hurley não era apenas muito inteligente, também era prática e divertida. De entre todas as pessoas que conhecia, se pudesse ter escolhido uma com quem desabafar, embora se tratasse tecnicamente da chefe dela, teria sido Lisa a escolhida.

Skye agarrou no aspirador e ligou-o. Já não se sentia tão sozinha.

CAPÍTULO OITO

Já era noite quando Jackman se juntou a Marie, cuja cara perturbada lhe disse que o interrogatório a Kinder tinha estado longe de ser fácil.

Sentaram-se no gabinete dele e Jackman informou-a sobre a mulher morta.

– A superintendente vai manter tudo em segredo até termos o relatório do patologista. Nessa altura, ficaremos a saber com o que estamos a lidar.

– E como é que ela está a conseguir fazer isso?

Marie parecia cansada e preocupada.

– Felizmente, havia uma rusga aos trabalhadores agrícolas na área de Bracken Holme marcada para hoje. Uma das outras equipas recebeu uma dica de que o chefe de um gangue tinha um grupo de imigrantes ilegais a chegar. E ela está a usar isso como disfarce para a presença da polícia no local. Parece que para já está a resultar, mas, obviamente, ela não vai conseguir esticar isso eternamente.

Jackman recostou-se na cadeira e ergueu os braços acima da cabeça para aliviar os ombros doridos.

– Como o sítio é tão remoto e o corpo está numa cave, não há tenda nem toldo, o que ajuda a não dar nas vistas.

– Lá se vai a diretiva recente sobre transparência. Agora a palavra de ordem é diplomacia. E o senhor acha que temos um segundo assassinato pelo mesmo homicida?

Jackman assentiu.

– O Jacobs disse a mesma coisa, de forma não oficial. Embora...

A voz esmoreceu.

– Oh, não. Sinto um *mas* enorme a abater-se sobre nós!

O inspetor dirigiu-lhe um sorriso cansado.

– Não, não é isso. Tenho a certeza de que é o mesmo assassino, mas não havia aquela sensação de o corpo ter sido cuidadosamente «arranjado» que tivemos na cena do crime da Alison Fleet. A rapariga de hoje tinha sido apenas atirada para ali. Fim de história.

– Então não acha que ela tenha sido morta *in situ*?

– Duvido muito disso. Não havia sinais de luta, não havia borrifos de sangue. Diria que ela foi morta noutro sítio qualquer e levada para o Drover's Arms porque o assassino sabia que aquilo estava abandonado.

– E que ficava a quilómetros de qualquer outro sítio.

– Exatamente. Mal recebamos alguma informação do Jacobs, podemos ir lá e começar a fazer perguntas. Aquilo que não queremos fazer é dar azo ao pânico. Assim que alguém disser «assassino em série», ficaremos no centro de um turbilhão. E ainda há a hipótese de já termos o assassino confortavelmente instalado na zona de detenção da nossa própria esquadra.

– Cuidado! Vem aí uma vaca a voar!

– Ok, ok. Sei que achas que ele está só iludido, mas uma tia velha minha costumava dizer sempre: «Se acreditas que consegues fazê-lo, então consegues.»

– Essas sábias palavras dela estão devidamente anotadas, senhor inspetor, mas eu continuo a pensar que ele está preso nesta ilusão ridícula de que é o filho diabólico da Françoise Thayer e que se o deixarem sozinho com ela, provavelmente vai cortar a Skye Wynyrd aos bocadinhos – retorquiu Marie, soltando um bocejo. – A superintendente disse que podemos ir buscar um perito para isto?

– Naquela maneira mal-humorada dela. Acho que ela está do nosso lado no que se refere a isso. Mas o orçamento dela exige que faça cortes noutro sítio qualquer para cobrir o custo.

– Não sei bem o que é que ainda resta para cortar – replicou Marie lugubrememente. – Já estamos num programa de austeridade. O número de funcionários já bateu no fundo e os nossos veículos parecem ter vindo diretamente da sucata. Até a nossa anterior esplêndida secção canina está reduzida ao Agente Nobby Clarke e a um pastor-alemão meio cego chamado Itchy.

– Mas simpático.

– De qual deles é que estamos a falar?

– Não sejas tola – respondeu Jackman, lançando-lhe um olhar fulminante. – Do Nobby Clarke, claro.

Marie sorriu. Depois olhou para ele com preocupação.

– Sente-se bem, senhor inspetor? Não deve ter sido muito agradável, ver aquela rapariga morta.

– E alguma vez é? Mas, não, estou bem. Nunca nos habituamos a isso, mas arranjam os meios de o ultrapassar, não é?

Foi a vez de Marie assentir com a cabeça.

– Arranjam, sim. Mas talvez sejam horas de o senhor ir para casa, tomar um longo duche quente e um uísque muito grande, pela ordem que lhe parecer melhor.

– Em breve. Acho que já tratei de tudo o que posso. Temos um elemento à procura, na lista das pessoas desaparecidas, de quaisquer mulheres que tenham sido dadas como desaparecidas há duas ou três semanas. Os serviços forenses prometeram mandar-nos os relatórios assim que os tiverem e não há muito mais que eu possa fazer esta noite – disse Jackman, coçando a cabeça. – Exceto, talvez, ter outra conversa com o Daniel Kinder.

– Bem, desejo-lhe boa sorte. O tipo cerrou a boca completamente quando lhe disse a razão por que penso que ele está aqui.

Marie levantou-se.

– No entanto, vale a pena tornar a tentar. Vou consigo, se quiser. Ele teve um intervalo para jantar e tomou um café forte, por isso deve estar em condições para recomeçar.

Mas Daniel estava longe de estar em condições.

Marie observou a linguagem corporal dele enquanto Jackman o interrogava e o rapaz não estava nada feliz.

– Parece que aqui a minha colega te tocou num ponto sensível há bocado. Ela tem razão em relação às tuas preocupações com a segurança da Skye Wynyrd?

Daniel tinha o maxilar espetado para a frente e não disse nada durante algum tempo. Depois respondeu:

– Não, a sargento *não* tem razão. O facto de ela ter ridicularizado a minha crença de que a minha mãe biológica era a Françoise Thayer é que me perturbou. Não consigo simplesmente compreender porque é que não podem aceitar a verdade.

Estreitou os olhos e continuou:

– Sugiro que deem uma olhadela ao caso do assassinato dos Haines e ao julgamento da Françoise Thayer, porque vão encontrar fortes semelhanças com a morte da Alison Fleet. E se eu sei isso, então tinha de estar lá, não tinha?

Jackman ficou calado, mas Marie retorquiu de imediato:

– Julgava que não te conseguias lembrar do que aconteceu. A tua conveniente perda de memória.

– Limitem-se a olhar para o caso antigo. E é tudo o que vou dizer por hoje.

Daniel Kinder apertou as mãos no colo, baixou a cabeça e olhou sem pestanejar para os dedos compridos e pálidos.

Jackman deu uma olhadela ao relógio e levantou-se abruptamente.

– Interrogatório terminado às oito e um quarto.

Lá fora, resfolegou furiosamente.

– Eu sei como é que podemos resolver esta parvoíce de uma vez por todas. Amanhã contactamos as instalações onde estão armazenadas as provas e deitamos mão a tudo o que diga respeito à Françoise Thayer. Vamos aceder à base de dados e confrontar o ADN dela com o do Kinder para ver se há uma correspondência maternal. Talvez ele não possa encontrar as respostas de que precisa para desembrulhar a cabeça, mas tenho a certeza de que nós podemos, raios partam!

O Agente Kevin Stoner estava no terceiro dia de baixa por doença e até à data não tinha saído de casa. Trabalhar com Zane Prewett estava a empurrá-lo muito rapidamente para uma situação em que se sentia completamente destrambelhado e não fazia a mínima ideia do que fazer. Meter baixas não era a solução, mas até conseguir pôr a cabeça a funcionar normalmente, não conseguia pensar noutra.

Mesmo que não tivesse sido a vez dele de ir buscar a sobrinha de 9 anos ao *taekwondo*, teria tido de sair à mesma. Ao longo das últimas horas, tinha desenvolvido uma profunda aversão à pessoa em que se tinha tornado. Dois meses a trabalhar com Prewett tinham-no feito passar de um polícia bastante bom a um falhado de primeira.

Dirigiu-se para o caminho de peões que levava ao complexo desportivo, perguntando-se o que estariam os colegas a pensar dele. Provavelmente, consideravam-no um completo imbecil. Não queria dizer que alguém gostasse de Prewett, nem sequer os oficiais mais graduados. Na verdade, o DI Jackman tinha-o chamado à parte, cerca de uma semana antes, para o avisar que não devia dar-se com Zane Prewett. Kevin enfiou mais as mãos nas algibeiras das calças de ganga e suspirou. Nada neste mundo o tornaria mais feliz do que dar com os pés àquele monte de merda, mas não era assim tão fácil.

Kevin sabia coisas sobre Prewett. Coisas más.

Mas a questão é que Prewett também tinha resolvido descobrir coisas sobre ele e era aí que estava o problema. Desde o primeiro dia como estagiário, Kevin tinha tido muito cuidado em não falar sobre a sua vida familiar e, em especial, da vocação do pai. E felizmente para ele, nunca ninguém lhe tinha perguntado se tinha alguma ligação familiar com Sua Excelência Reverendíssima Michael Stoner, o bispo diocesano do condado. Mas na verdade também não era assim tão surpreendente. Metade dos colegas dele eram filisteus e a outra metade só entrava numa igreja para casamentos ou funerais.

Enquanto o feio bloco de cimento se ia aproximando, Kevin decidiu que depois de levar Sophie para casa em segurança, ia falar com o irmão. Não podia continuar a esconder aquilo para sempre ou acabaria fechado num quatinho, a babar-se e a cantar canções de embalar para si próprio. Ralph estava quase a fazer 30 anos e tinha uma boa cabeça, por isso as revelações de Kevin provavelmente não surpreenderiam o irmão mais velho.

O caminho para peões seguia em linha reta e passava por uma enfiada de vedações de jardins das traseiras antes de se abrir para uma área de campos de jogos. O centro desportivo e o ginásio ficavam do outro lado do campo de futebol. Kevin tinha chegado cedo. Chegava sempre cedo. Havia um bar-cafetaria no interior do complexo que fazia um café expresso duplo do caraças e Sophie sabia que era ali que o ia encontrar.

– Olá, Kevin.

Não teve a certeza do que aconteceu primeiro, as palavras ou a palma de uma mão a bater-lhe no plexo solar.

Com um grunhido de dor e de ar expelido, dobrou-se, agarrando a caixa torácica.

– Uma palavrinha, meu amigo.

Mal percebendo o que estava a acontecer, Kevin foi agarrado e atirado violentamente, através de um portão aberto, para dentro de um jardim abandonado, transformado numa selva.

– Mas que porra...? – soltou, ofegante.

Uma garra de aço tinha-se-lhe fechado em volta dos pulsos e, enquanto ouvia o portão a fechar-se ruidosamente, deu por si a ser atirado para a relva e para a lama. Um joelho descobriu corretamente o caminho para a cavidade entre as omoplatas e um golpe seco fê-lo guinchar de surpresa e dor.

– Ora bem, por muito que goste de me divertir com uma rixazinha, temos de conversar.

A pressão nas costas diminuiu, mas Kevin deu por si a sufocar com a terra e as ervas molhadas que lhe tinham entrado na boca quando caíra ao chão.

Com um murmuriozinho de esforço, o atacante puxou-o repentinamente, pondo-o em pé, e enfiou-lhe um dedo na boca para tirar o lixo do jardim que lá se tinha alojado.

Kevin tossiu e cuspiu a lama.

– Anda aqui para dentro. Este sítio há meses que está vazio, mas o barracão vai servir muito bem para a nossa conversinha privada.

Não era exatamente um barracão, era mais um pavilhão de verão velho, delapidado e podre, mas tinha umas cadeiras de jardim de plástico, vagamente funcionais. E foi para uma dessas que Kevin foi empurrado.

– Senta-te e fica quietinho. Preciso que me ouças.

Zane Prewett estava de pé, à frente dele, os olhos frios e implacáveis.

– Julgava que tínhamos um acordo, Kev, meu rapaz? Um acordo amigável?

Kevin ainda não se sentia capaz de falar. Ainda tinha a língua coberta de terra arenosa.

– Não sei se estás a ver, mas não é bom para a minha imagem que te furtas ao trabalho desta maneira. Porque toda a gente sabe que é o que estás a fazer e não vai demorar muito até que um figurão coscuvilheiro comece a fazer perguntas, estás a perceber?

Kevin fez um gesto de concordância quase impercetível com a cabeça.

– Quero-te de volta, quero tudo nos trinquês e quero ver-te a sorrir.

O sorriso de Zane fez Kevin sentir-se agoniado.

– Sei com o que posso contar com a minha equipazinha e não gosto de trabalhar com os imbecis dos suplentes que me estão sempre a arranjar. Lixam-me o estilo, se é que me estás a entender?

Oh, sim, pensou Kevin, entendo perfeitamente o que estás a dizer. Alguém pode topar os teus negocinhos sujos, aqueles que tenho de fingir que não vejo.

Zane puxou outra cadeira e enfiou-a à frente dele. Deixou-se cair nela e ficaram sentados cara a cara.

– Obviamente, tenho de tornar a situação um bocadinho mais clara para ti, o que não tem importância. Temos – continuou, deitando uma olhadela ao enorme relógio de mergulhador que lhe enfezava o pulso, – oh, mais uns 15 minutinhos antes de teres de ir buscar a querida Sophie.

Kevin sentiu uma raiva fervente a subir dentro dele, mas sabia que estava impotente perante o tamanho de Zane e a maneira suja de o colega lutar. Cerrou os dentes e não disse nada.

– Ótimo, estou a ver que nos entendemos um ao outro. E odiaria que acontecesse alguma coisa a uma miúda tão bonita, por isso vamos deixar esta parte da conversa por aqui, está bem?

Zane sentou-se para trás na cadeira e olhou fixamente para ele.

– Mas o resto ainda se mantém, meu jovem Kevin. Tu continuas a ser o meu parceiro leal, o meu companheiro constante e o meu comparsa de confiança e o teu pai, abençoada seja a sua alma santa, não fica a saber com quem é que andas a foder. Combinado?

Kevin queria morrer. E isso não era histrionismo. Parecia mesmo uma ideia muito boa.

– E só para o caso de tudo isto não bastar...

Zane enfiou a mão no bolso de dentro e tirou um envelope.

– Nunca deixa de me espantar o que as pessoas são capazes de fazer por dinheiro. E algumas até o fazem por nada se apertarmos os botões certos. Ajudar um agente da polícia íntegro como eu na execução dos seus deveres, tirar polícias corruptos das ruas...

Zane soltou uma risadinha.

– Oh, o espírito público anima-se e eles ficam tão felizes por ajudar.

Tirou do envelope volumoso um maço de fotografias impressas de um computador e levantou a primeira para Kevin ver.

Se antes tinha querido morrer, então o que sentia agora era indescritível.

Dois homens novos a dar um beijo capaz de destruir as amígdalas. Um estava empurrado contra uma parede escura e o outro tinha a mão a enfiar-se-lhe avidamente nas calças de ganga apertadas.

Kevin fechou os olhos e, a seguir, uma fúria cega e ardente irrompeu dentro dele.

– Filho da mãe! Dá-mas!

Atirou-se para a frente, mas Zane já se tinha posto em pé.

– Oh, não te preocupes, amorzinho, estas são todas tuas.

Atirou-as ao ar e as fotografias caíram em cascata no chão sujo do pavilhão.

– Os originais estão a salvo e há cópias empacotadas e prontas para serem enviadas a Sua Excelência Reverendíssima, se, e repito, se não voltares ao trabalho amanhã, animado, alegre e completamente recuperado.

Os olhos dele não eram mais do que duas nergas.

– Percebeste? Agora levanta-me esse cuzinho de panasca e vê lá se atinas, foda-se!

Avançou para a porta enquanto Kevin se atirava para o chão para apanhar as fotografias.

– Não vai acontecer nada, ok? Nem à tua linda sobrinha nem à tensão arterial do teu devoto pai, desde que alinhes e faças panelinha comigo. Quer dizer, não literalmente, claro. *Eu* não sou desses.

Baixou os olhos para as fotografias e ergueu uma sobrancelha sardonicamente.

– Saíste-me cá uma bela surpresa!

Depois, apoiando-se no caixilho da porta de madeira a lascar, sorriu lascivamente e soprou um beijo para Kevin.

Eram quase 10 horas quando, finalmente, Lisa Hurtley olhou para o relógio e se sobressaltou.

– Meu Deus! Tenho de me ir embora! Amanhã entro cedo para fazer um curso de integração.

Skye tinha-se apercebido de que estava a ficar tarde, mas tinha resolvido ignorar esse facto. Era tão bom ter companhia naquela casa enorme. Fingiu-se chocada por o tempo ter passado tão depressa e, relutantemente, foi buscar o casaco de Lisa.

– Não consigo agradecer-te o suficiente – disse ela com sinceridade. – Desde o instante em que bateram à porta e eu vi que a polícia estava ali, bem...

Abanou levemente a cabeça.

– Foi horrível. Mas falar contigo ajudou-me a voltar a uma certa normalidade. Acredito que agora o Daniel e eu poderemos resolver as coisas.

Lisa agarrou no casaco e tocou ao de leve no braço de Skye.

– Tenho a certeza que sim. E estou comovida por me teres confiado a tua história. Sei que não deve ter sido fácil para ti – disse, sorrindo calorosamente. – Skye, estarei sempre por perto se precisares de mim.

Dirigiu-se para a porta.

– E vou autorizar a tua ausência do departamento durante o tempo que puder.

Abriu a porta e um *flash* fê-las dar um salto.

– Merda! – exclamou Lisa, voltando para dentro e fechando a porta. – Estou convencida de que esta foi a primeira de muitas máquinas fotográficas que te vão apontar à cara durante os próximos dias. Lamento, Skye, mas começou o circo dos *media*.

Lisa inspirou fundo.

– Oh, bem, vamos lá a isso. Tranca a porta, não vás ver quem é quando tocarem à campainha e liga o alarme assim que eu sair – instruiu, fazendo uma curta pausa. – Vais ficar bem?

– Já estava à espera disto. Vou ficar bem. E amanhã vou sair deste mausoléu e voltar para o meu apartamento.

– Rapariga esperta. Tem cuidado contigo.

Lisa saiu para o ar húmido da noite e Skye viu-a a correr pelo caminho de acesso com a cabeça baixa. Trancou a porta.

Skye desligou a campainha elétrica, certificou-se de que todas as janelas estavam trancadas e ligou o alarme. Não tinha precisado de que Lisa lho dissesse. Tinha dito que estava bem, mas não estava. Tinha a cabeça mais desanuviada e sentia-se muito melhor em relação a Daniel e à cruzada disparatada do namorado, mas continuava a odiar estar sozinha naquela casa.

Skye foi para o quarto e sentou-se na borda da cama. Nem sequer queria despir-se. Enquanto limpavam a casa, Lisa tinha falado descontraidamente com ela e Skye tinha dado por si a abrir-se cada vez mais até que Lisa ficara a saber quase tudo.

E, na verdade, tinha ajudado. Lisa nunca ridicularizara ou deitara abaixo alguns dos aspetos mais loucos da «missão» de Daniel e dera-lhe assuntos interessantes em que pensar quando se tratara de olhar para a situação de um ponto de vista psicológico. Lisa tinha feito um curso sobre influências genéticas, com um foco especial em estudos de adoção tendo em conta contextos diferentes relacionados com pais biológicos e adotivos. Também tinha a ver com inteligência e as diferentes maneiras como certas pessoas reagem quando lhes diziam que eram adotadas. Skye compreendia isso demasiado bem, embora não o tivesse dito. Também era adotada, mas via isso de uma forma completamente diferente da de Daniel. Ele estava obcecado com a ideia de saber quem eram os pais biológicos, ao passo que ela se estava nas tintas. No que lhe dizia respeito, era a miúda mais feliz do mundo. Tinha uma família maravilhosamente unida e a razão por que tinha sido rejeitada pela mãe biológica era-lhe irrelevante. Fosse qual fosse, teria de ter implicado qualquer coisa dolorosa ou desagradável. Que se lixasse isso tudo!

Skye bocejou e descalçou os sapatos, mas continuou vestida. Enrolou-se no edredão, cerrou os olhos e tentou fechar os ouvidos às repetidas pancadas na porta. Não conseguiu convencer-se a desligar o candeeiro da mesinha de cabeceira.

Lisa Hurley estava sentada no carro no lado oposto da rua onde ficava a casa dos Kinder. Dois ou três homens andavam à volta da porta, muito perto uns dos outros e a falar bruscamente. De vez em quando, um martelava na porta durante um bocado até desistir e deixar que outro tentasse.

Lisa encostou-se para trás no banco e observou-os impassivelmente. Apostava que, no dia seguinte de manhã, o caminho de acesso de cascalho muito bem alisado estaria a fervilhar com repórteres e carrinhas dos *media*.

Depois o olhar virou-se para os quartos no andar de cima da casa. Tinha seguido o padrão feito pelas luzes da casa enquanto Skye andava de divisão em divisão a verificar as janelas, a fechar cortinas e a apagar candeeiros. Agora havia apenas um quadrado de luz na fachada escura da propriedade cara.

Lisa observou-o durante muito tempo, antes de ligar a ignição e arrancar devagarinho.

Daniel estava a sonhar com a mãe. Não era um sonho agradável.

Tinha estado a andar ao longo do um dos canais compridos e rasos perto de casa. Tinha estado a segurar na mão de Skye e estavam a dirigir-se para um carrossel cheio de luz e cor, o tipo de carrossel dourado e decorado que ainda encontramos espalhado por Paris. Conseguia ouvir o som evocativo do órgão mecânico e Skye estava a perguntar-lhe se podiam ir andar nos cavalos coloridos.

Quando a sorridente Skye lhe pegou na mão e o puxou na direção do carrossel a rodopiar, Daniel sentiu uma sensação terrível de um mau presságio e os pés recusaram-se a mover.

De algures atrás deles, ouviu alguém a chamar o nome dele, mas estava demasiado assustado para se voltar. Agora a música tinha-se tornado o som de um vento uivante e o que quer que estivesse atrás dele estava a puxá-lo para trás com uma força enorme. Gritou a Skye para correr, mas a mão da namorada já tinha sido arrancada da dele e viu que a rapariga estava bem acima dele, agarrada às costas de um garanhão de madeira dourado, com olhos chamejantes e vermelhos como sangue.

E a seguir, os cavalos estavam a correr, a galopar numa confusão de cores, levando Skye com eles.

À medida que girava mais depressa, o carrossel começou a subir e a afastar-se dele. Daniel gritou por Skye, mas ela já era apenas uma bonequinha minúscula num cavalo de brincar que estava a desaparecer nas espessas nuvens brancas que se agitavam e rodopiavam por cima do canal.

– Meu filho.

As palavras infiltraram-se pelo uivar do vento e o coração de Daniel ficou gelado. Tentou correr, mas estava preso com força, atado à aparição horrorosa que se estava a materializar atrás dele. Percebeu que estava preso por uma corda grossa. Atreveu-se a voltar-se para trás para ver se se conseguia soltar e percebeu que não era uma corda mas um pulsante cordão umbilical viscoso, de um azul-púrpura.

– Não! – gritou. – Skye!

– Ela tem de se ir embora.

– Não! – tornou a gritar, mas estava a ser lentamente puxado para trás.

– Oh, meu filho – cantarolou ela.

A escuridão estava a aproximar-se. Sentiu o cheiro fétido que lhe passava por cima do ombro. Enquanto desaparecia no abismo negro que se abria por baixo dele, Daniel ouviu as palavras:

– Anda à Mamã.

CAPÍTULO NOVE

Pesadas nuvens cinzentas tinham acompanhado Marie no caminho até ao trabalho naquela manhã. Não havia momentos mágicos para saborear naquele dia e, francamente, isso até era bom porque os céus negros refletiam a disposição dela. Era uma daquelas manhãs, felizmente mais raras entretanto, em que sentia a falta de Bill. Tinha tantas saudades dele que o peito até lhe doía. O marido tinha morrido quase há 10 anos e, por vezes, ainda doía como o raio.

Quando chegou à esquadra, apercebeu-se de que não era a única que sentia que o fim estava próximo.

Só Deus sabia a que horas Jackman teria chegado e, surpreendentemente, tanto Max como Charlie também estavam sentados às respetivas secretárias.

– Ninguém me disse que havia uma festa de pijama ontem à noite!

Abriu o fecho do casaco de cabedal e olhou para os colegas.

– Teria trazido as pipocas.

– Não conseguia dormir – resmungou Max, abanando a cabeça. – E eu durmo *sempre*. A minha avó diz que eu até teria conseguido dormir durante o Blitz^[9].

– Eu também passei uma má noite – acrescentou Charlie.

– Sim, mas no teu caso foi por teres comido aquele Ruby à meia-noite.

Charlie soltou um suspiro e deitou um olhar sofredor a Max.

– De facto, foi mais perto das 23 e não tenho culpa de que o único *takeaway* aberto até tarde na minha rua seja indiano.

Marie pendurou o casaco nas costas da cadeira e olhou para o sítio onde Jackman estava a olhar pensativamente para o quadro branco.

– E o senhor? Pesadelos? Um caril mau? Ou as duas coisas? – perguntou com uma careta.

– Nenhuma – respondeu-lhe o inspetor, voltando-se para ela com um sorriso cansado. – Fiquei-me por uma omeleta espanhola e batatas fritas na *air-fryer* e depois passei a maior parte da noite na companhia da Carniceira Loira.

– Concordo que não havia nada de especial na televisão, mas era capaz de me lembrar de coisas melhores para fazer – atirou Marie, puxando a cadeira e sentando-se.

– Ela apoquentou-me – disse Jackman.

– Não tanto como apoquentou o George e a Lydia Haines – acrescentou Max, sombriamente.

Afastou a cadeira da secretária e voltou-se para Jackman.

– Porque é que ela os matou, patrão? Isso já foi muito antes do meu tempo e só me lembro de um ou outro pormenor solto.

– Se me tivesses perguntado isso ontem, não teria sabido responder-te.

Jackman aproximou-se e sentou-se no canto da secretária de Marie.

– Mas depois da minha longa sessão de marranço até às tantas no computador, consigo dizer-te muita coisa sobre a felizmente desaparecida Françoise Thayer.

Marie passou revista à sua base de dados mental, mas só lhe ocorreram títulos de jornais com palavras como *malvada*, *cruel*, *insensível*, *monstruosa* e *odiosa*, consoante fossem tabloides ou jornais sérios.

– Para começar, e isto não é muito conhecido, desconfia-se que ela tenha matado pelo menos cinco pessoas antes dos Haines. E como isso não foi provado e aconteceu em França, não foi incluído no sistema na altura.

– E, mesmo assim, conseguiu emprego como *au pair* em Lincolnshire? – perguntou Charlie.

– Mudou de nome antes de vir para Inglaterra. Não havia maneira de disfarçar o facto de ser francesa, por isso assumiu outro nome francês e desapareceu para se integrar no nosso sistema.

– A velha história de sempre – resmungou Max. – Mas como é que ela virou psicótica contra os patrões?

– Por causa de um corte na eletricidade e de uma sanduíche de *bacon*.

Jackman dirigiu um sorriso enigmático a Marie.

– A última gota é geralmente uma coisa muito insignificante, eu sei, mas essa ultrapassa tudo!

– Conte-nos mais – pediu Marie, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos na secretária, repentinamente muito interessada.

– A Françoise Thayer tinha uma personalidade obsessiva. Era invejosa, dominadora e tinha uma paixão pelo gerente da quinta, um homem chamado Ian Farrow.

– Ele foi considerado suspeito dos crimes, não foi? – perguntou Marie enquanto lhe chegavam à memória bocadinhos do caso antigo.

– Sim. Suspeitaram de que estava envolvido no caso, juntamente com a Thayer, mas ele foi apenas mais outra das vítimas dela, embora ela não o tenha matado.

– Ele sentia a mesma coisa por ela? Ou seja, gostava dela? – perguntou Charlie.

– De maneira nenhuma. Ele era um homem gentil, tinha qualquer coisa de solitário e ela interpretou mal a atitude amigável dele, que não passava de boa educação para com uma colega que fazia parte dos empregados dos Haines.

Jackman fez uma careta.

– Na realidade, ela interpretou mal muitas coisas. Sabia-se que ele era divorciado, o que o tornava um alvo legítimo, mas o que ela não sabia era que o casamento tinha falhado por causa das tendências homossexuais dele.

– Ups! – exclamou Max, tentando esconder um sorriso.

– A situação descambou e deu tudo para o torto quando a Thayer viu a Lydia Haines a atravessar o quintal até ao pequeno celeiro que o Ian Farrow tinha reconvertido e a entrar lá dentro. A Thayer tinha estado fora, a tratar de um assunto qualquer na cidade, e não sabia que tinha havido um corte de eletricidade que afetara toda a propriedade. Como a Lydia usava um Aga a combustível sólido para cozinhar, e o Farrow tinha estado todo o dia nos campos, ela tinha-lhe feito, e para vários outros, sanduíches de bacon para o desenrascar até que a eletricidade voltasse. A Françoise Thayer convenceu-se de que a Lydia estava a entrar nos aposentos do Farrow para um encontro secreto e explodiu de inveja. Mesmo quando soube que tinham ficado sem eletricidade, decidiu que a Lydia tinha usado isso como desculpa para se enfiar na cama do Farrow.

– E matou os dois, a Lydia e o marido dela?

– Sem sequer pestanejar, e estamos a falar de umas pestanas bastante compridas, cortou-os aos bocados.

Jackman levantou-se.

– E acho que teria matado o Ian Farrow também, só que ele foi à cidade nessa noite e embebedou-se de tal maneira que não pôde pegar no carro para voltar para casa. Passou a noite no Toyota dele, estacionado perto da Shrimp Boat Inn.

– E o tolinho do Daniel acha que a Thayer é mãe dele? – perguntou Max, soltando um suspiro incrédulo. – Se eu pensasse uma coisa dessas, mantinha a boca muito caladinha.

Marie assumiu um tom sério:

– O Daniel está completamente obcecado com essa ideia e temos de o convencer do contrário.

– A não ser que ele tenha razão – rebateu Charlie, o profeta da desgraça de Saltern.

Jackman assentiu.

– Exatamente. Por isso, de uma maneira ou de outra, temos de descobrir a verdade. E assim que os departamentos importantes acordarem, quero que vocês os três me arranjem tudo o que conseguirem sobre o julgamento da Thayer – transcrições, caixas de provas e, principalmente, os relatórios forenses, pelo menos os que falarem no ADN.

A voz tinha endurecido:

– Precisamos de apresentar ao Kinder provas sólidas antes de começarmos a tentar infiltrar-nos na cabeça dele.

Max assentiu e perguntou:

– E quanto às restrições temporais para o mantermos preso?

– Mesmo que tenhamos de o soltar, o Kinder não vai longe. Ele *quer* estar aqui, provavelmente tanto quanto nós adoramos tê-lo como nosso hóspede.

– E quanto à Alison Fleet e à nossa Desconhecida?

Por muito que Marie quisesse descobrir tudo sobre a sinistra ascendência de Daniel, não queria que os casos que tinham em mãos sofressem.

– Eu assumo as rédeas da Operação Noitibó. O pessoal fardado está a fazer tudo o que é possível e, de qualquer maneira, enquanto não tivermos mais relatórios forenses, vamos continuar a marcar passo.

Jackman estava com um olhar um tudo-nada excessivamente entusiasmado e Marie desejou que a busca de Daniel Kinder não toldasse o julgamento habitualmente arguto do DI.

– Não se preocupem, amigos, isto é trabalho de sapa importante que tem a ver com a investigação sobre a Fleet. Se acontecer alguma coisa que exija que alteremos as prioridades, faço-o em menos de um segundo. Por isso, mexam-se!

Marie observou-o enquanto ele entrava no gabinete e fechava a porta e depois voltou-se para os seus dois detetives.

– Ok, malta, agora somos a brigada dos casos arquivados. Vamos fazer um plano, está bem?

Se o dia tinha começado sombriamente, foi ficando cada vez pior, a ponto de, às duas da tarde, Marie estar prestes a ligar para os Recursos Humanos a pedir uma transferência imediata para uma pequena ilha escocesa. De preferência, só habitada por carneiros.

Pousou com força o telefone no descanso e olhou para ele com uma expressão assassina.

– Não gosto dessa expressão.

Jackman tinha aparecido ao lado da secretária dela.

– Sugere insanidade incipiente ou talvez intenção de matar.

– Considero que ambas as sugestões estão bem posicionadas na lista das possibilidades.

Olhou para ele e atirou as mãos ao ar.

– Isto é inútil! As últimas cinco horas pareceram uma pantomima de miúdos! Mas claramente *sem* piada.

– A Thayer?

– Sim, a seca da Françoise Thayer!

Exalou muito alto e a seguir voltou a deixar-se cair na cadeira, perguntando firmemente:

– Há quanto tempo é que foi este caso? Vinte anos? Não foi assim há tanto tempo no grande esquema das coisas. Tenho um frigorífico que é mais velho do que isso, mas com toda a tecnologia que temos agora na ponta dos dedos, conseguimos obter as informações de que precisamos? O tanas é que conseguimos!

Jackman puxou uma cadeira de uma mesa vazia e sentou-se ao lado dela.

– Devagar e começa pelo princípio.

Marie soltou um gemido.

– Acho que não tenho energia para isso, mas a conclusão é esta: as instalações de armazenamento que tinham as provas do caso Thayer sofreram um incêndio importante há uns 10 anos. As caixas das provas que não ficaram completamente destruídas foram salvas e tiradas apressadamente, sendo transferidas para outros armazéns temporários. Como o caso tinha tido uma conclusão satisfatória e já tinha 10 anos, não lhe foi dado prioridade e agora...

Estendeu as mãos com as palmas viradas para cima.

– Podem estar em qualquer sítio ou em sítio nenhum. Não há registo de que tenham sido cremadas, mas também não há registos delas em nenhum outro armazém. Este rasto está morto, completamente morto.

Os outros dois detetives aproximaram-se vagarosamente deles e Max disse:

– E não é só isso, as coisas também estão bem lixadas pelo facto de a Thayer ser considerada suspeita de outros crimes em França.

Charlie olhou para as notas dele.

– Sim, muitas informações sobre a vida anterior dela parecem ter sido transferidas para o estrangeiro.

A boca de Max pendeu.

– Certo, e com o nosso orçamento, tentar descobrir detalhes que não só estejam na mão de outras forças como noutro país é completamente ridículo.

– Raios! – resmungou Jackman. – Não era disso que estava à espera. E sem provas muito mais fortes que liguem o Daniel ao assassino, o orçamento da polícia, que vocês mencionaram tão ingenuamente, não vai de certeza cobrir longas conversas telefónicas ou viagens ao estrangeiro – rematou, mordendo o lábio inferior. – Atrevo-me a perguntar pelo ADN?

– Pode perguntar – respondeu Marie, coçando a cabeça. – Mas isso foi a razão pela qual acabei de usar o telefone como instrumento terapêutico para expressar a minha fúria.

– Posso fazer uma sugestão só com uma palavrinha? – perguntou Charlie.

Todos os olhos se voltaram para ele, todos claramente a tentar adivinhar qual poderia ser essa palavra.

– Orac. Se houver alguma coisa escondida algures nos nossos sistemas, ela será a pessoa para o descobrir.

Marie sorriu abertamente.

– Às vezes, Charlie Button, gosto mesmo de ti. Mais outra hora a matraquear neste teclado e eu teria acabado num colete de forças.

Levantou-se.

– Vou falar com ela.

Parou e olhou inquiridoramente para Jackman.

– Ou talvez pareça melhor vindo de si, senhor inspetor?

Mas Jackman já estava a voltar para o gabinete. A única coisa que ela ouviu foram as palavras:

– Muito ocupado. Trata tu disso.

Max sorriu trocista para as costas dele.

– Sabem o que é que eu acho?

– Esquece, meu lindo – disse Marie, deitando-lhe um olhar severo. – Nem te atrevas.

Orla Cracken, conhecida por toda a gente, do Chefe da Polícia para baixo, como Orac, não levantou os olhos quando Marie entrou na unidade das TI. De facto, durante um momento assustador, Marie viu Orac como uma espécie de robô, uma parte integrante da sucessão de computadores, monitores e ecrãs que a rodeava. Estava tão imóvel como o teclado à frente dela e na postura direita como um fuso parecia mais um autómato do que um ser humano.

Marie concluiu que Orac era o tipo de mulher que continuaria a ser atraente enfiada numa canadiana e de chinelos felpudos. Não precisava de adereços para dar nas vistas, mas Marie nunca a tinha visto sem aquelas estranhas lentes metálicas.

– Precisamos da sua ajuda – disse Marie baixinho, não querendo perturbar a calma estranha da sala cheia de máquinas.

– E quem é que não precisa? – foi a resposta seca.

Era verdade. Todos os problemas aparentemente insolúveis acabavam na secretária de Orac. E nove vezes em 10, ela encontrava as respostas. O problema era que também tinha de ajudar outras forças da área. A Polícia

de Fenland tinha muito pouca coisa que fosse especial e o orçamento de que dispunha era tão apertado como os das outras, mas tinham Orac e isso era de facto um bem valioso. Infelizmente, ela era demasiado valiosa para guardar para uso exclusivo.

– Encontrámos uma barreira quando estávamos à caça de um caso antigo. Tenho esperança de que possa descobrir qualquer coisa que nos tenha escapado.

Orac voltou-se e deitou a Marie um olhar chocado.

– Espero sinceramente que possa, ou estou no emprego errado.

Os olhos faiscaram intensamente como a superfície brilhante de um CD.

– É importante? Estou enterrada até ao pescoço em trabalho.

– O Jackman acha que é muito importante.

– Mas não veio ele.

– A Orac não é a única que está enterrada até ao pescoço – respondeu Marie. – Temos duas mulheres mortas e um suspeito megaexcêntrico.

– Ah, sim, o Mr. Daniel Kinder, aquele cujo computador examinei ontem – comentou Orac. Erguendo uma sobrancelha, continuou:

– E o seu chefe nem sequer agradeceu a minha unidade com a presença dele depois de eu ter trabalhado como uma escrava durante toda a tarde para ele. Mandou um rapazinho cheio de acne buscar os dados.

Inclinou a cabeça para o lado a imitar uma censura.

– Começo a pensar que ele tem medo de mim.

– O Jackman? Com medo?

Mesmo a ela própria, o desdém de Marie pareceu pouco convincente.

Orac sorriu perversamente.

– Ok, detetive-sargento. Como quiser. Então, precisam de ressuscitar um caso antigo?

Marie explicou. Conseguiu perceber que o processador mental de Orac já estava a trabalhar, já a formular programas de busca.

– Isto parece um bocadinho mais interessante do que andar atrás de contas *offshore* e matrículas de veículos falsas.

Voltou-se para as máquinas.

– Deixe comigo. Ligo-lhe quando tiver alguma coisa para si.

Com um último olhar na direção de Orac, Marie saiu da sala, deixando para trás as máquinas que zuniam e sussurravam e a sua suserana.

Enquanto subia as escadas da cave, perguntou-se por que razão Orac tinha mencionado Jackman por duas vezes naquela curta conversa. Sorriu abertamente enquanto tentava imaginar Jackman e Orac a beber um copo num bar tranquilo qualquer. Talvez não. E a andar de mãos dadas pelo rio ao pôr do sol? Diabos, não! Isso ainda era pior. E a ideia de um jantar romântico num pequeno restaurante íntimo acabou por a fazer resfolegar de riso. Sem dúvida que seria uma completa surpresa. Ninguém sabia nada sobre a vida privada de Orac. Dizia-se que não tinha nenhuma e que a única coisa de que precisava era de uma *hard drive*. Era evidente que uma pessoa tão enigmática como a chefe das Tecnologias da Informação daria origem a especulações. Era um génio, isso era claro, mas os boatos diziam que era uma ex-MI5 e que tinha sido usada como bode expiatório num importante escândalo de pirataria informática. Era por isso que tinha acabado numa insignificante esquadra de polícia rural, a processar números para polícias provincianos. Alguém dissera também que a tinham reformado porque sabia demasiado, mas sobre o quê não se sabia.

Marie não acreditava em nenhuma das teorias que corriam nos corredores, mas tinha de se interrogar por que motivo um cérebro das tecnologias como Orac estava a trabalhar numa esquadra que ficava numa antiga adega em Saltern.

– Agradece as pequenas mercês – murmurou para si própria enquanto se aproximava do andar dela. – A mulher é brilhante e está na *nossa* cave. E para com as fantasias, é mau para a tua tensão arterial.

De volta à secretária, a ideia continuava a atormentá-la. Olhou para o sítio onde Jackman estava numa grande conversa com um agente fardado. Era difícil ser objetiva quando o conhecia tão bem, mas a ideia estranha estava lentamente a deixar de ter tanta graça. Talvez ele fosse mais o tipo de Orac do que ela tinha julgado.

Marie tentou não olhar para ele. Concluiu que Orac não seria influenciada pela boa aparência do inspetor. Seria a mente que interessaria a Orac e Jackman estava bem fornecido nesse departamento. *E* era suficientemente inteligente para saber como moderar a maneira de falar académica. Era capaz de adotar o nível vernáculo da linguagem da rua e o humor negro quando era apropriado. Se calhar, Orac tinha levantado os olhos estranhos do telemóvel ou do *tablet* e visto tudo isso.

– Perguntei se tinha tido sorte.

Marie levantou rapidamente a cabeça e viu Max Cohen a olhar para ela divertido. Nem sequer se tinha apercebido de que ele se aproximara.

– Estava noutra planeta, sargento.

– Oh, não, nem por isso. Estava só a refletir sobre um dos mistérios multifacetados do universo.

– Certo – respondeu Max, deitando-lhe um olhar perplexo. – Bem, quando tiver resolvido isso tudo, diga-me. Entretanto, teve sorte com a Orac?

– Na verdade, ela até pareceu algo interessada. É desse tipo de sorte que andas à procura?

– Parabéns! Já lhe vi desaprovação, indiferença e toneladas de irritação, mas raramente interesse. Diria que acertou na muche.

– Nesse caso, hurra – retorquiu Marie num tom indiferente. – Ela vai telefonar-nos e convidar-nos para o covil quando tiver respostas.

– Ótimo! Posso ir *eu*?

– Não. Não foste antes, para ir buscar os dados do computador do Kinder?

– Não, o chefe mandou o Charlie.

– Ah, então está explicado.

– O quê?

– Nada. Vai trabalhar.

Marie olhou para cima e viu que Jackman a estava a chamar.

Entrou no gabinete e sentou-se numa das cadeiras que o inspetor lhe indicou.

– Recebi o relatório preliminar sobre a Alison Fleet e algumas notas garatujadas sobre a nossa Desconhecida. O ponto mais importante é que parece que foi usada a mesma faca. O estado deplorável da Desconhecida impediu que houvesse alguma coisa positiva para já, mas até o ângulo e a profundidade das feridas das facadas parecem indicar um mesmo assassino.

Jackman abanou a cabeça.

– O Jacobs referiu que ainda há diferenças consideráveis em relação à maneira como os ataques foram feitos, mas também sugere que a morte da Desconhecida pode ter sido o resultado de uma explosão de raiva extrema da parte do atacante, ao passo que a da Alison Fleet foi pensada com cuidado e deliberada.

Marie franziu a testa.

– Mas isso indica de certeza dois assassinos, não? Um organizado e outro desorganizado? E estão em pontos opostos do espectro dos assassinos em série, não estão? Duas criaturas muito diferentes?

– Se estivéssemos a falar de assassinos *em série*, sim, tens razão, mas e se a primeira morte não foi premeditada e só depois de ela estar morta é que o nosso homem descobriu a sua verdadeira vocação?

– É possível.

Marie matutou na ideia. Muito possível, de facto. Como Charlie tinha dito, tinham de começar por qualquer lado e embora estes assassinos geralmente escalassem através da crueldade, comportamento sádico, assalto sexual e violação para rapto e homicídio, havia sempre a possibilidade de um estímulo accidental fazer explodir a cabeça já desarranjada.

Jackman agarrou num relatório.

– O Jacobs diz que quem quer que tenha matado a Alison Fleet foi metuculoso ao máximo. Até agora, o laboratório forense não encontrou nenhuma prova residual deixada pelo assassino, não há impressões digitais, sangue, fluidos, cabelos ou fibras na cena e se isso quer dizer que se não podemos pôr o Daniel Kinder lá, também não podemos pôr outra pessoa qualquer.

– Então não podemos provar que ele lá esteve, mas também não podemos provar que não esteve. Maravilhoso!

– É complexo, lá isso é verdade.

Passou os dedos pelos cabelos.

– E também não houve correspondências na lista das pessoas desaparecidas com a nossa mulher desconhecida.

– Disse que ela trazia roupa de *designer*? Obviamente, não é uma marginal nem uma fugitiva, por isso, porque é que uma mulher assim não foi dada como desaparecida?

– Podia ser uma mulher de negócios? Alguém que viaje muito? Solteira? Sem dependentes? Se calhar, até mesmo sem família chegada?

– Talvez estrangeira?

– Pode ser. E também pode continuar a ser uma fugitiva. As lojas de caridade e sítios como o Exército de Salvação distribuem roupa dada. Alguma dela é de boa qualidade. Temos de saber os resultados completos da autópsia para conhecermos o estado do corpo dela antes da morte para responder a isso.

– Ou de ter alguém a ligar-nos implorando que encontremos a filha, a mulher ou a namorada adorada.

– Achas que vamos ter essa sorte toda? – perguntou Jackman amargamente.

– Provavelmente não, mas não devemos ser tão negativos.

– Desculpe, senhor inspetor, mas a superintendente Crooke pediu-me para lhe comunicar uma mensagem – disse Charlie, inclinando-se para dentro da porta de Jackman. – Pergunta se pode ir imediatamente ao gabinete dela e diz, e passo a citar, “que vai ficar em dívida para com ela”.

Voltou-se para Marie.

– E a senhora também, sargento.

Marie fez um gesto de concordância para Charlie e depois ergueu uma sobrancelha para Jackman.

– Nada menos do que uma convocatória real. É melhor fazer o que ela diz. Talvez aquele comentário sobre a sorte tenha sido um presságio.

Quando se aproximaram do gabinete da superintendente, ouviram vozes que vinham de dentro da sala e Marie parou, uma mão a agarrar o cotovelo de Jackman e a puxá-lo para trás.

– Espere! – disse com veemência.

Havia uma intensidade estranha na voz dela e Jackman apercebeu-se de que a sargento ainda tinha os dedos a agarrarem-lhe as mangas do casaco com força.

– O que é que se passa?

– Aquela voz. Conheço-a de algum sítio. É o Professor Guy Preston.

Jackman pensou furiosamente. O nome fazia-lhe soar campainhas no cérebro, mas não o inundou com uma torrente de informações.

– Bem – disse com um sorriso. – Sempre é uma novidade conheceres alguém que eu não conheço.

Marie abanou a cabeça.

– Isto é incrível! Não fazia ideia de que ele tinha voltado para esta área.

– Perdi-me. Quem é o Guy Preston?

– É um psicólogo de topo, senhor inspetor. Noutros tempos, quando eu era uma detetive inexperiente, ele ajudou-nos com o caso Austin... bem, as coisas ficaram um bocado feias a dada altura...

A voz esmoreceu-lhe.

– Olhe, conto-lhe o que aconteceu quando estivermos sozinhos. É uma coisa sobre a qual não quero que ninguém fique com a ideia errada e que não é exatamente do conhecimento geral.

– Agora, estou mesmo interessado – sussurrou Jackman. – Mas é melhor não deixarmos a superintendente à espera. Contas-me mais tarde e promete que não deixas nada de fora – rematou, olhando para ela com os sobrolhos franzidos.

Marie ignorou-o e endireitou os ombros quando entraram no gabinete.

Foi então que se fez luz para Jackson. Preston tinha escrito uns ensaios muito interessantes que tinham feito parte das leituras obrigatórias de Jackson em Cambridge. Era um homem poderoso, um psicólogo sem papas na língua, mas respeitado, e Jackman perguntou-se como Ruth Crooke teria conseguido esticar o orçamento a ponto de conseguir contratar um homem com aquela estatura profissional.

– Julgo que vocês os dois já se conhecem – disse a superintendente, olhando de Marie para o psicólogo.

Marie estendeu a mão.

– É um prazer ver-te novamente, Guy, e sem dúvida uma surpresa.

Voltou-se para Jackman e apresentou-o.

O aperto de mão era firme, mas não de esmagar os ossos. Jackman viu um homem de 40 e muitos anos, com o cabelo a ficar grisalho mais comprido do que o normal, embora muito bem cortado. Uma barba curta e bem aparada. A única coisa que estragava o que Jackman considerou ser uma beleza elegante à «Indiana Jones» era uma velha cicatriz irregular na cara que nem a barba conseguia disfarçar.

– DI Jackman, é um prazer conhecê-lo... e Marie, nem consigo exprimir-te como é bom voltar a ver-te. E agora és detetive-sargento? É uma excelente notícia.

Estou a ver, pensou Jackman, com que então tratam-se por tu, hem?

– O Professor Preston está a trabalhar no antigo hospital militar em Frampton Shore. Tem um papel fundamental na nova unidade psiquiátrica vigiada que vai ser inaugurada ainda este ano.

A superintendente esticou ao máximo os lábios finos.

– E, muito amavelmente, aceitou o meu pedido de nos presentear com a sua mestria.

Preston levantou as mãos, as palmas voltadas para cima.

– Não é nada de extraordinário. Neste momento, estou num certo impasse. O trabalho no edifício está num nível crítico. Estão a instalar os sistemas de segurança. O sítio está interdito a toda a gente, exceto aos peritos de segurança, aos trabalhadores da construção civil e ao círculo deles. Não me pareceu que valesse a pena voltar para Northumberland, por isso...

Sorriu.

– Se puder ajudar, ótimo.

Jackman estava a tentar recordar-se de algum dos trabalhos de Jackman. Bingo! Houve qualquer coisa que encaixou.

– O senhor escreveu um ensaio importante sobre psicopatas femininas: *Quando a Consciência Não Existe*.

– Bom Deus! E eu que pensava que só uma mão cheia de estudantes a morrer de aborrecimento se tinham dado ao trabalho de o ler.

– Eu li-o e fi-lo voluntariamente. É um estudo fascinante.

– Obrigado.

Jackman pensou que o homem parecia uma pessoa que ensinava ioga ou Tai Chi. Tinha uma aura de calma, uma qualidade boa num psicólogo. Os doentes confiariam nele muito facilmente. Olhou de relance para Marie e viu-lhe uma mistura de emoções na cara. Isso desconcertou-o.

– A superintendente Crooke contou-me o caso em traços gerais, mas talvez um de vocês me possa dar os pormenores? – disse Preston, olhando para Marie.

Se Jackman não soubesse que Marie tinha tido um casamento feliz durante muitos anos até o marido morrer, poderia ter pensado que havia uma história naqueles olhares eloquentes.

– Não há problema – respondeu Jackman rapidamente. – Venha até à sala do DIC connosco. Pode conhecer o resto da equipa e...

Olhou para Preston.

– Gostaria realmente muito da sua opinião sobre uma decoração estranha e obsessiva de uma parede, feita pela pessoa que temos detida.

Segurou a porta aberta e o psicólogo e Marie saíram. Jackman voltou-se para Ruth Crooke.

– Tinha toda a razão, senhora superintendente. Fico a dever-lhe uma.

– É bom que acredite nisso, detetive-inspetor Jackman, e, um dia, vou cobrar-lha, pode crer.

Dirigiu-lhe um pequeno sorriso. Não era muito, mas disse-lhe que ela estava de facto do lado dele e que se lixasse o orçamento.

Lá em baixo, fizeram a Preston uma rápida visita guiada ao departamento. Enquanto Max mostrava ao psicólogo a reconstituição que tinham feito da parede de Daniel Kinder, Jackman chamou Marie de parte.

– Então já tinhas trabalhado com o Preston? – perguntou-lhe baixinho.

– Bem, como lhe disse, eu era apenas uma técnica muito novata, mas ele foi uma ajuda enorme numa investigação complexa e muito delicada. Diria que foi determinante para tirar o Terence Marcus Austin das ruas para toda a vida.

– Mas se eras uma subordinada tão insignificante, como é que acabaste a tratar por tu uma pessoa tão importante?

Jackman esperava que a pergunta não soasse a uma certa inveja.

– Salvei-lhe a vida – retorquiu ela, abanando a cabeça. – Olhe, podemos falar disto mais tarde?

Olhou para onde Preston estava parado a olhar para o quadro.

– É melhor ir falar com ele. E, senhor inspetor, temos muita sorte por o ter. Se alguém conseguir compreender o Daniel, será o Guy Preston. Nunca conheci ninguém que conseguisse penetrar numa mente doente como este homem.

Jackman ainda estava a tentar entender a frase dela. Salvara-lhe a vida? Conseguiu fazer um aceno de assentimento e transportar-se para o presente.

– A julgar pelos trabalhos académicos dele, percebo muito bem o que estás a dizer.

– Posso conhecer o artista? – perguntou Preston, a olhar atentamente para a reconstituição.

– Claro.

Jackman apontou para o gabinete.

– Mas, primeiro, um café, e depois vamos pô-lo a par do que sabemos até agora, ok?

Preston sorriu.

– Parece-me bem. Comece.

Meia hora depois, Guy Preston recostou-se na cadeira e soltou um longo suspiro.

– Acho que preciso de o ver antes de fazer algum comentário, mas tudo o que me disseram até agora diz-me que o Daniel Kinder está apenas alucinado, bem, obcecado, pela própria crença de que é filho de uma assassina. Tenho muitas dúvidas de que tenha matado quem quer que seja.

– Também é o que pensamos, mas temos de o provar. Um erro da nossa parte pode custar a vida a alguém – retorquiu Jackman sombriamente.

– E o seu emprego também, ou não será assim?

– Se eu puser um assassino outra vez nas ruas, então acredite que serei o primeiro a pôr o pescoço no cepo. E de qualquer maneira – acrescentou quase para si próprio, – nunca serei capaz de viver comigo mesmo se puser inocentes em perigo.

Marie sorriu para Preston.

– O meu chefe tem consciência.

– Céus! Isso é uma raridade nos dias que correm.

Preston olhou pensativamente para Jackman, que teve uma arrepiante sensação de desconforto. Estava a ser escrutinado por um psicólogo importante e não conseguiu deixar de se questionar sobre o que ele estaria a ver. Forçou um sorriso e mudou de assunto:

– Vou ligar ao sargento responsável para o levar para uma sala de interrogatórios.

Preston afagou o queixo pensativamente.

– Excelente, mas, antes de o fazermos, acho que vos devo dizer que sei bastante sobre a Françoise Thayer. Passei muito tempo a pesquisá-la e a um par de outras assassinas com a intenção de escrever um livro sobre elas. Na realidade, é muito estranho que a superintendente Crooke tenha decidido incluir-me nisto.

– Então, provavelmente sabes mais sobre a maneira de pensar da Thayer do que qualquer outra pessoa e estás aqui sentado no gabinete do chefe!

Marie parecia encantada.

– Mais ou menos, mas sugiro que não digamos ao Daniel.

Jackman pensou naquilo e depois disse:

– Percebo a sua ideia.

Olhou para Marie, a seguir para Preston e explicou tudo sobre a documentação desaparecida relativa ao julgamento do homicídio e a perda das caixas das provas.

A cara do psicólogo passou de inexpressiva a atónita.

– Mas isso é uma farsa! A Thayer foi uma das assassinas mais frias, mais manipuladoras e cruéis que este país alguma vez conheceu! E todos os dados jurídicos sobre ela desapareceram?

– Para todos os efeitos. Desapareceram – disse Marie.

– Pode ter sido um ato deliberado?

Marie abanou a cabeça.

– Não estou a ver porquê. É muito mais provável ser o raio de uma grande cagada – respondeu, fazendo uma carranca. – E podes crer que elas acontecem mesmo.

A expressão carrancuda desapareceu.

– Mas temos uma grande especialista informática que está a procurar tudo o que ficou a flutuar no éter relacionado com este caso antigo. Com a ajuda de vocês os dois, é possível que acabemos por ficar com uma história bastante completa.

– Bem, se isso puder ajudar, penso que poderei, provavelmente, deitar a mão a alguma da minha pesquisa antiga. Como já disse, foi uma coisa a que me dediquei há vários anos, por isso não está no meu portátil, mas as cópias em papel estarão arquivadas – explicou o psicólogo, passando a mão pelo cabelo. – Felizmente, o meu trabalho e os meus apontamentos já estão comigo, no meu apartamento. Só alguns dos meus pertences pessoais ainda estão em Northumbria.

– Está a planear mudar-se para aqui permanentemente quando a nova unidade psiquiátrica abrir? – perguntou Jackman.

– Oh, sim. Deram-me um chalé feito de propósito nos jardins. Muito nórdico e espaçoso, mas até que o meu contrato comece, aluguei um apartamento em Hanson Park.

– Muito agradável.

– Demasiado parecido com Stepford para mim, gosto da minha privacidade, do meu próprio espaço, mas é um sítio onde ficar até a minha nova casa estar acabada.

– E tem família no Norte?

– Na verdade, não – respondeu, a cara a toldar-se ligeiramente. – A minha mulher morreu o ano passado, por isso já não há muita coisa que me prenda lá. Era a terra dela, não a minha.

– Lamento ouvir isso – retorquiu Jackman. – E, por favor, desculpe-me. A minha curiosidade de polícia levou a melhor sobre as minhas maneiras.

Levantou o telefone, carregou na extensão para a prisão e falou com o sargento.

– O Kinder estará na sala de interrogatórios dentro de 10 minutos.

Enquanto Marie e Preston conversavam sobre o novo projeto na unidade vigiada, Jackman teve oportunidade de observar mais atentamente o novo colega. Não levou muito tempo a perceber que a cara não era a única parte dele que estava marcada por uma cicatriz. Havia uma marca feia nas costas da mão esquerda. Jackman perguntou-se por que razão Guy Preston não tinha feito uma cirurgia plástica, especialmente à cara. A cicatriz estava vermelha e arrepanhada e Jackman não conseguia perceber por que razão havia de lá continuar. Tendo recursos para um apartamento em Hanson Park e sendo suficientemente importante na profissão para ter sido convidado a chefiar uma unidade psiquiátrica nova, Preston dificilmente estaria na miséria e, mesmo que estivesse, o ferimento era suficientemente grave para garantir que o NHS se encarregaria de resolver o problema. Por isso, porquê deixá-la?

Jackman levantou várias teorias na cabeça. Algumas mulheres achavam que as cicatrizes eram atraentes. Consideravam que davam ao homem que as ostentava uma aparência viril, dura. Outras mulheres achariam que eram um sinal de vulnerabilidade e isso também podia ser sedutor. Ou não teria nada a ver com atração sexual? Preston teria medo da faca? Um amigo do pai de Jackman, um destacado cirurgião torácico, tinha pavor de operações. Esse medo quase lhe custara a vida quando um aneurisma ameaçara rebentar. Então, qual seria a história de Preston?, pensou e depois olhou para o relógio.

– Muito bem, são horas de irmos. O Mr. Kinder está à nossa espera.

Daniel estava sentado em silêncio, à espera do novo interrogatório. A única outra pessoa na sala era uma guarda fardada que estava em silêncio. Estava satisfeito por a mulher não ter nada para lhe dizer, porque estava com uma dor de cabeça tremenda.

Num espaço de poucos dias, a vida de Daniel tinha-se tornado uma série de contradições horríveis. Queria desesperadamente estar com Skye, mas também queria que ela estivesse longe dele. Queria estar a salvo em casa, mas também ansiava pelas fechaduras na porta da cela. Ansiava por dormir, mas tinha medo de o fazer por causa dos sonhos. E, mais do que tudo, queria conhecer a verdade sobre si próprio. Mas outra parte dele tinha pavor de descobrir.

A sala encheu-se de pessoas.

Daniel prestou atenção enquanto o agente mais velho tirava uma fita nova da embalagem e a colocava na máquina. Depois escutou enquanto o detetive-inspetor se apresentava e convidava os outros a fazerem o mesmo.

– Daniel, tens alguma objeção a que o Professor Guy Preston esteja presente e que fale contigo durante este interrogatório? Ele é um perito médico.

Daniel olhou diretamente para o homem barbudo e soube instantaneamente que tipo de medicina é que ele praticava, mas achou que devia fazer a pergunta na mesma.

– Qual é a sua área?

– O Guy Preston é psicólogo – esclareceu a detetive-sargento.

– E se não se importar de falar comigo, prometo que lhe digo a verdade, seja ela qual for – acrescentou Preston.

– Tem alguma especialidade? – perguntou Daniel calmamente.

– Sim. Sou psicólogo forense e consultor em investigações no que diz respeito a aspetos comportamentais. Trabalho com a polícia em casos de crimes graves.

– Como homicídios?

– Entre outras coisas.

– Ótimo – disse Daniel, sentindo qualquer coisa como uma sensação de alívio a percorrê-lo. – Se lida com assassinos, vai compreender que não estou a mentir.

Preston olhou pensativamente para Daniel.

– Estava a falar a sério quando disse que te diria a verdade, Daniel. Estás preparado para isso?

– Estou.

Daniel fechou os olhos e sentiu o ardor por trás das pálpebras.

– Acredito que sou filho da Françoise Thayler. Acredito que matei a Alison Fleet. Quero provas disso.

– Não estou aqui para provar seja o que for. Isso compete aos detetives, mas vou ouvir-te e dar-lhes a minha opinião informada.

Daniel sabia que era o melhor que podia pedir. Aquele homem lembrava-lhe o psicólogo infantil de todos aqueles anos atrás. Era assustador saber que podemos ter de enfrentar os nossos demónios, mas também era tranquilizador poder exprimir os nossos medos e não sermos ridicularizados.

De repente, o homem sorriu-lhe e, mais uma vez, ele voltou a ser um rapazinho, com espaços em branco, falhas na vida. Falhas que o assustavam mais do que qualquer papão ou monstro vampiro.

– Ok, Daniel. Vamos começar pelo princípio.

[9] N.T.: Campanha intensiva e sistemática de bombardeamentos estratégicos realizada na Segunda Guerra Mundial pela Luftwaffe – a aviação alemã – contra o Reino Unido, entre 7 de setembro de 1940 e 10 de maio de 1941.

CAPÍTULO DEZ

Charlie Button empurrou a cadeira para longe do computador e esfregou os olhos.

– O que é que pensas do psicólogo, Max?

– Desculpa lá, meu querido, mas tenho problemas com pessoas que têm mais células cerebrais do que o meu ecrã tem pixéis. Acabei de o googlar e o tipo é um académico com «A» maiúsculo. Tem títulos a dar com um pau e publicou mais ensaios em jornais científicos do que tu comeste jantares quentes.

Max inchou as bochechas e acrescentou:

– No entanto, se ele nos puder ajudar com o doido varrido do Daniel, para mim o gajo é um porreirão.

– Vai ser o manda-chuva da nova unidade vigiada de Frampton – disse Charlie, arrepiado. – Eu não ia querer passar a minha vida inteira num sítio desses, na companhia de malucos.

– Olha quem fala! – riu-se Max. – Passas a tua com tratantes e bandidos! Charlie assentiu.

– Sim, mas sabes em que pé estás com criminosos, não sabes? Com doidos, bem, não há lógica, pois não?

– Há lógica, sim – retorquiu Max com uma cara séria. – Só que é retorcida. É a lógica *deles* e faz tudo sentido para eles. É por isso que conseguem fazer as coisas que fazem.

Max moveu o cursor pelo ecrã do computador e endireitou-se na cadeira a olhar para o documento a que tinha acabado de aceder.

– Ora vejam só.

Charlie levantou a cabeça.

– Encontrei alguma coisa?

– Não tenho a certeza. Estou a investigar o passado da Alison Fleet e descobri que ela foi casada antes, quando era novinha. É curioso que o marido não nos tenha dito. É uma coisa importante, não é?

– Se calhar, ela nunca lhe contou. Há pessoas que são muito privadas em relação ao passado e pode ter sido um casamento mau.

– Seria difícil guardar segredo de uma coisa dessas. Afinal de contas, haveria certificados e coisas desse tipo que se saberiam.

Encolheu os ombros.

– Mesmo assim, poderia ser feito, suponho. Se calhar, tenho de descobrir o que é feito do primeiro marido da Alison Fleet e ver o que aconteceu à relação deles.

– Boa ideia. Ainda estou a tentar identificar a Desconhecida e não estou a ter sorte nenhuma.

Max pensou no corpo em decomposição na cave da cerveja do Drover's Arms e arrepiou-se. Por qualquer razão, queria desesperadamente que ela tivesse um nome. Precisava de ver uma fotografia da mulher real, da rapariga linda e ativa que, com toda a probabilidade, ela devia ter sido, não aquela coisa horrível em decomposição no chão da cave. Um nome e uma cara dar-lhe-iam ao cérebro uma imagem digna em que se concentrar, ou que permitisse que a outra imagem de pesadelo se desvanecesse um bocadinho. Sabia que nunca desapareceria por completo, mas uma cara humana, uma rapariga com um nome próprio tornaria tudo mais fácil.

– Continua, meu amigo obstinado. É vital que saibamos quem ela é.

– Isso é mais fácil de dizer do que de fazer, mas tens razão. Não tenho qualquer dúvida de que há alguém a arrepiar os cabelos, querendo saber onde é que ela está.

Virou-se para o ecrã e murmurou:

– Ok, Button, tenta olhar para isto de um ângulo diferente. Vamos esquecer esta coisa de localizar a mulher e voltar a centrar atenções na roupa dela.

A cara juvenil adquiriu uma expressão determinada.

– Não te preocupes, Desconhecida, vamos descobrir o teu nome. Prometo-te.

Skye abriu a porta da transportadora da gata, fez uma festa na cabeça sedosa e enfiou o animal desconfiado e a protestar dentro da caixa.

– Desculpa, fofinha, mas não te posso deixar aqui sozinha e como não tenho intenção de ir e vir todos os dias, vens comigo.

Olhou para o saco de compras cheio de comida de gato, leite e guloseimas felinas e depois para a caminha e a caixa de areia.

– Tenho a impressão de que isto vai ser uma curva de aprendizagem para nós as duas, gatinha Asti.

Não era uma solução perfeita. Skye não tinha a certeza de que a pequena e suave caçadora se habituasse a ser uma gata de casa, mas valia a pena tentar. Quanto menos tempo Skye passasse na casa de Daniel, melhor. A última noite que lá passara sozinha tinha-a deixado transtornada por completo. Os *media* tinham martelado na porta e houve vários telefonemas anónimos às primeiras horas da manhã. Tinha-se levantado cedo, agarrado nos uniformes, roupa e produtos de higiene pessoal e, seguindo por um caminho sinuoso, tinha guiado até ao apartamento. Asti era o único problema, mas como estava convencida de que não conseguiria enfrentar a enorme quantidade de imprensa que estaria amontoada à porta de Daniel, a gata teria de ir para um gatil ou tentar a sua sorte como companheira de casa no apartamento de duas divisões no rés do chão.

Por isso, ali estava ela em casa de Daniel e, se tudo corresse bem, pela última vez até voltar a ter a companhia do seu adorado e confuso namorado. Fosse lá isso quando fosse.

Já tinha tirado do frigorífico tudo o que se pudesse estragar e verificado se o atendedor de chamadas estava ligado. Agora estava a dar uma volta a tudo para se certificar de que as portas e janelas estavam todas trancadas.

– Muito bem, *Cat-astrophe*^[10], estás preparada para a tua primeira sessão fotográfica com a imprensa de Saltern?

A gata soltou um miado lamentoso.

– Sei exatamente como te sentes. Mas vamos lá acabar com isto, está bem?

Skye ligou o sistema de alarme e abriu a porta da frente.

Por essa altura, já devia estar habituada aos *flashes* brilhantes, mas soltou um resmungo zangado, agarrou a transportadora com mais força e abriu caminho até ao carro. As perguntas choveram-lhe em cima e os

jornalistas enfiaram-lhe as máquinas fotográficas na cara, mas ela continuou de lábios cerrados, esperando secretamente conseguir atropelar um ou dois quando arrancasse.

Era irónico. Tinha-se sentido sempre tão orgulhosa por Daniel ser um jornalista e agora ali estava a afastá-los como se fossem um enxame de mosquitos infetados com malária.

Olhou pelo espelho retrovisor quando entrou na estrada e ficou desapontada por ver que não havia corpos espalhados pelo cascalho.

– Não te preocupes, apanhamo-los da próxima vez – disse para a gata. – Agora, agarra-te ao teu arranhador, vamos seguir a estrada panorâmica, só para o caso de termos alguém no nosso encalço.

A viagem demorou o dobro do que devia e quando entrou na área de estacionamento, nas traseiras dos apartamentos, Skye ficou aliviada por a encontrar vazia.

Tavernier Court consistia nuns velhos edifícios ferroviários em tijolo vermelho convertidos de forma agradável, com umas lindas telhas de ardósia cinzentas. O arquiteto tinha mantido o maior número possível das características originais, sem fazer o sítio parecer um parque temático de *Thomas the Tank Engine*^[11].

Nenhum dos apartamentos tinha mais de duas divisões, o que queria dizer que era uma urbanização relativamente sossegada e com poucas crianças e isso agradava a Skye. Não queria dizer que não gostasse de crianças, mas crianças entediadas durante as férias escolares podiam criar problemas no que dizia respeito ao trabalho por turnos.

Quando estacionou no lugar reservado, sentiu uma onda de alívio. Adorava a casa dela. Desde a primeira vez que lá tinha entrado, sentira-se em paz. Sentia-se segura ali, uma coisa que nunca sentira na casa cara de Daniel. Todos os dias dizia uma pequena oração de agradecimento à avó por lhe ter deixado o dinheiro para o sinal. Só o emprego nunca lhe teria permitido comprar um apartamento em Tavernier Court. Não era grande, mas era aquilo a que todos os agentes imobiliários se referiam como «uma localização muito apreciada».

Trancou o carro e dirigiu-se para a porta de entrada. Abriu-a e levou a gata para dentro. Depois de ter ido buscar todos os sacos, fechou a porta e abriu a porta da transportadora.

– Bem-vinda à tua nova casa – disse a Asti.

A gata saiu, a cauda a abanar furiosamente.

– E então? O que é que achas?

A gata deambulou regamente à volta da casa, cheirando a mobília a medo. Não parecia muito satisfeita com a mudança inesperada de residência.

– Acredita no que te digo, é melhor do que o Cats’ Hotel, por isso, se fosse a ti, começava a mostrar-me só um bocadinho entusiasmada com o local das tuas férias.

Encostou o tabuleiro de plástico à parede da entrada, abriu o saco da areia e despejou-a lá para dentro.

– Bem, vamos começar pelo princípio. Espeta-me essas orelhas porque vou explicar-te as regras da casa – disse, olhando para a gata com um olhar firme. – Na realidade, só há uma regra – rematou, apontando para o tabuleiro. – Compreendeste, carinha peluda?

O telemóvel tocou antes de ela ter tido resposta. De repente, Skye sentiu-se apreensiva. Ao vir para casa, tinha-se sentido momentaneamente longe de todos os problemas recentes. O que seria agora? Olhou para o ecrã.

– Olá, sargento Evans. Está tudo bem?

A voz de Marie Evans soou-lhe calma:

– Sim, isto é só para a manter atualizada e para saber como é que está. Sabemos que a imprensa anda a persegui-la.

– Voltei para a minha casa, sargento. Ia ligar-lhe para lhe dar o meu número de casa. Acho que não fui feita para lidar com os *paparazzi*.

– Fico contente por ouvir isso. Teria de ser uma psicopata para gostar desse tipo de atenção.

A sargento Evans hesitou e depois continuou:

– Lamento, mas não há notícias da Tailândia. Encontrar a Ruby Kinder é como procurar uma agulha num palheiro. O mapa que parecem estar a usar é tão útil como uma folha em branco.

– Estou preocupada com a casa – disse Skye. – Tem coisas lindas e odiaria que houvesse um assalto. Sinto-me responsável.

– Na realidade, o problema não é seu, Skye, mas vou garantir que os nossos polícias de giro a mantêm debaixo de olho, agora que sabemos que está vazia.

– Isso seria ótimo. Obrigada – retorquiu Skye, soltando um suspiro. – E como é que está o Daniel?

– Isso leva-me à minha segunda razão para lhe ligar. Ele está bom... quer dizer, parece bem neste momento. Mais descontraído e acessível.

– Posso vê-lo?

– O DI Jackman pergunta se poderia vir cá ao princípio da noite, por volta das seis, se for conveniente para si. Há umas coisas que gostaríamos de discutir consigo e uma pessoa que gostaríamos que conhecesse. Depois de falarmos, pode estar um bocado com o Daniel.

Para seu horror, Skye percebeu que uma parte dela tinha medo de ver Daniel, de o ver numa esquadra. Era tão *injusto*. Daniel tinha tanto de assassino como o Scooby Doo de *pit bull*. Porém, tinha de o ver. Queria realmente vê-lo, precisava de o fazer. Precisava de o abraçar – embora não conseguisse imaginar que o pudesse fazer.

– Lá estarei, sargento. Mas quem é a pessoa que querem que eu conheça?

– Um homem chamado Guy Preston. É médico, Skye. O Daniel falou com ele e eu estou convicta de que já está a fazer diferença.

Skye fechou os olhos. Um psiquiatra. A seguir, iam encher o Daniel de químicos e transformá-lo num *zombie* com todo o génio criativo de uma abóbora.

– Acho que vai gostar do Professor Preston, Skye. É um homem muito importante no campo dele e garanto-lhe que está verdadeiramente interessado no bem do Daniel.

Tenho as minhas dúvidas, pensou Skye.

– É psiquiatra?

– Não. É psicólogo forense. Uma grande diferença. E é bom – pode acreditar que isto é dito por uma pessoa com conhecimento de causa.

– Ok.

Skye sabia que Daniel precisava de ajuda e aquele homem podia ser a resposta às preces dela. Marie Evans tinha razão, havia uma grande diferença entre as duas coisas. Se um bom psicólogo visse os problemas de Daniel como eram realmente, podia ser que, finalmente, lhe tratassem da cabeça e ele pudesse voltar para casa.

– Obrigada, sargento Evans. Estarei aí às seis horas.

Skye desligou o telefone, que voltou a tocar de imediato.

– Já estás em casa?

– Oh, Lisa, sim. Cheguei há uns minutos. Estava só a instalar a gata para depois te enviar uma mensagem.

– Acabei mais cedo hoje e pensei ir ver como estavas antes de ir para casa.

– Estou ótima. Bem, estou ótima agora que saí daquela casa. Ontem à noite, estava bastante assustada.

Skye observou Asti a deambular pela sala e a dar uma patada na folha de uma das plantas de interior.

– E obrigada pela ajuda. Agradeço mesmo muito.

– O prazer foi meu, adoro limpar a porcaria deixada por homens com botas enlameadas que andaram a dar cabo de uma propriedade linda. É um passatempo meu.

– Nesse caso precisas de sair mais – disse Skye com uma gargalhada. – Ou de te dedicares ao origâmi.

– Pareces mais animada.

– Vou ver o Daniel mais tarde.

– Ah, isso explica tudo. Bem, é melhor deixar-te continuar com as tuas tarefas, mas se precisares de alguma coisa, liga. Tens o meu número.

Lisa fez uma pausa.

– Mesmo que seja tarde e só queiras falar depois de teres estado com a tua cara-metade, sou notívaga, por isso estás à vontade para me telefonares.

– Sou capaz de o fazer. E, mais uma vez, obrigada por ontem. Foste mesmo a minha salvação.

Skye foi para a cozinha e descobriu recipientes para a comida de Asti e outros apetrechos felinos. Deu uma olhadela ao relógio da cozinha, uma cópia *shabby-chic* de um relógio rústico francês, e concluiu que só tinha tempo para fazer algumas compras antes de ir para a esquadra. Depois questionou-se se seria justo sair e deixar a gata sozinha antes de o animal se ter instalado como devia ser. Espreitou pela porta para a sala e viu Asti enroscada numa bola no sofá.

– A culpa é minha, acho. Devia ter-te explicado a regra cá de casa sobre animais e mobília – atirou, agarrando na carteira e nas chaves. – Mas como estás obviamente tão confortável, vou às compras. Estás de acordo?

Asti bocejou. Skye abanou a cabeça e foi ao Tesco.

[10] N.T: Jogo fonético em que autora faz uma brincadeira com as palavras «*cat*» (gato) e «*catastrophe*» (catástrofe).

[11] N.T.: Série de livros infantis britânicos de grande sucesso, da autoria do Reverendo Wilbert Awdry, cujo primeiro capítulo foi publicado em 1945 e que, em 1984, foi adaptada à televisão, tendo como título português *Thomas e os Seus Amigos*.

CAPÍTULO ONZE

A seguir ao interrogatório a Daniel, Guy Preston disse que ia a casa para tentar encontrar a pesquisa antiga sobre Françoise Thayer, mas que voltaria de certeza para a reunião com a namorada de Daniel.

Marie deu por si sozinha com Jackman no gabinete deste. Sabia que o chefe estava morto de curiosidade sobre a relação dela com Preston e decidiu que era melhor poupar-lhe o sofrimento. Deixou-se cair na cadeira das visitas e sorriu-lhe fatigadamente.

– Está tudo bem, não o vou obrigar a suplicar. Por isso, se estiver confortavelmente sentado, vou começar.

Jackman acomodou-se no cadeirão e olhou para ela, expectante.

– Há muito tempo, durante um interrogatório particularmente problemático ao muitíssimo perigoso Terence Marcus Austin, as coisas deram para o torto, como se costuma dizer.

Marie começou a descrever o que tinha acontecido. Foi transportada para a sala pequena e abafada onde estava sentada com três outras pessoas, mais um homem que mais tarde descobriu ser um psicopata treloucado.

Guy Preston sentou-se à frente de Austin, que ainda era apenas um suspeito, e observou-o atentamente.

Marie sentia-se constrangida e não fazia ideia porquê. Todos os outros interrogatórios tinham parecido um jogo em que Austin tentara ser mais esperto do que o psicólogo.

Mas, naquele dia, Austin estava autenticamente noutro mundo. Resmungava baixinho e incoerentemente e parecia que estava a falar e a ouvir atentamente alguém de que só ele tinha consciência. Por mais que Preston o adulasse e tentasse convencer, Austin não queria saber.

Terence Austin era um enigma, muito diferente daquilo que se esperava que um assassino fosse. Era bem-disposto, inteligente e tinha uma aparência arrumadinha que não teria destoado num anúncio de champô para homem. Dera sempre a ideia de estar ansioso pelas sessões com o Professor Preston, mas, naquele momento, Marie estava a sentir-se alarmada.

– Talvez devêssemos suspender este interrogatório, Professor?

Dois guardas prisionais estavam de pé, em silêncio, ao fundo da sala e um tossiu. Marie interpretou isso como uma concordância com a avaliação dela, mas Guy Preston abanou a cabeça vagarosamente e, numa voz calma, respondeu:

– Tenho a certeza de que o Terence quer conversar. Não queres, Terence?

Austin estava sentado a balançar-se para a frente e para trás, os dedos de ambas as mãos a tocarem-se ao de leve e a formar um arco, mas não disse nada.

– Bem, mesmo que resolvas não falar, a tua linguagem corporal está a dizer-me tudo o que preciso de saber neste momento.

Preston começou a tirar apontamentos numa letra muito pequena e precisa.

– Consegues ser muito transparente quando te comportas assim. É um comportamento muito típico.

Era evidente que o Professor queria irritar Austin, mas ela não sabia porquê. Seria para o despertar do estado em que se encontrava? Para fazer Austin perceber que Preston estava cansado daquela representação? Marie achou que o Professor estava a avançar por terrenos bastante escorregadios.

– Lamento muito.

A voz soou suave e cheia de contrição. Foi uma surpresa para Marie. Tinha estado à espera de uma grande explosão de raiva.

Austin pousou delicadamente as mãos na mesa, uma por cima da outra. Tinha a cabeça ligeiramente curvada e parecia que estava a rezar ou a pedir perdão.

Foi então que Marie lhe viu o brilho nos olhos.

Os segundos seguintes foram um pandemónio. Os acontecimentos desenrolaram-se numa estranha câmara lenta.

Repentinamente, a mão de Austin galvanizou-se e agarrou na caneta de Preston. Antes que qualquer dos agentes presentes se conseguisse mexer, espetou-a violentamente na cara do psicólogo. Preston, inclinado sobre as notas, não se apercebeu de nada. Virou-se ligeiramente e essa ação, provavelmente, salvou-lhe o olho, mas não conseguiu fazer nada para impedir que a caneta se enterrasse no tecido mole da face, rasgando-lhe a carne até ao maxilar.

Marie gritou aos agentes para pedir ajuda. Um esmurrou a fita de borracha do botão de pânico que rodeava a sala, mas o outro continuou preso ao chão.

Austin usou aqueles instantes valiosos para baixar a caneta e trespassar a mão esquerda de Preston com a arma improvisada.

Preston soltou um grito de descrença e de dor excruciante, mas Marie tinha-se apercebido de que Austin ainda não tinha acabado. Viu-o a arrancar a caneta da mão a sangrar de Preston e percebeu que estava prestes a espetá-la na garganta do psicólogo.

Quando Austin puxou o braço para trás, pronto para atacar, Marie deu rapidamente a volta à mesa e agarrou-lhe no pulso, indo de encontro ao homem. O peso do corpo dela desequilibrou-o e a caneta desviou-se. Escorregou-lhe pelas costelas. Quando caíram no chão, os dois polícias entraram em ação, atirando-se para cima deles, virando Austin de barriga para baixo e puxando-lhe os braços para trás. Enquanto rolava para longe, Marie ouviu a lingueta das algemas a encaixar com um estalido à volta dos pulsos do agressor.

– Acabou tudo em segundos – disse Marie, olhando para Jackman e abanando a cabeça. – Tenho dado voltas e voltas à cabeça e continuo a questionar-me se poderia ter impedido que ele ficasse ferido de forma tão grave.

– Parece que foi ele que provocou a agressão – replicou Jackman. – Para quê acicatar o Austin?

– Ao que parece, é um procedimento muito normal. Um bom psicólogo consegue levar uma pessoa mesmo até ao limite e, 99,9% das vezes, consegue trazê-la de volta em segurança com o resultado de que precisa.

– Bem, dessa vez não funcionou, pois não? E dizes que ele é bom?

– E é, senhor inspetor. É brilhante. E não desistiu do Austin. Não pôde estar diretamente envolvido outra vez, mas trabalhou de perto com o sucessor dele e assegurou que se atingiria o resultado correto. O Preston só avaliou mal o Austin uma vez e, de facto, provavelmente foi o único erro profissional que cometeu, mas isso quase lhe custou a vida. É por isso que nunca fez uma cirurgia plástica. Usa aquelas cicatrizes para se lembrar de nunca subestimar as pessoas com quem está a trabalhar.

Jackman assentiu.

– Ah, estava admirado com isso.

– E nunca culpou o Austin pelo que aconteceu, só se culpou a ele próprio.

– Mesmo assim, se fosse eu, teria tratado daquelas cicatrizes. Não seria capaz de me esquecer de uma coisa dessas. Não precisaria de que me lembrassem – rematou o inspetor, fazendo uma pausa. – Isso foi um bocadinho parecido com o que aconteceu ao Fred Cox, não foi?

– Semelhante. Só prova que não podemos baixar a guarda nem por um segundo.

Marie lembrava-se do incidente referido por Jackman. Um detetive tinha ficado ferido durante um interrogatório quando o suspeito em causa tinha desfeito a caneca na mesa e atirado os bocados partidos para a cara do detetive. Felizmente, o detetive Cox tinha bons reflexos e levantara as mãos para se proteger, mas, mesmo assim, tinha precisado de uma operação, de mais de 30 pontos e de um mês de baixa.

– Mas isso nunca teria acontecido se um palhaço qualquer não tivesse dado ao prisioneiro o café numa das canecas da cantina.

Os bandidos bebiam sempre em chávenas de polistireno ou descartáveis.

– Ninguém poderia ter previsto aquilo que o Austin fez ao Preston. Até essa altura, o Austin tinha-se mostrado sempre extraordinariamente fleumático e, às vezes, muito bem-humorado. A maior parte da equipa, com exceção do Guy Preston, que sempre acreditou que o Austin era o assassino, estava convencida de que tínhamos apanhado o homem errado. Ele não era o único suspeito e, inicialmente, parecia o que seria menos provável que fosse o assassino – explicou Marie.

– E depois? Como é que o Preston reagiu a teres impedido que lhe furassem a garganta?

Marie sentiu-se invadida por uma onda de desconforto.

– A verdade? Foi estranho. Ele sabia que podia ter sido morto e ficou, bem, profundamente comovido, acho eu.

Franziu ao cenho.

– Mas fui eu que tive mais dificuldade com isso. O Terence Marcus Austin confessou que tinha tencionado furar a artéria carótida e sabia exatamente onde ela ficava, por isso a intenção dele tinha sido matar. Portanto, suponho que as minhas ações salvaram mesmo a vida do Guy Preston, mas, por qualquer razão estranha, sentia a modos que um ressentimento perante a gratidão, tipo cãozinho, do Guy. Sentia uma responsabilidade esmagadora para ser simpática com ele. Foi uma época difícil.

– Já tinha ouvido falar disso. Seria de esperar que fosse ao contrário, mas, muitas vezes, não é. Creio que se deve ao facto de teres impedido que fosse tirada uma vida humana e, por isso, te sentires moralmente obrigada a continuar a protegê-la.

Jackman recostou-se na cadeira com ar pensativo.

– Isso causou alguns problemas?

Marie inspirou fundo.

– Teria causado, se o meu marido não tivesse sido tão compreensivo. O Guy parecia precisar de falar sobre o que acontecera e eu era a pessoa com quem seria mais natural ele falar. Tinha-se formado uma ligação entre nós, quer eu gostasse, quer não, e as pessoas começaram a fazer comentários – respondeu ela, erguendo as sobrancelhas. – Sabe como uma data de bófiás consegue ser mexeriqueira.

– Oh, sim. Estou surpreendido por teres sobrevivido incólume.

– Oh, tive de chamar a atenção para uma ou duas verdades desagradáveis, acredite.

– E então o que é que aconteceu? Para onde é que foi o Preston?

– Envolveu-se noutro projeto. O Ministério do Interior estava a formar uma junta de especialistas para estudar as possibilidades de traçar perfis de criminosos no caso de crimes graves. Ofereceram-lhe uma bolsa de investigação de dois anos. Ele foi-se embora e não posso dizer que tenha ficado aborrecida com essa decisão. A última vez que ouvi falar dele, estava lá em cima, no Norte, a trabalhar como consultor de uma unidade

especialista que oferece apoio psicológico forense a investigações de crimes graves. Raios, nem sequer sabia que ele tinha casado, quanto mais que tinha perdido a mulher.

Jackman inclinou levemente a cabeça para o lado.

– Tendo em conta o que acabaste de me dizer, vai ser difícil para ti voltar a trabalhar com ele?

Marie sorriu e abanou a cabeça.

– De modo nenhum. Foi um choque voltar a vê-lo, mas isto aconteceu tudo há anos, são águas passadas. O Guy é mesmo um tipo cinco estrelas e não tenho a menor dúvida sobre a competência dele.

Deixou de sorrir.

– Não o recrimine por causa desse único deslize, senhor inspetor. Ele é aquilo a que o Max chamaria um grande xamã. Vai descobrir a verdade sobre a razão para o Daniel Kinder estar aqui e a choramingar que é um assassino, tenho a certeza absoluta.

Jackman encostou-se para trás e espreguiçou-se.

– Nesse caso, o pequeno *tête-à-tête* desta noite é capaz de ser interessante.

Olhou para o relógio e perguntou:

– A que horas é que pedimos à Skye Wynyard para cá estar?

– Às seis. Talvez pudéssemos mordiscar qualquer coisinha antes de começar a sessão da noite?

Jackman concordou.

– Vai ver como é que o Max e o Charlie se estão a sair e se eles estiverem de acordo a continuarem cá mais um bocado, pede-lhes que arranjem comida para os quatro, ok?

Puxou da carteira, entregou-lhe 30 libras e, com uma expressão de sofrimento, acrescentou:

– E se pudesse ser outra coisa que não piza, ficaria eternamente grato.

Marie agarrou no dinheiro e assentiu.

– Vou comunicar as suas preferências, patrão. Ah, senhor inspetor, queria perguntar-lhe, vamos informar o Kinder da segunda mulher morta?

Jackman franziu a testa.

– Logo vemos o que fazemos quanto a isso, está bem?

Quando Marie se aproximou da secretária dela, o telefone tocou de uma extensão interna. Atendeu e identificou-se num tom brusco.

– Resolvi ligar-lhe diretamente, sargento, em vez de ligar para o Jackman e ser aldrabada mais uma vez – como de costume.

A voz de Orac crepitou secamente no auscultador.

– Tenho informações que é capaz de achar interessantes. Tem 10 minutos?

– Claro. Desço já.

O reino subterrâneo de Orac estava iluminado apenas pelos ecrãs dos monitores. A informática estava sentada no lugar habitual a olhar atentamente para um dos ecrãs ativos. Marie não tinha a certeza do que estava a ver. Parecia ser uma aglomeração de algarismos e símbolos em movimento.

– Embora não tenha nada a ver com o filme, é uma matriz^[12].

Orac voltou-se para Marie com um sorriso.

– Sabe alguma coisa sobre combinações lineares de estados quânticos?

Marie retribuiu-lhe o sorriso.

– Ah, precisamente a minha especialidade! Como é que adivinhou?

O sorriso de Orac alargou-se. Ligeiramente.

– Estou a estudar computação gráfica avançada e usamos matrizes para projetar uma imagem tridimensional num ecrã bidimensional, o que nos dá uma aparência mais realista do movimento. O problema disto – disse, apontando para o ecrã – é que é muito viciante. Quanto mais aprendemos, mais queremos compreender. Neste momento, já vou lançada na álgebra linear numérica.

Uma vez que Marie não conseguiu pensar numa resposta para aquilo, Orac voltou-se para a secretária e agarrou num dossiê pesado.

– Isto é tudo o que eu consegui descobrir sem infringir a lei com muita gravidade. Felizmente, ainda havia bastante informação acumulada nos ficheiros antigos. Além disso, estou a tentar isolar possíveis locais de recolocação das caixas das provas e – entregou a Marie um bocado de papel com um nome e um número – acho que isto pode ser a nossa melhor hipótese.

– Peter Hodder?

– É o DI que dirigiu o inquérito ao duplo homicídio dos Haines. Reformou-se há séculos e o relógio biológico dele já devia ter parado há uma década. Mas desconfio que se trate de um androide disfarçado. Falei com ele e está tão ligado como as Blackpool Lights^[13]. Se quiser saber coisas sobre a Françoise Thayer, sugiro-lhe que faça uma viagensinha até Rutland e vá visitar o Peter Hodder.

Entregando a pasta a Marie, continuou:

– Ele é um velhote muito querido e foi clara e negativamente afetado pela Thayer. Foi o último caso dele e quase lhe ouvi o ranger dos dentes quando mencionei o nome dela.

Orac piscou aqueles olhos estranhos.

– Mas, mesmo assim, está disposto a falar consigo.

– Obrigada por isto. Estou-lhe sinceramente grata – disse Marie, olhando de novo para o monitor complexo. – É melhor deixá-la voltar à sua álgebra.

Orac virou a cadeira para ficar de frente para o ecrã.

– Ouvi dizer que têm uma Desaparecida muitíssimo maltratada na morgue? Por acaso já conseguiram descobrir-lhe a identidade?

– Infelizmente, ela não está suficientemente apresentável para podermos pôr fotografias a circular... bem, pelo menos sem provocarmos um ataque de coração a metade da população.

– Se me puderem passar as fotos forenses da cabeça, as medidas exatas do crânio e quaisquer detalhes confirmados em termos de tamanho, cor, etc., estou a experimentar uma versão nova do DERF.

– Tenho a certeza de que devia saber do que é que está a falar, hum...?

– Do programa Descrição E Reconhecimento Facial. Foi concebido por mim, um *software* que leva a reconstituição facial forense a um nível completamente diferente. É uma fusão de ciências forenses, antropologia, osteologia e anatomia. O seu chefe ficaria *muito* interessado nisto, dada a formação académica dele, se alguma vez arranjasse tempo para se aventurar a vir aqui.

– Tenho a certeza de que sim – respondeu Marie com sinceridade. – Mas pode mesmo dar-nos uma ideia de como ela era?

– Simples. Deem-me esses dados todos e ela é toda vossa. Querem em 2D ou em 3D?

– O que achar que é melhor. Vou tratar disso mal o departamento forense abra amanhã.

– Se ligar agora, ainda tem hipótese de conseguir isso tudo hoje à noite. Acho que vai descobrir que o esquisitão do Jacobs e um ou dois dos acólitos dele estão a fazer serão.

– Que raio! Como é que sabe?

Orac dirigiu-lhe um meio sorriso malévolos.

– Não é muito difícil aceder ao sistema das câmaras na casa mortuária e nos laboratórios forenses. Espreitei para o parque de estacionamento exatamente antes da sua chegada e o Jacobs e o pequeno bando dele ainda estão a bulir que nem escravos.

– Certo – respondeu Marie.

Estava já a embarcar numa fantasia sobre Orac ser o *Big Brother*. Tirou o telefone do bolso.

– Nesse caso, vou já requisitá-los.

Orac tinha razão. Surpreendentemente, o patologista que atendeu o telefone disse que ia arranjar as informações muito facilmente e que as enviaria diretamente para Orac.

– Ótimo – disse Marie apreciativamente para o prodígio das TI. – Nem sempre as coisas correm assim tão bem.

– Correm quando se sabe exatamente onde toda a gente está.

– Percebo o que quer dizer. Bem, obrigada, mais uma vez. Isto é realmente uma ajuda enorme.

– Sem problemas. Mando-vos a fotografia reconstituída da vossa Desconhecida assim que a tenha.

Orac já se tinha virado e fixado os olhos nos algarismos em movimento.

– Volte quando quiser.

Marie parou já depois de ter saído do covil e fechado a porta e inspirou fundo. Orac a ser simpática? Mais do que isso, Orac a ser simpática, prestável e amistosa?

Abanou a cabeça de perplexidade e, com o dossiê pesado bem seguro debaixo do braço, encaminhou-se para os elevadores.

[12] N.T.: No original, *matrix*, referência ao filme célebre de 1999 com o mesmo título, realizado por Lana e Lilly Wachowski.

[13] N.T.: Ou Blackpool Illuminations, festival de luzes anual inaugurado em 1879 e realizado desde então a cada outono na cidade britânica de Blackpool.

CAPÍTULO DOZE

— Os relatórios forenses preliminares já chegaram, sargento – anunciou Charlie assim que Marie entrou na sala do DIC. – O patrão é que os tem.

– Ótimo, e eu cá tenho um monte de informações sobre os assassinatos dos Haines e uma breve apresentação do DI reformado que prendeu a Françoise Thayer.

– Como é que estamos em termos de tempo no que toca a ter o Kinder detido, sargento?

– Temos até às 22h para o acusarmos ou para o libertarmos – respondeu Marie. – E, para já, continua a ser indiferente o que fazemos com ele. Rezemos para que a equipa forense nos ajude.

Max fez uma careta.

– Alguém quer fazer uma apostazinha? Dez contra um em como eles vão encontrar qualquer coisa que liga o Burrinho Danny à Desconhecida. Ninguém?

Esperou uns instantes.

– Calculei que não.

No gabinete de Jackman, Marie descobriu que tinha feito bem em não aceitar a aposta de Max.

– Teria mais sorte com a leitura do raio de um horóscopo! – disse o inspetor, atirando o relatório forense para cima da secretária. – Desconhecida. Não há ADN, não há sangue a não ser o dela, não há cicatrizes, sinais de nascença nem tatuagens e não há impressões digitais que correspondam a qualquer coisa no nosso sistema. O único raiozinho de esperança é que uma das maiores habilidades do Jacobs é determinar até ao segundo a hora da morte. Ele tem a certeza, tendo tomado em consideração

as temperaturas flutuantes naquela cave e o estado de decomposição, assim como a opinião de um consultor de entomologia forense, de que ela está morta há cerca de 21 dias.

– Bem, isso já é um ponto de partida, não é? E não fique com tendências demasiado suicidas porque eu trago notícias muito boas.

Marie contou-lhe a conversa com Orac e viu como a cara dele se aclarava, passando da ameaça de uma trovoada para o despertar do sol.

– A Orac? Estamos a falar da mesma pessoa?

– Seria possível haver mais de uma? – perguntou Marie com os olhos arregalados.

– Tem de haver se aquela com quem falaste se ofereceu para nos ajudar. A Orac não trabalha assim. Talvez haja duas. Se calhar, ela tem uma gémea malvada.

– Não vamos ignorar isto, pois não? Uma fotografia da Desaparecida é exatamente aquilo de que precisamos neste momento. E, senhor inspetor? – continuou ela, olhando para ele quase como se o estivesse a admoestar. – Na verdade, não seria nada difícil ir lá baixo agradecer-lhe se conseguirmos uma identificação positiva.

Jackman mostrou-se evasivo.

– Hum, bem... Primeiro vamos ver com o que é que ela se sai.

Marie pousou o dossiê de Orac na secretária.

– Ela já conseguiu isto tudo no caso dos homicídios dos Haines e contactou com o DI que prendeu a Thayer.

– Agora estás *mesmo* a assustar-me. O que é que achas que ela quer?

À primeira vista, pensou Marie, a resposta era Jackman.

– Passemos à frente, mas há uma data de coisas úteis aqui. Sugiro que, assim que tenhamos falado com a Skye e o Daniel, eu e os rapazes comecemos a trabalhar nisto. Assim, podemos pelo menos descobrir qualquer coisa concreta sobre a Françoise Thayer e o filho biológico dela.

Jackman assentiu.

– Concorde. Agora vamos lá comer antes que a Miss Wynyard chegue.

Jackman tinha tentado manter a atmosfera descontraída. E tinha funcionado até lhe perguntar quanto tempo tinha ela passado na companhia de Daniel em determinados dias três semanas antes.

– Aconteceu mais qualquer coisa, não aconteceu? – perguntou Syke, perdendo a compostura. – Oh, não!

Marie assentiu vagarosamente.

– Ainda não chegou aos *media* e ficaríamos gratos se pudesse guardar isto para si própria, mas foi descoberto outro corpo.

– E suspeitam do Daniel? Isso significa que estão a levar todo este cenário ridículo a sério!

A voz caiu quase para um sussurro:

– Eu pensava que compreendiam.

– Nós *temos* de levar a sério o que o Daniel nos diz, Skye. Imagine que ignoramos as declarações dele e se vem a provar que ele estava a dizer a verdade – respondeu Jackman, mantendo um tom de sensatez. – E o Daniel sabe realmente muita coisa sobre a Alison Fleet.

– O que não é nada surpreendente. Ele passou a última década a estudar o crime de homicídio – retorquiu Skye, soltando um suspiro. – Penso que a mãe dele conheceu a Alison Fleet. Nem sequer ficaria surpreendida se o Daniel tivesse visitado a casa dos Fleet a dada altura, com a Ruby Kinder. As duas mulheres estiveram muito envolvidas em causas caritativas.

Jackman endireitou-se na cadeira.

– Nunca nos tinha referido isso.

– Havia tanta coisa a acontecer que nem sequer pensei nisso. A questão é que quando estava a arrumar a casa, depois de os agentes dos serviços forenses terem saído, e a limpar o pó a umas molduras, vi uma fotografia da mãe e do pai do Daniel numa corrida solidária noturna e a Alison Fleet e o marido estavam sentados na mesa deles.

– Então, sempre *há* uma ligação entre eles – disse Marie, suspirando de alívio.

– Mas é uma faca de dois gumes, não é? – acrescentou Jackman. – O facto de se conhecerem pode indicar que o Daniel tinha um motivo para lhe fazer mal e também pode ser uma explicação simples para o facto de ele conhecer a disposição da Berrylands.

Guy Preston, que tinha estado a ouvir atentamente, interveio por fim:

– Regressemos à localização do Daniel quando a outra mulher morreu – disse, dirigindo um sorriso suave a Skye. – Estava com o Daniel nas datas mencionadas?

Skye inclinou-se para a frente e levantou a carteira do chão. Tirou um pequeno diário de bolso e começou a virar as páginas. E os ombros afundaram-se-lhe.

– Não. Estava na Hallam University, em Sheffield. Era um *workshop* de três dias sobre carreiras para terapeutas ocupacionais. Fiquei com uma velha amiga da escola que trabalha na universidade.

Fechou o diário e Jackman viu as lágrimas que se lhe estavam a formar nos olhos.

– O Daniel já sabe desta outra morte?

– Ainda não. Mas vamos precisar de saber onde é que ele estava, antes de se esgotar o tempo para o mantermos preso.

– Ele estava em casa sozinho ou no gabinete a trabalhar – disse Skye com a voz a tremer. – Liguei-lhe várias vezes. Podem verificar o histórico do meu telemóvel, se isso servir para o ajudar.

– Isso não prova nada, lamento. Ele podia ter estado em qualquer sítio.

– Às vezes, ligo-lhe para casa, e tenho a certeza de que o fiz.

Pobre miúda, pensou Jackman, está a agarrar-se a tudo.

Preston inclinou-se para frente na cadeira.

– Skye, estou muito interessado naquilo a que o Daniel chama as «falhas» dele. Alguma vez presenciou o Daniel a ter um desses lapsos de memória?

– Sim, embora, geralmente, aconteçam quando ele está sozinho. Vai para um sítio qualquer e depois não se consegue lembrar de onde esteve. Se estivermos por perto, quando isso acontece, ele parece apenas que está distante, numa espécie de estado de sonho durante um curto período de tempo. Não dura muito, mas é perturbador, acreditem no que vos digo.

– E acredito. Já vi isso e, se não estiver enganado, não é amnésia.

Jackman estava a ouvir com interesse.

– Então o que é?

– É um «estado de fuga», conhecido por fuga dissociativa. O paciente pode decidir muito repentinamente fazer uma viagem para longe de casa e depois ser completamente incapaz de se lembrar seja do que for disso.

– E o que é que causa isso? – perguntou Jackman.

– Stresse grave, embora haja algumas causas médicas, como epilepsia ou crises epiléticas parciais complexas e abuso de drogas, mas são raras. Geralmente, está relacionado com o stresse.

– E consegue curar essas fugas, Professor Preston? – perguntou Skye.

– A psicoterapia e a hipnose podem ser úteis, mas um psiquiatra tem de excluir as causas médicas antes de propor qualquer tratamento.

– Há outra coisa que devem saber – disse Skye vagarosamente. – O Daniel não tem qualquer memória seja do que for antes dos 5 anos. Toda a primeira infância dele é um completo vazio.

Seguiu-se um silêncio. Depois Guy Preston perguntou:

– E sabe a razão disso?

– A mãe disse que ele teve um acidente. Aparentemente, caiu de um baloiço e feriu a cabeça. Ela diz que estas «falhas», muito provavelmente, derivam disso.

Preston inspirou fundo.

– É plausível, suponho, se a lesão foi grave. Mas uma queda de um baloiço infantil? Não estou convencido de que provocasse fugas. Elas estão muito mais relacionadas com o stresse.

– E ele seria capaz de matar durante um desses episódios? – questionou Jackman.

– Conhecem-se casos de pessoas que assumiram identidades novas quando estavam nesses estados, por isso, a resposta, creio, é que é possível – disse Guy, mordendo o lábio. – Se o Daniel tem um distúrbio mental, pode haver uma quebra total ou parcial do controlo que teria normalmente sobre os pensamentos, sobre as emoções e sobre os comportamentos. Nesta «outra» identidade, pode ter um conjunto de valores muito diferentes dos do Daniel Kinder que o senhor conhece.

– Dupla personalidade? – perguntou Marie.

– Não. As personalidades múltiplas são bastante diferentes. O estado de fuga é apenas uma reação ao stresse severo.

– E se fosse possível aliviar esse stresse? – sugeriu Jackman.

– Muito provavelmente, as fugas dissipar-se-iam organicamente.

– O que nos faz voltar sem qualquer dúvida à Françoise Thayer e ao facto de o nosso prisioneiro acreditar que é filho da assassina – resmungou Marie.

Guy assentiu.

– Concordo. Então e porque é não resolvemos esse enigmazinho?

– Ah! – Skye soltou uma gargalhada cáustica e sem humor. – Ando há meses a tentar fazer isso! E o Daniel anda há anos! Não é assim tão simples.

Marie inclinou-se e tocou no braço de Skye.

– Ei, oiça. Nós temos acesso a canais que vocês não têm. Temos um enorme sistema tecnológico de apoio à nossa disposição e vamos usá-lo. Precisamos dessas respostas tanto como você e o Daniel porque se ele não for o assassino, outra pessoa é e está a matar gente e a safar-se.

– Exatamente – reforçou Jackman. – Agora vamos conversar com o Daniel. Não sabemos se ele vai ser acusado ou libertado, mas, em qualquer dos casos, gostaríamos que ele colaborasse e trabalhasse depressa aqui com o Professor Preston. Gostaríamos que você também lá estivesse, desde que o Daniel concorde. Faria isso?

– Claro.

Não houve hesitação na resposta.

– Certo, a sargento e eu vamos falar com o Daniel e depois poderá estar um bocado com ele – rematou Jackman, levantando-se. – Só que não a sós, claro, mas tenho a certeza de que consegue perceber isso.

Skye respondeu simplesmente:

– Obrigada.

CAPÍTULO TREZE

— **B**ela casa, hem?

Kevin Stoner olhou sombriamente pela janela do carro para a grande casa de estilo executivo.

— Acho que sim. Se gostares deste tipo de coisa.

Zane Prewett lambeu os lábios.

— Oh, anima-te lá, meu amiguinho! De certeza que gostarias de uma barraquinha vistosa e pretensiosa como esta? Não vi a parte de cima toda quando aqui estivemos com o pessoal da equipa forense, mas aposto que tem uma cama de água *king-size* e espelhos a toda a volta do quarto principal. Já cusquei a cabana de madeira com o jacúzi no jardim das traseiras e uma sala de jogos que vem mesmo a calhar, com um bar bem equipado, ainda por cima.

Deu uma cotovelada em Kevin.

— Pensa no que tu e alguns dos teus amiguinhos podiam fazer num sítio destes.

Kevin manteve os olhos fixados na propriedade dos Kinder e tentou fingir que estava sozinho no carro.

— Oh, paciência — prosseguiu Prewett. — Mesmo que a tua imaginação esteja a fazer greve, a minha não está. E neste preciso momento, estou a ver uma conaça toda apetitosa a despir-se naquela banheira.

— Cala-te, Prewett! Estou farto da tua boca suja! Por isso, deixa-me em paz, está bem?

Kevin deixou-se cair para trás no assento, a ranger os dentes.

— Uuui, estamos mesmo sensíveis, não estamos? — replicou Prewett, voltando-se para ficar de frente para Kevin. — Mas eu teria um bocadinho de cuidado se fosse a ti, MaryJane. Estás a começar a irritar-me com essa atitude de santinho, quando tenho umas certas provas que mostram que não

passas de um hipocritazinho. Digo «conaça» e é rasca, mas *tu* podes foder um larilas qualquer de encontro a uma parede e já não faz mal. Tás a topar onde é que eu quero chegar?

– Só que *eu* não acho que o sexo seja tudo, Zane. Não como tu. É apenas uma pequena parte da minha vida e, infelizmente para mim, acontece que foi a que tu descobriste.

– Pois, é uma chatice, não é?

Kevin sabia que não podia continuar assim. Se só tivesse a ver com ele e Zane, talvez chegasse mesmo a enfrentar o filho da mãe. Desistia e contava ao pai que estava a ser chantageado porque era homossexual e depois virava o feitiço contra o feiticeiro e denunciava todos os negócios sujos em que sabia que o polícia corrupto estava envolvido. Mas quando Prewett estava a ameaçar a sobrinhita dele, a Sophie... Isso era correr um risco demasiado grande. Kevin sabia que a maior parte dos *bullies* eram cobardes, mas tinha a sensação de que Prewett cumpriria a ameaça e nunca poria Sophie ou qualquer membro da família em perigo. Tinha de haver outra maneira.

Enquanto conduzia vagarosamente pela rua ladeada de árvores, Kevin tentou pensar com clareza. Virou o carro para a estrada do rio e sentiu os músculos tensos do pescoço a começar a relaxar. Se calhar, era altura de deixar de pensar como o filho do bispo. Já tinha oferecido a outra face demasiadas vezes. Claramente, Zane Prewett merecia um tratamento diferente.

Quando chegaram à esquadra, o minúsculo embrião de um plano tinha-se formado na cabeça dele e, pela primeira vez em muitos meses, o agente Kevin Stoner sentiu-se quase feliz.

Quando Jackman estava prestes a entrar na sala de interrogatórios, um funcionário civil entregou-lhe um envelope castanho.

– Acabou de chegar, senhor inspetor. Do patologista do Ministério do Interior.

Jackman rasgou o selo e leu rapidamente o relatório de toxicologia. O bilhete anexado dizia simplesmente «Interessante» e estava assinado por Jacobs.

– Mas que raio...?

Marie olhou para ele e inclinou a cabeça para trás.

– A Alison Fleet tinha no sistema drunfos suficientes para alegrar metade do condado.

– Antidepressivos? – perguntou Marie, parecendo confusa. – Mas o Bruce Fleet não disse que ela não estava a tomar medicação nenhuma?

– Bem, na realidade, o homem disse “nenhuma que ele soubesse”, o que é uma coisa diferente, suponho eu. Mas, seja como for, é estranho. Pensei sempre que a exuberância exagerada dela era uma coisa natural. Se calhar, ela estava sempre completamente pedrada.

– Então, temos de falar com o médico de clínica geral dela.

– Vai depressa pedir ao Max ou ao Charlie para tratarem disso imediatamente – disse Jackman, entregando-lhe o relatório. – As pessoas não tomam este tipo de medicamentos sem uma boa razão.

– Pergunto-me se estará relacionado com o primeiro marido dela, aquele que o Bruce Fleet não sabe quem é.

– Não sabe ou não quer falar disso – replicou Jackman pensativamente. – Acho que devíamos voltar a conversar com o Mr. Fleet. Não consigo acreditar que ele soubesse tão pouco sobre a adorada mulher. Tu consegues?

– Vamos despachar este interrogatório e depois fazemos-lhe uma visita.

Afinal, o interrogatório esteve muito longe de corresponder ao avanço que Jackman tinha esperado.

Daniel Kinder parecia preocupado, quase deprimido, e tinha concordado submissamente com a sugestão de trabalhar com o Dr. Preston. A resposta foi fria, uma espécie de aceitação indiferente de como as coisas teriam de correr.

Jackman tinha observado Kinder atentamente enquanto o professor lhe tinha explicado certas coisas. Não tinha visto qualquer sinal do jovem jornalista impetuoso do passado recente, nenhuma faísca de cólera e nem sequer qualquer alegria quando lhe disseram que podia ver Skye.

Ao fim de uma hora, Jackman deu o interrogatório por terminado e pediu a Marie e a Preston que se lhe juntassem no gabinete dele.

– Não temos provas sólidas suficientes para o prendermos.

Sabia que a voz denunciava a exasperação que sentia. Olhou para Guy Preston.

– O que é que pensa dele, sinceramente?

O psicólogo inspirou fundo e depois soltou um assobio baixinho.

– Penso que tem problemas graves, mas, no fundo, não acho que ele tenha matado a Alison Fleet.

– Nem a outra mulher?

– Acho que ele não matou ninguém.

Tinham informado Daniel da existência da mulher-mistério, da Desconhecida, e ele tinha respondido com um encolher de ombros. Tinha-lhes dito, numa voz que parecia desesperada:

– Não posso dizer-lhes que não a matei porque não sei. Receio que vocês é que tenham de o provar, de uma maneira ou de outra.

E depois acrescentara:

– De certeza que não deve ser demasiado difícil, pois não? Pensava que com a tecnologia avançada que há atualmente, podiam dizer onde é que qualquer pessoa estava a determinada altura.

– Não vivemos num estúpido episódio do *CSI* – retorquira Marie bruscamente. – Cai na realidade, Daniel, isto são os pântanos, não é Miami, e, neste preciso momento, temos um orçamento que não dá para lubrificar uma prancha de *surf* durante um ano.

Daniel Kinder tinha voltado a encolher os ombros.

Jackman soltou um suspiro.

– Bem, eu tenho de decidir o que fazer até às 10h da noite. E continuo a não me sentir satisfeito com a ideia de o soltar.

– Eu também não – concordou Marie. – Embora já não acredite que ele cá esteja para tentar encontrar um furo para um artigo qualquer.

– Se estiver, está a fingir muitíssimo bem que é completamente taradinho da mona – disse Jackman, dirigindo um sorriso de desculpa ao Professor. – Peço perdão. Não é exatamente a maneira mais científica de falar.

Preston devolveu-lhe o sorriso.

– Oh, mas eu cá não acho que ele esteja a fingir. Nem por um segundo. No entanto, apostava a minha reputação no facto de ele não ser um assassino em série.

Olhou para Jackman com uma expressão já séria.

– Se suspeita que têm mesmo um assassino em série nas vossas mãos, não é o Kinder. Eles não aparecem assim já completamente formados. Esse tipo de assassino evolui durante um longo período de tempo. Levam anos de transformação gradual até atingir aquilo a que eu chamo o estado de matar inicial. E ele não encaixa no padrão.

– Mas também não está a dizer que o Daniel Kinder não conseguiria matar, está só a dizer que ele não é um assassino em série.

– Exatamente, embora tenha dificuldade em acreditar que ele tenha sequer essa tendência. Se calhar, se estiver doente, como dissemos antes, ou se estiver a ser movido pela crença de que o sangue da Françoise Thayer lhe corre nas veias, então talvez seja... – respondeu Preston, abanando a cabeça.
– Mas não estou convencido.

Foram interrompidos por alguém a bater à porta e apareceu Max, excitado.

– Acho que vai querer ver isto, senhor inspetor – disparou, sorrindo e entregando a Jackman uma impressão em papel fotográfico. – A Desconhecida já tem cara!

Jackman olhou para a imagem e uma mulher loira, muito atraente, devolveu-lhe o olhar. Tinha olhos azuis acinzentados, cabelo liso até aos ombros, maçãs do rosto altas e uma boca cheia e bem-feita, com dentes brancos e direitos. Por qualquer razão, achou que ela parecia muito inglesa – não era suficientemente loira para ser escandinava, nem suficientemente angulosa para ser germânica, tinha apenas um ar clarinho e delicado, a típica «rosa inglesa».

– Olá, Desconhecida – sussurrou, passando depois a fotografia aos outros.

– Uau! – exclamou Marie.

– Oh, meu Deus! É difícil associar esta beleza à vossa fotografia forense no quadro branco na sala dos homicídios – disse Preston.

– E a Orac saiu-se com isto em apenas algumas horas? – perguntou Jackman a Marie.

– Nem isso. Acho mesmo que ela merece um agradecimento.

– Hum. Claro. Um trabalho realmente maravilhoso.

Viu os olhos franzidos de Marie e desviou rapidamente o olhar.

– Julgo que devemos mostrar isto ao Daniel, não vos parece?

Apressaram-se todos a voltar para a sala de interrogatórios. Charlie e um polícia fardado estavam de vigia enquanto Daniel e Skye conversavam.

– Esta mulher – disse Jackman sem rodeios, pousando a fotografia na mesa de forma que ambos a pudessem ver. – Reconhecem-na?

Para surpresa dele, houve dois arquejos.

– A Jules! É a Julia Hope – exclamou Skye, claramente chocada.

– E tu, Daniel? Também a conheces?

O rapaz abanou a cabeça.

– Não propriamente... Quer dizer, não a conheço realmente, mas tenho a certeza de que pertencia a um grupo de enfermeiras que entrevistei para o artigo sobre o NHS – respondeu, mordendo o lábio inferior. – Julgo que não falei pessoalmente com ela, mas reconheço-a. Ela é... é a mulher...?

– A mulher que podes ou não ter matado? Aquela cuja morte nos cabe resolver? Sim, Daniel, é ela – replicou Jackman, virando-se para Skye. – Mas a menina conhece-a?

– Sim. Trabalha na enfermaria ortopédica, mas há umas semanas que está de férias.

– E que férias – resmungou Marie. – Ela está morta e por identificar há três semanas! Ninguém se lembrou de verificar porque é que ela não voltou ao trabalho?

– Eu... eu não sei – gaguejou Skye. – Não é do meu departamento. Ela é enfermeira, não é terapeuta ocupacional.

Fitou Marie com os olhos esbugalhados.

– Tem a certeza de que está morta? – perguntou-lhe, com os olhos muito abertos. – A fotografia parece ligeiramente... bem, não é bem igual ela, por qualquer motivo.

– É porque é uma reconstrução, não é?

A voz de Daniel soou inexpressiva.

– Do cadáver dela.

Skye afastou-a delicadamente.

– Exatamente – retorquiu Jackman, vendo novamente o corpo apodrecido no chão da cave.

– Então e o que é que nos pode dizer sobre ela, Skye? É casada? Solteira? Tem família? – perguntou Marie.

– Não é casada, isso sei, mas não sei muito mais, para além de que vive com a irmã, a Anna, algures em Saltern.

– Então porque é que a irmã não a deu como desaparecida?

– A Anna é médica militar. Pode estar fora, num sítio qualquer. A verdade é que a Jules chegou a referir que ela estava no Afeganistão, embora isso já tenha sido há algum tempo.

Skye olhou de soslaio para a fotografia.

– Ela era realmente linda.

Não quando a vi, pensou Jackman.

– E tu, Daniel? Viste-a desde a entrevista no hospital que fez com que o pessoal todo da enfermagem te adore tanto?

Daniel olhou para ele por baixo das pálpebras cansadas e descaídas.

– E como raio é que havia de saber? Sou o anormal com as perdas de memória, lembra-se?

– Serás? Serás mesmo? Tenho as minhas dúvidas.

CAPÍTULO CATORZE

— Uma conexão vaga entre as duas vítimas e o Daniel Kinder não chega para o prendermos, Jackman – declarou a superintendente Ruth Crooke, mordendo a ponta da caneta. – Francamente, no caso da Alison Fleet, você tem ligações mais próximas do que ele. Vai ter de o soltar.

Jackman sabia que não valia a pena argumentar. Ela tinha razão. Não havia provas, nem um vestigiozinho. O CPS^[14] nem os recusaria por ser uma estupidez porque a coisa nunca chegaria sequer a esse ponto.

– Isso é mais fácil de dizer do que de fazer, senhora superintendente.

Por norma, uma «primeira vez» era habitualmente uma coisa agradável, sobretudo quando íamos para velhos, mas aquela era a primeira vez que Jackman tinha um suspeito de homicídio que queria ficar preso e sabia que Kinder ia receber mal a notícia de que estava prestes a sair dali. Era só uma questão de saber *quão* mal aceitaria isso.

– E quero que se certifique de que ele recebe ajuda psiquiátrica e de que não vai a lado nenhum que não saibamos até *nós* autorizarmos, certo?

Jackman assentiu.

– Não creio que ele vá para muito longe. E o Guy Preston vai avaliá-lo extensivamente. Entretanto, estamos a recolher tudo o que sabemos sobre a Françoise Thayer. Precisamos de arrumar esse lado da investigação e o mais depressa possível. Se houver outro assassino por aí, temos de esquecer o Daniel e avançar depressa.

– Fico satisfeita por você dizer isso, Jackman, porque temos de nos mover à velocidade da luz nisto. Agora que temos um nome para a Desconhecida – e a propósito, a irmã chega hoje à noite de avião para a identificar –, tenho de fazer uma declaração televisada para a imprensa – disse a superintendente, apertando ainda mais os lábios já muitíssimo apertados. – Tem até amanhã de manhã para me explicar que raio é que lhes vou dizer.

Jackman levantou-se. Sentia um peso enorme nos ombros e continuava a não se sentir contente por ter libertado Daniel Kinder.

– Então é melhor ir andando. Tenho um homem relutantemente livre para tirar da cela.

Já passava das 23 horas quando Daniel Kinder estava finalmente preparado para abandonar a esquadra. Embora «preparado» não fosse uma boa descrição. A espernear-se todo e a barafustar era mais próximo da verdade.

Marie tinha ficado convencida de que sem a paciência infinita e a persuasão gentil de Skye Wynyard, teriam tido de recorrer à força física para o expulsar de lá. E mesmo assim, o rapaz tinha-se recusado terminantemente a ir para casa ou, por causa do medo que tinha de a magoar, a ficar com Skye. Por fim, chegaram a um acordo – bem, Skye chegou. Daniel iria ficar no apartamento de Skye, onde a preciosa gata dele já estava a residir, e Skye iria passar a noite a casa de uma amiga. Reunir-se-iam na manhã seguinte e, à luz fria do dia, tentariam arranjar uma solução satisfatória. E só nessa altura é que Daniel concordou. Ninguém podia fazer mais nada por ele e, excetuando andar a palmilhar as ruas, Skye tinha encontrado a única alternativa possível.

E agora a sala dos homicídios estava calma. Só lá se encontravam Marie e Jackman.

– Acabámos de soltar um assassino? – perguntou o inspetor baixinho.

– Tanto faz, não tínhamos muita escolha, pois não? E vamos vigiá-lo como falcões. Onde quer que ele vá e faça ele o que fizer, terá companhia.

– E porque é que não me sinto consolado com isso?

– Porque ambos sabemos que mesmo que ele não seja um assassino, é um louco descontrolado e completamente instável – respondeu Marie, com um suspiro. – Nunca vi ninguém tão volátil, tão inconstante. Se não soubesse que não é esse o caso, pensaria que ele estava drogado.

– Mas está tão limpo como tu e eu – murmurou Jackman – ... o que indica claramente uma doença psicológica. E esse facto, sem surpresa nenhuma, não faz nada para acalmar os meus nervos em efervescência.

Marie bocejou.

– São horas de irmos descansar um bocadinho – disse, agarrando no dossiê grosso que Orac tinha organizado. – Importa-se que leve isto para casa para uma leitura leve antes de dormir?

– À vontade. Promete-me só que deixas a luz acesa e não me telefonas às duas da manhã por estares a morrer de medo. As leituras antes de adormecer e a Françoise Thayer são duas coisas que não ligam, acredita. Já passei por isso. Ela era uma mulher brutal, desumana e cruel e se a Orac descobriu mais alguma coisa sobre ela do que aquilo que eu tirei da Internet, considera-te avisada.

Antes de Marie lhe poder responder, o telefone tocou. Jackman soltou um gemido, fez uma careta e atendeu:

– DI Jackman.

Marie conseguiu ouvir fracamente a voz de uma mulher a falar muito depressa e a seguir Jackman carregou no botão de alta-voz e uma voz vagamente familiar encheu a sala.

– Peço imensa desculpa, mas não sabia para quem me voltar. Não é nada típico dele. Tenho a certeza de que está em casa, mas não está a atender as minhas chamadas. Senhor inspetor, tenho medo de que lhe tenha acontecido qualquer coisa. Ele tem estado a agir de uma forma tão estranha desde que a Alison morreu.

Marie não conseguia dar um nome à voz do outro lado da linha crepitante. Deitou um olhar interrogativo a Jackman, que escreveu um nome num bloco de notas: *Lucy Richards, a irmã do Bruce Fleet*. Marie recordou-se imediatamente da cara preocupada da mulher que tinha estado com Fleet quando lhe tinham dado a notícia da morte de Alison.

– O mais provável é ele ter ido simplesmente dar uma volta à noite, ou então talvez tenha bebido uns copos a mais e tenha caído para o lado – respondeu Jackman numa voz firme. – O que é que a faz ter tanta certeza de que ele está em casa?

– Desde logo, porque a polícia só o autorizou a voltar para Berrylands esta tarde. É a primeira noite que vai lá passar e tem estado apavorado com isso. Não me preocuparia assim tanto, mas o carro dele está no caminho de entrada e o Bruce nunca vai a pé a lado nenhum, se o puder evitar.

– Como é que sabe do carro dele?

– Porque o meu marido foi até lá no carro. Bateu à porta, mas não teve resposta – retorquiu a mulher com uma voz trémula. – Ele não está muito contente por eu lhe estar a telefonar, Inspetor Jackman, mas tenho um pressentimento muito mau em relação ao Bruce.

– OK. Normalmente, enviaria uma equipa, mas estou mesmo a sair daqui, portanto, se isso a ajudar a acalmar, vou lá eu.

Ergueu uma sobancelha sofredora para Marie.

– Ligo-lhe quando tiver notícias – concluiu, pousando o auscultador.

– Não tinha de fazer isso, senhor inspetor. Um carro-patrulha podia lá ir facilmente.

Jackman encolheu os ombros.

– Talvez o pressentimento dela se esteja a colar a mim. De qualquer maneira, nós queríamos falar com o Bruce Fleet sobre todos aqueles detalhes desaparecidos da vida da falecida mulher dele. É uma desculpa válida para lhe bater à porta. E se o apanhar meio bêbado ou apenas muito cansado, talvez ele baixe um pouco mais a guarda.

– Vou consigo desde que depois me deixe aqui ou em casa.

Jackman olhou de relance para o relógio de parede.

– É quase meia-noite. Vá dormir qualquer coisa.

– Disparate, chefe. Dawn Haven Marsh é um sítio muito remoto. Se acontecer alguma coisa lá, pode precisar da sua companhia. E se o Fleet só estiver bêbado, poderemos estar em casa e aconchegados nas nossas camas em cerca de uma hora.

Jackman tirou as chaves do carro da algibeira do casaco.

– Porque é que é sempre tão difícil discutir contigo, Marie?

Ela sorriu presunçosamente.

– Porque tenho sempre razão, chefe.

Marie adorava guiar pelos brejos à noite. Havia uma qualidade surreal nas estradas solitárias e frequentemente brumosas e toda a noção de perspetiva desaparecia. Durante um bocado, a estrada seguia num sentido e, a seguir, desviava-se numa direção completamente diferente e se não

conhecêssemos as vias de circulação estreitas, sinuosas e ladeadas por juncos ou não tivéssemos um ótimo sentido de orientação, era possível perdermo-nos facilmente.

Marie levou 20 minutos a chegar a Berrylands, mas sentia-se como se tivesse estado a guiar durante horas.

– É pena já não termos um agente fardado de guarda.

– Não servia de muito, visto que o sítio já tinha sido completamente analisado pela equipa forense. É a casa do marido e a equipa forense não teria abandonado a cena do crime se não tivesse a certeza de que estava tudo visto.

Berrylands estava silenciosa. Uma luz no andar de cima brilhava na área do patamar e outra parecia ter sido deixada acesa algures no rés do chão, mas não havia sinais de vida.

– Ela tinha razão em relação ao carro – disse Jackman a olhar para o grande Toyota Land Cruiser. – Mesmo assim, vamos fazer isto da maneira sensata.

Puxou do telefone, procurou o nome de Bruce Fleet e carregou no botão verde de chamada.

Marie sorriu para si própria. Um dos habitozinhos de Jackman era registar nos contactos de telemóvel toda a gente remotamente ligada a um caso em que estava a trabalhar e só os apagar quando o caso estava encerrado. Enquanto o inspetor esperava que atendessem, Marie dirigiu-se para a porta, tocou à campainha e bateu com os nós dos dedos na madeira polida. À volta dela, estavam todos os sinais da atividade policial recente – canteiros espezinados, bocados lamacentos no relvado e pegadas secas nos tijolos do alpendre. Abruptamente, esqueceu-se das pétalas das flores estragadas e empertigou-se ao ouvir um som fraco vindo da casa. Aproximou-se mais da porta, abriu a caixa do correio e ajoelhou-se para ouvir.

O som metálico de uma faixa de música repetida vinha de algures dentro da casa: o telemóvel de Fleet.

– Chefe, o telefone dele está a tocar. Estou a ouvi-lo.

Jackman apressou-se a juntar-se-lhe.

– Vamos ver nas traseiras e se não tivermos sorte, vamos ter de forçar a entrada.

– Estou de acordo, chefe – respondeu Marie, movendo-se rapidamente para o caminho que rodeava a propriedade. – Aquele pressentimento muito mau de que a Lucy Richards estava a falar acabou de se me entranhar também nas veias e não gosto nada disso.

Skye estava sentada no carro a olhar para as janelas vazias e às escuras do apartamento da amiga. Tinha deixado uma curta mensagem no *voice-mail* de Isabel dizendo que ia a caminho, mas não lhe tinha ocorrido, até ter estacionado, que Isabel estava fora, a visitar a mãe em Cardiff. E para sua grande consternação, a amiga não tinha deixado a chave no esconderijo habitual. Era uma coisa que Isabel e Skye faziam sempre e um hábito que os novos amigos da polícia nunca a aconselhariam a ter. *Só por via das dúvidas*, diziam elas sempre e agora, a única vez que Skye tinha precisado, Isabel tinha-se esquecido de a lá deixar.

Skye deixou-se cair para trás no lugar do condutor, sentindo-se doente e cansada. O tempo que passara na polícia com Daniel tinha sido um tormento e vê-lo naquele estranho estado emocional tinha-a deixado de rastos. E agora, em vez de se ir enfiar numa cama quente e confortável, não tinha para onde ir.

Agarrou no telemóvel e carregou nos contactos. Era meia-noite e havia muito poucos amigos, que vivessem na área, a quem achasse que podia telefonar àquela hora. Penny tinha mais um bebé. Richard tinha uma nova namorada e Paul e Andrea estavam a passar por uma separação muito pouco amigável numa relação tempestuosa. E Gina? Bem, talvez. Não era exatamente uma amiga chegada, mas era uma colega de trabalho simpática e sincera que não gostaria da ideia de Skye passar uma noite ao relento. Valia a pena tentar.

Depois de o telefone ter tocado durante algum tempo, Skye desligou antes que fosse para o *voice-mail*. Não valia a pena deixar uma mensagem.

Soltou um suspiro exasperado. Ainda tinha as chaves da casa de Daniel, mas preferia dormir no carro a voltar lá. Parte dela dizia-lhe: vai para casa e pronto. Conta ao Daniel exatamente o que aconteceu e *fá-lo* perceber que está a ser ridículo por pensar que te vai fazer mal. Outra parte dizia-lhe que Daniel estava demasiado frágil para tentar sequer argumentar com ele.

Esquece. Ou encontras outra pessoa amiga ou descobres um sítio para estacionar e deitas-te no banco de trás. Não que ela tivesse a certeza de que caberia no banco de trás do pequeno Kia sem ficar com câibras ao fim dos primeiros 10 minutos. Voltou para a lista de nomes no telemóvel e, finalmente, teve um vislumbre de esperança. Carregou no número e, ao fim de apenas três toques, a chamada foi atendida.

Despejou o que tinha acontecido e sentiu-se invadida por uma sensação de alívio quando a voz do outro lado lhe disse:

– Bom Deus, rapariga! Vem imediatamente para cá. O quarto das visitas está preparado e és bem-vinda. Muito bem-vinda.

Skye sorriu para si mesma, o peso a levantar-se-lhe da mente cansada ao mesmo tempo que ligava a ignição. Raios, por que razão não se tinha lembrado mais cedo de Lisa Hurley? A chefe tinha sido tão generosa ao ajudá-la a limpar a casa de Daniel. Devia ter sido a primeira pessoa a quem telefonar. Com uma pequena gargalhada, Skye acelerou, afastando-se da casa às escuras de Isabel, em direção a um porto seguro para passar a noite.

Marie contornou a casa a correr. O jardim das traseiras inundou-se imediatamente com a luz do sistema de segurança. Deu por si na área de um pátio lindamente desenhado de lajes e canteiros de flores em degrau, repletos de cores garridas. De um lado do jardim, havia uma *loggia* de estilo vitoriano coberta com uma cascata de clematites e rosas. Porém, Marie sabia que não era altura para tecer elogios líricos ao jardim dos Fleet.

– Verifica as janelas envidraçadas que dão para o jardim! – gritou-lhe Jackman ao passar a correr por ela. – Eu vou ver a porta de trás.

A sargento agarrou nos puxadores de bronze e rodou-os.

– Trancadas, chefe.

– E aqui a mesma coisa, caraças!

Jackman parecia tenso.

– Há outra porta mais à frente.

Marie passou por Jackman e aproximou-se de uma porta mais pequena. Tinha painéis de vidro gravados na metade de cima e Marie conseguia ver que abria diretamente para uma lavandaria que alojava uma máquina de

lavar roupa e uma grande máquina de secar. Deu a volta ao puxador e a porta abriu para dentro.

– Ok, entramos – sussurrou, – desde que a porta interior não esteja trancada.

Não estava e pouco depois ela e Jackman já estavam a revistar metodicamente as divisões.

– Não há ninguém cá em baixo.

Aproximaram-se da escada ampla e Marie sentiu o coração a começar a bater com mais força. Ao longo dos anos, tinha encontrado coisas muito desagradáveis ao revistar casas. A única coisa que nunca tinha encontrado era nada de nada.

Mas Berrylands revelou-se a exceção. Não havia vivalma nos quartos de dormir e nada parecia fora do lugar, tanto quanto ela conseguia perceber. Havia uma sensação de desordem e intrusão, um resquício da procura de provas após o homicídio de Alison Fleet, mas nada mais. Verificaram as divisões por duas vezes e Jackman até subiu a escada para o sótão e deu uma vista de olhos às águas-furtadas. A seguir, voltaram para o rés do chão.

Por qualquer razão, dirigiram-se ambos para a cozinha.

Marie ficou parada no sítio onde tinha estado quando o corpo brutalizado de Alison Fleet estava deitado no chão de pedra e inspirou fundo.

Havia qualquer coisa errada.

– Também estás a sentir? – perguntou Jackman baixinho.

Marie assentiu. As chaves do carro de Bruce Fleet estavam em cima da mesa de pinho escovado.

– Chaves – murmurou Marie. – As chaves do carro.

Levantou a cabeça rapidamente.

– Ok, o carro do Bruce está lá fora, mas a Alison não tinha também um carro? Onde é que ele está?

Jackman endireitou-se.

– Há um bloco de garagens no outro lado da propriedade.

Dirigiu-se rapidamente para a porta das traseiras e destrancou-a.

– Anda!

Saíram a correr e deram a volta à casa até uma grande área de cascalho para os carros darem a volta e estacionarem, mas ainda antes de chegar à garagem, conseguiram ouvir um familiar ruído surdo e prolongado lá dentro.

Gavinhas minúsculas de fumo estavam a sair por baixo das portas.

– Grande merda! – exclamou Jackman, puxando a pesada porta de madeira. – Está fechada por dentro!

– A porta do pessoal!

Marie correu para dar a volta ao edifício.

– Pelo menos, essa será mais fácil de arrombar.

Felizmente, a metade superior da porta mais pequena era de vidro e cedeu imediatamente ao cotovelo de Jackman.

Marie enfiou a mão por cima dos fragmentos de vidro e girou a chave com destreza.

– Tapa a boca e o nariz. Esta coisa é perigosa mesmo em doses pequenas – avisou Jackman, puxando o casaco para a cara. – Inspira o menos possível. Vai até ao carro e desliga a ignição. Vou tentar abrir as portas principais para deixar entrar o máximo de ar.

Marie sabia que tinham chegado demasiado tarde. Bruce Fleet tinha estado incontactável durante várias horas. Também sabia que os dois estavam a pôr a saúde em risco por um homem morto, mas tinham de o fazer.

– Raios, pensava que isto já não podia acontecer hoje em dia com os conversores catalíticos, não era?

– Olha para o carro.

Ao mesmo tempo que apertava com força o casaco na parte de baixo da cara, Marie viu o velho Morris Minor Traveller. Para Alison Fleet, um carro para dar umas voltas era uma peça de museu clássica.

– Mas que grande porra! – exclamou, olhando para Jackman. – Vamos lá.

Ambos inspiraram fundo e correram para dentro da garagem.

Bruce Fleet tinha feito um trabalho perfeito. Não só tinha trancado as portas da garagem como também se tinha trancado dentro do carro antigo. Mas *era* um carro velho e Marie viu imediatamente a mangueira que passava pela janela de trás para dentro do Morris. Agarrando numa pá de jardim no meio de uma coleção de utensílios pendurados numa parede, enfiou-a na frincha e empurrou-a para cima. O mecanismo de correr partiu-se, a janela estilhaçou-se e ela teve acesso imediato à fechadura da porta.

Marie já tinha os pulmões a arder, mas inclinou-se por cima do assento do condutor, desligou o motor e, a seguir, verificou se o homem tinha pulsação no pescoço.

– Morto? – perguntou Jackman, murmurando através dos lábios muito bem fechados.

A sargento assentiu com a cabeça, moderadamente certa de que tinha razão, mas mesmo assim inclinou-se sobre Bruce Fleet e puxou o botão da porta.

Jackman tinha aberto as duas portas grandes e o ar estava agora a entrar, embora tenham continuado a não se atrever a respirar. Juntos puxaram o corpo pesado de dentro do carro e arrastaram-no para fora da garagem, onde caíram na gravilha a tossir, engasgados e a arquejar.

Ao fim de uns momentos, Jackman voltou a verificar os sinais vitais do homem e, a seguir, tirou o telefone do bolso e comunicou o incidente.

– Já é demasiado tarde para ele, mas receio que precisemos de ser avaliados.

– Mas nós não estamos sempre a respirar monóxido de carbono, de uma maneira ou de outra?

Marie pensou nos grandes fumadores e nas salas deficientemente ventiladas.

– E sempre que o fazes, diminuis o número de glóbulos vermelhos que transportam o oxigénio no teu corpo – explicou Jackman, sorrindo-lhe. – Não te preocupes porque os paramédicos já estão a caminho e vão dar-nos oxigénio. Estás a sentir-te bem?

– Tenho um bocadinho de dor de cabeça, mas, para além disso, estou bem. E o chefe?

– A mesma coisa. Acho que vamos sobreviver – respondeu o inspetor e, olhando para baixo para a cara vermelha do morto, continuou. – Ao contrário do Bruce Fleet. Estamos perante uma série de perguntas aqui, não estamos? Achas que foi apenas desgosto?

Marie ergueu as sobrancelhas.

– Ou culpa?

Inclinou-se para a frente para ver mais de perto algo que estava a sair do bolso do peito de Fleet.

– Bem, diabos me levem...

Enfiou uma luva e retirou cuidadosamente a folha de papel dobrada.

– Ele fez com que fosse quase impossível salvá-lo, mas parece que foi suficientemente amável para nos deixar um bilhetinho.

Desdobrou-o.

– Preciso de luz.

Jackman tirou uma pequena Maglite do bolso e virou o feixe luminoso para o papel branco.

Marie leu em voz alta:

Peço desculpa. Peço desculpa por ter tido de escolher uma morte fácil em vez de viver uma vida agonizante. Peço desculpa por tudo o que aconteceu. Peço desculpa aos meus amigos. Se eles me amavam, isto vai fazê-los sofrer. Se não me amavam realmente, continuará a ser à mesma um choque. E, por fim, peço desculpa a quem me encontrar, mas pelo menos a morte por asfixia é menos dura para os olhos do que a morte infligida pela faca. BSF.

Jackman assobiou baixinho.

– Contrito e poético, sem dúvida, mas sem referência à mulher amada.

– Estaria doente? Uma vida agonizante geralmente significa que a pessoa já não consegue suportar as dores.

– Parecia são como um pero. Talvez ele esteja a falar da angústia de perder a Alison?

– Ou da angústia de ter lixado a vida de uma maneira qualquer?

– Ou de viver com o facto de ser um assassino. Talvez a referência à faca signifique alguma coisa e «Peço desculpa por tudo o que aconteceu». É uma referência um bocado ambígua, não é?

Ficaram a olhar para o bilhete, meio à espera de que tudo se tornasse miraculosamente claro. Não aconteceu. Marie voltou a dobrá-lo cuidadosamente e enfiou-o no bolso do homem.

– Os tipos do laboratório forense vão querer que isto fique *in situ*.

Sentou-se sobre os calcanhares e desejou que a dor de cabeça desaparecesse.

– Suponho que tenha sido mesmo um suicídio, não?

Marie não se riu com isso. Jackman já tinha visto coisas muito estranhas desde que estava na polícia e ela própria tinha visto homicídios assumirem uma grande variedade de formas. Era possível que fosse um homicídio disfarçado de suicídio.

– A intuição diz-me suicídio.

O inspetor deu uns pontapés distraídos na gravilha.

– Concordo, mas, no que diz respeito a este caso, nunca estarei 100% convencido de nada até o Jacobs confirmar.

– Bem, a primeira coisa que vou fazer amanhã é pedir ao Max que descubra tudo o que puder sobre o Bruce Fleet. Ele tem estado a trabalhar na Alison Fleet e há uma data de mistérios ligados a essa senhora. Talvez eles se alastrem à vida do marido.

Jackman sentou-se no chão ao lado dela.

– E eu vou ter uma conversa com a Lucy Richards. Prometi que o faria e não posso fazê-lo pelo telefone. Não seria justo.

Marie estendeu a mão e tocou-lhe gentilmente no braço.

– Se este gás é tão mau como acha, o senhor inspetor precisa de oxigénio e de algum repouso antes de ir a correr dar a triste notícia à família. Deixe que os agentes fardados façam isso por si. Eles vão mandar alguém lá a casa e *são* muito bons nisso.

Olhou para a cara preocupada do inspetor e admirou-lhe o sentido de responsabilidade. Jackman gostava das coisas feitas corretamente e como tinha prometido a Lucy que a manteria a par do bem-estar do irmão, seria, naturalmente, ele a ir dar-lhe a notícia. Ponto final.

– Não, eu vou. Um pulmão cheio de oxigénio vai pôr-me bom.

Deixou cair a cabeça para a frente e a voz baixou quase para um sussurro:

– Este caso vai de mal a pior, não é?

Marie soltou um suspiro.

– É um bocadinho confuso, mas estou convencida de que mais informações sobre o passado e a vida privada dos Fleet vão responder a muitas perguntas. O Max e o Charlie estão muito adiantados nas indagações, por isso não levará muito tempo.

Jackman sorriu fadadamente.

– O copo está sempre meio cheio para ti, não é, Marie?

Ela sorriu.

– Alguém tem de o ver assim – replicou, levantando a cabeça. – E quer-me cá parecer que estou a ouvir o barulho de um cilindro de oxigénio a aproximar-se rapidamente pelo meio dos brejos.

As luzes azuis e a sirene ao longe animaram-na. Já estava farta da Berrylands. Era apenas a segunda vez que lá ia e, nas duas ocasiões, tinha sido presenteada com um cadáver. Repentinamente, a casinha sossegada dela em Church Mews pareceu-lhe muito agradável mesmo.

[14] N.T.: Sigla de Crown Prosecution Service, o Serviço de Procuradoria da Coroa, a autoridade independente responsável por levar a tribunal os casos investigados pela polícia em Inglaterra e no País de Gales.

CAPÍTULO QUINZE

Com a gata bem apertada nos braços, Daniel deambulou pelo apartamento de Skye, a falar incessantemente. Não conseguia suportar o silêncio. Tinha experimentado a televisão, mas cada um dos canais parecia só estar a dar uma coisa qualquer mais estúpida do que a anterior.

– Quem me dera que ela me tivesse trancado cá dentro – murmurou para a gata.

Tinha tentado arranjar maneira de pedir a Skye, de lhe suplicar, que trancasse as portas e as janelas e levasse as chaves. Contudo, tinha visto a cara dela, pálida e lúgubre de preocupação, e percebido que não podia infligir-lhe mais angústias. A ideia ter-lhe-ia parecido maluca e, provavelmente, teria confirmado os receios que estavam, sem qualquer dúvida, a incubar-se-lhe na cabeça.

Entrou na casa de banho e procurou no armário qualquer coisa que o fizesse dormir, mas não havia nada. Skye não tinha problemas para dormir. Como já sabia, Skye era uma daquelas pessoas saudáveis que praticamente só tinham Paracetamol no armário dos remédios.

Daniel voltou para o quarto e puxou o edredão para trás. Dobrou-se e cheirou a almofada gentilmente. Cheirava ao perfume dela, uma coisa qualquer doce, floral e estival, exatamente como Skye. As lágrimas subiram-lhe aos olhos. Queria que ela estivesse ali com ele. Estava desesperado por a apertar contra o corpo, por mergulhar naqueles olhos muito azuis, aninhar-se naquele cabelo a cheirar a fresco e beijar-lhe a pele límpida e pálida. Queria pôr-se em cima dela, penetrá-la e perder-se nela. Era a única altura em que se sentia em paz e os pensamentos e as ideias terríveis ficavam longe. Era a única altura em que era verdadeiramente feliz.

Como podia sequer pensar que a magoaria? *Nunca* a magoaria. O Daniel que estava deitado a chorar na almofada dela nunca poderia magoar Skye Wynyard. O problema estava no outro Daniel, aquele que acordava sem saber onde tinha estado, aquele a quem tinham roubado minutos e horas preciosos. Aquele cuja cabeça doía tanto que parecia que ia explodir. E esse?

Daniel enrolou-se na posição fetal e, ainda a chorar, enfiou o polegar na boca e chuchou.

O Agente Kevin Stoner vestiu-se rapidamente e depois desceu as escadas a correr até à entrada. Parou por uns instantes para fazer uma avaliação rápida da sua aparência no espelho de corpo inteiro. Calças de ganga pretas, *T-shirt* preta e uma camisola com capuz preta. Perfeito. Parecia um qualquer jovem aborrecido e não identificável que passarinhava pelas ruas depois de escurecer. Só que não estava aborrecido e não tencionava vaguear sem destino por lado nenhum. As atividades noturnas de Kevin tinham um objetivo muito definido.

Consultou o relógio e entrou na cozinha, onde se serviu de uma dose de *vodka*. O álcool percorreu-lhe a cabeça como um foguete a rebentar-lhe nos seios nasais. Não era a maneira usual dele de ir sair e curtir, mas o entretenimento daquela noite estava muito longe da rotina hedonista normal de Kevin.

Entrou na sala e sentou-se. No sofá de couro ao lado dele, estava um pequeno saco de desporto da Nike. Já tinha verificado o conteúdo três vezes e os dedos brincaram ansiosamente com o fecho de correr. Estava lá tudo, disse a si mesmo. A cara endureceu, os olhos estreitaram-se e os lábios apertaram-se. O plano ia funcionar e ele ia ser capaz de voltar a meter a vida nos eixos. No futuro, teria de ser muitíssimo mais corajoso do que tinha sido no passado. Isso implicaria descobrir ao certo quanto perdão o pai tinha naquele coração puritano, mas teria de ser feito. Nada daquele género lhe voltaria a acontecer. Ninguém ia fazê-lo sentir-se sujo ou fraco e ninguém ia ameaçar-lhe a família. Depois daquela noite, a vida dele teria um aspeto muito diferente.

Voltou a olhar para o relógio. A pontualidade era crucial, mas o ponteiro dos segundos arrastava-se horivelmente devagar à volta do mostrador. Não podia chegar cedo. Respirando fundo, Kevin levantou-se e agarrou no saco de viagem. Agora já não podia voltar atrás. Estava comprometido com a missão e ia cumpri-la até ao fim. Com uma oração pouco habitual nele, agarrou nas chaves de casa e saiu pela porta da frente.

Não se atrevia a levar o carro, mas estava em boa forma física e sabia exatamente o tempo que levaria a pé até Riverside Crescent. Enquanto caminhava, foi recapitulando o que ia fazer. Acreditava que tinha tomado precauções para qualquer imprevisto.

À medida que avançava, começou a descontrair e até se permitiu um pequeno sorriso. Tudo isso só era possível porque Zane Prewett era uma pessoa verdadeiramente detestável. A missão dele naquela noite seria bem-sucedida porque Kevin era um polícia consciencioso e cumpridor e o colega o merdoso de um mentiroso. E porque era o merdoso de um mentiroso e um *bully*, Prewett nunca esperaria que o mariquinhas do submisso e aterrorizado parceiro levantasse um dedo contra ele.

O sorriso de Kevin alargou-se. Oh, Zane, não podias estar mais enganado!

Quando virou a esquina para Riverside Crescent, viu um carro-patrulha da polícia a afastar-se vagorosamente. Interpretou isso como um bom presságio. Até a rapaziada de azul estava a cumprir os horários. Enquanto o carro desaparecia, Kevin manteve-se perto das sebes bem aparadas da estrada e depois esgueirou-se silenciosamente para dentro do jardim dos Kinder. Havia dois pontos onde podia aproximar-se em segurança da propriedade sem ativar as luzes de segurança e moveu-se como um gato por entre arbustos, árvores e canteiros, até chegar à porta lateral da garagem. No bolso, tinha uma chave e uma folha de papel, cortesia do Agente Zane Prewett, ainda que este não o soubesse. Enfiou a chave na fechadura, entrou rapidamente e apressou-se a atravessar o átrio à procura do alarme. Tirou uma lanterna do bolso, marcou os números escritos no papel e depois esperou nervosamente. Houve o som de um duplo bip e, para seu alívio, viu uma luz verde a brilhar no ecrã. Primeira fase completa.

Com a adrenalina a pulsar-lhe nas veias, começou a experimentar o tipo de sensação que os vilões devem ter quando executam um trabalho importante. No entanto, a maioria não estaria a fazê-lo com a ajuda da

polícia. E a maioria não teria a sorte de estar a entrar com uma chave sobresselente. Não havia dúvida de que Zane era meticoloso quando passava informações tão sensíveis aos amigos criminosos.

Kevin entrou na sala e ficou encantado por ver que tinha sido limpa e arrumada desde que tinham retirado o estranho mural artístico de Daniel Kinder do sótão. Seria uma enorme ajuda para o plano. Os deuses estavam mesmo do lado dele nessa noite.

Pousou o saco no chão e ajoelhou-se. Tinha resolvido usar a lanterna apenas quando fosse realmente necessário e os olhos já se estavam a habituar ao escuro. Um candeeiro da rua lançava um brilho fraco e irreal na sala.

Primeiro, puxou de um saco para provas e, com as pontas dos dedos enluvados, tirou de lá uma nota de 10 libras. Estava dobrada de uma forma muito especial: dois cantos para o centro e depois a meio. Olhou em redor e decidiu que o melhor sítio para a deixar era entre uma escrivaninha bastante bonita e uma pequena vitrina com fotografias e o tipo de recordações variadas que as pessoas trazem das férias. A nota não era óbvia, mas não seria uma coisa demasiado difícil de descobrir. Era um bocadinho arriscado estar a usar dinheiro, mas, com exceção de Prewett, Kevin punha as mãos no fogo em relação à honestidade de todos os outros bófiás da esquadra de Saltern.

Com isso resolvido, Kevin sacou de outro saquinho para provas e tirou uma madeixa escura de cabelo, deixando-a cair perto da nota de 10 libras. Podia ser que fosse apanhada ou não. Se fosse, tanto melhor.

Deu uma olhadela ao mostrador luminoso do relógio. Precisava de sair o mais depressa possível. Os convidados dele chegariam nos próximos 15 minutos e Kevin gostava de já estar um bocadinho longe quando chegassem. Tirou do saco um grande espanador fofo e, embora tivesse usado luvas, limpou cuidadosamente tudo aquilo em que tinha tocado. Queria ter a certeza de que os próximos ocupantes da sala teriam superfícies pristinas com que lidar.

Voltou rapidamente para o átrio de entrada, marcou o número do alarme e dirigiu-se para a garagem. Segundos depois, estava lá fora a ofegar de alívio.

Uma última coisa, e muito importante, a fazer. Do saquinho maravilha, Kevin tirou um terceiro saco de provas e, deste, um telemóvel pequeno e fino. Enfiou-se nos arbustos e deixou-o cair, com pouco cuidado, num maciço daquelas plantas floridas de que a mãe gostava tanto, um canteiro de amores-perfeitos. Que apropriado^[15], pensou alegremente.

Kevin voltou então para trás ao longo de Riverside Crescent até ir dar a uma estrada comprida e estreita no canto da qual havia um abrigo para uma paragem de autocarro coberto de grafítis. Era demasiado tarde para um autocarro, mas era um sítio ótimo para ficar, sem ser visto, a observar a casa grande a seguir à curva.

Estava lá há apenas uns instantes quando viu uma figura a encaminhar-se muito determinadamente para a casa dos Kinder. Algo na figura escura fê-lo inteiriçar-se. Não parecia ser a pessoa de que estava à espera, e se não era, quem raio seria?

O homem entrou silenciosamente no jardim e desapareceu. Nessa altura, Kevin ouviu um veículo a aproximar-se e soltou um suspiro de alívio. O homem misterioso tinha sido o batedor e o resto do grupo vinha logo atrás. E tinham chegado mesmo à hora. Estava tudo a funcionar na perfeição. Chegou um segundo homem, que se esgueirou para dentro do jardim, perto do sítio por onde Kevin tinha entrado, e três minutos depois, uma carrinha escura, com a matrícula tapada, entrou no caminho de acesso. Deslocou-se lentamente para a área da garagem, fora da vista de quaisquer transeuntes noctívagos.

Kevin esperou exatamente 10 minutos e, a seguir, tirou do bolso um telemóvel pré-pago, completamente novo, e ligou para o 999^[16].

E agora eram horas de se ir embora.

Kevin voltou para casa a correr pela estrada cénica, usando as veredas mais afastadas e o caminho ao longo do rio. Queria estar fora da estrada principal quando os colegas aparecessem a toda a velocidade, em direção à casa dos Kinder. Parou ao pé do rio durante alguns momentos a tentar acalmar a pulsação acelerada. A água corria escura e funda e ajudou-o a acalmar. Olhou para a escuridão cerrada e concluiu que tinha corrido tudo bastante bem. E agora, ali estava ele, a caminho de casa com um sorriso nos lábios. Estava feito. Agora competia aos colegas serem meticolosos e a Zane Prewett estar onde tinha dito que estaria naquela noite.

Quando chegou a casa, Kevin Stoner sentia-se como se tivesse conseguido pôr em movimento uma enorme sequência de acontecimentos, uma sequência que poria Zane Prewett num caminho muito diferente do dele. E, naquela noite, pela primeira vez havia muito tempo, Kevin pensou que o pesadelo podia ter terminado.

Enquanto Kevin ainda se sentia atordoado com o resto da adrenalina, Sue Bannister estava a sentir um atordoamento de natureza diferente.

O marido estava a fazer o turno da noite no hospital e tinha saído de casa numa explosão de fúria. Nada de novo nisso. No entanto, as discussões estavam a ficar demasiado frequentes e Sue já não sabia o que fazer.

Sabia que ele estava a ter uma relação com uma das enfermeiras. O marido não fazia ideia de que ela sabia, mas, enfim, ele era homem, não era? Também sabia que as queixas e as discussões se deviam ao facto de o marido se sentir culpado. Estava convencida de que ele ainda a amava, mas... bem, era homem, não era?

Sue tinha preparado um *gin* tónico. Não era uma coisa grande, não queria ficar entornada, mas a bebida tinha-lhe dado coragem para fazer o telefonema. Ele tinha-a escutado, de uma maneira que o marido nunca fazia. Tinha estado realmente interessado no que ela sentia, mas a verdade é que era sempre assim, bondoso e interessado. E, naquela noite, pela primeira vez, tinha-se oferecido para ir lá a casa.

Sue contorceu-se um bocadinho na cama. Nunca tinha feito nada assim. Olhou para a roupa que vestia. Era bonita, quase *sexy*, mas não demasiado provocadora. Não devia dar a ideia de que estava demasiado ansiosa.

Bebeu outro gole da bebida. Ele tinha-lhe perguntado várias vezes a que horas o marido chegava e se alguma vez saía mais cedo do trabalho. Sue garantira-lhe que o marido *nunca* saía mais cedo, o mais certo era chegar tardíssimo, e que isso era, provavelmente, porque ele e a enfermeirazinha reles faziam turnos que lhes permitiam dar uma queca rápida antes de ele chegar a casa para o pequeno-almoço.

Esse pensamento encheu as veias de Sue de raiva e dor e fê-la sentir-se ainda mais preparada para a visita. Na pior das hipóteses, poderia descarregar, abrir o coração e saber que havia alguém realmente a ouvi-la.

Na melhor das hipóteses, bem, Sue olhou para a cama limpa e feita. Afinal, não tinha sido *ela* a começar aquilo e, como dizia o provérbio, o que servia para um...

Engoliu o resto da bebida, viu as horas e desceu as escadas. A porta das traseiras não estava trancada. Tinha-lhe dito, descontraidamente, para usar a porta de trás, que era o que toda a gente fazia, e que talvez fosse melhor que ninguém o visse à porta de casa àquelas horas tardias da noite. Na rua, as cortinas agitavam-se fosse qual fosse a hora.

Quando chegou ao último degrau, ouviu um ligeiro ruído. Ele não a tinha desiludido! Sue alisou a saia, olhou de relance para o espelho e esboçou um sorrisinho nervoso. Inspirou fundo e entrou na cozinha.

O homem que estava de pé à frente dela, apenas a uns centímetros de distância, parecia que tinha acabado de sair de um hospital.

Estava vestido da cabeça aos pés com um uniforme cirúrgico verde, da touca protetora a tapar o cabelo às coberturas para os sapatos. Trazia uma máscara.

Sue tentou assimilar o que tinha diante dos olhos. Porém, as indicações que estava a receber não faziam sentido. Apareceram-lhe no cérebro informações inúteis. Verde «descanso para os olhos», era o nome que lhe davam, o oposto do vermelho na roda das cores. Era usado nas paredes, nos lençóis das salas de operações, e o pessoal usava-o. As manchas de sangue no verde eram muitíssimo menos berrantes do que borrifos escarlates no branco.

Sue abriu a boca para falar, mas as mãos dele agarraram-na e viraram-na de costas. O homem fechou-lhe a boca com a mão enluvada.

Se aquilo era para ser um jogo sexual, se ela lhe tinha, acidentalmente, dado a impressão errada daquilo que precisava dele, tinha de o parar. Imediatamente.

Mas como o podia fazer? A mão estava a esmagar-lhe os lábios contra os dentes. Nem sequer conseguia engolir como devia ser, quando mais respirar. O braço que tinha livre batia fracamente como um pássaro com a asa partida, tão inútil como um lenço de papel. Um pânico cego sobrepôs-se à confusão. Aquilo não era jogo nenhum.

E foi então que ele lhe bateu. Com força, na parte de trás da cabeça.

[15] N.T.: Em calão, *pansy* (amor-perfeito) é um dos nomes para homossexual.

[16] N.T.: O equivalente ao 112 no Reino Unido.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Kevin escolheu o momento exato para entrar na esquadra. Certificou-se de que tinha estampada na cara a expressão de desalento que se tornara a imagem de marca dele ao longo dos últimos meses.

Havia polícias, tanto masculinos como femininos e prestes a dar por findo o turno da noite, a apressarem-se de um lado para o outro com sorrisos de orelha a orelha, trocando vários «dá cá mais cinco!» entusiasmados.

– O que é que se passa? – perguntou Kevin a um jovem agente chamado Gus Bannon.

– Ei, o teu turno perdeu uma farra danada ontem à noite! O Drew Wilson e o gangue dele só tentaram assaltar a casa dos Kinder! Mas nós recebemos uma dica anónima e conseguimos engavetar quase todos.

Deixou que uma ligeira carranca lhe turvasse o deleite.

– Só foi pena que dois tenham conseguido dar de frosques, mas temos quatro, incluindo o próprio Drew, lá em baixo na choça.

– A sério? – soltou Kevin, tentando mostrar-se surpreendido e impressionado. – Já andávamos há meses a tentar arranjar qualquer coisa para apanhar esse bando, mas os tipos estavam sempre um passo à nossa frente.

– Eu sei, mas ontem à noite houve qualquer coisa que lhes correu para o torto. Devias ter visto a coboiada que foi quando nós aparecemos. Bandidos a pirarem-se por tudo o que era sítio. Brutal!

Kevin deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Bela detenção, companheiro. Bem jogado.

Dirigiu-se para o balneário. Sabia que Zane já lá estaria. Kevin abriu a porta e olhou em volta. Não havia lá mais ninguém a não ser Prewett, sentado, lívido, num dos bancos de madeira. Kevin exibiu de novo o rosto falsamente infeliz, ainda que o coração lhe exultasse de alegria.

– Acabaram de me contar da visitinha de ontem à noite à casa dos Kinder.

Manteve um tom neutro e, a seguir, lançou um olhar perplexo a Zane Prewett, baixando a voz para um mero murmúrio:

– Julgava que o Drew Wilson era um dos teus «compadres». Então e o que é que aconteceu?

Zane deu um pulo do banco e começou a andar de um lado para o outro.

– Sei lá eu, foda-se! Mas se o Wilson concluir que esta cagada tem o que quer que seja a ver comigo, estou feito ao bife.

Kevin esperava fervorosamente que isso acontecesse. Disse-lhe:

– Mas a verdade é que lhe enviaste as informações sobre aquele sítio. Vi-te a marcar o código do alarme e obrigaste-me a proteger-te o couro quando bazaste para ir fazer uma cópia da chave da porta das traseiras.

– Pois, e também lhe enviei uma mensagem a dizer-lhe para abortar quando libertámos o doidão do Daniel Kinder! Não faço puta ideia por que raio é que o gajo avançou à mesma.

Kevin olhou fixamente para Zane.

– Tens a certeza de que ele recebeu a tua mensagem?

– Respondeu-lhe, como faz sempre – retorquiu Zane com um gemido ruidoso. – E depois o estúpido do cabrão resolve mesmo assim ir em frente.

Virou a cara macilenta para Kevin.

– E o pior de tudo nem é isso. Desapareceu-me a porra do telemóvel.

Kevin fingiu-se chocado.

– Raios partam, Zane! Se alguém encontrar isso, estás metido numa alhada do caraças.

Fez uma pausa momentânea e, a seguir, perguntou:

– Achas que o Drew Wilson te vai tentar lixar?

– O que é que te parece, meu grande bronco?

O rosto de Zane converteu-se numa máscara de raiva.

– Aposto que estás a adorar isto, não estás?

Kevin estava extasiado. Apetecia-lhe berrar que se sentia mais feliz do que nunca. Num tom sério, respondeu:

– És um polícia corrupto, Zane, e dás-te com marginais. Até mesmo tu te deves ter dado conta de que esses joguinhos não podem continuar para sempre. Tens andado a nadar com piranhas e, agora que foram apanhadas, vão arrancar-te a carne dos ossos.

Zane deu meia-volta e agarrou em Kevin pelas lapelas, encostando-o a um dos cacifos.

– Bom, mesmo que façam isso, tu, meu paneleirozinho, vais manter a boca fechada!

Kevin sentiu o hálito azedo de Zane e viu fúria e medo naqueles olhos que se encontravam quase colados aos dele.

– O que eu já te disse continua a valer, por isso não te esqueças disso, senão a tua preciosa Sophiezinha vai ser a primeira a perceber que ninguém se mete com o Zane Prewett! Acaba-se mal, Kevin.

Fez um esgar.

– Há uma série de coisas que se podem fazer a uma coisinha assim tão pequenina e bonitinha – coisas capazes de mudar uma vida.

Empurrou Kevin rispidamente para o chão.

– E isso sem contar com aquelas fotozinhas encantadoras que estão mais do que prestes a seguir para o Papá, embora eu duvide de que ele as vá querer acrescentar ao álbum de família.

Kevin levantou-se a custo.

– Oh, não te preocupes comigo. Sabes que me tens precisamente onde me queres. Não vou pôr-me a falar com ninguém. Esta encrencada mostra é da tua exclusiva responsabilidade, Zane. Foste tu que fizeste isto tudo sozinho.

Endireitou o casaco.

– Devias agradecer à tua estrelinha da sorte por isto não ter acontecido durante o nosso turno. Já imaginaste o fiasco que seria se te tivessem mandado ir prendê-los? O Drew Wilson tinha-te linchado! E agora sugiro que nos ponhamos daqui para fora e tentemos agir normalmente.

Avançou para a porta sem que fosse capaz de resistir a acrescentar:

– Mesmo que te estejas a borrar todo.

Às 10h da manhã, Skye já estava a começar a desejar que a polícia não tivesse soltado Daniel. O namorado tinha-lhe ligado para o telemóvel às 8h30 para a informar, numa voz trémula, que a casa da mãe tinha sido

arrombada. O primeiro pensamento de Skye foi que não tinha trancado tudo devidamente ou que se tinha esquecido do alarme, mas sabia não ser esse o caso. A casa não era dela e tinha sido extracuidadosa.

– A polícia anda para ali com aqueles *zombies* dos investigadores forenses a pôr novamente tudo de pantanas. Pela segunda vez em poucos dias! A minha mãe vai passar-se da cabeça.

Parecera uma criança à beira de uma birra.

– Daniel, a tua mãe está a milhares de quilómetros de distância, no meio da selva, em comunhão com fetos e libelinhas. E de certeza que podemos arrumar tudo outra vez – respondera Skye, frisando bem a parte do «outra vez» – antes de ela regressar.

Não era coisa que ela estivesse mortinha por fazer depois da «maratona de limpeza» com Lisa. A polícia tailandesa andava a tentar localizar Ruby Kinder e assim que o conseguisse, ela voltaria para casa no primeiro voo disponível.

– Levaram alguma coisa de valor? Estragaram alguma coisa?

– Nada. Bom, teria acontecido tudo isso, mas houve alguém que chamou a polícia. Que os apanhou antes de se poderem escapulir na carrinha com metade da casa da minha mãe lá dentro.

– Graças a Deus – desabafara ela.

As coisas já estavam suficientemente más na casa dos Kinder sem que uns ladrões fugissem de lá levando-lhes os pertences preciosos todos.

– E como é que tu estás, querido? Conseguiu dormir alguma coisa?

Daniel fizera um barulho estranho, parecido com um resfolegar. E retorquira:

– Não sei. Julgava que tinha realmente dormido, e disseram-me da polícia que me tinham telefonado para aqui para me avisar do assalto, mas...

A voz falhara-lhe.

– Não ouvi nada.

– Então quer dizer que dormiste mesmo bem, não foi?

– Não estás a perceber, Skye! Acho que não estive aqui.

Não dissera mais nada. Não precisara. Skye sentira uma dor de cabeça a formar-se-lhe por trás dos olhos cansados. Teve vontade de gritar, mas perguntou-lhe calmamente:

– Onde é que estavas quando acordaste?

– Aqui, na cama. Só que quando me levantei, tinha... tinha terra nos ténis.

A voz recomeçara a tremer-lhe.

– Não saias daí – lançara ela. – Estou a ir para casa.

A equipa, na companhia de Guy Peterson, encontrava-se reunida no gabinete de Jackman. Já iam na segunda rodada de café. Tinham começado pela tentativa de assalto à casa de Daniel Kinder.

– Se não fosse aquela dica anónima, teria sido um golpe perfeito – afirmou Marie. – A imprensa já tinha desistido de acampar à porta da casa, a mãe está no estrangeiro, o Daniel ainda estava supostamente detido e com a Skye a sair de lá, tinham uma casa todinha vazia para revirar. Caraças, até a gata tinha desaparecido.

Jackman franziu o sobrolho.

– Aquela chamada anónima foi bastante conveniente, não foi? Deu precisamente aos nossos rapazes o tempo suficiente para lá chegar e apanhá-los com material roubado na carrinha e todos com a boca ainda na botija, por assim dizer.

– Se fosse de um vizinho, seria de esperar que tivesse dado o nome, certo? – atirou Charlie. – Não havia razão para não o fazer.

– Um camarada meu que esteve lá ontem à noite acha que foi o Daniel Kinder que ligou para o 999.

Max coçou o queixo.

– O Daniel?

– Tem quase a certeza absoluta que o viu quando a coisa rebentou. Não na casa, mas perto da estrada. E quando foram a casa da Skye Wynyard avisá-lo da tentativa de assalto, ele não estava lá ou então não abriu a porta. Só o conseguiram contactar já hoje de manhãzinha.

– Então é o que é que ele lhes disse? – perguntou Jackman.

– Disse que tinha tomado uma coisa para adormecer. Achava que estava morto para o mundo.

Jackman rosnou de preocupação.

– Raios! Esse homem continua a dar-me sérios motivos de preocupação, mas temos de avançar. Temos de falar dos Fleet, da nossa segunda vítima, a Julia Hope, e continuamos a precisar de descobrir tudo o que pudermos acerca da Françoise Thayer.

O inspetor desenhou círculos grossos e vincados no bloco de notas, na tentativa de desanuviar o cérebro sobrecarregado.

– Ora muito bem, vamos lá elencar o que já temos para depois decidirmos como prosseguir.

Olhou para Max e para Charlie.

– Começemos pelo que sabem dos Fleet.

Max apontou com a cabeça para Charlie.

– Faz favor, companheiro.

Charlie olhou para o bloco de notas.

– Número um, estavam com grandes problemas financeiros. A fábrica de cerveja dos Fleet estava a ir por água abaixo a toda a velocidade e, de uma forma ou de outra, o Bruce Fleet lá conseguiu esconder essas dívidas de toda a gente. Número dois, o médico de família da Alison Fleet nunca lhe receitara antidepressivos, mas foram encontrados imensos escondidos dentro dos sapatos dela, no fundo do guarda-roupa na Berrylands.

– E os frascos tinham algum rótulo? – perguntou Guy Preston.

– Não. Estavam à solta, em sacos de polietileno, não estavam embalados.

Charlie mudou de página.

– No entanto, o pessoal forense identificou-os como sendo uma coisa chamada Cloridrato de clomipramina e, pelos vistos, ela já andava a tomar isso há algum tempo.

– Isso é um antidepressivo tricíclico – explicou Preston. – É muitíssimo utilizado para doenças depressivas e uma série de outros problemas. Mas se não foi o médico de família que lho passou, então quem foi?

Charlie voltou a consultar o bloco de notas.

– O médico de família declarou com toda a convicção que a Alison Fleet não tinha problemas de saúde graves e que nunca precisou de lhe recomendar qualquer médico especialista fosse em que hospital fosse ao longo dos 15 anos em que a teve como paciente.

– Então dá toda a ideia de que ela se andava a automedicar pelo raio da Internet! – atirou Preston, com uma voz tingida de raiva. – Isso é superperigoso, caraças! Há pessoas que só aprendem quando já é tarde

demais e depois temos de ser nós a tentar colar os pedacinhos.

Max inclinou-se para a frente.

– Não sei como é que ela arranjou os comprimidos, Prof., mas acho que sei porque é que andava desesperada a tentar manter-se à tona.

Passou a mão pela farta cabeleira escura.

– Pusemos alguns dos nossos homens a verificar as contas bancárias dela, sobretudo as contas relacionadas com as instituições de caridade, e está tudo uma verdadeira bagunça. Há dinheiro que foi transferido repetidas vezes entre vários fundos e grandes montantes em falta. Parece que ela andava a tentar fazer grandes maroscas.

– Para safar o maridinho? – perguntou Marie.

– Talvez – respondeu Max, franzindo o sobrolho, – mas não há registo de levantamento com os correspondentes pagamentos à fábrica ou transferências para a conta pessoal do Fleet.

Charlie acrescentou:

– E também não estava a fazer um pezinho-de-meia para tempos difíceis. Os próprios fundos dela estavam nas lonas e a Alison também não tinha absolutamente nada em *offshores*.

– O que nos leva ao primeiro marido dela – continuou Max. – O tipo chama-se Skinner, Ray Skinner, e apareceu no iPad da Alison Fleet. Julgamos que ela esteve em contacto com ele recentemente, mas não tem sido fácil localizá-lo.

– E sabemos porque é que eles se separaram? – perguntou Jackman.

– Ainda eram muito novos quando casaram e houve indícios de violência doméstica, mas não há nada oficial que mostre que ela o chegou a acusar seja do que for. Estamos a falar essencialmente de especulação, a partir das migalhinhas de informações que conseguimos desenterrar, ainda que não tenhamos nada concreto.

– Então porquê querer ir falar com ele agora? – refletiu Marie.

– De facto, porquê? Dá a ideia de que ele seria uma parte da vida dela que ela preferiria ter esquecido.

– Se calhar, ele não a deixou fazer isso – afirmou Charlie. – Uma chantagem podia ser a justificação para os problemas de liquidez.

Jackman assentiu com a cabeça.

– Nesse caso, continuem a procurá-lo. Também pode ter sido ele que a levou a começar a dar nos drunfos.

Estava prestes a prosseguir quando o telefone tocou. Falou durante uns instantes e voltou a pousar o auscultador.

– Bom, uma coisa acabou de ser clarificada. Era do laboratório. O suicídio do Bruce Fleet foi exatamente isso: um suicídio. A mangueira e o chassis do carro, junto ao tubo de escape, estão cheios de impressões digitais dele. O homem trancou o carro e as portas da garagem por dentro e não há dúvida de que foi ele que escreveu o bilhete. Para já, só temos as impressões digitais, já que os outros testes vão demorar o seu tempo, mas já confirmaram que a causa da morte foi asfixia química e as investigações preliminares sugerem que se tratou de uma situação autoinfligida.

Fez uma careta.

– Pelo menos, não temos uma terceira vítima de homicídio nas mãos.

– Só precisamos de provar que ele não é um homicida morto – acrescentou Charlie taciturnamente. – O Bruce Fleet podia já estar a atingir o ponto de reбуçado com a empresa a ir à falência. A seguir, descobre que a mulher anda a despejar dinheiro num marido anterior que ele nem sabia que existia e o tipo passa-se por completo da marmita.

– Estás a esquecer-te do álibi dele, Charliezito – interveio Max. – O gajo estava a quilómetros de distância, a falar com uma catrefada de mandachuvas da indústria cervejeira.

– Então mantém o mesmo cenário, mas só que o Bruce paga a alguém para fazer o trabalhinho sujo por ele e, conforme tu acabaste de dizer, o marido enlutado tem um álibi do catano.

Charlie recostou-se na cadeira, com um ar presunçoso.

– E a nossa enfermeira morta, a Julia Hope? Utilizaram a mesma faca. E, até agora, ainda não descobrimos nenhuma ligação entre ela e os Fleet, portanto porquê matá-la?

Charlie encolheu os ombros.

– Pois, bem, ainda não cheguei tão longe.

Jackman inclinou-se para trás e esticou-se.

– Para já, ainda sabemos pouquíssimo sobre a Julia Hope. Nem sequer sabemos *onde* é que ela foi morta, muito menos porquê.

– Pedi ao pessoal fardado para analisar as imagens de CCTV do hospital da última vez que ela lá foi trabalhar. Vão tentar reconstituir os movimentos dela desde que a viram pela última vez até ao momento em que sabemos

que ela morreu – disse Marie. – Para além disso, vão falar com todos os colegas e amigos para tentar perceber quem foi a última pessoa a ter contacto com ela.

Preston fez um ar pensativo.

– Será que o hospital pode ser o denominador comum entre as duas vítimas? Partindo, claro, do pressuposto de que *há* um denominador comum?

Max pegou na deixa:

– Bom, a Julia era enfermeira e a Alison estava a tomar uma data de medicamentos sujeitos a receita. Será possível que houvesse alguma rede de tráfico de drogas lá no hospital?

Jackman soltou um grunhido.

– Não posso dizer que isso já me tivesse passado pela cabeça.

– Mas é uma possibilidade – retorquiu Marie, olhando para o inspetor. – Acha que vale a pena fazer umas perguntinhas discretas, patrão?

Jackman assentiu lentamente.

– Diria que sim, mas só mesmo *muito* discretas. Se o pessoal do hospital está preparado para dar a um dos nossos polícias uma dose de laxantes simplesmente por o homem estar a fazer o trabalho dele, então que Deus acuda quem quer que os acuse de andar a traficar drogas!

Fez uma pausa e depois disse:

– E continuamos a ter de tentar descobrir se o Daniel Kinder é ou não o filho de uma assassina com uma queda hereditária para matar gente.

– Ou um tolinho com miolos de galinha – disparou Max.

– Bem dito, Max. Embora me pareça que os problemas dele são bem mais profundos do que essa sua, hum, avaliação – retorquiu Guy Preston, lançando um sorriso paciente ao jovem detetive.

– Desculpe lá, Prof. No entanto, é a isso que se resume tudo, não é? O tipo ou é um assassino perigoso ou um doido varrido capaz de dar cabo de uma investigação importante de um duplo homicídio.

– Bem, pondo as coisas assim, sou forçado a concordar.

Após uns momentos de silêncio, Preston tirou um computador portátil da pasta de couro.

– Por falar nisso, digitalizei grande parte das minhas pesquisas iniciais sobre a Françoise Thayer. Será que algum de vocês se importava de imprimir umas cópias para distribuir por toda a gente? Estão guardadas

numa pasta com o nome dela.

– Na boa – anunciou Charlie, pegando no portátil e dirigindo-se para a porta. – Volto daqui a nada.

– E eu tenho andado a debruçar-me sobre as coisas a que a Orac acedeu. Tinha razão, chefe. É tenebroso de ler.

Marie fez uma careta.

– Tentei concentrar-me na vida pessoal dela, principalmente em tudo o que se relacionasse com o facto de a Françoise ter tido uma criança.

– Era um menino e foi entregue aos serviços sociais, certo? – acrescentou Preston.

– Certo. Para sua própria segurança, atribuíram-lhe uma identidade nova e monitorizaram-no escrupulosamente, tanto em termos físicos como mentais, durante os primeiros anos de ensino. Mas agora, nesta altura do campeonato, e a não ser que a Orac faça um bocadinho mais da magia dela, já é impossível localizá-lo.

Marie encolheu ligeiramente os ombros.

– Não temos nenhuma data de nascimento porque ela nunca o registou. A idade da criança corresponde à do Daniel Kinder, mas a verdade é que também deve corresponder à de imensos outros.

– Não sei se essa vossa pesquisa o menciona, mas o menino foi muito maltratado – informou Preston. – Abusos físicos, tortura mental e provavelmente uma data de coisas mais. Quando conseguiu finalmente escapar dela, estava feito num oito.

– E chegaram a dar-lhe algum nome? – perguntou Jackman.

– Não. Surge referido em todos os relatórios como Rapaz Seis.

– E porquê seis? – perguntou Max, perplexo.

– Nunca o descobri, apesar de ter sido sugerido que terá sido entregue aos serviços sociais no dia seis de um dado mês. O mais provável é ter sido uma coisa tão mundana quanto isso.

Marie folheou o dossiê de Orac.

– Aqui diz o mesmo, acrescentando-se que o Rapaz Seis estava tão gravemente traumatizado que se considerou bastante improvável que alguma vez viesse a ser capaz de se lembrar das coisas que lhe aconteceram nos primeiros anos de vida.

– Cum camandro! – murmurou Max. – Tal e qual o Dan, the Man^[17].

Antes que alguém lhe pudesse responder, Charlie Button abriu a porta e distribuiu cópias das notas de Guy Preston sobre Françoise Thayer.

Marie ainda estava a olhar para o dossiê de Orac. Virou-se para Jackman e disse:

– O que é bastante arrepiante é que a Thayer pode ter chegado a matar outras sete pessoas. A polícia francesa ainda tem casos abertos atribuídos a ela, mas que ainda estão por provar. E foram todos ataques cruéis e brutais com armas de lâminas afiadas. Parece que ela tinha uma tara por facas, navalhas, machados, tudo o que pudesse infligir o máximo de danos à vítima.

– E levasse à máxima perda de sangue – juntou Preston. – Verão pelas minhas notas que eu estava convicto de que ela sofria de uma coisa chamada hematomania e que consiste num fascínio mórbido por sangue.

Os olhos de Charlie esbugalharam-se.

– O quê? Como o Drácula?

Preston soltou uma gargalhada curta.

– Charlie, meu rapaz, até está mais perto do que julga. As pessoas que padecem deste distúrbio correspondem aos nossos vampiros da vida real, só que nem todos chegam a beber esse sangue.

Jackman assentiu com a cabeça.

– Já ouvi falar disso. Não é parecido com a hematomolagnia?

Foi a vez de Preston esbugalhar os olhos.

– Não me leve a mal por dizê-lo, mas não há assim tantos DI que conheçam um termo de psicologia como esse.

Jackman encolheu os ombros e prosseguiu:

– Um fetiche por sangue é um termo que se utiliza para descrever a crença, no seio de uma sociedade ou cultura, de que o sangue enquanto substância material possui propriedades poderosas ou mágicas. Se bem recordo, traduzido, isso quer dizer «sede de sangue» e é geralmente uma coisa sexual, que tem a ver com jogos sadomasoquistas e desportos sangrentos.

– Tem razão. Mesmo na sua forma sexual, é muitíssimo perigoso, não só devido às lesões e cicatrizes permanentes que provoca, mas também devido às doenças que são transmitidas por via sanguínea.

– Isto é mesmo nojento – comentou Max, agoniado.

– Acreditem no que vos digo – continuou Preston, num tom seriíssimo, – foi uma bênção os *media* não terem empolado o caso da Françoise Thayer. Se a opinião pública tivesse tido conhecimento do que ela andava realmente a fazer por aí, toda a gente se teria trancado em casa e ninguém teria saído até ela ser capturada. Teria chegado tudo a um impasse.

– Os documentos da Orac indicam que o patologista do Ministério do Interior era da opinião de que a Françoise possuía um método de matar muito específico. Primeiro, cortava as vítimas para que estas sangrassem profusamente, mas sem que ficassem, pelo menos inicialmente, em perigo de morte. A seguir, começava a infligir-lhes lacerações mais profundas, das quais resultavam sempre quantidades copiosas de sangue, até que, das duas, uma: ou as despachava ou então ficava a vê-las a esvaírem-se até morrer – informou Marie, engolindo em seco. – Conforme dizes, «Carniceira Loira» era quase um eufemismo.

Continuou a ler.

– E as poças de sangue eram reviradas.

Olhou para Preston.

– Mas que porra é que isso quer dizer?

– A Françoise enfiava as palmas das mãos no sangue ainda quente e mexia-as devagar, com movimentos circulares. Era uma coisa que ela se deliciava a demonstrar, através de mímica, evidentemente, a quem quer que fosse suficientemente doente para interagir com ela – respondeu Preston, inchando as bochechas. – Ela não o bebia, nem se banhava nele. Para a Thayer, o que contava era esse primeiro contacto, a sensação de ter nas mãos esse fluido vital acabadinho de derramar. Acho que essa era a única forma que tinha de alcançar prazer.

– Cabra tarada – rosnou Max.

– Apoiado – soltou Charlie.

– Bem, por mais edificante que tudo isto seja, continua a não nos fazer avançar nada no sentido de descobrir quem são os progenitores do Daniel, pois não? – suspirou Marie.

– Não, mas tenho uma ideia – retorquiu Jackman, coçando a cabeça pensativamente. – Como a Orac já teve a gentileza de contactar o detetive que chefou a investigação original, não faria mal nenhum dar-lhe uma

palavrinha. Posso estar redondamente enganado, mas há a hipótese remota de ele ter guardado alguma coisa, um objetozinho qualquer que nunca chegou a ir parar a um saquinho de provas.

– Uma recordação?

Charlie pareceu cético.

– Porquê?

– Costuma acontecer. Por norma, dá-se quando um caso nunca chega a ser resolvido e o detetive se apercebe de que não o consegue esquecer.

– Lembranças, recordações, troféus, *souvenirs*, símbolos. São todos imensamente poderosos, conforme saberá, DI Jackman, se estudou Sociologia.

Preston olhou para o inspetor sem disfarçar um renovado interesse.

Charlie resfolegou.

– Bom, eu cá já sabia que os assassinos em série gostavam de troféus, mas nunca imaginei que um bófia sacasse cenas a mortos.

– Não são cenas sacadas a mortos, Charlie – replicou Jackman de forma tolerante. – São simplesmente coisas de um caso que eles nunca vão conseguir esquecer, um caso que provavelmente lhes roubou meses ou talvez anos de vida. Pode ter sido a gota de água, o caso que lhes deu cabo do casamento ou que os pôs a beber desalmadamente. É algo profundamente pessoal, Charlie. Era o caso *deles*.

– Posso ir eu – ofereceu-se Marie. – Dou-lhe uma apitadela e, se ele se puder encontrar comigo, sigo de imediato. Se for de mota, consigo voltar cá a tempo da reunião da tarde, se tudo correr bem com algumas respostas.

Olhou para Jackman.

– E sei de que é que anda à procura, patrão. Não se preocupe.

Jackman sorriu e assentiu com a cabeça.

– Nada de acelerar, hã?

Marie lançou-lhe um olhar que dizia «pois, pois», pousou a papelada em cima da secretária dele e foi-se embora. Jackman reparou nas expressões dos outros três. Estava a pensar no ADN.

Se o velho detetive tivesse levado alguma coisa, era possível que tivesse pertencido à própria assassina, havendo a possibilidade remota de, com as novas tecnologias de que agora dispunham, os técnicos forenses serem capazes de obter algo. Era uma hipótese num milhão, mas mesmo com a ajuda de Orac e das capacidades sobre-humanas dela, podiam levar semanas

a localizar as tais caixas com provas desaparecidas, que, afinal, até podiam estar reduzidas a um montinho de cinzas num edifício carbonizado. Valia seguramente a pena tentar deitar para trás das costas o mistério de Daniel Kinder.

– Com que então ela continua a andar de mota, é?

A voz de Preston devolveu Jackman à terra.

– E de que maneira, até parece o vento – respondeu Max.

Tremeu exageradamente.

– A mim nem por nada deste mundo me enfiavam em cima de uma coisa dessas.

Jackman ficou a ouvir os outros três homens a discutir os perigos do motociclismo e sentiu uma irritação súbita. A bem dizer, essa irritação só tinha a ver com Preston e com o comentário que este tinha feito, como quem não quer a coisa, sobre Marie. Dava a ideia de serem amigalhões do peito. E, por alguma razão, Jackman não gostava disso.

Coçou a cabeça e perguntou-se por que razão haveria isso de o incomodar. Afinal de contas, ele e Marie não eram um casal e não lhe passava seguramente pela cabeça que viessem alguma vez a ser, mas a verdade é que tinham *de facto* uma relação. Não era capaz de a descrever, mas tratava-se de uma ligação poderosa e Jackman sabia que, se lhe perguntasse, Marie lhe diria que também a sentia. Eram parceiros, e ele sabia que daria a vida por ela caso isso fosse necessário. Era um elo criado com base no respeito mútuo e Jackman admirava-a profundamente. Uma coisa que nunca tinha sentido nas equipas de trabalho anteriores no DIC. E pelo que Marie lhe tinha contado acerca dos superiores com quem já trabalhara, tinha quase a certeza absoluta de que ela também nunca tinha passado por isso. Jackman concluía que isso lhe dava um certo direito a manifestar a sua opinião no que tocava a pessoas que se imiscuíam na vida dela. E o comentário de Preston sobre o facto de Marie andar de mota tinha-lhe soado quase desdenhoso, como se o psicólogo tivesse o direito de dizer o que era melhor para ela.

– Conta ao professor o que a sargento fez depois de o marido morrer.

Charlie estava a olhar para Max com uma expressão de assombro no rosto juvenil.

Jackman ficou tenso. Pensou dar por terminada a conversa, mas, no fundo, não lhe cabia fazê-lo. Aquilo que Marie tinha feito era algo que ele considerava ser profundamente pessoal e que exigira grande coragem.

– Sabia que o Bill Evans entrava em corridas com uma mota *vintage*, Prof.? – perguntou Max.

Guy Preston abanou a cabeça.

– Sabia que eles iam a encontros de motociclismo, mas não sabia que ele competia.

– O Bill era um dos melhores elementos da polícia motorizada e participava em corridas de motos *vintage* nos tempos livres, até há 10 anos, quando foi pelos ares.

Jackman retraiu-se todo. Má escolha de palavras, Max, pensou.

Max fez uma careta.

– A sargento contou-nos que o Bill ia numa Vincent Black Shadow antiga, o amor da vida dele. A pista estava escorregadia e o pneu de trás dele explodiu. Morreu instantaneamente.

Preston estremeceu.

– E a Marie estava lá? Viu isso acontecer?

Jackman tomou as rédeas da história, ansioso por encerrá-la.

– Aconteceu mesmo à frente dela. Mas o Charlie estava a falar era do que a Marie fez a seguir.

Jackson inspirou fundo. Continuava tocado com aquilo que ela tinha feito.

– Foi buscar a mota destroçada dele e reconstruiu-a. Depois, no primeiro aniversário da morte do Bill, levou-a para a mesma pista e correu montada nela em nome do marido. Não ganhou, mas a ideia também não era essa. Chegou ao fim da corrida e subiu ao pódio, no terceiro lugar, mais do que aquilo com que sonhara, e voltou para casa satisfeita. Tinha dado paz ao Bill da melhor maneira possível.

Tanto quanto Jackman sabia, a mota ainda estava na garagem dela, entretanto muito bem embrulhada e protegida de quaisquer perigos. Atualmente, Marie andava numa Kawasaki Ninja ZX-6R, que o mais certo era já se encontrar na estrada, a caminho de Rutland.

– Mas estamos a divagar. Continuamos com duas mulheres mortas e estamos bem longe de lhes darmos paz.

[17] N.T.: Referência ao protagonista de um videogame criado em 2015 a partir de uma série *web* cujo episódio inicial foi lançado em 2010.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Skye observou Daniel sentado no chão com a gata ao colo. O namorado tinha os ombros todos curvados e os joelhos colados ao peito. Skye sentiu o mundo dela a começar a desintegrar-se.

Daniel precisava de ajuda e, se não a recebesse depressa, acabaria irremediavelmente separado da realidade. Como podia ter passado de um jovem inteligente e com um futuro brilhante para... aquilo? Tinha-se transformado num desconhecido trágico e desligado. A única coisa que parecia crível a Skye era que a obsessão de longa data dele com uma assassina doentia tivesse sido de certo modo exacerbada pela morte de Alison Fleet, com a cabeça de Daniel a não conseguir suportar tanto.

Contudo, o que devia ela fazer? Era tudo muito bonito dizer que iam colaborar com o psicanalista da polícia – e Skye tinha ficado imensamente aliviada por Daniel ter concordado com essa sugestão –, mas isso seria apenas uma hora por dia, com sorte. A seguir, quando a novidade se dissipasse, passaria a ser só uma hora por semana e depois uma vez por mês.

Deixou-se cair no chão ao lado dele e abraçou-o. Devem ter ficado assim, calados, durante muitíssimo tempo, já que quando a campainha tocou e ela se tentou levantar, tinha os braços e as pernas dormentes.

Daniel pareceu não ter ouvido a campainha. Aliás, mal pareceu ter reparado que o abraço caloroso dela se tinha esfumado. Skye foi acometida por uma pontada de receio ao aproximar-se da porta. O que seria agora? Que rosto sombrio lhe apareceria à entrada da casa? Que notícia pavorosa ouviria? Interrogou-se se seria capaz de aguentar muito mais.

– Peço imensa desculpa por te estar a incomodar.

Lisa Hurley estava com um ar de absoluta preocupação.

– É só que deixaste o telemóvel em minha casa quando saíste de lá à pressa.

Skye deitou um olhar ao telemóvel vermelho-escuro na mão estendida e quase desatou a rir. A pessoa que tinha à porta era simplesmente uma amiga a querer devolver-lhe uma coisa. Sorriu, mas sentiu as lágrimas a escaparem-se-lhe pelos cantos dos olhos.

– Obrigadíssima. Nem sequer me tinha dado conta de que o tinha lá deixado.

Lisa Hurley também parecia estar à beira de chorar.

– Precisas de ajuda, Skye. Não podes arcar com isto tudo sozinha. Estás a dar cabo de ti.

Skye reprimiu as lágrimas, inspirou fundo mas tremulamente e, a seguir, fez sinal a Lisa para entrar.

Atravessaram o átrio e pararam à entrada da sala de estar. Skye apontou para a figura imóvel sentada no chão, como um Buda de pedra.

– Olha-me bem para ele. Olha-me só para o meu Daniel, Lisa. Amo-o, mas não sei mesmo o que mais fazer. Não sei como o ajudar.

Lisa Hurley fitou Daniel e depois virou costas e entrou na cozinha de Skye. Sem dizer palavra, encheu a chaleira e ligou-a, tirando a seguir três canecas do aparador.

– Há quanto tempo é que ele está assim?

Agradecida por estar a fazer uma coisa mundana, Skye abriu um frasco novo de café.

– Há uma hora? Quando voltei, ele estava tenso, supernervoso. Não parava de andar de um lado para o outro, arreliado por achar que tinha tido mais um daqueles episódios em que não sabe onde é que esteve. E depois deixou-se cair simplesmente no chão e desligou.

– Precisa de medicação. De medicação a sério, a julgar pelas aparências, e não devia ficar sozinho.

Lisa franziu os olhos.

– Que especialista é que lhe recomendaram?

– O Professor Guy Preston. É um psicólogo que trabalha com a polícia. A ideia é que o vejamos hoje à tarde.

– Onde?

– Em casa dele.

– Mas isso não parece lá muito certo, pois não? – retorquiu Lisa, de sobrolho franzido. – Ele devia ver o Daniel numa clínica.

Skye soltou um suspiro e deitou uma colher de café em cada uma das canecas.

– Ele vai ver-nos a título privado. Foi uma condição para a libertação do Daniel. E tanto quanto consigo perceber, esse Guy Preston vai ser o responsável pela nova unidade psiquiátrica em Frampton Shore, só que o sítio ainda não está pronto e é por isso que ele se ofereceu para nos receber em casa. Segundo todas as informações que recolhi, o tipo é o máximo.

– Já falaste com ele?

– Sim. E gostei dele, foi bastante compreensivo.

Skye engoliu em seco.

– Confio nele. Acredito piamente que ele pode ajudar o Daniel.

Empurrou as canecas para mais perto da chaleira a ferver.

– Mas, acima de tudo, ele está do nosso lado. Acha que o Daniel não matou ninguém e já disse isso à polícia.

Lisa encostou-se à bancada.

– Isso é ótimo, mas ele precisa mesmo de o ver quando o Daniel está assim.

Olhou Skye nos olhos.

– Não queria nada estar a dizer isto, mas o Daniel está mesmo mal e, nesta altura do campeonato, já não lhe chega o teu amor e apoio. Precisa da ajuda médica de um profissional.

– Então eu explico tintim por tintim ao Guy Preston como as coisas estão mal quando estivermos com ele hoje à tarde. Talvez ele até interne o Daniel num hospital.

– Seria o melhor. Mas, neste preciso momento, precisamos de tentar falar com o Dan.

Lisa deitou água, leite e açúcar nas canecas.

– Ele vai ter de ser capaz de reagir bem mais, caso a ideia seja ter uma sessão produtiva com um psicólogo.

Skye avançou primeiro para a sala de estar e, a seguir, parou abruptamente. A gata roçou-se-lhe nas pernas.

– Daniel?

Entornando um pouco de café, poisou a caneca em cima da mesa e apressou-se a ir espreitar o quarto e a casa de banho.

– Desapareceu! – gritou a Lisa.

Lisa fez um *sprint* até à porta das traseiras e olhou lá para fora.

– Ele está ali! – gritou também.

Skye foi ter com ela num ápice e viu Daniel meio a andar, meio a correr pela viela dos fundos.

– Daniel! Volta para aqui!

Correram as duas atrás dele e, por um momento, Skye julgou que o namorado ia regressar. Daniel parou, virou-se e olhou para ela com a expressão mais triste do mundo. E a seguir, disse:

– Não te aproximes, Skye! Afasta-te de mim!

E depois desatou a correr.

Retomaram a perseguição, mas quando ele pulou uma cerca e se sumiu no labirinto de velhos edifícios ferroviários, Skye percebeu que não o iam apanhar. Sentiu a mão de Lisa no ombro enquanto arfavam ambas.

– Está um carro da polícia à frente da tua casa – arquejou. – Devíamos ter ido logo ter com eles em vez de nos pormos a correr atrás dele. Vou avisá-los do que aconteceu. Volta para casa e liga ao Professor Preston, ok?

Por um instante, Skye mirou melancolicamente na direção tomada por Daniel e, a seguir, assentiu com a cabeça, virou costas e regressou penosamente a casa.

Marie concluiu que Orac tinha tido razão acerca do DI reformado Peter Hodder. Era *mesmo* um velhote querido. Preparou o chá num bule a sério e passou as folhas com todo o cuidado por um filtro de prata.

Hodder morava num apartamento supervisionado por um administrador, no que era uma antiga mansão. Os jardins em redor eram impressionantes, se bem que a necessitar de um ligeiro desbaste, e embora a velha casa parecesse fria e austera vista de fora, os apartamentos revelavam-se surpreendentemente acolhedores, espaçosos e limpos. O de Hodder preservava algumas das suas características originais, incluindo uma ampla janela de guilhotina com vista para os jardins, uma lareira de ferro fundido e uma ligação em abóbada, extremamente intrincada, do teto com a parede.

– Com que então, esse é que é o novo uniforme de um detetive-sargento nos tempos que correm?

Os olhos de Hodder cintilaram perante a roupa de couro e as botas de proteção pesadas, à motociclista, de Marie.

– Nem por isso – respondeu Marie, com um sorriso rasgado.

O homem constituía uma lufada de ar fresco em relação a alguns dos detetives reformados ressequidos, ressabiados e barrigudos que tinha conhecido no passado e, pelo aperto de mão firme e o olhar focado, teve a certeza de que também não se tinha virado para a pinga.

Aceitou o chá e bebericou-o com agrado.

– Lamento não ter cá vindo para lhe falar de um assunto mais alegre, mas estávamos com esperanças de que nos pudesse ajudar.

O velho deixou-se cair numa poltrona de couro reclinável e ajustou-lhe a posição.

– Isto custou-me uma fortuna, minha querida, mas, minha nossa, vale bem o dinheiro! Depois de sabe lá Deus quanto tempo como polícia de giro e de vários anos a perseguir bandidos, estas velhas articulações precisam de toda a ajuda possível.

Recostou-se e cruzou as mãos no colo.

– Mas não foi para falar de poltronas que cá veio, pois não? Tem a ver com aquele demónio, a Françoise Thayer.

– Receio bem que sim – confirmou Marie, poisando a chávena. – Já tivemos dois homicídios nas nossas bandas e um jovem confessou-se culpado de ambos. O problema é que não há provas que sustentem que tenha sido realmente ele a matar essas mulheres. O rapaz só acha que é o assassino porque crê ser filho da Thayer.

– Ai, sim? Vejam só!

Os olhos remelosos do velho esbugalharam-se.

– Não seria uma coisa que *eu* gostasse de admitir – disparou, com um riso desconsolado. – Li no jornal sobre uma mulher, mas quer dizer que já houve outra?

– Sim. Resolvemos não fazer ondas antes de termos a identidade dela, mas vai aparecer nas notícias logo à noite. Era enfermeira no hospital local.

– E as duas mulheres foram esfaqueadas brutalmente?

– Ataques selváticos, em ambos os casos.

Marie fez uma pausa e, a seguir, afirmou:

– Havia imenso sangue.

Peter Hodder olhou para ela pensativamente.

– Então têm noção da quedazinha da Thayer para o líquido sanguíneo, certo?

- Sim, temos noção.
- E andam a estabelecer comparações entre estes novos casos e as matanças dela?
- Somos obrigados a isso. Não o queremos fazer, mas por causa de determinadas coisas que o nosso suspeito declarou, não podemos ignorar essa possibilidade.

Marie voltou a pegar na chávena e depois contou-lhe das caixas com provas e das transcrições do julgamento desaparecidas.

- É difícil encontrar paralelos quando o mais certo é que os registos originais já tenham ardido.

– Caraças, praticamente impossível, diria eu.

Hodder bebericou o chá.

- Mas em que é que vos posso ajudar? Já foi tudo há vários anos e a minha memória já não é propriamente aquilo a que eu chamaria 100% fiável.

– Foi o seu último caso importante, senhor inspetor. Desconfio que até seja capaz de se recordar do mais ínfimo pormenor, ao vivo e a cores, mas não é bem disso que andamos à procura ao certo.

Marie lambeu os lábios e perguntou para os seus botões como deveria formular o pedido sem apoquentar o velhote.

- Precisamos desesperadamente de provar se o nosso suspeito é ou não do mesmo sangue da Françoise Thayer. Se as caixas com provas estivessem disponíveis, podíamos ter feito um teste de ADN utilizando qualquer coisa dela e encerrávamos o assunto.

– Pois, mas não estão. E agora andam a perguntar-se se por acaso eu não terei guardado uma recordaçõzinha, não é isso?

O rosto ensombreceu-lhe.

- Acredite no que lhe digo, sargento Evans, não precisava de nada para me lembrar dela. Tenho os meus pesadelos, que nunca me vão deixar esquecer aquele sorriso trocista maléfico.

Voltou a recostar-se, já completamente serenado.

- A meu ver, a palavra «maldade» é grosseira e excessivamente utilizada, mas assenta que nem uma luva no que diz respeito à Françoise Thayer. Estamos a falar da única mulher – não, da única *pessoa* com que alguma vez me cruzei sem quaisquer vestígios de alma nem salvação possível, fosse do Homem ou de Deus. Afetou a vida de cada um dos

agentes que trabalhou nesse caso. Tenho a certeza de que, mesmo estando morta e enterrada, nenhum deles é capaz de dormir descansadamente à conta dela.

Pestanejou.

– Portanto, peço desculpa, sargento, mas nunca me senti sequer minimamente tentado a ficar fosse com que troféu fosse, muito menos algum que ainda pudesse conter uma amostra preciosa de ADN.

Marie assentiu com a cabeça. Pronto, assunto encerrado.

– No entanto, a verdade é que ainda tenho os meus cadernos de apontamentos.

Marie pôs-se em sentido.

Peter Hodder sorriu.

– Fui logo desenterrá-los mal falei com aquela mulher maravilhosamente assustadora do vosso departamento de TI.

O sorriso triste abriu-se.

– Felizmente, sempre tive por hábito manter registos muito rigorosos, sempre fui muito picuinhas. Não vão ter direito ao ADN, mas vão poder reviver os horrores do meu pesadelo pela minha própria pena, à medida que o caso se ia desenrolando.

Marie animou-se. Aquilo era melhor do que esperara. Tinha investigado o DI Peter Hodder e a folha de serviços dele mostrara-se exemplar. Era um polícia verdadeiramente intuitivo, com um faro para a verdade. Não era surpresa nenhuma que se tivesse revelado metódico e preciso.

– O senhor é um herói. E garanto-lhe que os vai receber de volta assim que já não precisarmos deles.

– Sinceramente, minha querida, acho que está na hora de mudarem por fim de mãos. Usem-nos, e espero mesmo que vos sejam de alguma forma úteis, e a seguir enfiem-nos numa caixa para provas, fechem bem a tampa e façam figas para que a história se repita e um segundo armazém de recolha de provas se incendeie.

– Agradecemos-lhe imenso a ajuda. Estamos perante um caso confuso, no qual é difícil separar a razão do coração no que toca ao nosso jovem e autoproclamado suspeito.

– Quando unidos, a razão e o coração formam uma coisa chamada instinto. Oiça o que o seu instinto lhe diz, sargento Evans, porque raramente se engana.

– Acho-o um rapaz com distúrbios psicológicos, mas não um assassino nato.

Marie soltou um suspiro pensativo.

– Só não tenho é a certeza absoluta que essa obsessão mórbida e as aparentes perdas de memória não o tenham empurrado para terrenos pantanosos.

– Então mantenha-o debaixo de olho, minha querida. Não ia suportar a ideia de a Françoise Thayer estar a regressar do passado para arruinar mais vidas inocentes.

Hodder voltou a poisar a chávena no pires e olhou para a detetive-sargento.

– Caso o rapaz seja mesmo filho dela, importa-se de me informar?

Marie levantou-se.

– É o mínimo que posso fazer, senhor inspetor.

Pegou no pacote de blocos de notas.

– Obrigada, mais uma vez.

Hodder acompanhou-a até à mota. Acariciou a pintura de um verde-vivo reluzente e murmurou:

– Linda. Verdadeiramente linda.

Marie assentiu e compreendeu imediatamente que tinha havido uma mota adorada na juventude do velho. Sorriu-lhe e perguntou:

– Qual é que era?

– Uma Matchless G3L de 1957 com 350 cc, seguida quase de imediato por uma Triton da década de 1960 com 600 cc.

– O senhor era um motoqueiro dos cafés! – exclamou Marie com uma gargalhada. – O Ace Café?

Hodder assentiu e fez um sorriso caloroso e, nesse sorriso, Marie vislumbrou um eco do jovem ousado que tentara arrancar da mota os fugidios «160 km/h»^[18] enquanto corria entre cafés.

– Não diga a vivalma, mas continuo a renovar a minha quota de sócio do ‘59 Club.

– E faz muito bem! Uma vez motoqueiro, para sempre motoqueiro.

Colocou o capacete.

– Obrigada, novamente. Agradecemos-lhe imenso.

– Tenha cuidado – respondeu-lhe ele enquanto ela ligava a ignição elétrica – e não se esqueça, confie no seu instinto e mantenha o rapaz debaixo de olho.

[18] N.T.: No original, «*ton*», calão em inglês para cento e sessenta quilómetros por hora, a marca cobiçada pelos motociclistas britânicos devotos do *rock* americano da subcultura dos «*café racers*» nascida no fim dos anos 50 e adeptos do *tuning* com o objetivo de conseguir atingir essa velocidade nas respetivas motas.

CAPÍTULO DEZOITO

— Fico sempre triste por encontrar uma pessoa chacinada numa cozinha. Jackman olhou para o patologista e interrogou-se que espécie de homem seria ele. Fitou-o com indisfarçada antipatia e retorquiu:

– Eu cá não fico propriamente encantado por encontrar pessoas chacinadas seja onde for.

– Hum, mas na cozinha dá cabo da argamassa fininha dos azulejos. Pergunto-me frequentemente como é que as pessoas conseguirão livrar-se disso.

Jacobs parecia genuinamente desconcertado com o dilema do proprietário.

– A alcatifa dá para rasgar e substituir, mas azulejos incríveis e caros como estes... quer dizer, estamos a falar de porcelana com efeito de pedra da máxima qualidade. É mesmo uma pena.

Jackman não respondeu. Não foi capaz.

Diante deles encontrava-se uma rapariga bonita na casa dos 30. Pouco tempo antes, devia ter estado a levar a sua vida normal, sentindo-se segura na própria casa. E agora jazia naquilo que Jackman tinha acabado de saber tratar-se do chão em azulejo de porcelana, a cabeça toda esborrachada e retalhada em pedacinhos por uma faca afiada.

– Como não temos por aqui nenhuma arma, e os ferimentos parecem ser consistentes com as duas outras mortes, suspeito que estejamos perante um terceiro homicídio pela mesma mão, inspetor.

Aparentemente, Jacobs lá tinha conseguido afastar os pensamentos da possibilidade de limpar a vapor argamassa fina e recentrá-los na vítima.

– Porém, isto tem muito mais a ver com a maneira como ele matou a Alison Fleet do que com o ataque desvairado à Julia.

Jackman viu os mesmos cortes perfeitos na roupa da mulher. Dessa vez, a pele por baixo era de um branco cremoso, não ligeiramente bronzeada como a de Alison, nem a decompor-se como a de Julia. A pele daquela mulher lembrava porcelana vitoriana clara. Jackman suspirou.

Ficou a olhar fixamente para Sue Bannister e teve a mesma sensação que o acometera com Alison Fleet, de que havia qualquer coisa que não batia certo. Todo o cenário possuía aquele aspeto «arrumadinho» estranho. Qual tinha sido a palavra utilizada por Marie? Encenado. Algo a exhibir. Desejou que Marie estivesse ali com ele, mas o telefonema tinha surgido quase logo a seguir a ela ter partido para Rutland e Jackman não a tinha avisado. Sabia que Marie era uma motociclista formidável, só que ainda assim achara prudente não lhe encher a cabeça com a notícia de mais uma morte violenta tendo ela uma longa viagem pela frente.

Charlie Button estava parado à entrada, com um ar verde. Jackman tinha noção de que o miúdo estava a tentar ao máximo observar desapaixonadamente o que via, mas, conforme Max teria dito, estava a fazer uma bela burrada.

Charlie detestava o odor metálico e enjoativo do sangue a coagular, mas, mais do que isso, Jackman estava bem ciente de que o subordinado também detestava a injustiça de tudo aquilo. O mero facto de uma pessoa ter roubado uma vida que não lhe cabia roubar revirava o estômago a Charlie Button. E punha-o igualmente furibundo e completamente determinado a apanhar o culpado e a garantir que fosse punido.

Jackman sorriu com tristeza. Um dia, Charlie daria um ótimo detetive, mas precisava de aprender a lidar com coisas assim. Não que fosse fácil. Dos quatro membros da equipa, Jackman era da opinião de que somente Marie conseguira alcançar uma atitude equilibrada e profissional em relação à morte. Não era de todo uma mulher dura, mas, de uma forma ou de outra, tinha arranjado maneira de compartimentar o que via e o que sentia. O inspetor pensou em Max e em como ele tinha chorado por não ser capaz de olhar a morte cara a cara.

E quanto a ele? Jackman sorriu para dentro. O processo dele equivalia a fugir. Quando confrontado com as carnificinas que constituíam uma parte tão decisiva da carreira que escolhera, deixava que a mente retrocedesse para os estábulos da mãe. Cheirava o perfume fresco e quente a feno e o fedor inebriante e enjoativo do estrume de cavalo e adorava as duas coisas.

Ouvia o barulho dos cavalos a deslocarem-se de um lado para o outro e sentia a suavidade do pelo dos animais sob a mão. Quando a tristeza e o caos o cercavam, os estábulos recordavam-no de que havia sítios no mundo onde a paz reinava. Onde as palavras eram proferidas baixinho e com ternura.

– Já falaste com o marido, Charlie?

– O médico ainda está com ele, patrão. O pobre tipo está completamente histérico.

– Foi ele que a encontrou?

– Sim, senhor inspetor. Pelos vistos, terá chegado tarde do trabalho. E apanhou o choque da vida dele.

– Não saias daqui, Charlie. Fala com o homem assim que ele se acalmar. Preciso de voltar para a esquadra e pôr umas quantas coisas a mexer.

– O HOLMES?

Jackman assentiu com a cabeça. Sempre tinha achado o acrónimo do Sistema para Investigações Importantes e de Monta do Ministério do Interior^[19] bastante forçado, mas a verdade é que o dito sistema era uma tábua de salvação para a gestão de um caso daquela natureza e magnitude. E agora já tinham o HOLMES 2, que facilitava consideravelmente ao agente responsável a tarefa de controlar uma investigação criminal de relevo, como um grupo de assassínios em série. Porque, gostasse ou não, Jackman percebera, entretanto, que era com isso que estavam a lidar. O novo sistema HOLMES 2 conseguia efetuar gigantescas e sofisticadas pesquisas recorrendo a informações cruzadas de várias forças policiais com múltiplas fontes.

O único problema era que a pessoa a cargo do HOLMES trabalhava a partir da área subterrânea governada por Orac. Não havia como escapar, Jackman teria de ir até lá em pessoa. Tentou perscrutar o motivo pelo qual aquela mulher o reduzia a uma sombra tremente daquilo que era sempre que se encontravam. E, como sempre, pouco lhe veio à cabeça, tirando o facto de Orac ser tão diferente das pessoas com quem ele normalmente lidava que o inspetor não fazia ideia de como a tratar. Lembrava uma ave exótica e multicolorida numa gaiola repleta de pardais. Da última vez que tinham precisado de falar, Jackman quase não tinha sido capaz de articular uma frase com princípio, meio e fim.

Charlie interrompeu-lhe os devaneios.

– Será que devíamos prender o Daniel Kinder, patrão?

– Foi a primeira coisa que eu mandei fazer quando recebemos a chamada. Ele até pode ter um álibi à prova de bala, e espero mesmo que tenha, mas, neste preciso momento, o Daniel continua a ser o nosso principal suspeito.

Assentiu para Charlie.

– Vemo-nos lá na esquadra depois de falares com o marido.

Quando Jackman pôs o veículo dele a trabalhar, o telemóvel começou a tocar. Carregou nos botões de atender e de alta-voz, com a voz nervosa de Max a inundar o carro:

– A equipa à porta da casa da Skye Wynyard diz que o Kinder se pôs outra vez a milhas. Teve outra daquelas esquisitices das fugas psicológicas ou lá o que é e agora anda desaparecido.

– Merda! Mas como é que ele conseguiu passar por eles, porra?

– Deu à sola pelas traseiras, senhor inspetor.

Max parecia bastante irritado.

– Como de costume, vai tudo dar à questão do raio dos fundos. Há uma série de caminhos secundários e nas traseiras de Tavernier Court por onde se pode sair e não há efetivos que cheguem para cobrir tudo.

– E porque é que isso não me surpreende? – queixou-se Jackman.

– Lancei um aviso a todos os carros para o apreenderem, patrão, e o pessoal fardado já anda a checar todos os sítios que se sabe que ele frequenta.

Fez uma pausa e, a seguir, sugeriu:

– E que tal se divulgássemos a coisa? Revelávamos a cara dele às massas e pedíamos-lhes ajuda.

– E ficávamos com uma caça às bruxas mais histeria em massa nas mãos? Ainda não, Max. Não há palavras mais ameaçadoras e aterrorizantes para a população em geral do que «assassino em série». E se desconfiamos que esse assassino se encontra à porta da nossa casa, então podes multiplicar por cem o fator do medo. Limitem-se a continuar a procurá-lo enquanto eu matuto nisto.

Desligou e sentiu o peito a apertar-se-lhe. Jesus! Se tinham libertado Kinder e este tinha voltado a matar na primeiríssima noite à solta, iam precisar todos de ir à procura de um novo emprego e ele, enquanto investigador responsável, ia acabar crucificado. Uma imagem dos rostos

destroçados do pai e da mãe agigantou-se-lhe na mente, rapidamente substituída por outra de Sue Bannister caída numa poça espessa de sangue no meio dos azulejos de porcelana dispendiosos.

Jackman semicerrou os olhos. Concentra-te! Por mais que se esforçasse, era pura e simplesmente incapaz de ver Kinder como um assassino em série. Até o psicólogo tinha dito isso mesmo. Não, precisavam seguramente de voltar a deter Kinder, mas também tinham de ampliar a rede e, de um modo ou de outro, apanhar quem quer que estivesse a fazer aquilo. Ninguém ia crucificar a equipa dele, pelo menos enquanto ele ainda ali estivesse.

Jackman carregou a fundo no acelerador e arrancou. Precisava de regressar à base e agarrar naquele caso pelos colarinhos antes que os destruísse a todos.

Lisa Hurley fitou Skye agitadamente.

- Odeio estar a deixar-te assim, mas preciso de voltar para o trabalho.
- Vai. Foste incrível, mas não podemos fazer nada até o descobrirem.
- Podes ficar com a chave da minha casa. Usa-a como se fosse tua. Quando sair do trabalho, talvez dê para engendrarmos um plano qualquer.

Skye abanou a cabeça.

- Obrigada, mas preciso de ficar aqui, para o caso de ele voltar para casa.

Lisa franziu o sobrolho.

- Não sei ao certo se isso será boa ideia. Não estou a dizer que ele te fosse fazer mal fosse de que maneira fosse, mas...

Calou-se momentaneamente.

- ...a verdade é que ele não está em si, pois não?

Skye deixou cair a cabeça. Dificilmente poderia discordar, não era?

- Muito bem, espero até hoje à noite e depois vou para tua casa... se tiveres a certeza de que é mesmo na boa.

Lisa enfiou a mão na carteira, tirou de lá um molho de chaves e desprende uma do chaveiro.

- A cópia da porta da frente. Guarda-a até isto terminar.

Tocou ao de leve no braço de Skye.

– Vemo-nos mais logo.

Parou junto à porta.

– Liga-me se ele aparecer ou se a polícia o descobrir, pode ser? Telefona para o número direto do meu gabinete.

Skye assentiu com a cabeça. E depois disse:

– Espera, Lisa. Se calhar, também devias ficar com uma chave daqui, não? Com tudo isto a acontecer, acho que me sentiria mais segura sabendo que uma pessoa em quem eu confio tinha uma chave da minha casa. Isto se não te importares, claro está.

Lisa sorriu.

– Claro que fico. Faz pleno sentido.

Skye dirigiu-se para a cozinha e abriu uma pequena gaveta de um dos móveis. Após passar em revista diversas chaves soltas, localizou um porta-chaves em forma de meia-lua com duas chavezinhas reluzentes lá presas. Entregou-o a Lisa.

– A da frente é a prateada e a de bronze é a da cozinha.

Lisa guardou-as na carteira e a seguir olhou para o relógio.

– Minha nossa! Tenho de me despachar. Liga-me!

Skye assentiu, com a porta a fechar-se atrás da mulher alta e eficiente que tinha passado subitamente de chefe a anjo da guarda.

Voltou a entrar na cozinha e decidiu que precisava era de café. Parecia-lhe que a cabeça tinha sido apanhada num tornado. Estava a acontecer uma data de coisas à volta dela sem que tivesse controlo sobre uma sequer. Enquanto a chaleira fervia, ouviu o telemóvel a tocar.

– Skye, peço imenso desculpa por te estar a incomodar, mas estava preocupado contigo. A polícia veio outra vez à minha empresa e diz que o Daniel desapareceu.

– Mark?

Skye tentou afastar a desilusão por não se tratar de Daniel.

– Sim. Ele esteve aqui a noite passada, mas foi-se embora hoje de manhã e não faço ideia para onde terá ido.

O amigo de Dan, Mark Dunand, soava tão angustiado como ela se sentia.

– Mas que raio é que se está a passar? Porque é que eles julgam que o Dan está envolvido num homicídio? Ele não era capaz de fazer mal a uma mosca!

– Nós sabemos isso, Mark, mas a polícia, não, e pudera, o Dan anda a comportar-se como um doido varrido. Estou raladíssima com ele.

– Também eu.

A voz de Mark serenou e ele disse:

– Estava aqui a pensar se por acaso não terias meia hora para me dispensar. Acho que devíamos conferenciar os dois acerca do Daniel. Se ele estiver metido em merda da grossa, como suspeito que esteja, então gostava de ajudar.

– Acredita, Mark, mais grossa não podia ser.

– Combinamos às três no Jonny's Wine Bar? Este sítio está a abarrotar de gente a empacotar cenas. Recebemos uma entrega grande da Columbia e vão passar umas belas horas aqui a despachar as várias encomendas. Acho que um cantinho sossegado no Jonny's é capaz de ser melhor do que sermos ouvidos por esta catrefada de curiosos.

– Até combinava, sim, mas preciso mesmo de ficar aqui à espera para o caso de o Daniel regressar. Por acaso não daria para vires ter a minha casa?

Seguiu-se uma curta pausa e depois Mark concordou:

– Certo. Dá-me uma hora e já vou ter contigo.

Marie atravessou a toda a mecha as portas do *foyer*, onde quase ia chocando com Guy Preston, que estava de saída.

– O Daniel sumiu-se – anunciou ele ofegantemente. – Vou ver como é que a Skye Wynyard se está a aguentar.

Olhou para Marie com uma expressão apreensiva.

– Desconfio que a pobre da rapariga esteja quase a atingir o ponto de rutura e quero que ela saiba que pode contar connosco.

Marie fitou-o com olhos perspicazes.

– E?

– E o quê?

– Há mais outra coisa, não há, Guy?

– Não me cabe a mim dizer, Marie. O teu chefe está no gabinete. Vai pôr-te ao corrente.

Só tinha estado fora umas quantas horas! Que raio poderia ter acontecido durante esse tempo?

– Ok, vou vê-lo.

Começou a afastar-se.

– Marie?

Virou-se para trás.

– Não tinha percebido que o teu marido tinha morrido. Falei nele à tua equipa e contaram-me o que se passou. Lamento imenso. Ele era um homem muito especial, não era? E um polícia extraordinário.

– Era o que eu achava, sim.

Por mais tempo que passasse, continuava a ter dificuldade em pensar que Bill se tinha ido para sempre. Detestava ouvir as pessoas a usar a palavra *era*.

– Obrigada, Guy. E também tenho muita pena do que te aconteceu. Perdeste a tua mulher, por isso sabes perfeitamente como é.

Guy assentiu com a cabeça.

– Às vezes, é uma coisa quase demasiado avassaladora de se pensar, não é?

Encolheu os ombros, como se quisesse recompor-se.

– Na verdade, até estava a pensar se, bem... se calhar podíamos ir beber um copo e pôr a conversa em dia, não? É mais do que evidente que já aconteceu imensa coisa desde a última vez que trabalhámos juntos e achei que talvez...

Marie começou a ouvir sinais de alarme. Guy era um homem encantador e inegavelmente atraente, apesar da cicatriz, mas ela não queria voltar a aproximar-se de mais ninguém, como antes, não. Sorriu-lhe, o mais calorosamente possível naquele instante, e respondeu:

– Se calhar, quando o caso estiver fechado? Neste preciso momento, tenho de centrar toda a atenção e mais alguma na captura do nosso assassino. Pode ser?

Quando o caso estivesse *de facto* encerrado, já teria tido tempo para arranjar outra desculpa mais permanente.

– Oh, claro que sim! Não estava a dizer agora. Só gostava de saber como é que tens passado, mais nada. Então adiamos isso para mais tarde, hã?

– Adiamos, sim, e como *tu* não me vais contar o que é que se anda a passar por aqui, vou à procura do homem que o pode fazer.

Marie rasgou ainda mais o sorriso e afastou-se depressa de Preston.

– Até mais logo.

Ao avançar para as escadas, sentiu os olhos dele ainda colados nela. Não se quis virar. Não queria ver aqueles olhos suplicantes.

Jackman ficou com o rosto estampado de alívio quando Marie lhe entrou pelo gabinete dentro. Tinha preferido atuar sozinho a vida inteira, mas desde que tinha emparceirado com o «Super Mario», sentia de certo modo que lhe faltava qualquer coisa quando ela não estava por perto. E num caso daqueles, as contribuições dela revelavam-se inestimáveis.

– Houve mais um – anunciou sem preâmbulos.

– Merda!

– Merda é uma ótima palavra, sim. Descreve não só a situação mas também onde vamos ficar se não formos capazes de encontrar algumas respostas daqui a nada.

– E o Daniel também desapareceu?

– Nem me digas nada – lamuriou-se o inspetor.

– Deixo-o quatro horas sozinho e veja-me só o que é que acontece!

Marie deixou-se cair numa cadeira.

– É melhor pôr-me a par de tudo.

Jackman fez-lhe um resumo bastante sucinto do que acontecera a Sue Bannister e a seguir abanou a cabeça.

– Temos *mesmo* de voltar a enfiar o Daniel aqui dentro, e depressa. Tenho todos os homens, mulheres e cães disponíveis por aí à procura dele.

Mordeu o lábio.

– Mas, ainda assim, continuo a achar que não foi ele. E tu?

– Não sei, senhor inspetor, é que não sei mesmo. Num instante, estou convencida de que ele está simplesmente baralhadíssimo da cabeça e, no outro, já fico toda arrepiada só de pensar naquilo de que o Daniel poderá ser capaz.

Endireitou-se na cadeira.

– Mas, independentemente do que acharmos, precisamos que ele volte para aqui e de o enfiar numa celazinha simpática e bem segura, para depois podermos chegar finalmente a uma conclusão em relação ao rapaz.

Jackman estava prestes a responder-lhe quando Max bateu à porta cheio de pressa e quase se estatelou no gabinete.

– Senhor inspetor! Acho que devia ir lá abaixo! Há uma situação.

Max virou-lhes costas e desatou a correr.

Jackman e Marie ficaram a olhar um para o outro e depois apressaram-se atrás dele.

– Uma situação? – repetiu Marie, descendo as escadas dois degraus de cada vez.

– Não me cheira a boa coisa! – retorquiu Jackman, com o coração aos pulos.

Teria outra vez a ver com Daniel?

Aceleraram corredor fora no encalço de Max e quando se aproximaram do átrio principal, começaram a ouvir uma gritaria.

– Mas que...? – soltou Marie, abrindo de rompante as grandes portas e observando o tumulto desastroso que se estava a dar no chão em xadrez preto e branco.

– Zane Prewett, estás preso por suspeitas de assalto à casa dos Kinder em Riverside Crescent, Saltern-Le-Fen.

Jackman ficou boquiaberto de estupefação. Prewett estava caído no chão, de pernas e braços abertos, com três polícias fardados a tentar imobilizá-lo. Uma sucessão de palavrões saiu-lhe de rajada da boca torcida ao mesmo tempo que se debatia e tentava a todo o custo levantar-se.

– E tu, Stoner, também cá ficas. Tudo nos leva a crer que estás metido nisto.

A voz do sargento tonitruou pelo átrio e ecoou até aos pisos superiores.

– O Kevin Stoner? – soltou Marie, olhando para a cara lívida e espantada do jovem polícia. – Oh, não! Não é possível, pois não?

– É o parceiro do Zane. Só podem partir do princípio de que estão feitos um com o outro, seja lá o que for de que se trata. Mas a verdade – disse Jackman, inchando as bochechas de exasperação – é que ando a dizer-lhe há séculos para largar aquele monte de lixo. E agora vê bem no que é que isso deu.

Com um chorrilho de palavrões, Zane Prewett foi meio levado, meio arrastado para a zona de detenção.

Jackman aproximou-se do sargento.

– O que é que foi esta cena toda, John?

O polícia corpulento não tentou esconder minimamente a raiva:

– Caraças, isto já devia ter acontecido há muito mais tempo, inspetor Jackman, mas esse pulha de merda cometeu finalmente uma argolada. Os nossos rapazes descobriram um telemóvel que pertencia ao Prewett no jardim dos Kinder quando prendemos o gangue do Drew Wilson.

– E ele não o podia ter deixado cair da primeira vez que vocês foram lá revistar a casa? – perguntou Marie.

– Até podia, mas não deixou.

O sargento esboçou um sorriso cruelmente presunçoso.

– Já tinha sido utilizado desde essa busca, e utilizado para enviar uma mensagem ao Drew Wilson a avisá-lo de que não estava ninguém na casa e de que o servicinho podia avançar.

– O sacana!

– Exatamente, sargento Evans. Estava cheio de impressões digitais dele e um dos agentes da equipa dos serviços forenses encontrou uma nota de dez libras no chão da sala de estar. Estava dobrada precisamente como o Zane gosta de dobrar sempre as notas no bolso e também tinha as marcas das patinhas dele.

– Mas com certeza que pelo menos *isso* já podia lá estar desde a revista, não?

– Sim, podia, mas a Skye Wynyard e uma amiga limparam a casa de cima a baixo depois de o nosso pessoal ter ido embora.

Arqueou as sobrancelhas.

– E, como se isso não bastasse, o nosso querido amigo Drew Wilson está, neste preciso momento, a disponibilizar a uma das nossas equipas horas, datas e *toda a espécie* de informações sobre 10 outros trabalhos lucrativos que lhe vieram cair às mãos ao longo dos últimos dois anos por obra e graça do raio do Agente Prewett. Receio bem que ele esteja mais do que lixado.

Jackman assobiou.

– Eu cá não gostava nada de estar no lugar dele nos meses que se avizinham.

– Aconteça o que acontecer, esse merdoso merece-o. Não há nada pior do que um polícia corrupto – rosnou o sargento. – Mas, para já, preciso de lhe instaurar um processo e de o mandar para outra esquadra. Não pode ficar aqui.

– E o Kevin Stoner?

– Vai ter de deixar de cumprir funções, claro.

O sargento baixou a voz:

– Cá para mim, ele foi pura e simplesmente arrastado para uma coisa da qual não se conseguiu safar. O Prewett é um traste do piorio. Não me admirava nada que ele tivesse ameaçado o moço com qualquer coisa.

Coçou o pescoço.

– Precisava que o Prewett julgasse que eu também estava a prender o Kevin, mas tenho esperanças de que não chegue a tanto. Vamos falar com ele. Como é óbvio, temos de fazer isto cumprindo as regrazinhas todas – não nos podemos dar ao luxo do contrário – e, a seguir, logo vemos.

Jackman assentiu.

– Eu gosto do Stoner. Não me agradava nada estar a vê-lo acusado de perverter o curso da justiça. E concordo consigo no sentido em que se ele percebeu que havia marosca a ocorrer e resolveu fazer vista grossa, tenho praticamente a certeza absoluta de que não foi de ânimo leve. Tem tudo para dar um excelente polícia e seria um autêntico crime perdê-lo por causa do desgraçado do colega. Se fosse a si, investigava essa possibilidade das ameaças.

– Não se preocupe que assim farei.

O sargento virou costas e encaminhou-se para as escadas.

– Ora diabos me levem – murmurou Max por entre dentes. – Então afinal de contas sempre há qualquer coisa corrupta dentro destas paredes. Estou cá a pensar se o Dan Kinder não andaria à caça de algo que incriminasse o Zane.

Marie e Jackman abanaram a cabeça em unísono.

– Não é nada provável, meu amigo. Os problemas do Daniel ultrapassam em muito o Zane Prewett andar a fornecer informações privilegiadas aos criminosos aqui da zona com vista a novos assaltos.

– Ooh, mas eu adorava mesmo poder assistir àquele interrogatório.

Max sorriu de orelha a orelha perversamente.

– Adorava vê-lo a contorcer-se todo para tentar escapulir à sorte que lhe calhou. Ou muito me engano ou fizeram-lhe a folha muito bem feitinha.

– Fizeram-lhe a folha? – retorquiu Marie.

– Duas cagadas num só serviço, sargento? Não se esqueça de que estamos a falar de um gajo que anda obviamente há vários anos a sair-se lindamente. Deixar cair uma nota e perder o telemóvel? Ora isso é que é ser

descuidado. E peço desculpa, o Zane pode ser um cabrãozinho de primeira apanha, mas não é descuidado.

Marie inclinou a cabeça para o lado.

– Estou a perceber o que queres dizer.

Jackman também estava, mas decidiu que tinha de deixar essa investigação em concreto nas mãos de outros. Haveria uma imensidão de agentes mais do que dispostos a cravar as garras em Zane Prewett e ele tinha um assassino em que pensar. E, com uma terceira vítima, tratava-se ainda para mais de um assassino em série. *E* o ciclo de matança dele estava a acelerar.

[19] N.T.: No original, Home Office Large and Major Enquiry System.

CAPÍTULO DEZANOVE

Skye recuou para deixar entrar Mark. Este abraçou-a rapidamente e murmurou:

– Lamento imenso.

Skye lançou-lhe um sorriso triste.

– Nem sei que te diga.

Mark abriu o fecho do casaco e seguiu-a até à sala de estar.

– Meu Deus, isto é tudo uma bela trapalhada, não é? Que raio é que lhe aconteceu?

– Quem me dera saber – respondeu Skye, virando-se para a cozinha. – Queres beber alguma coisa? Chá? Café?

– Não tens nada mais forte? Ando com a cabeça a mil.

– Só tenho vinho, desculpa lá. Nem eu nem o Daniel bebemos muito.

– Vinho serve lindamente, obrigado. Neste momento, era capaz de beber o que quer fosse que tivesse álcool.

Mark deixou cair o corpo escanzelado no sofá e passou a mão pela trunfa desgrenhada.

– A coisa só me entrou verdadeiramente quando a polícia lá voltou e se pôs a revistar o gabinete do Dan de uma ponta à outra pela segunda vez.

Skye entrou na cozinha à procura de um copo e retorquiu:

– Eu cá também ainda estou a tentar perceber bem o que se está a passar e não me parece que me esteja a sair lá muito bem.

A última coisa que lhe apetecia era vinho, por isso ligou a chaleira para preparar um pouco de café solúvel.

– Pode ser Fitou? Já está aberto, mas continua bom.

– Perfeito.

Mark estava atrás dela, encostado à ombreira da porta.

– Como já te disse, provavelmente até bebia álcool etílico se mo oferecesses.

Skye despejou a água quente na caneca e abriu a latinha do açúcar.

– Não me fazes companhia?

– Tenho de me manter focada e preparada para conduzir caso o Daniel ligue e precise de mim.

– Não creio que um copito fosse a tua desgraça – replicou Mark, aceitando o copo que ela lhe ofereceu. – Pareces derreada.

Skye pegou na caneca de café e passou por ele em direção à sala de estar.

– A cafeína chega e sobra, obrigadinha. Beber vinho durante o dia deixa-me toda mole.

Sentaram-se, com Skye a interrogar-se sobre o que dizer a Mark. Não tinha respostas para o estranho comportamento de Daniel e estava farta de remoer as diversas hipóteses. Aliás, melindrou-se de repente com a presença de Mark e desejou ter sido capaz de o desencorajar.

– Posso perguntar-te uma coisa pessoal? – atirou Mark, depois de emborcar meio copo de um trago só.

Skye olhou para ele e esperou que a cara não revelasse aquilo que lhe ia na cabeça.

– Não achas que...? Quer dizer, no mais fundo do teu coração, achas que há alguma possibilidade...?

Ela interrompeu-o com rispidez:

– Há quanto tempo é que conheces o Daniel?

– Já o conheço para aí a uns 10 anos, se calhar, mais.

– Então tens aí a tua resposta. Tu próprio disseste que ele não era capaz de fazer mal a uma mosca. A única coisa que se passa é que, neste momento, ele está mesmo na fossa e o *timing* destes homicídios recentes não veio nada a calhar. Fizeram-no perder a cabeça.

Deitou um olhar reprovador a Mark.

– Não comeces também *tu* a duvidar dele!

Mark engoliu de um só trago o que lhe restava do vinho.

– E não estou, só precisava de saber se tinhas algumas dúvidas. Afinal de contas, tu és, de longe, a pessoa mais próxima dele. Se o Daniel perdeu de facto a tramontana, pus-me aqui a pensar se acharias que seria uma coisa mesmo grave.

Poisou o copo numa mesinha de apoio e olhou fixamente para Skye.

– Portanto, imagino que o melhor que podemos fazer é ajudar a encontrá-lo.

Skye mordiscou o lábio inferior.

– Metade da Polícia de Fenland anda por aí a tentar fazer precisamente isso. Já parti a cabeça a tentar pensar num sítio para onde ele pudesse ter ido, um sítio especial, um sítio que lhe diga alguma coisa, mas todos os sítios de que me lembrei já foram verificados uma e outra vez. E se ele teve mais um daqueles episódios de perda de memória, então pode estar basicamente em qualquer lado.

– Isso faz-me sentir bastante inútil – suspirou Mark, para a seguir se levantar e começar a andar de um lado para o outro. – Tens razão, ele é meu amigo e eu devia estar a fazer qualquer coisa positiva, em vez de estar para aqui a inventar cenários ridículos. Preciso de *fazer* qualquer coisa prática.

Skye sentiu um pequeno arroubo de compaixão.

– Sei perfeitamente como é que te sentes, mas não tenho mesmo ideia de que mais te possa dizer. Até que o descubram, ou até que ele volte para casa, não há praticamente nada que *possamos* fazer.

Mark deixou-se cair de novo no sofá.

– Desde que perguntaste pelo Dan e pelos últimos trabalhos dele que há uma coisa que me anda a incomodar.

Recostou-se nas almofadas fofas.

– Um dos meus empacotadores parecia muito interessado no Daniel. Sempre que o Daniel vinha trabalhar, estava lá esse tipo, a fazer-lhe perguntas. Chegou a um ponto em que tive de lhe pedir para deixar o Dan em paz.

Skye endireitou-se.

– E quem é ele?

– Trabalha para mim há coisa de seis meses. É um bom trabalhador, um homem de confiança, nunca nos desilude, nem sequer quando um carregamento chega mais cedo, ou então já tardíssimo.

– E porquê tanto interesse no Dan?

– Disse que era fã do trabalho do Daniel e a Carla, a minha gerente, acredita nele. Disse-me que o tipo é capaz de citar textualmente alguns dos artigos do Dan.

– Isso é um bocadinho demais, não é? Nem eu consigo fazer isso.

– Eu também não. Mas desconfio que o tipo sofra de qualquer coisa a raiar a POC^[20]. É metódico até à última casa e quando está a separar as encomendas é supermeticuloso. A Carla acha que ele nunca se enganou e

acredita que isso é uma raridade.

– E como é que ele se chama? Como é que ele é?

– O nome dele é Nick Brewer e tem 24 anos, talvez 25. Não é das redondezas, mas é britânico. É muitíssimo inteligente. A Carla perguntou-lhe por que raio é que ele andava a trabalhar como empacotador quando tinha qualificações a dar com um pau.

– E o que é que ele respondeu?

– Que, hoje em dia, não nos podemos dar ao luxo de ser picuinhas. Se queremos trabalhar, temos de aceitar seja o que for que nos propõem.

– Bom, sabemos que isso é verdade. Talvez seja por causa disso que ele gosta do Daniel. O Dan investiga tudo completamente a fundo e tem sempre um ponto de vista informado e original.

Skye bebericou o café.

– Se calhar, não é assim tão estranho. A verdade é que o Dan até tem uma boa dose de fãs – devias ver a página de Facebook dele.

– Já vi. Só que há uma intensidade no Nick que me parece perturbante. E a Carla também sente o mesmo.

– E achas que o Dan reparou nisso?

Mark encolheu os ombros.

– O Dan foi sempre educado com ele e, pensando bem, se calhar até o incentivou a conversar.

– O Dan adora pessoas. Tem curiosidade acerca das emoções delas e das situações estranhas em que se encontram. É por isso que ele consegue escrever assim tão bem. Ouve o que as pessoas têm a dizer porque se interessa sinceramente por elas.

– Então talvez o Nick lhe tenha contado qualquer coisa que lhe despertou a curiosidade, não?

– Talvez, mas não estou a ver como é que este fã possa estar relacionado com a obsessão do Dan com uma assassina, não achas?

Mark voltou a encolher os ombros.

– Ok, sim, estou a tentar agarrar-me desesperadamente a qualquer coisa. Estou só a procurar descobrir uma pista qualquer que nos possa ajudar.

Olhou para Skye.

– Achas que devia dar uma palavrinha ao Nick?

Antes de a rapariga poder responder, a campainha tocou. Skye deu um pulo e correu para a porta, com Mark logo atrás.

– Professor Preston!

Encheu-se de esperanças.

– Alguma novidade?

O rosto dele disse-lhe tudo.

– Não, mas tendo em conta o recente desaparecimento do Daniel, estava preocupado consigo.

Olhou para Mark, que estava parado, em silêncio, à entrada da sala de estar.

– Oh, peço desculpa. Devia ter telefonado primeiro. Vim em má altura?

Skye abanou a cabeça e apresentou Mark ao psicólogo.

– Sentimo-nos tão impotentes. Andamos a tentar formular um plano qualquer para ajudar a encontrar o Daniel.

– Em boa verdade, o melhor que podem fazer é esperar aqui. Algo me diz que ele não tardará a regressar a casa.

Guy Preston sorriu-lhe de uma forma triste.

– É a parte mais difícil, não é? Estar simplesmente aqui a tentar aguentar.

Skye decidiu que gostava do médico. Parecia-lhe compassivo sem ser piegas.

– Importava-se de explicar ao Mark aquilo das falhas na memória do Daniel, as fugas de que nos falou? Ia referir-lhe isso, mas o Professor é uma pessoa muitíssimo mais avalizada do que eu para o fazer.

Preston assentiu e começou a descrever o que podia acontecer quando o stresse nos rouba a memória.

– Merda – murmurou Mark. – Sabe, ele por acaso até teve um episódio esquisito lá na empresa. A Carla, uma funcionária minha, deu com ele no telhado. O Daniel não parecia saber o que é que lá estava a fazer. Tentou esconder a coisa a seguir, mas era evidente que havia ali algum problema. Estamos a falar do mesmo género de coisa?

Preston respondeu:

– Isso é o começo, mas essas situações podem intensificar-se consideravelmente.

– E acha que foi por isso que o Dan desapareceu daqui?

– Acho, sim. E avançaria com a possibilidade de ter sido o assalto à casa dele o responsável. Já é uma coisa mais que suficiente para arreliar quem quer que seja, ainda para mais uma pessoa tão frágil como o Daniel. A

mente dele não consegue aguentar. Desliga-se e emerge um Daniel diferente, que o afasta do que for com que ele não consegue lidar.

Skye sentiu uma nuvem negra a pesar-lhe na cabeça.

– E esse outro Daniel seria capaz de fazer coisas horríveis, não seria?

Sentiu o braço de Mark a envolvê-la.

– Em teoria, sim, não o posso negar, mas não entremos já por aí. Tenho a certeza de que o Dan só é responsável por acreditar numa mentira e por se assustar de morte... e a todos nós.

– Meu Deus, espero que tenha razão, Professor, espero mesmo.

Skye apoiou-se em Mark e desatou a chorar.

Daniel vislumbrou uma figura indistinta bem perto dele e afastou-se instintivamente. Foi acometido por uma dor lancinante que lhe trespassou o braço esquerdo e o fez berrar.

– Ei, finalmente de volta ao nosso mundo. Já tínhamos quase desistido de ti.

Daniel semicerrou os olhos, tentando discernir aquela silhueta esbatida ajoelhada ao lado dele.

– Pensava que já eras, companheiro.

– Onde é que eu estou?

Daniel ouviu-se a si próprio a falar e quase se riu. Julgava que as pessoas não diziam realmente coisas dessas.

– Desculpa, mas quem és...?

– O tipo que te salvou a vida, pelos vistos.

Era uma voz jovem, com resquícios de um sotaque citadino.

– Só não sei lá muito bem é se me vais adorar ou odiar por isso.

Daniel esforçou-se por se sentar e foi então que reparou na ligadura no braço. Era uma coisa volumosa, mas já estava a ficar repleta de manchas de sangue.

– Que raio é que me aconteceu?

Havia pânico na voz dele.

– Eh lá! Calminha, bacano! E deixa-te estar com esse braço para cima. Demorou séculos a estancar essa sangria desatada. Precisas de ir a um hospital, mas tendo em conta a situação, achámos melhor dar-te a

possibilidade de decidires isso por ti mesmo.

O rapazinho – Daniel estava convicto de que se tratava de um rapazinho – soltou uma pequena gargalhada.

– Se sobrevivesses, claro.

Daniel deixou-se cair novamente.

– Sobrevivesse a quê?

Olhou em redor. O local estava na sombra, sentia-se um cheiro penetrante a humidade e, em fundo, ouvia-se muito tenuemente água a correr.

– E onde é que estamos?

– Perto do rio. Uma das casas grandes na margem tem uma casa dos barcos velha. Nunca é utilizada, por isso nós vimos para cá às vezes.

– Nós?

– Eu e a Ellie. Ela é minha amiga.

Daniel olhou de novo em volta, mas não viu mais ninguém.

– Diz-me o que é que se passou. Por favor.

Fitou o braço.

– E que diabo é que eu fiz a mim mesmo.

– Cortaste o teu próprio braço, logo acima do pulso. Eu e a Ellie encontrámo-te. Como a terra inteira está a abarrotar de bófias, e tu escolheste claramente um mau dia para te tentares matar, achámos...

– Para me matar?

O rapazinho olhou para ele fixamente através das sombras.

– Oh, grande merda! Não me digas que foi, tipo, um acidente bizarro qualquer?

Daniel tinha a cabeça a andar à roda. Não sabia. A única coisa que sabia é que o braço lhe doía imenso. Gemeu:

– Por favor, diz-me e pronto.

O rapazinho passou-lhe uma garrafa de água pequena que Daniel bebeu agradecidamente.

– Ias pelo caminho à beira-rio, por baixo da ponte de ferro. Eu e a Ellie ouvimos-te a gritar e demos contigo agarrado ao braço. Foi horrível – havia sangue a esguichar por tudo o que era sítio. E depois ouvimos um chape, por isso julgámos que tinhas atirado a faca, ou seja lá o que for de que te serviste para abrir esse lanho, para a água. A seguir, gemeste e caíste que nem um tordo.

– Mas...?

Daniel apontou para a ligadura manchada.

– Desculpa lá. Vais perceber que te falta uma nota de vinte libras na carteira. Há um gajo que eu conheço que tem uma perna lixada. Arranja cenas médicas de uma clínica e vende isso se lhe pagarmos o suficiente.

O rapazinho encolheu os ombros.

– Calculei que tinhas dinheiro para isso.

– E estancaste a hemorragia? Como?

– Não passei a vida inteira na rua, sabes?

A cabeça de Daniel começou a doer-lhe. Que raio teria ele feito daquela vez?

– Olha, desculpa lá se fizemos asneirada, companheiro – atirou o rapazinho, abanando a cabeça. – Achámos só que aquelas perguntas todas lá no hospital... e depois iam pôr-se a chamar a bófia... eh pá, achámos que não ias querer levar com essa cena toda em cima.

– Não tens culpa nenhuma. Jesus, salvaste-me a vida! Não te vou culpar por nada. E vocês tinham razão. Neste preciso momento, não preciso mesmo nada da polícia a fazer-me perguntas.

Olhou para o rapazinho.

– Como é que te chamas?

– Tez.

– E onde é que está a Ellie?

– Ela aparece e desaparece – respondeu ele. – Há de voltar mais tarde ou mais cedo.

Fez uma pausa e a seguir prosseguiu, uma ponta de tristeza na voz:

– Ou talvez não. Não gostou daquele sangue todo.

– E como é que me conseguiste trazer para aqui?

– Foram só uns quantos metros e já tinhas recuperado suficientemente os sentidos para que eu te pudesse ajudar a andar. A Ellie foi tratar de arranjar as ligaduras e eu fiz os possíveis para impedir que te esvaíesses em sangue.

– Fizeste um ótimo trabalho, Tez. Obrigado.

– O hospital teria feito melhor.

– Se não me tivessem encontrado, nenhum hospital no mundo poderia ter feito um bom trabalho. Eu ter-me-ia esvaído em sangue.

Uma partezinha minúscula do velho Daniel ressuscitou. A história de Tez tinha todos os ingredientes para um artigo realista e emotivo. Já estava a começar a ver aquele moço como uma espécie de Robin dos Bosques urbano, um paladino das ruas. Levantou-se devagar, com todo o cuidado para não mexer demasiado o braço.

– Não és como os outros miúdos de rua.

– Lá nisso tens toda a razão, bacaninho.

Tez deu uma gargalhadazinha.

– Logo para começar, não me meto nas drogas.

– Então porque é que andas na rua?

– Não vamos entrar nisso, ok? – retorquiu Tez, pondo-se em pé. – Para já, tens é de me dizer o que é que queres fazer. Eu ajudo-te, mas não tenho o dia todo. Se não voltar para o *spot* onde arrocho, outro sacana qualquer vai dar-me a boca. É o sítio mais quentinho aqui da terra, por isso foi preciso lutar um bocadinho para o sacar.

– Já fizeste que chegue e agradeço-te imenso.

Daniel não fazia ideia do que ia fazer. A tarde já ia a meio e ele tinha a roupa toda cheia de sangue. Não podia ir para lado nenhum assim. E depois havia a questão fundamental, que se sobrepunha a todas as outras. Por que razão se encontrava naquele estado? Por que motivo estava a sangrar como um porco esventrado? Tinha feito mal a si próprio? Ou teria sido outra pessoa a fazer-lhe aquilo? A última coisa de que se lembrava era de Skye a abraçá-lo e à gata, com força, num casulo seguro e caloroso. Quanto tempo já teria passado desde então?

Enquanto matutava nisso tudo, sentiu uma calma estranha. Sim, tinha a cabeça num turbilhão, mas de uma forma assustada, quase normal. Sentia o estômago a revirar-se, mas achava que *qualquer pessoa* que desse por si numa situação tão estranha como aquela ficaria nauseada. Até àquele momento, tinha estado perturbado, até ele era capaz de perceber isso. Anos antes, tinha escrito um artigo sobre pessoas que faziam mal a si próprias e recordou-se de uma coisa que uma adolescente que se tinha cortado dissera: É a única altura em que me sinto em controlo. Isso silencia o grito no meu âmago e a seguir, durante uns tempos, sinto-me bem.

Daniel era destro e o golpe era no braço esquerdo. Talvez tivesse sido isso que ele tinha feito? Ou talvez não. Como podia saber? Soltou um suspiro. Já chegava daquilo tudo. A vida dele tinha-se descontrolado por

completo e, naquele preciso instante, o único sítio para onde lhe passava pela cabeça ir era a casa de Guy Preston. Tinha de implorar a Preston que o levasse para um lugar seguro.

Um lugar seguro. Soava-lhe bem. Um lugar longe do perigo – e da possibilidade de fazer perigar a vida dos outros. E se tivesse mesmo sorte, talvez até fosse capaz de encontrar algumas respostas.

Tocou no bolso. O telemóvel ainda lá estava, tal como a carteira. Tez não era de facto um miúdo de rua normal. Tirou a carteira devagarinho e abriu-a com uma só mão. Pousando-a nas pernas, sacou de lá cinco notas e estendeu-as a Tez.

– Não chega nem de perto, nem de longe, e arrisco-me a dizer que se outra pessoa qualquer me tivesse encontrado, isto já estaria a caminho do nariz de alguém. Fica com o dinheiro, por favor.

Tez não se mexeu para lhe pegar.

– Estão aí cem mocas, não estão?

Daniel assentiu com a cabeça.

– Não, obrigado. Dá-me uma de 20 e aceito-a. Mais do que isso pode pôr-me em sarilhos por estas bandas.

Daniel juntou o cartão de visita à nota de 20 libras.

– Se te puder ajudar seja de que maneira for, conta comigo. E se alguma vez conseguir pôr a cabeça em ordem, venho procurar-te, Tez. Não devias andar na rua.

Tez guardou o dinheiro.

– Nunca te deste conta de que há quem ande na rua por isso ser infinitamente melhor do que de onde se veio?

Dan inclinou a cabeça para o lado.

– Mas não tem de ser forçosamente melhor do que para onde se poderia ir, pois não?

A resposta arrancou a Tez um riso que nada tinha de divertido.

– Sonhos, pá. Não vale a pena estarmos com sonhos. O dia a dia, é assim que nos aguentamos.

Aproximou-se mais de Daniel.

– Temos de nos pôr a mexer. Achas que te consegues aguentar em pé?

– Consigo, sim, mas não sei lá muito para onde é que hei de ir, caraças.

Olhou para a camisa manchada de sangue.

– Vendes-me esse teu casaco? O capuz até é capaz de me dar jeito.

– Podes ficar com ele. O pessoal lá do Exército de Salvação arranja-me outra cena qualquer para fazer as vezes disso.

Dan tirou mais uma nota da carteira.

– Vai a uma loja solidária e compra qualquer coisa quente. E estamos a falar de uma transação pura e dura, não é caridade, caso seja isso que te preocupa.

– Não é isso, não. É que já vi putos a serem chinados por menos. Não compensa andar na rua com dinheiro.

– Então gasta-o. Um casaco e uma refeição para ti e para a Ellie já devem servir para dar conta do recado.

Espetou a nota na direção de Tez, que pegou nela com relutância e despiu o casaco.

– Um último favor?

– Se não demorar muito.

– Basicamente, é ires à morada que te vou dar. Se estamos perto da ponte de ferro, então são só cinco minutos a pé. És capaz de me dizer se está lá algum polícia a vigiar esse sítio?

Tez mirou-o atentamente.

– É por tua causa que Saltern anda infestada de bófiás nas últimas horas?

– Desconfio que possa ser, mas não vou ficar por aqui para descobrir.

Dan indicou a Tez a morada dele em Riverside Crescent e, assim que o rapazinho partiu a passos largos, enfiou o braço bom na manga do casaco, deixou cair o outro lado sobre o ombro e apertou o fecho. Não era perfeito, mas tapava a maior parte das manchas de sangue.

Se não estivesse ninguém a vigiar-lhe a casa, iria lá para ver se o ferimento era ou não muito grave, lavar-se, mudar de roupa e, a seguir, reavaliar a situação. Continuava a considerar que a melhor aposta dele era Guy Preston, mas queria desesperadamente avisar Skye de que se encontrava a salvo. Bom, mais ou menos a salvo, mas ela não o podia ver naquele estado. Fizesse o que fizesse, teria de se lavar e arranjar primeiro.

Encostou-se à parede da casa dos barcos. Tinha a mente desanuviada. A única coisa que o preocupava era saber por quanto tempo se manteria assim.

[20] N.T.: Sigla de Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

CAPÍTULO VINTE

Kevin Stoner estava sentado num gabinete vazio à espera do inspetor. O gabinete ficava ao cimo das escadas que desciam para a zona de detenção. Pela porta ligeiramente entreaberta, Kevin conseguia ouvir o ex-colega lá em baixo, a vociferar como se não houvesse amanhã. As ameaças e obscenidades que ia vomitando ecoavam pela esquadra inteira.

«Ex-colega». Essa palavra era como música para os ouvidos dele. Kevin pouco se importava que estivessem prestes a apertar com ele como nunca na vida. Sabia precisamente aquilo que ia dizer e pedia a todos os santinhos que isso o ilibasse de qualquer envolvimento nos crimes de Zane Prewett. O que aí vinha podia ter um de dois desfechos. Ou acabava atirado aos lobos ou o registo de conduta previamente limpo o salvava. Fosse como fosse, assinalaria o fim da ligação dele a Prewett.

A porta abriu-se por completo e o inspetor-chefe entrou a passos largos no gabinete com o seu sargento. Kevin levantou-se de um salto e pôs-se em sentido, enquanto o sargento John Cadman fechava a porta.

– Mas que raio é que se passa aqui, Stoner? Sabias de alguma coisa? É que se sabias, independentemente de o teu pai ser ou não bispo, vou crucificar-te sem contemplações!

Kevin inspirou fundo e, entrelaçando as mãos bem uma na outra por trás das costas, respondeu:

– Admito que desconfiei que a conduta do Agente Prewett fosse imprópria, senhor inspetor, mas quando o abordei, recebi uma série de ameaças graves dirigidas não só a mim como à minha família.

O inspetor Jim Gilbert afundou-se na cadeira e expeliu sonoramente.

– Oh, mas que maravilha! Era mesmo só o que nos faltava. Explica-te, Stoner. E não deixes de fora nenhum pormenor, caraças!

Kevin assentiu.

– Claro, senhor inspetor, mas primeiro há uma coisa que o senhor precisa mesmo de saber e eu preciso de pedir a sua ajuda.

Vacilou e, a seguir, acrescentou:

– É um assunto muito delicado.

O inspetor lançou um olhar de preocupação ao sargento e semicerrou os olhos.

– Não estás propriamente à espera de que eu te vá responder que sim sem saber minimamente do que é que estás para aí a falar, pois não? Não me parece que te encontres em posição de me pedir seja que favor for.

Ainda direito como um fuso embora tivesse vontade de se enrolar todo numa bola, Kevin contou aos dois polícias das fotografias que Zane tinha mandado tirar dele em flagrante delito. Explicou tudo com muito cuidado, utilizando as mesmíssimas palavras com que tinha ensaiado, e terminou com um pedido de desculpas humilde:

– Nunca faria nada que envergonhasse voluntariamente a Polícia de Fenland, senhor inspetor. Tratou-se de um momento íntimo e privado e o Prewett pagou a alguém para me andar a espiar com uma câmara de vigilância. Sinto-me não só humilhado como profundamente consternado com isto, senhor inspetor. Caso essas fotografias viessem a cair nas mãos dos *media*, o senhor tem consciência do escândalo que causariam e que não me afetaria apenas a mim, mais a minha família e a polícia, mas também a outra pessoa que aparece nessas fotos.

Os olhos do inspetor franziram-se tanto que mais pareciam fendas minúsculas.

– E nós por acaso conhecemos essa «outra pessoa», Stoner?

– Sim, senhor inspetor – confirmou Kevin lenta e claramente. – É filho de um quadro superior da polícia.

O inspetor Gilbert rangeu os dentes e soltou um chorrilho de palavrões. Depois voltou-se para John Cadman e disse:

– Sargento, quero que pegue num agente em quem confie e siga imediatamente para casa do Prewett para ir buscar essas fotografias. E também quero máquinas fotográficas, o disco rígido do computador e quaisquer outros discos externos, cartões de memória ou dispositivos de armazenamento removíveis, tudo o que sirva para guardar fotos. E tragamos cá. Trate disso já, antes que alguma outra equipa reviste a propriedade do Prewett de uma ponta à outra.

O sargento assentiu com a cabeça secamente e dirigiu-se para a porta.

– A caminho, senhor inspetor.

– Ah, e John, quando regressar, peça a alguém da nossa confiança para verificar se ele não guardou essas fotos *online*. Se tiver guardado, vamos precisar de lhes aceder através da empresa que providencie o serviço.

Resmoneou:

– Sinceramente, duvido que o Prewett tenha tido a sagacidade de as encriptar e carregar para um *site* da *dark web*, mas nunca se sabe. Vamos pura e simplesmente ter de esperar que ele não seja assim tão inteligente.

Cadman partiu a toda a velocidade e, de repente, o inspetor Gilbert pareceu esgotado, como se lhe tivessem sugado a vida. Abanou a cabeça.

– Senta-te, Kevin. Falaste em ameaças à tua família. Imagino que não estivesses só a falar de essas fotografias acabarem por ser enviadas ao teu pai, pois não?

– Não, senhor inspetor. Ainda que o Zane se fosse centrar primeiro no meu Pai.

Kevin sentou-se ainda completamente direito. Não se atrevia a desconstrair um único músculo até aquilo ter terminado.

– Tenho uma sobrinha pequena, senhor inspetor. A filha do meu irmão. Chama-se Sophie e só tem 9 anos. O Zane ameaçou fazer-lhe mal e, pelas coisas que me disse, acho que estava mesmo disposto a cumpri-lo se eu dissesse alguma coisa.

Deixou pender a cabeça.

– Fiquei aterrorizado. E como nem sequer tinha provas concretas de nenhuma das atividades ilegais dele, não podia dizer nada, tal como também não podia arriscar que acontecesse alguma coisa à menina do meu irmão.

Kevin ergueu a cabeça e olhou para o comandante.

– Lamento muito, senhor inspetor. Desapontei toda a gente. Até o DI Jackman reparou que se passava alguma coisa e me alertou para me afastar do Prewett. Quis contar-lhe tudo, mas não parava de pensar nas coisas que o Zane disse que ia fazer à Sophie. «*Coisas capazes de mudar uma vida*» foram as palavras exatas que ele utilizou.

– E juras que não estiveste envolvido em nenhuma das negociatas dele com o Drew Wilson, ou, já agora, qualquer outro criminoso?

– Juro, senhor inspetor.

O inspetor recostou-se na cadeira e cruzou as mãos no colo.

– Acredito em ti, Kevin. Antes de te termos empareirado com o Prewett – e, ironicamente, a ideia era tentar fazer com que ele melhorasse a conduta e comesse a acatar as regras – tinhas um registo imaculado. Haverá uma investigação, claro, e terás de responder a uma série de perguntas, mas estou esperançoso de que a tua carreira futura não saia beliscada.

Kevin engoliu em seco.

– Muito obrigado, senhor inspetor.

Hesitou, com uma vontade desesperada de perguntar o que seria das fotografias.

– E sugiro que esqueças que essas fotos foram alguma vez tiradas. Neste preciso momento, já temos problemas de sobra com um homicida triplo à solta em Saltern, portanto diabos me levem se ainda nos podemos dar ao luxo de mais algum escândalo. Ao fim do dia, já terá desaparecido todo e qualquer vestígio delas, e duvido imenso que o Prewett se vá pôr a falar nelas, tendo em conta que as estava a usar para chantagear um colega.

Resfolegou de indignação.

– Raios, sabíamos que o tipo só sabia arranjar sarilhos, mas ninguém desconfiava que ele fosse corrupto.

Kevin viu-lhe contrição estampada no rosto.

– Lamento um dia ter-nos passado pela cabeça emparelhar-te com o Prewett. Isso foi feito com a melhor das intenções, mas colocou-te numa posição impossível. Peço desculpa.

Aquilo era melhor do que Kevin se atrevera a esperar.

– Não há que pedir desculpa por nada, senhor inspetor. Eu devia ter tido coragem de vir ter consigo muito antes disto, portanto a culpa é inteiramente minha.

O inspetor fitou-o.

– O teu pai sabe da tua sexualidade?

Kevin voltou a engolir em seco, dessa vez ruidosamente.

– Não, senhor inspetor. Ficaria destroçado.

– Peço desculpa, mas discordo – atirou Gilbert com um sorriso pesaroso.
– É possível que não tenha sido esse o percurso que ele escolheu para ti, mas sugiro que lhe dê um pouco mais de crédito e o consideres minimamente compreensivo. Ele até já pode estar ciente disso, mas à espera de que tu lho confidencies.

O inspetor lançou-lhe um olhar que era quase paternal.

– E também te sugiro que o faças o mais cedo possível. Ninguém te pode chantagear por uma coisa que toda a gente sabe. E *já* estamos no século XXI, Kevin. As pessoas são mais liberais do que há 20 anos.

Kevin assentiu.

– E é o que eu vou fazer, senhor inspetor. Já me chega de segredos.

– Vou ter de te suspender, tens noção disso, certo?

– Absolutamente, senhor inspetor, e farei tudo o que esperarem de mim.

Kevin pôs-se em pé, tirou o crachá do bolso e pousou-o em cima da secretária do inspetor.

– É só, senhor inspetor?

– Para já. Vai para casa, assume-te ao teu pai e não te esqueças do que eu te disse acerca daquelas fotos. Nem uma palavrinha a vivalma. Esquece-as. Nunca existiram.

Kevin tinha lágrimas a brotarem-lhe dos olhos quando saiu do gabinete. Mesmo que se safasse com aquilo – e não era de todo certo que se safasse –, Zane Prewett tinha deixado marcas nele. Nunca mais esqueceria aquelas malditas fotografias até ao fim dos dias.

Jackman apanhou o elevador até à cave com relutância. Ainda estava a tentar perceber o que motivava o medo irracional que tinha de Orac. Ok, talvez medo não fosse a palavra certa, mas não havia dúvida de que achava as interações com ela perturbantes. Marie parecia bastante à vontade com Orac, e tendo em conta a quantidade de informação que esta tinha produzido, tudo levava a crer que tivessem criado uma relação de trabalho bastante boa.

Tinham de ser os olhos. Ou seria aquela autoconfiança extraordinária?

Quando o elevador começou a abrandar, Jackman sentiu a pulsação a acelerar. Talvez não fosse nem uma coisa nem outra. Orac era única. Nunca tinha conhecido ninguém como ela na vida inteira, nem sequer na universidade. Abanou a cabeça, tentando reprimir o que lhe parecia ser, de forma deveras suspeita, uma sensação de entusiasmo, e avançou para a porta da sala das TI.

Abriu-a e deu com o local vazio. Por um instante, não soube ao certo se estava aliviado ou desiludido.

– Posso ajudá-lo?

Uma mulher saiu de um gabinete contíguo. Tinha o cabelo preto comprido preso atrás das orelhas, com uma fita escarlate larga, dando ares a Jackman de uma Alice no País das Maravilhas em versão moderna.

– Hum, sim, obrigado, estou à procura da pessoa a cargo do HOLMES.

– Oh, perfeito. Julguei que pudesse estar à procura da Orac. Ela tirou umas horas.

Estendeu-lhe a mão e apresentou-se:

– Sylvia Sherwood. O HOLMES é o meu bebé.

Jackman sorriu. Tinham-lhe concedido um adiamento.

– Fantástico. Sou o DI Jackman e preciso da sua ajuda. Neste momento, já temos três homicídios por estas bandas e desconfiamos que se trata de um assassino em série, o que, claro está, é do vosso domínio.

Apontou para o dossiê grosso que trazia.

– Isto é o que temos até à data.

– A verdade é que já estava à sua espera. Com que então já são três mortes, é isso?

O rosto da informática ficou automaticamente sério.

– Ok, vou tratar já disso. O sistema é consideravelmente mais rápido do que era. Vou ligar-me e dar início às pesquisas para o ir atualizando à medida que formos avançando, DI Jackman.

O inspetor passou-lhe o dossiê e virou-se para se ir embora.

– Ah, e quando vir a Orac, importa-se de lhe dizer que eu vim cá agradecer-lhe todas as informações que ela obteve para nós? Agradecemos-lhe imenso.

A mulher dirigiu-lhe um sorriso divertido e respondeu:

– Pode estar *seguro* de que lhe vou transmitir a mensagem, senhor inspetor. Sei que ela vai valorizar bastante o seu cuidado.

Quando as portas do elevador soltaram um suspiro e se fecharam, Jackman, perplexo, julgou ouvir uma gargalhada abafada a emanar da sala dos computadores. Franziu o sobrolho e a seguir, para seu grande horror, deu-se conta de que o medo irracional que tinha de estar na mesma sala que Orac se espalhara pela esquadra. Oh, que ótimo!

Marie descolou os olhos do bloco de notas de Peter Hodder e fixou-os inexpressivamente na parede. Já tinha visto algumas coisas terríveis na carreira, mas que empalideciam e se reduziam à insignificância quando comparadas com o que aquele homem tinha tido de lidar.

Recostou-se, espantada por ele ter lidado com tudo aquilo com tamanha dignidade. Sem Peter Hodder e a perseverança calma e diligente dele mais o trabalho metódico como detetive, Françoise Thayer talvez tivesse continuado a matar por muitos mais anos.

Ao fechar o primeiro caderno, um calafrio gelou-lhe a espinha. Havia vários outros, mas não estava muito convicta de que conseguia aguentar lê-los todos de uma assentada.

– Sargento?

Max deixou-se cair numa cadeira, defronte dela.

– Tem um minutinho?

– Tantos quantos quiseses, meu amigo. Se continuar a ler muito mais acerca da Françoise Thayer, ainda vou acabar também apanhadinha da mona.

– Tenho andado a tentar deslindar um pouco do passado da Alison Fleet e apesar de ainda não ter localizado o primeiro marido dela, já tive uma conversa prolongada com a cunhada, a Lucy Richards, e acho que estou a começar a juntar algumas peças.

Max coçou a cabeça.

– Então despeja lá isso – atirou Marie.

– A empresa do Bruce Fleet estava à beira do colapso absoluto, um cenário bem pior do que se imaginava sequer. Sem dizer um pio à mulher, o tipo tinha hipotecado a casa deles até mais não e o banco tinha vindo cobrar. Só que o que ele não sabia era que a Alison tinha reparado que andava a desaparecer dinheiro da conta conjunta e desconfiava que ele tivesse um caso.

Max arqueou as sobrancelhas.

– Revelou essas suspeitas à Lucy e a Lucy convenceu-a de que era completamente impossível que o Bruce lhe fosse infiel, já que amava a Alison perdidamente. Portanto, tinha de haver outra razão.

– E então foi por isso que ela começou a tomar os antidepressivos?

– Espere um pouquinho, sargento, já vou lá chegar.

Max recostou-se na cadeira e prosseguiu:

– A Alison deu a entender à Lucy que tinha acontecido uma coisa qualquer terrível durante o casamento com o Ray Skinner. Não descobri ao certo o que foi e ela nunca chegou a contar os pormenores à Lucy, mas só pode ter sido uma coisa bem gigantesca já que nunca mais perdeu o contacto com o Skinner desde então. E acho que era para aí que o dinheiro dela estava a ir.

Marie franziu o sobrolho.

– E o Bruce Fleet nunca soube de nada? Com certeza que a irmã lhe deve ter contado, não?

Max abanou a cabeça.

– A Lucy e a Alison eram assim.

Encostou os dedos indicadores um ao outro.

– Unha e carne.

Marie inchou as bochechas.

– E o que é que poderia ser assim tão importante a ponto de justificar manter o contacto com um suposto ex violento quando temos um novo casamento superfeliz?

– Não faço a mínima, mas o que for que tenha acontecido fez com que a Alison andasse passada dos carretos durante uns tempos. A Lucy disse que a Alison lhe tinha admitido precisar dos drunfozinhos mágicos, só que a Lucy não faz ideia de onde possam ter vindo nem do que terá causado o esgotamento. E...

Max pausou dramaticamente.

– ...a seguir ao *acontecimento*, independentemente do que tenha sido isso ao certo, a Alison passou uma temporadazinha no Saltern General Hospital.

– Outra ligação ao raio do hospital – afirmou Marie, mordendo o lábio inferior. – Mas não tínhamos já verificado isso quando andámos a tentar descobrir de onde é que os medicamentos dela vinham?

– Sim, verificámos, só que a questão é que ela deu entrada lá com o nome Alison *Skinner*. Já pedi para consultar o processo dela, mas já foi há muito tempo e antes da informatização do arquivo do hospital. A funcionária dos registos disse que ia fazer todos os possíveis para o encontrar, mas, com toda a sinceridade, sargento, a senhora pareceu-me bem descrente de os poder desencantar.

– Quanto mais ficamos a saber dos problemas dos Fleet, mais somos capazes de compreender que o Bruce Fleet tenha resolvido matar-se.

Marie suspirou. Estava a começar a doer-lhe a cabeça. Cada pedacinho de informação que desenterravam parecia levar pura e simplesmente a mistérios adicionais e era fácil perder o fio à meada.

– Bom, pelo menos agora já sabemos que a Alison andava a dar nas drogas para conseguir lidar com alguma coisa, apesar de não sabermos qual era o problema nem onde é que ela ia sacar os comprimidos.

– Bem, suponho que isso elimine a possibilidade de ela ter sido drogada por quem a matou.

Max fungou.

– E quanto a onde é que ela os sacava? Eu cá aposto no Ray Skinner. Cá para mim, a Alison manteve o contacto com ele por o tipo ser o passador dela.

Marie assentiu.

– E, se calhar, também foi ele que a matou.

– Se calhar.

– Temos de o encontrar, Max.

– Já introduzi os pormenores todos no QUEST^[21] e assinalei-o como um «elemento relevante» para nós.

– Ótimo.

Marie sabia que esse motor de busca se encontrava ligado ao reconhecimento automático de impressões digitais e também à base de dados do ADN.

– Onde e quando é que ele foi visto pela última vez?

– Uma semana antes de a Alison morrer, no Peterborough Market. O que coincide com o último acesso ao *tablet* da Alison. Tentámos contactá-lo pelo telemóvel dela, mas não foi possível estabelecer uma ligação com o número dele e, desde essa altura, nicles. O homem evaporou-se da face da terra.

– Das duas, uma, por ser um assassino ou então por ser um passador.

– Ou ambas as coisas – disparou Max, com um esgar.

– Certo. Bem, é melhor avisarmos o DI acerca disto. Vai querer indicar o nome do Ray Skinner à responsável pelo HOLMES. E pode ser que o HOLMES descubra uma ligação entre o Skinner e as nossas outras duas vítimas.

– Ora isso é que seria uma beleza, não era?

Max lançou-lhe um sorriso taciturno.

– Só que a julgar pelo panorama atual, tenho cá um pressentimento de que a nossa amiga Sorte não vai ser assim tão generosa.

– Oh, vós, homens de pouca fé – interrompeu Charlie Button, pousando a mão no ombro de Max e exibindo-lhe um sorriso de orelha a orelha. – Podem esquecer o QUEST. Adivinhem lá quem é que acabou de encontrar o Mr. Ray Skinner?

Max ergueu as sobrancelhas.

– Bom, tendo em conta esse sorrisinho arrogante, calculo que tenhas sido tu, meu imbecilzeco convencido.

Deu um socozinho no braço de Charlie.

– Ok, como é que conseguiste isso?

– Resolvi experimentar uma abordagem diferente.

Charlie puxou de outra cadeira.

– Estamos todos tão habituados a lidar com pulhas que achámos que o tipo andava escondido por ser um bandido, por andar a ameaçar a Alison ou então a passar-lhe drogas. Portanto...

Fez uma pausa.

– ...comecei a perguntar-me se ele não seria simplesmente um bom tipo como qualquer outro. E caso fosse, então porque é que ela tinha mantido contacto com ele sem dizer nada ao Bruce Fleet?

Marie inclinou-se para a frente.

– Mas então e a alegada violência doméstica?

– Não foi ele, sargento. A Alison é que andava a aplicar umas belas direitas.

– O quê? A Alison Fleet? Mulher fiel e defensora de instituições de caridade?

Marie tinha os olhos esbugalhados.

– Ela não teve culpa, sargento – respondeu Charlie, olhando para um maço de apontamentos. – E o Ray Skinner está feito num oito com a morte dela. Mas vem cá falar connosco e de certeza que agora que já sabe que o Bruce morreu vai tirar os esqueletos todos do armário e contar-nos tudo o que nos falta saber. O cerne da questão é que a Alison e o Ray tiveram uma criança. Foi concebida antes de terem casado, quando a própria Alison pouco mais era do que uma miúda e não foi capaz de aguentar a pressão.

Sofreu uma depressão pós-parto terrível e a coisa terminou com uma situação qualquer que fez com que o Ray temesse pela segurança da criança.

Marie inspirou fundo.

– Eles separaram-se e o Ray é que ficou com a criança. Foi por isso que a Alison nunca perdeu o contacto com ele, e o dinheiro desaparecido destinava-se a sustentar a criança.

– Ah, e ela nunca confessou nada ao novo marido – acrescentou Max.

– Mais ou menos. A Alison passou bastante mal durante uns bons tempos – retorquiu Charlie. – Pelos vistos, tratou-se de uma coisa supercomplicada, mas basicamente foi isso, sim.

– Por isso, ela passou o resto da vida a tentar compensar o que tinha feito quando era nova – declarou Marie, assentindo com a cabeça. – Agora já faz algum sentido. Então e quando é que é suposto o Skinner vir cá ter, Charlie?

– Amanhã, logo de manhãzinha.

Charlie tirou uma folha de papel do maço.

– Já agora, sargento, ele está destroçado por saber que ela continuava a automedicar-se. Julgava que a Alison já tinha largado os drunfos há uma porrada de anos.

– Ou seja, não faz ideia de onde ela os possa ter arranjado?

– Nenhuma.

– Bem, bom trabalho, Charlie. E como é que o descobriste?

– Cheguei à idade que eles tinham quando casaram e depois usei o Facebook e um par de outros *sites* de *networking* para encontrar um velho amigo do Ray dos tempos da escola e que nunca perdera o contacto com ele.

Fez uma careta.

– Não foi propriamente um trabalho detetivesco espetacular, até foi mais uma cena quase saída do CBeebies^[22].

– Mas funcionou, camarada – disparou Max animadamente. – Quem é que precisa da Orac e do HOLMES 2 quando se tem o Charlie Button e as redes sociais?

Marie riu-se. Aquilo sempre servira para a ajudar a esquecer os horrores que tinha estado a ler no velho bloco de notas de Peter Hodder, mas não por muito tempo. Tinha sido bom encontrar o Ray Skinner, mas isso não os ajudava a encontrar o assassino, nem Daniel Kinder.

O divertimento dela desvaneceu-se. Não tinham avançado nada.

– Ok, pessoal, está na hora de voltar à carga. Temos três mulheres mortas e sabemos tão pouco como sabíamos no primeiro dia.

Quando os dois detetives mais novos voltaram para as respectivas secretárias, o telemóvel de Marie começou a tocar.

– É o Guy. Queria só avisar-te de que estive com a Skye Wynyard.

– E como é que ela se está a aguentar?

– Sente-se frustrada e assustada, mas até está bastante bem, tendo em conta tudo. Não deu para ter uma conversa mais aprofundada com ela porque também estava lá um dos amigos do Daniel.

Marie ficou com a sensação de que a voz de Preston parecia ligeiramente irritada.

– Por isso, vim para casa – continuou ele. – Não acredito nem por um segundo que o Daniel vá aparecer para a nossa consulta, mas só para o caso de ele acabar por ter um momento de lucidez, ou se calhar por não ter mais nenhum sítio para onde ir, achei que devia cá estar para o poder apoiar.

– Boa ideia, Guy. Eu ligo-te se algum dos nossos agentes o apanhar entretanto.

– Obrigado, e já que estou para aqui parado sem fazer nada, vou mas é continuar a traçar-lhe o perfil.

Fez uma pausa e, a seguir, acrescentou:

– Marie? Desculpa se não me expliquei bem da outra vez. Estava só a propor que fôssemos beber um copo para pôr a conversa em dia. Afinal de contas, já não trabalhávamos juntos há uma série de anos, só que agora estou para aqui a pensar que se calhar a coisa não saiu bem como eu queria.

Marie rangeu os dentes, mas respondeu:

– Oh, então, Guy, já nos conhecemos há imenso tempo, não é? Claro que não fiquei com a ideia errada. Quando isto tudo acabar, seria ótimo ir beber um copo.

Tinha dito a Jackman que não tinha problema nenhum em trabalhar com aquele homem, mas seria verdade? Mesmo passado tanto tempo, Guy Preston ainda era capaz de a afetar, sem que ela tivesse a certeza de isso lhe agradar ou não. Da última vez, tinha tido Bill, mas agora não havia mais ninguém a quem abrir o coração a não ser Jackman. E embora ele fosse sem dúvida uma pessoa compreensiva e que sabia ouvir como poucas, tendo em

conta a severidade do caso em que se encontravam envolvidos, Marie não sabia ao certo se seria apropriado começar a choramingar acerca de problemas pessoais.

Atirou:

– Desculpa, mas tenho de ir, Guy.

Desligou e soltou um suspiro sonoro de exasperação. Tudo a estava a irritar. Tinha a certeza de que se devia ao facto de, assim que tinham deixado Daniel Kinder sair em liberdade, outra mulher ter aparecido morta. Ele podia não ter tido nada a ver com isso, mas que a coisa não tinha nada bom aspeto, não tinha, e quando isso chegasse aos ouvidos da imprensa, que Deus ajudasse a Polícia de Fenland.

[21] N.T.: Sigla de Queries Using Enhanced Search Techniques, literalmente, Investigações com Recurso a Técnicas de Pesquisa Otimizadas.

[22] N.T.: Canal de televisão britânico direcionado para o público infantil.

CAPÍTULO VINTE E UM

Daniel estava assustado. Tez tinha-lhe garantido que não havia ninguém fardado de azul nas traseiras da casa dele, mas quando Daniel avançou sorrateiramente pela viela que ia dar à parte de trás da propriedade, dera com um carro da polícia branco a bloquear a saída. Por um instante, tinha-se sentido assoberbado por uma vontade enorme de correr até lá e de se atirar para os braços dos polícias que aguardavam, mas algo o tinha detido.

E agora estava todo encolhido de medo num barracão a tresandar a mofo no quintal das traseiras de um vizinho. Sabia que aquele sítio já tinha sido revistado, já que o chão de madeira ainda estava repleto de marcas em forma de V das botas molhadas que o tinham pisado.

Ainda poucas horas antes tinha estado a implorar à polícia que o mantivessem preso e agora estava a evitá-los. Doía-lhe o braço, era como se lhe estivessem a pressionar carvões em brasa na pele rasgada, e sentia-se tão cansado que só queria deitar-se no chão húmido e dormir um pouco, mas nem isso podia fazer. Temia o sono e tudo o que este trazia.

Apertou ainda mais o casaco e tentou raciocinar. Passados uns minutos, desistiu. As dores e a confusão impediam-no de pensar de forma lógica. O que lhe tinha acontecido ao braço? Por que motivo teria ele um golpe tão feio? Olhou fixamente para a ligadura húmida e ensanguentada enrolada à volta do antebraço e tentou lembrar-se. Mas não tinha qualquer memória do que se passara, embora tivesse a certeza de que não tinha feito mal a si próprio – bem, pelo menos deliberadamente, não.

Encostou-se às ripas do barracão e sentiu as lágrimas a formarem-se por trás das pálpebras fatigadas. Devia arranjar maneira de tratar o braço antes que infetasse, se é que isso não tinha acontecido já.

Com um esforço que lhe pareceu quase sobre-humano, acabou por se conseguir levantar. Na cabeça dele, só havia um sítio para onde podia ir. Não era muito longe e, se tudo corresse bem, não o reconheceriam com o

casaco velho de Tez vestido. Soltou uma risinho amargo. Uma coisa era certa, lembrava muito mais um vagabundo do que o jovem jornalista em ascensão de há mera semana atrás.

Daniel escapuliu-se pelo portão das traseiras e seguiu aos tropeções na direção da única pessoa que o podia ajudar.

Guy Preston demorou um ou dois segundos a reconhecer a figura suja e com mau aspeto prostrada de encontro à ombreira da porta.

– Não sabia aonde mais podia ir.

A voz soava debilitada, enchendo o ar em redor de angústia e sofrimento. Guy percebeu que o rapaz estava próximo de um colapso.

Abriu os braços bem abertos para o receber.

– Entra, Daniel, entra.

A seguir, olhou com mais atenção para aquela figura vergada.

– Mas que raio é que te aconteceu?

Daniel conseguiu a custo descolar-se da ombreira e arrastar-se para dentro da casa.

– Quem me dera saber.

Guy levou-o para a cozinha e puxou de uma cadeira. Daniel deixou-se cair nela agradecidamente, com Guy a afastar-lhe o casaco imundo devagar do braço esquerdo.

– Posso dar uma olhadela a isto?

– Julgava que só curava cabeças.

– Tive formação como médico antes de decidir estudar Psicologia.

Sorriu a Daniel, tentando não dar a ideia de o estar a analisar. Despiu-lhe o casaco fedorento com todo o cuidado e deixou-o cair no chão.

– Não corresponde bem ao teu estilo habitual, Daniel.

– Foi um amigo que mo deu. Não podia propriamente andar por aí a cirandar como se tivesse acabado de ser atropelado.

– E não fazes ideia de como é que isto aconteceu?

Daniel não respondeu.

– Foi mais uma das tuas «brancas», presumo?

Daniel assentiu em silêncio com a cabeça.

Guy olhou para a ligadura coberta de sangue com uma expressão a raia a confusão.

– Bom, se a pessoa que te aplicou isto foi o «amigo» que era dono desse casaco tão elegante, deve ser cá uma coisa. Isto foi feito com cuidado considerável, ao contrário dessa escolha de indumentária desportiva.

– Desculpe lá, mas a loja das esmolas ao Exército de Salvação não está bem ao nível da Armani.

Guy tentou avaliar a extensão do ferimento antes de tirar a ligadura. A hemorragia tinha sido profusa, mas parecia ter parado entretanto.

– Acho que o melhor que podemos fazer é enfiar-te no chuveiro para te lavares e depois eu trato dessa ferida.

Avançou para a porta.

– Vem comigo, já te arranjo roupa lavada e umas toalhas.

Já na casa de banho, Daniel ficou de *boxers* e esticou o braço sobre a banheira para que Guy lhe removesse a ligadura. Era a primeira vez que Daniel estava a ver a ferida e mal a pressão se dissipou, recomeçou a escorrer sangue do golpe profundo e irregular que ele tinha no braço.

– Pois. Toma já um duche. E irriga-me bem isso. Vou precisar de suturar isso.

Guy abriu o armário e tirou de lá um estojo com uma cruz vermelha na tampa.

– Felizmente que tenho para aqui uns fios de sutura e umas agulhas para o caso de alguma emergência.

Virou-se para a porta.

– Avisa-me quando estiveres decente e eu tento remendar-te isso.

– Quem me dera que pudesse fazer a mesma coisa à minha cabeça.

– Não é impossível, Daniel. Dá-me algum tempo e prometo-te que tento.

Quando Guy começou a dirigir-se para a porta, Daniel disse-lhe:

– Professor Preston? Por favor, não avise já a polícia. Eu sei que tem de fazer isso, mas pode dar-me só uns minutinhos para falar consigo primeiro?

Guy assentiu.

– Claro.

Já fora da casa de banho, exalou. De uma maneira estranha, o ferimento de Daniel era uma bênção. Se o pudesse ajudar agora, o rapaz confiaria mais nele. E para lhe poder avaliar corretamente o estado mental, *tinha* de conquistar a confiança de Daniel.

Guy entrou no quarto. Tirou do guarda-fatos uma caixa de plástico com uma série de ligaduras e pensos esterilizados. Aquilo ia doer imenso, mas o melhor que podia oferecer a Daniel eram dois comprimidos de Paracetamol e aconselhá-lo a cerrar os dentes. Era isso ou então levá-lo às urgências. Tinha a certeza da opção que Daniel escolheria.

– Estou pronto! – gritou Daniel da casa de banho.

– A ir! – replicou Guy, pegando na caixa. – Vamos lá pôr-te em condições.

Foram precisos cerca de 20 minutos para suturar a ferida e aplicar-lhe uma nova ligadura. E depois de se certificar de que Daniel tinha a vacina do tétano em dia, pouco mais havia para Guy fazer.

– Queres conversar?

Daniel olhou para o braço e retorquiu:

– Se eu aceitasse ser internado num hospital psiquiátrico, podia ser o *professor* a ficar responsável por mim?

Guy mordeu o lábio inferior.

– Não tenho nenhuma ligação ao hospital de Saltern, portanto se fosses internado lá, receio bem que ficasses inteiramente aos cuidados da equipa interna de psiquiatria. No entanto, a verdade é que conheço um hospital privado mais pequeno que fica mais para os lados das colinas gredosas. Chama-se Banner House e o diretor é meu amigo. De certeza que me deixaria coadjuvá-lo no teu caso.

Daniel lançou-lhe um olhar esperançoso.

– Eu tenho dinheiro. E sei que preciso de ajuda.

– Não quero estar a ser condescendente, Daniel, mas isso que acabaste de dizer é o passo mais importante do processo inteiro.

Guy recostou-se na cadeira e explicou um pouco a Daniel como funcionava o hospital do amigo e o género de tratamentos que consideravam eficazes.

– Não te vou estar a enganar dizendo-te que será canja, porque não será, mas se aceitares ser tratado, já estás a caminho de recuperar a tua vida.

– É só isso que eu quero – respondeu Daniel, olhando outra vez esperançosamente para ele. – Recuperar a minha vida.

Fez uma pausa.

– Não posso continuar assim por muito mais tempo. Já nem sequer sei quem é que sou.

– Mas preciso à mesma de dizer à polícia onde é que tu estás, tens noção disso, não tens? Anda metade da Polícia de Fenland a passar as ruas a pente fino à tua procura.

– Já tinha reparado – atirou Daniel com o indício de um sorriso.

E, a seguir, acrescentou:

– Mas há uma coisa que sei mesmo, Professor Preston. E é que *sou* filho dela. Tenho o sangue da Françoise Thayer a correr-me nas veias.

– Pensas muitas vezes em sangue?

Daniel franziu o sobrolho, semicerrou os olhos e depois murmurou:

– Sonho com isso.

– Ai sim? E podes contar-me os teus sonhos?

Guy ficou sentado a ouvir Daniel a descrever-lhe os horrores das noites encharcadas de sangue e começou a sentir-se agitado. Será que Daniel também sofria de hematomania? Decerto que isso seria uma coincidência demasiado grande, não? E aquele novo ferimento? Seria possível que tivesse feito tamanha coisa a si próprio? E, nesse caso, será que Daniel tinha tido sempre razão em relação a Françoise Thayer? Guy engoliu em seco e tentou manter-se impassível. Estaria realmente ali sentado a conversar com o filho daquela assassina infame?

Com uma salganhada de pensamentos a assolar-lhe a cabeça, tentou decidir o que fazer. Até que disse por fim:

– Fica aí sentadinho e descansa. Vou telefonar ao meu amigo sobre a possibilidade de seres internado. Acho que nós os dois precisamos de conversar imenso, Dan, e tenho todo o tempo do mundo para te dispensar, ok?

Daniel assentiu e perguntou:

– E a polícia?

– Pode esperar mais um bocadinho.

Guy entrou na divisão que estava a utilizar como escritório temporário e fechou a porta. Tinha a cabeça à roda. Nunca tinha acreditado por um instante sequer na história de Daniel – até àquele momento. Sentiu-se inundado de excitação. O filho de Thayer? Isso é que seria mesmo qualquer coisa! Abanando a cabeça, pegou no telefone e marcou o número do colega.

Três minutos mais tarde, voltou para junto de Daniel.

– Está tudo resolvido. Mal a polícia fale contigo – desde que ninguém resolva deter-te outra vez –, levo-te de imediato para o Banner House para podermos dar início ao teu tratamento. Ok?

Daniel assentiu com a cabeça lentamente e declarou:

– Estou pronto.

A seguir, perguntou:

– A polícia já vem aí?

Guy sentou-se diante dele.

– Achei melhor conversarmos primeiro. Vão aparecer aqui com fogo no rabo assim que eu lhes disser que estás comigo. Deixa-me só explicar-te o que eu acho do teu problema e depois faço essa chamada.

Inclinou-se para se aproximar mais de Daniel.

– Ora é assim que eu vejo a coisa...

– Relatórios forenses.

Marie levantou a cabeça quando Jackman lhe parou junto à secretária.

– Melhor dizendo, relatórios forenses muitíssimo interessantes.

Jackman pousou dois documentos impressos à frente dela.

– Podemos não ter nada em concreto que ligue um mesmo assassino às nossas três vítimas, mas agora já temos uma coisa a ligar especificamente as três mulheres umas às outras.

Marie olhou para os documentos.

– Relatórios das análises toxicológicas.

Deu-lhes uma vista de olhos e, a seguir, soltou, espantada:

– Tinham *todas* antidepressivos no sistema! E é o mesmo medicamento, cloridrato de clomipramina.

– Se conseguirmos perceber onde é que elas foram sacar isso, vamos estar mesmo em cima do nosso assassino, tenho a certeza.

– Tem de ir dar ao hospital.

Pelos dedos da mão, Marie enumerou as várias ligações:

– Primeira, o marido da Sue Bannister trabalhava lá. Segunda, a Julia Hope era enfermeira lá. E terceira, a Alison Fleet ia lá fazer trabalho caritativo com regularidade, ah, sim, e também esteve lá internada uns anos antes, mas reconheço que esta última ligação seja um bocadinho ténue.

– Bom, se estivermos a enveredar pela via do hospital, há que não esquecer a nossa outra linha de investigação. O Daniel Kinder é o cavaleiro andante lá do sítio, um autêntico Sir Galaad, e a namorada, a Skye Wynyard, é terapeuta ocupacional no Saltern General.

Marie estava prestes a responder quando Max chamou do outro lado da sala:

– Chefe! Tem o telefone a tocar.

Jackman correu para o gabinete e desapareceu lá dentro, deixando Marie a matutar acerca dos antidepressivos. Sabia que Alison tinha muito bons motivos para se andar a automedicar, mas e as outras duas? Que segredos tenebrosos teriam levado Sue e Julia a obter drunfos que não vinham do médico de família nem de nenhum especialista reputado? Abriu o dossiê de Julia Hope. Uma boa família, sem preocupações monetárias nem dívidas aparentes, por norma com uma saúde de ferro e conhecida por ser extremamente sociável, uma verdadeira borguista. Era muitíssimo popular e ninguém com quem tinham falado fazia ideia de quaisquer problemas graves na vida dela.

Marie resmungou, fechou o dossiê e abriu o de Sue Bannister. Mais uma vez, nada de especial lhe chamou a atenção.

– Marie! No meu gabinete, já!

Marie largou o dossiê e correu ao gabinete de Jackman.

O inspetor tinha acabado de pousar o auscultador do telefone.

– Era a polícia tailandesa. Acabaram de localizar a mãe do Daniel.

– Porra, já não eram sem tempo! Onde é que ela está?

– Vão transferi-la de um sítio qualquer na floresta, no meio de nenhures, para outro onde a rede seja decente. Pelos cálculos deles, ela deve chegar daqui a um par de horas e depois vão fazer uma videochamada por Skype.

Marie soltou um gritinho de alívio.

– Maravilha! Finalmente, é possível que seja desta que temos algumas respostas sobre o passado do Daniel.

– Esperemos bem que sim. As autoridades tailandesas já trataram de arranjar um voo para Ruby Kinder pela AirAsia, de Chiang Mai para Bangucoque, de onde ela pode apanhar depois o primeiro avião disponível para cá. Talvez seja capaz de meter algum juízo na cabeça do filho.

– E quanto tempo é que isso vai demorar?

Jackman fez uma careta.

– Bom, a viagem do Norte para Banguécoque leva um par de horas e depois, consoante a hora de partida do avião que apanhar para aqui, imagino que mais umas 12 horas até aterrar em Heathrow.

– Ou seja, estamos a falar de amanhã à hora de almoço, com sorte – ponderou Marie.

Jackman assentiu.

– Importas-te de ligar à Skye e avisá-la da mãe do Daniel? E diz-lhe que lhe vamos explicar do assalto e assegurá-la de que a Skye não teve culpa nenhuma.

– Vou já tratar disso, senhor inspetor.

Marie voltou para a secretária e telefonou a Skye Wynyard.

A rapariga atendeu ao primeiro toque e, ato contínuo, perguntou se podia aparecer na esquadra para estar lá aquando da videochamada. Marie concordou e desligou. O telefone começou a tocar de imediato.

– Ele está aqui comigo, Marie. O Daniel Kinder está comigo e fora de perigo.

Marie exalou ao dar um novo gritinho de júbilo.

– Graças a Deus, Guy! E ele está mesmo bem?

– Feriu-se a si próprio e não sabe como é que isso aconteceu.

Guy fez uma pausa.

– Um lanho e peras no antebraço esquerdo. Tive de o suturar, mas há mais boas notícias. O Daniel aceitou voluntariamente dar entrada na unidade psiquiátrica do Banner House.

– Não me digas!

Marie sentiu-se duplamente aliviada. Partindo do pressuposto de que o rapaz não era o assassino que procuravam, o efeito conjunto de voltar a ver a mãe, receber ajuda profissional e ser visitado regularmente por Skye num ambiente seguro podia pôr de facto Daniel a caminho da recuperação.

– São notícias espetaculares. Embora tenhamos de o interrogar acerca da terceira morte... isto se achares que ele está em condições, claro.

Seguiu-se um curto silêncio e depois:

– Ele está muito fragilizado. Tão depressa se mostra razoável e com noção das coisas como, no momento seguinte, fica superneurótico, mas sabe que não pode continuar assim e a verdade é que quer realmente respostas.

– Então vamos aí buscá-lo.

– Por acaso, estava aqui a pensar se não gostariam que o levasse eu para aí? Se tudo correr de feição, consigo mantê-lo suficientemente estável para poderem falar com ele. O Daniel pode passar-se e fugir outra vez se vir de repente luzinhas azuis lá fora.

Marie franziu o sobrolho.

– E para ti não há problema? Por estares a trazê-lo sozinho?

– Não o teria proposto se não acreditasse ser o melhor a fazer – replicou Guy.

A seguir, acrescentou:

– Mas obrigado por pensares na minha segurança. Eu sei porque é que estás a perguntar isso, mas o Daniel é uma criatura completamente diferente do Terence Austin. Não há problema nenhum.

Marie cerrou os dentes, irritada. Não tinha estado a pensar de todo em Austin, simplesmente no facto de não querer voltar a perder Daniel Kinder. Um carro da polícia e dois agentes talvez fossem uma aposta mais segura.

– Ok, Guy, se achas mesmo que isso é a melhor opção. Quando é que arrancam?

– Mais cinco minutos. Portanto, vemo-nos daqui a um quarto de hora.

Aproximava-se o cair da noite e, enquanto Kevin Stoner esvaziava o cacifo, o Detetive Max Cohen bamboleava-se a entrar pelo balneário dentro.

– Estão a transferi-lo, meu. Vi o sargento responsável a despedir-se dele com todo o carinho – anunciou Max a Kevin, com um sorriso de orelha a orelha. – Já podes respirar outra vez.

Kevin retribuiu-lhe o sorriso, mas de forma mais comedida.

– Se calhar, já podemos *todos* respirar outra vez.

Max deixou-se cair num dos bancos do balneário e ficou a olhar para Kevin.

– Não sei como é que conseguiste, mas, raios partam, fizeste a coisa muitíssimo bem feita.

Kevin retesou-se.

– De que é que estás a falar?

O sorriso de Max rasgou-se ainda mais.

– Ei! Não sejas tímido! A esquadra inteira devia estar mas era a agradecer-te por nos teres livrado daquele grande merdoso. És um herói, meu!

– Não sei de que é que estás a falar, Cohen. E agradecia que guardasses para ti essas tuas ideias trocadas.

Stoner estava a começar a entrar em pânico.

– Tem lá calma, pá. Isto é entre nós os dois. Eu sei que vais ter de te manter fiel a seja lá qual for a historieta que inventaste, só para que as altas patentes fiquem contentes, mas estou só a dizer que tens o meu respeito, sócio.

Levantou-se.

– Mais nada, por isso podes dormir descansadinho que não vou estar a partilhar com ninguém o que eu acho da tua participação na saída mais que oportuna do Zane Prewett de Saltern. Fizeste-nos um favor a todos.

Max deu uma palmadinha no ombro de Kevin ao sair.

– Como já te disse, pá. Tens o meu respeito.

De novo sozinho no balneário, Kevin sentou-se no banco pesadamente. Se um dos detetives tinha sido capaz de lhe ver a careca com toda a facilidade, com certeza que os chefes também seriam, não? Sabia que tinha o inspetor Jim Gilbert do lado dele, mas até mesmo Gilbert tinha superiores a quem responder. E depois passou-lhe outro pensamento pela cabeça a latejar. E se Prewett somasse dois mais dois e se apercebesse do que ele tinha feito? Será que Kevin e a família se livrariam alguma vez das ameaças de Zane?

Antes de poder formular uma resposta, a porta voltou a abrir-se. Dessa vez era o sargento Cadman.

– Ah, ainda bem que te apanhei antes de saíres, Stoner.

Kevin começou a pôr-se em pé, mas o sargento fez-lhe sinal para que se deixasse estar e sentou-se no banco à frente dele.

– Achei que ias gostar de saber que levaram o Prewett para Lincoln.

Calou-se por breves instantes e depois prosseguiu:

– E acabei de vir do apartamento do Prewett. Encontrámos lá tudo aquilo de que precisávamos, se é que me faço entender.

Kevin assentiu com a cabeça e sentiu-se inundado de alívio. Foi por causa disso que tinha andado a cirandar por ali ao longo das últimas horas. Não queria ir-se embora da esquadra sem ter a certeza de que a missão

oficiosa do sargento tinha sido completada com êxito.

– Muito obrigado, sargento. Pode estar certo de que lhe agradeço imenso.

– Não duvido, filho. Imagino que a tua vida tenha sido um inferno durante estes últimos meses, não foi?

Kevin reprimiu um soluço.

– Basicamente, chefe.

Cadman soltou um suspiro e abanou a cabeça.

– Só gostava que tivesses vindo ter comigo para me contar o que se estava a passar. É muito bonito estar para aqui a olhar para trás agora que a coisa já aconteceu, mas eu devia ter dado conta de que havia um problema qualquer. Tal como quase todos os outros, julgava que ele era simplesmente um sacaninha convencido e preguiçoso. Nunca me passou pela cabeça que o tipo fosse tão reles e corrupto como era, nem o efeito devastador que isso estava a ter em ti.

– A culpa é toda minha, chefe. Basicamente, não tive tomates para o enfrentar.

Engoliu em seco.

– Para lhe dizer a verdade, isto afetou-me bastante. Pôs-me a duvidar se serei mesmo capaz de ser bom polícia. Aliás, nem sei se não devia mas é repensar a carreira que escolhi.

– Tretas! És um bom rapaz, com um futuro brilhante. Quando alguém ameaça uma pessoa que amamos, mandamos às urtigas o bom senso e a razão. Se a ameaça tivesse sido dirigida a ti, terias lidado com isso de maneira bastante diferente, mas o Zane fez-te temer pela tua sobrinha pequena, não foi? Ele foi muito espertalhão, Kevin, mas agora já terminou tudo, tirando a parte das questões jurídicas. E ainda que isso não vá ser nada agradável, estou disposto a apostar que o Prewett vai ficar de molho durante uma bela temporada.

– De certeza que vai inventar qualquer coisa para me tentar implicar.

– Se calhar, até vai, mas ninguém vai acreditar numa só palavra que saia daquela boca. O tipo fez asneira e só se pode culpar a ele próprio – afirmou Cadman, assentindo com a cabeça. – E aqui entre nós, o Prewett não tem nenhum álibi para a noite do assalto. Garanto-te que não se vai safar desta.

O sargento levantou-se.

– E agora vai mas é para casa. E esquece lá isso de desistir da polícia. Assim que isto tudo terminar, arranjam-te o raio de um parceiro como deve ser e a memória do Zane Prewett vai acabar por se dissipar como um mau cheiro.

Estacou à saída do balneário.

– Ou talvez queiras antes pensar em fazer os teus exames para entrar para o DIC? Sei de fonte segura que o DI Jackman apoiaria essa decisão.

Cadman arqueou as sobrancelhas.

– Vais pensar nisso?

– Vou, sim, chefe.

Sozinho mais uma vez, Kevin recostou-se nas portas dos cacifos. Tinha pensado deixar de ser polícia não pelas repercussões do que Zane lhe tinha feito mas pela forma ínvia como tinha lidado com isso. Se era capaz de colocar em curso um estratagema tão ponderado e dissimulado para deixar um colega na merda, se calhar não era melhor do que Zane, mas a seguir pensou em Sophie. Não tinha dúvidas de que Zane, ou então um dos compinchas dele, teria realmente feito coisas nefastas, «capazes de mudar uma vida», àquela criança. E só de pensar nisso ficava horrorizado.

Kevin suspirou sonoramente. Bom, aquilo já estava feito. Havia que viver pura e simplesmente com isso. E sabia uma coisa em relação a Zane Prewett que os outros não sabiam. A razão pela qual tinha sido capaz de o tramar com tamanha determinação prendia-se com o facto de saber exatamente onde Zane estava no momento do assalto. O sargento Cadman referira que o ex-colega não tinha álibi, e realmente não tinha. Bem, pelo menos um de que se pudesse socorrer, visto que se tinha vangloriado a Kevin, com extraordinário deleite, de andar a comer a mulher de um dos inspetores fardados.

Kevin sorriu. Tinha visto a mensagem a combinar o encontro seguinte quando ficara com o telemóvel de Zane e enviara o tal SMS a Drew Wilson a avisá-lo de que não estaria ninguém em casa dos Kinder.

Kevin recolheu os pertences. Havia ocasiões em que desejava que o pai tivesse escolhido outra profissão. Género corretor de apostas ou arboricultor, qualquer coisa que tivesse livrado Kevin daquele horrível sentido do que está certo e errado. O pai tinha-o educado para que o filho soubesse tudo sobre o pecado. E Kevin sabia que tinha pecado.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

— **R**aios partam, mas onde é que anda o Guy Preston? Já deviam ter chegado cá há meia hora. Experimenta ligar-lhe para o telemóvel outra vez, Marie.

Jackman estava a andar de um lado para o outro do gabinete.

— Acabei de o fazer e ele não continua a não atender. Alguma coisa correu mal, patrão.

— Podes crer — rosnou o inspetor. — Não seria mesmo uma maravilha se alguma coisa corresse bem neste caso?

— Eu *sabia* que devia ter mandado para lá um carro.

Marie estava com um ar completamente desgraçado.

Jackman estacou.

— Não tens culpa nenhuma. A justificação dele também me teria convencido a mim.

— Eu tive um pressentimento, mas deixei que o Preston me convencesse. Não tenho desculpa, fui uma grandessíssima imbecil.

Jackman olhou para o relógio na parede. A videochamada para a Tailândia tinha sido adiada uma hora, já que Ruby Kinder tinha demorado mais do que o previsto a regressar da selva. Estava entretanto marcada para dali a 30 minutos. O inspetor recomeçou a andar de um lado para o outro. Os agentes fardados tinham asseverado que o carro de Guy Preston já não se encontrava à porta de casa e um vizinho tinha visto o psicólogo e outro homem mais novo a arrancar de lá há quase três quartos de hora. Bastavam 10 minutos para fazer o percurso até à esquadra, portanto onde raios poderiam estar eles?

Ouviram bater à porta e uma figura familiar entrou no gabinete.

— Guy! — exclamou Marie, levantando-se. — Graças a Deus! Já estávamos a pensar que te tinha acontecido alguma coisa, mas...

— Onde é que está o Daniel Kinder? — perguntou Jackman.

– Perdi-o.

Guy Preston lançou um olhar pesaroso a Marie.

– Lamento imenso. Devia ter deixado que fosses tu a tratar de tudo.

– Mas como é que isso aconteceu? – perguntou Marie. – Vocês saíram juntos de casa, não saíram?

De repente, Jackman deu-se conta de que Preston não tinha o aspeto imaculado habitual. Tinha as mangas do casaco sujas de terra, as calças cobertas de poeira e os mocassins cheios de lama já seca.

– Oh, saímos sem problemas, sim. E depois o Daniel disse que estava agoniado.

Guy parecia furibundo consigo próprio.

– E como eu tinha acabado de lhe coser o braço só com dois comprimidos de Paracetamol a servir de anestesia, acreditei nele. Parei. Ele saiu do carro pelo lado do passageiro. Eu desliguei o motor e, como um idiota chapado, deixei a chave na ignição quando fui dar a volta para o ajudar.

Ficou ainda mais irritado.

– O Daniel apanhou-me desprevenido e empurrou-me pelo declive na berma da estrada de Sluice abaixo. Quando consegui trepar até lá acima, já tinha fugido no carro.

Soltou um suspiro pesado.

– Acabei de fazer o caminho todo a pé desde os portões de Blackland Sluice.

Marie fez uma careta.

– E imagino que o teu telemóvel tenha ficado no carro.

– Acertaste à primeira.

– Lá se vai a teoria de que o Daniel estava estável – desabafou Marie.

– Por acaso, acho que até estava bastante estável – retorquiu Guy. – Um verdadeiro maquinador, com controlo absoluto dos próprios atos, era assim que eu o descreveria.

Jackman mordeu o interior da bochecha.

– Então acha que ele planeou a coisa toda?

– Diria que sim – respondeu Preston, afundando-se numa cadeira. – Deve ter percebido que o inspetor o encontraria se fosse às urgências, por isso usou-me para o tratar q.b. e depois, quando já estava pronto para isso, pôs-se na alheta... com o meu carro. Ah, sim, e também com roupa minha.

– É melhor darmos um toque à brigada de trânsito para mandar parar esse carro – declarou Marie, abrindo o bloco de notas. – De que marca é que é? E qual é que é a matrícula?

– Já falei com o sargento de serviço quando entrei – respondeu Guy, encolhendo os ombros. – Ele já tratou dessa parte.

– Ótimo – murmurou Jackman. – Não tarda nada encontram-no.

– Espero bem que sim.

Guy parecia subitamente exausto.

– Sabem, estava convicto de que estávamos a fazer progressos. Ele parecia tão diferente, tão sincero. Fartámo-nos de conversar. E, por mais estranho que pareça, o Daniel até teve duas oportunidades para fugir. Fui duas vezes ao escritório fazer telefonemas e, em ambas as ocasiões, tinha as chaves do carro em cima da mesinha de entrada. Teria sido muito mais fácil para ele escapulir-se sorrateiramente, mas não o fez.

Marie olhou para ele.

– Se se fartaram de conversar, se calhar veio alguma coisa à baila lá mais para o fim que o tenha assarapantado, não?

Guy devolveu-lhe um olhar pensativo.

– Não me parece mesmo, mas...

Voltou a encolher os ombros.

– Se houve alguma coisa que provocou isso, não sei qual possa ter sido. Ele enganou-me por completo.

Guy massajou os músculos da parte de trás do pescoço.

– Como é que eu pude ser tão crédulo? Não – pior do que isso –, como é que eu pude ser tão arrogante, mostrar-me tão cegamente convencido das minhas capacidades?

– Não se martirize, Guy – retorquiu Jackman. – Mesmo que o Daniel tenha a cabeça toda desnorteada, continua a ser um rapaz inteligente e afável e nenhum de nós sabe a quantas anda quando fala com ele. A dada altura, convenço-me de que ele é um miúdo triste com uma obsessão mórbida em relação aos pais misteriosos e, no instante seguinte, já tenho a certeza de que se trata do nosso assassino.

– Muito bem, mas o raio do psicólogo sou eu – resmungou Guy. – E se *eu* não consigo compreender os processos mentais do Daniel, então é porque não ando a fazer lá muito bem o meu trabalho, não é?

Felizmente, o telemóvel de Marie começou a tocar antes de Jackman ser obrigado a arranjar outra coisa qualquer para dizer.

– Skye? O que é que se passa?

Marie ficou a ouvir e, a seguir, disse:

– Não se preocupe. Vou pedir a um dos nossos agentes para a ir buscar. Vemo-nos daqui a nada.

Jackman deitou-lhe um olhar inquisitivo.

– Ela tem um pneu furado e está desesperada por ver a Ruby na videochamada – explicou ela, olhando para o inspetor com firmeza. – E se o Daniel anda à solta e tiver um plano qualquer naquela cabecinha retorcida dele, acho que ela fica mais segura aqui connosco, não lhe parece?

– Absolutamente. Pede já um carro para a irem buscar.

Quando Marie saiu do gabinete, Jackman virou atenções para Guy Preston.

– E eu vou pedir ao Max para o levar para casa para o Guy se poder arranjar. Por falar nisso, disse que o Daniel tinha roupa sua, foi?

– A dele estava repleta de sangue. Agora traz umas calças de ganga de marca, um polo azul-claro da Ralph Lauren e um blusão de aviador cinzento-claro.

– Ele estava repleto de sangue?

– Da ferida no braço.

– E a roupa velha dele ainda está lá em sua casa?

– Na casa de banho. Ia livrar-me dela assim que lá voltasse.

– Nesse caso, o Max tem de a embalar e trazê-la de imediato para aqui. Há a possibilidade de a roupa não ter só o sangue dele. Precisamos dela para a equipa dos serviços forenses.

Guy assentiu.

– Ah, estou a ver. Não tinha pensado nisso. Sim, eu mostro ao Max onde isso está. Se tivermos sorte, só o Daniel é que mexeu nelas, por isso não estarão contaminadas.

– E o Guy por acaso queria cá estar para a videochamada? É só que já estamos a ficar um bocadinho apertados de tempo.

Guy Preston abanou a cabeça.

– Já tive emoções que cheguem por um dia. Pode contar-me tudo amanhã, DI Jackman. Estou a ver-me a tomar um duche bem longo e quente quando chegar a casa.

– Avisamo-lo logo que o seu carro apareça, e caso isso não aconteça, passo eu para o ir buscar amanhã de manhã a caminho da esquadra.

– Agradeço-lhe imenso – retorquiu Guy, tentando escovar ineficazmente o casaco sujo com a mão. – Mais uma vez, lamento muito o que se passou. A culpa é toda minha que o Daniel não esteja neste preciso momento lá em baixo, numa sala de interrogatórios. Devia ter dado ouvidos à Marie.

– Esqueça isso.

Jackman forçou um sorriso, embora intimamente concordasse com Preston.

– A Marie tem *sempre* razão. Até enjoa, não é?

Guy Preston estava com um ar nervoso.

– DI Jackman? Devo confessar-lhe que já não tenho a certeza de nada em relação ao Daniel Kinder. Aquele golpe no braço dele, logo para começar. Será que foi um acidente? Será que alguém lhe fez isso em legítima defesa? Ou terá sido autoinfligido? A questão principal é que ele me deu a volta. E se ele foi capaz de me enganar assim tão bem, inspetor, é capaz de enganar qualquer pessoa.

Jackman ficou a olhar para Guy Preston a ir-se embora, enquanto pensava em Marie e na estranha ligação dela com o psicólogo.

Apesar de ela lhe ter contado o que tinha acontecido durante o caso de Terence Marcus Austin, Jackman continuava a sentir-se um tanto ou quanto incomodado por estarem os dois a trabalhar juntos. Custava-lhe a crer que os olharzinhos dissimulados que o psicólogo não parava de lançar à sargento não deixassem transparecer as esperanças que o homem depositava num relacionamento. Marie tinha afirmado que não era esse o caso, mas Jackman interrogava-se se ela teria razão, ainda que parecesse estar a lidar bem com a situação. Mostrava-se simpática e tratava Preston como um simples colega. Estava a conseguir mantê-lo e ao passado que partilhavam a uma distância prudente, mas fazia-o de uma forma amável, o que não podia ser fácil.

Jackman contraiu os lábios e concentrou-se. Por que motivo estaria a pensar naquilo, minha nossa senhora? Estava embrenhado na investigação de um triplo homicídio e era detetive-inspetor, não a ama-seca de Marie Evans! O que lhe interessava a ele que Preston estivesse todo babadinho por ela? Não tinha nada a ver com o assunto. Marie era uma mulher muito atraente e não se podia propriamente levar a mal que Preston lhe achasse

piada. Soltando um resmungo, Jackman pegou nos relatórios forenses que tinha à frente e forçou-se a focar-se no trabalho. Quando começou a ler, foi transportado para uma espécie de sonho.

Estava montado em Glory e seguiam a galope pela areia húmida junto à sua velha casa. E, ao lado de Jackman, montada na Kawasaki verde e preta reluzente, estava Marie. E o cabelo castanho dela, fustigado pelo vento, parecia tão delicado e brilhante como a crina ondulante de Glory.

De repente, Jackman apercebeu-se de algo que nunca lhe tinha passado pela cabeça. Vinham os dois de contextos completamente distintos e tinham seguido caminhos muitíssimo diferentes para chegar onde agora se encontravam, mas eram tão parecidos que quase se estarreceu de espanto. Uma vez Marie tinha-lhe descrito o puro regozijo de atravessar a toda a velocidade uma estrada sem mais ninguém. E ele sabia precisamente do que ela estava a falar. Também tinha sentido cada pulsação acelerada e cada tremor desse prazer estonteante a cavalgar Glory pelo meio da praia. Fechou os olhos e inspirou fundo. Então, Jackman! Uma pessoa até julgaria que ele estava com ciúmes de Guy Preston. Não, estava simplesmente derreado e a concentração tinha-lhe ido desta para melhor. Sacudiu-se, tentando recompor-se. A pressão daquele caso terrível estava a começar a afetá-lo. Não costumava dar largas a pensamentos fantasiosos durante uma investigação. Aliás, nunca lhes dava largas, ponto final.

Pegou no relatório das análises toxicológicas e pôs-se a lê-lo em voz alta, numa tentativa de recentrar a mente errante. Passado algum tempo, começou a funcionar.

Ruby Kinder tinha um rosto estreito, desgastado e marcado pela preocupação. Marie olhou para a imagem não muito nítida do vídeo e chegou à conclusão de que se Ruby tinha andado à procura de uma cura para o sofrimento que a afligia, não a tinha descoberto.

A ligação revelava-se um bocadinho instável e havia um ligeiro desfasamento em termos de som, mas desde que dessem tempo uns aos outros para irem falando, a coisa resolvia-se.

Com o máximo de tato possível, Jackman explicara à mulher a situação em torno do filho. Ruby mostrara-se absolutamente incrédula.

– Mas ele nunca demonstrou o mínimo interesse pelos pais biológicos! – desabafou.

– Porque não a queria magoar, nem ao pai – sussurrou Skye por trás do ombro de Jackman. – Ama-os e sempre achou que estar a massacrá-los acerca da mãe verdadeira seria trair tudo aquilo que os Kinder tinham feito por ele.

Jackman transmitiu o que Skye lhe dissera.

– Oh, Daniel, se ao menos tivesses falado *comigo*! Podia ter-te poupado a isto tudo... eu sei *tudo* sobre os primeiros anos de vida dele, DI Jackman.

Fez uma pausa e aclarou a garganta.

– Nunca teriam deixado que eu e o Sam o adotássemos se não soubéssemos por completo todo o passado traumático dele.

Jackman inclinou-se para a frente.

– Traumático?

Ruby soltou um suspiro.

– Os psicólogos aconselharam-nos a nunca lhe falar do passado, já que isso poderia provocar-lhe problemas gigantescos mais tarde. Foi acompanhado de perto durante muitos, muitos anos.

Marie pressentiu a tensão em Jackman, com o inspetor a tentar resistir à ânsia de apressar a mulher.

– A mãe do Daniel era uma toxicodependente, DI Jackman. Sem se perceber bem como, e apesar das constantes intervenções dos serviços sociais, conseguiu que nunca lhe tirassem os três filhos.

– Ele tem irmãos? – perguntou Marie.

Instalou-se um longo silêncio e, a seguir, Ruby respondeu:

– *Tinha* irmãos. Ninguém se deu conta de como a mãe do Daniel estava à beira do ponto de rutura, até que houve uma noite em que ela enfiou os três filhos no carro, foi para o meio de um bosque nas redondezas, prendeu uma mangueira ao tubo de escape e trancou-se lá dentro com eles.

Marie sobressaltou-se. Recordou-se de imediato do cheiro a fumo de tubo de escape no interior da garagem trancada de Bruce Fleet.

– Aconteceu em Derbyshire. Provavelmente, ouviram falar do caso. Ela chamava-se Lucy Carrick. Matou-se e aos dois irmãos do Daniel. O Dan foi o único sobrevivente. Um homem que andava à procura de um cão perdido partiu o vidro da janela e arrancou-o de lá.

– Oh, meu Deus! – exclamou Skye, impotente para travar as lágrimas. – O meu pobre Daniel!

Ruby continuou a falar. Talvez sentisse que, se parasse, poderia nunca mais arranjar forças para recomeçar:

– Segundo o que viemos a saber, ele passou uns bons tempos extremamente doente. Desconfiavam que o Daniel tivesse sofrido lesões cardíacas e cerebrais, isto porque o monóxido de carbono lhe provocou problemas ao nível sanguíneo e a falta de oxigénio podia ter feito com que os órgãos principais dele colapsassem. Mas ele lá conseguiu safar-se, embora nos tenham informado de que os efeitos da inalação prolongada de monóxido de carbono poderiam levar a graves perdas de memória. Explicaram-nos que ele também podia ter depressões, perturbações visuais, falhas de concentração, sentir-se confuso e mais uma série de outras coisas.

– Mas mesmo assim, o Daniel acabou por vir a ter uma carreira que exige inteligência, concentração, boa memória e capacidade para entender os outros. E foi bem-sucedido – realçou Jackman.

Ruby Kinder esfregou os olhos, esgotada.

– Pois foi, graças a Deus. Mas os primeiros anos que passou connosco foram carregados de ansiedade, e os médicos acertaram em cheio relativamente a alguns dos problemas dele.

– A questão da perda de memória?

– Ele não se lembra de nada do que aconteceu nos primeiros cinco anos de vida, mas até achámos que isso era uma bênção. Aquelas brancas mais pequeninas, quase triviais, é que eram o mais perturbador de tudo.

– Porquê? – perguntou Marie.

– Porque se passavam coisas durante esses momentos perdidos e o Daniel não se lembrava minimamente delas.

– Que género de coisas? – insistiu Jackman, lançando um olhar de preocupação a Marie.

– Birras e ataques de mau humor, acessos de fúria, explosões de raiva, e às vezes desaparecia pura e simplesmente, sem se recordar depois de como tinha ido parar a um determinado sítio.

Marie murmurou:

– O Guy Preston devia cá estar. Precisa de ouvir isto.

– Não te preocupes, a conversa está a ser gravada. Vamos analisá-la com ele.

Jackman voltou a virar atenções para Ruby Kinder:

– E a senhora sabia que estes casos de perda de memória continuavam a dar-se?

– Não, Inspetor Jackman, não sabia. E não consigo imaginar porque é que ele tem uma fixação por essa mulher terrível, a Françoise Thayer. Nunca o ouvi falar nela.

– E não tem por hábito ir ao sótão da sua casa?

Ruby Kinder ficou com um ar perfeitamente perplexo.

– Não. Porque é que havia de ter? O Daniel disse que guarda lá a papelada toda antiga das investigações para os artigos caso venha a precisar outra vez dela, mais uns computadores e umas impressoras já velhas, coisas desse tipo. Disse-me que aquilo era meio uma lixeira e que a porta está fechada à chave por ele andar a investigar a vida privada das outras pessoas.

Franziu o sobrolho.

– Porquê?

Quando Jackman lhe explicou, a cara dela como que se desintegrou num misto de confusão e dor. Ruby acabou por se recompor e perguntou:

– E agora está a dizer-me que ele desapareceu?

– Receio bem que sim. Temos agentes espalhados pela cidade inteira e pelo campo à volta à procura dele. Viram-no ainda há coisa de poucas horas, por isso vamos encontrá-lo, esteja descansada.

– Então preciso de o avisar de que há a possibilidade de parte daquela tenebrosa primeira infância dele ter voltado a infiltrar-se-lhe na memória.

Ruby parecia agora serena, quase dura.

– Os médicos disseram que havia uma possibilidade ínfima de isso acontecer, mas, pelos vistos, ele não está a compreender bem essas recordações. O Daniel foi seriamente maltratado pelos «amigos» drogados da mãe. Nem sou capaz de lhe descrever sequer o estado em que aquela criança se encontrava quando eu e o Sam a vimos no hospital. Teria de falar com uma pessoa com mais experiência do que eu, mas suspeito que ele se esteja a lembrar da mãe verdadeira e de algumas das coisas horríveis que viu acontecer. Estamos a falar de um rapaz inteligente e curioso, DI Jackman, e acho que ele terá sabido por acaso da história da Thayer durante alguma investigação e fez uma ligação pavorosa e incorreta a essa homicida. Não lhe parece?

Jackman ficou com a respiração presa no peito e, a seguir, exalou:

– É possível que esteja certa, Mrs. Kinder.

– Então isso quer dizer que ele está horrendamente enganado em relação à mãe biológica! Deve estar a passar por um inferno, inspetor! *Tem* de o encontrar e, por amor de Deus, contar-lhe a verdade!

Jackman esforçou-se para a tranquilizar, mas Marie pressentiu a desesperança subjacente a essas palavras. O inspetor acabou por lhe falar da tentativa de assalto à casa.

– A casa não me preocupa nada. Só quero ver o meu menino são e salvo.

Ruby Kinder fez nova pausa e depois perguntou:

– A Skye Wynyard está aí convosco?

– Está, sim. Quer falar com ela?

– Oh, sim, por favor. Ela ama o meu filho, inspetor. Isto também deve ser um sofrimento atroz para ela.

Sentindo-se como se estivesse a escutar às portas, Marie acompanhou a conversa, ouvindo o afeto nas vozes das duas mulheres enquanto estas falavam.

Skye perguntou:

– Aquela cicatriz que o Dan tem na cabeça, isso foi mesmo por ele ter caído de um baloiço?

– Oh, sim, isso é verdade. Até hoje, ainda consigo ouvi-lo a berrar. Fiquei gelada. E senti-me tão culpada. Ele já tinha sofrido tanto que eu só queria amá-lo e protegê-lo, e quase me morreu a cair de um baloiço.

Esboçou um sorriso ténue.

– Tenho mesmo de me ir embora, Skye. Não posso arriscar chegar atrasada ao meu voo aqui de Chiang Mai. Cuida-te, querida, vemo-nos mal aí chegue.

Jackman deu a ligação por terminada e ficaram sentados em silêncio. Marie só conseguia ver três crianças dentro de um carro cheio de um fumo mortal. E sabia que Jackman estava a imaginar a mesma coisa.

E foi então que o inspetor soltou um bocejo sonoro.

– O que é que vamos fazer quanto à Skye?

Marie espreguiçou-se.

– Já está a ficar tarde. Estava a pensar, se calhar, encomendar qualquer coisa para comermos. E ela podia ficar cá e comer connosco. Não me agrada muito a ideia de ela ir para casa com o Daniel ainda por aí à solta.

– Nem a mim. Apesar de não a podermos obrigar a ficar se ela não quiser.

– Vou perguntar-lhe.

Marie levantou-se.

– Já agora, conseguiu voltar a falar com o Guy Preston?

– Sim. Continua bastante irritado consigo próprio por causa do que aconteceu. E agora também se está a martirizar por não ter ficado cá para a chamada pelo Skype.

Jackman começou a brincar com uma caneta de tinta permanente que tinha na secretária.

– Acha que a Ruby é capaz de ter razão acerca do filho. As recordações de infância a passarem-lhe pela cabeça podem tê-lo levado a criar uma «mãe» híbrida, parte real, parte Françoise Thayer. E o Guy diz que isso o incomoda muito.

– A mim também me incomoda. Isso e o facto de o carro do Guy ainda não ter sido avistado, apesar de andarmos a verificar todas as câmaras de CCTV em Saltern inteira. Dá a ideia de que o Daniel Kinder mergulhou simplesmente num buraco negro.

Marie apalpou o bolso à procura de dinheiro.

– O que é que lhe apetece comer?

– Um robalo delicioso na frigideira, com esmagada de batata e molho *vièrge*. Ou então, não, talvez umas fatiazinhas de um turnedó de primeiríssima água, acompanhado de puré de batata com azeite de trufa, servido com um molho de cogumelos silvestres e *croûtons* de Stilton...

– Vou informar a equipa – retorquiu Marie com cara séria. – Ainda que desconfie que o Whopper grelhado na brasa com batata frita e salada de repolho vá angariar mais votos.

– Filisteus!

Skye estava a falar ao telemóvel quando Marie deu com ela.

– Era o amigo do Dan, o Mark Dunand. Vem cá buscar-me quando tiver despachado o carregamento desta noite. Ofereceu-se para dar uma volta comigo de carro pelos sítios por onde o Dan costuma andar, só para ver se o encontramos. Não estou com grandes expectativas, mas é melhor do que não fazer nada.

– Então quer dizer que tem tempo para comer? Receio bem que seja só *junk food* de *takeaway*.

Skye assentiu com a cabeça avidamente.

– Já nem sei quando é que foi a última vez que comi. Seria ótimo, obrigada.

Marie levou Skye para a sala do DIC e pediu a Charlie para ir buscar os hambúrgueres. Assim que ele se foi embora, Skye disse:

– Não sei se isto é importante, mas o Mark falou-me de um empacotador dele que parecia um tudo-nada excessivamente interessado no Daniel. Acha que valeria a pena estar a investigar isso?

Marie olhou para ela.

– E em que é que consistia esse interesse?

– O Mark disse que ele era capaz de citar os artigos do Daniel quase textualmente e que andava sempre à volta dele quando o Dan ia trabalhar.

– E sabe o nome dele?

Skye começou a remexer na mala a tiracolo.

– Aponte-o, sargento.

Sacou de um *post-it* amarelo e passou-o a Marie.

– Nick Brewer. Ao que parece é muitíssimo inteligente. Claramente com qualificações a mais para ser empacotador, mas a Carla, a gerente do Mark, disse que ele andava a aceitar qualquer trabalho que lhe aparecesse para poder pôr comida na mesa.

– Assim à primeira vista, não me parece que possa ser mais do que uma paixoneta, ou então um caso de adoração por um ídolo. De certeza que o Daniel é inundado por mensagens e comentários sobre os artigos jornalísticos que escreve, certo?

– Oh, sim, tem carradas de fãs.

Por alguma razão, Marie não estava minimamente preocupada com a aparente fixação do tal Nick Brewer por Daniel. Já Mark Dunand interessava-a *mesmo*. Desde logo, nunca o tinha visto nem falado com ele e gostava de associar uma cara a um nome.

– Já conhece o Mark há muito tempo?

– Há uns três anos, acho, mas o Dan já o conhece desde que eram adolescentes.

– E o Mark sabe do Daniel e da...

Marie tentou encontrar a descrição certa.

– ...obsessão dele pela Françoise Thayer?

– Oh, não – respondeu Skye. – Sou a única pessoa a quem o Dan alguma vez falou daquele sótão.

Entristeceu-se subitamente.

– E agora parece-me que já contei ao mundo inteiro.

Marie esticou-se para apertar o braço de Skye gentilmente.

– Fez tudo o que estava certo pelo Daniel, Skye. Ama-o e só está a tentar ajudá-lo. Nem tem de se censurar por nada.

– Tenho a sensação de que só piorei tudo.

– Nada disto é culpa sua. E agora já sabe que o Daniel também não tem realmente culpa nenhuma.

A visão das três crianças trancadas num carro cheio de fumo de escape alvoroçou-a.

– Ele já sofreu tanto. Não admira que esteja assim tão perturbado.

– E o pior de tudo, de longe, é que está redondamente enganado – lamentou-se Skye, num tom pesaroso.

– Não é bem assim – retorquiu Marie, soltando um suspiro. – Na verdade, até acertou na muche, não foi? A mãe era mesmo uma homicida. Só que não era a Françoise Thayer. A Lucy Carrick era uma assassina brutal e impiedosa, com uma sede de sangue mórbida. Era uma rapariga viciada em drogas que não se conseguiu aguentar mais.

– A mulher errada, mas uma assassina à mesma.

Foi a vez de Skye suspirar.

– Mas que trapalhada.

Marie assentiu com a cabeça e, a seguir, perguntou:

– Não se importa de sair hoje à noite com o Mark? Olhe que temos mesmo uma catrefada de polícias a cirandar por aí a vasculhar tudo.

– Não há problema nenhum. Conforme já disse, não fazer nada nem saber para onde é que o Dan foi está a dar comigo em doida.

– Skye, se por acaso o encontrar, prometa-me que não se vai aproximar dele. Eu sei que pode parecer uma tontice, mas ligue-nos imediatamente. Não estou a dizer que corre algum perigo, mas já o perdemos uma vez e não podemos permitir que volte a acontecer. Precisa de ter profissionais ao seu lado para o trazer de volta em segurança. Ok?

– Sim, compreendo. Embora nada seja capaz de me convencer de que o Dan me magoaria.

Marie respondeu-lhe com um sorriso de preocupação.

– Espero que tenha razão.

Daniel estava sentado no escuro a ouvir o silêncio.

Pela primeira vez em várias semanas, não tinha a mente a ser bombardeada com mentiras nem a confundi-lo com pensamentos desordenados. Sentia-se completamente lúcido e muitíssimo tranquilo.

Agora, as únicas palavras que ouvia eram as de Guy Preston. Tinham-lhe aplacado por fim o tumulto interior. Sabia que tinha tomado a opção correta ao ir ter com o psicólogo, não só para tratar do ferimento mas por aquilo que Preston lhe tinha dito.

Esboçou um sorriso ligeiramente pesaroso. Tinha pena de ter tido de empurrar o psicólogo pelo declive abaixo, mas quando o fizera sabia que não o magoaria. A inclinação não era nada por aí além e o terreno estava macio após a chuva matinal. Tinha a certeza de que a única coisa que saíra ferida tinha sido a dignidade do homem, e talvez aqueles sapatos de camurça caros.

Não tinha sido premeditado. Tinha sido uma coisa totalmente espontânea, impulsionada pelo que o psicólogo lhe tinha dito em relação à condição dele. Precisava apenas de algum tempo sozinho antes de se dirigir à polícia. Agora já sabia a verdade e tinham-lhe tirado um peso de cima.

Daniel fechou os olhos e sentiu a escuridão bem-vinda a tomar conta dele. Tinha um sítio onde ir e uma pessoa especial para ver, mas isso podia esperar mais um bocadinho. Durante uns minutos, iria limitar-se a desfrutar da paz, das trevas e do silêncio.

Os cantos dos lábios arquearam-se-lhe num sorriso vagaroso.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Lisa Hurley estava sentada ao volante do carro a observar a casinha pequena em Tavernier's Court. Era sem dúvida um local agradável. Os tons de vermelho quentes dos tijolos dos velhos edifícios ferroviários transportavam-nos no tempo para uma época em que se poderiam ver nuvens de fumo encapeladas e ouvir os fogueiros a atirar carvão às pazadas.

Porém, Lisa não se sentia nada descontraída. Tinha as costas completamente direitas, os ombros tensos como hastes de titânio e os olhos doridos de tanto fitar a penumbra.

A noite estava fria, com um vento gelado a fazer-se sentir desde o mar do Norte, e, passado pouco tempo, o para-brisas já estava polvilhado de uma chuva miudinha brumosa.

Já estava ali parada há praticamente uma hora. Ele viria, ela tinha a certeza. E sabia que não tardaria muito. Olhou para o relógio e a seguir espreguiçou-se e tirou do bolso o porta-chaves em forma de meia-lua.

Saiu do carro e trancou-o. Depois começou a afastar-se da casa, até que chegou a uma passagem pedonal que ia dar às garagens. O Kia pequenino de Skye continuava estacionado no lugar numerado que lhe cabia, perto da propriedade. Skye já tinha saído de casa há algum tempo, num carro da polícia conduzido por um agente.

Após dar uma vista de olhos atenta, Lisa avançou pela passagem de cimento. Antes de chegar ao bloco de garagens, cortou para outro caminho, que percorria os jardins das traseiras. Foi contando as casas e, a seguir, abriu o portão certo e entrou no quintalzinho. Fácil de cuidar, pensou ao dirigir-se silenciosamente para a casa às escuras. Muito pavimento de pedra bonito, cascalho colorido e canteiros em degrau bem delimitados, o ideal para uma rapariga trabalhadora e focada na carreira como Skye. Lisa quase lhe sussurrou o nome, mas ficou-se por um estremecimento.

A chave rodou com facilidade na fechadura e ela lembrou-se de não dar um pulo se a gata de Daniel viesse enroscar-se-lhe nas pernas subitamente. Não seria nada boa ideia estar a gritar e a chamar a atenção para a casa. Ainda não.

Lisa fechou a porta e voltou a enfiar a chave na fechadura, sem, no entanto, a trancar, tal e qual como tinha visto Skye fazer. Fechar portas à chave nunca era uma prioridade quando se vinha de um contexto rural.

Na primeira visita, Lisa tivera o cuidado de tomar nota da disposição da pequena propriedade, pelo que naquele momento não teve problemas em percorrê-la na escuridão. Conforme previra, mal pisou o átrio de entrada, a gata aproximou-se majestosamente dela, miando enquanto se pavoneava a atravessar a sala.

– Olá, tu – murmurou Lisa, para depois se baixar, pegar no animal e apertá-lo contra ela. – Desculpa lá, amiguinha, mas não te podemos ter a andar por aí à solta. A última coisa de que preciso é de um comité felino de boas-vindas.

Empurrou a gata para dentro da sala de jantar e fechou a porta.

A seguir, apressou-se a subir as escadas e estacou no patamar. A luz de um candeeiro de rua que entrava pela janela comprida iluminou suficientemente a casa para ela conseguir olhar para o pulso e ver as horas com toda a clareza. Cerrou os dentes. Estava na hora.

Passou para o quarto de Skye e fechou as cortinas, certificando-se de que ficavam bem juntinhas. Depois, inspirando profundamente, acendeu a luz da mesinha de cabeceira.

Daí seguiu a toda a mecha para a casa de banho interior e, após assegurar-se de que a persiana estava completamente corrida, acendeu também essa luz. O brilho intenso do conjunto de lâmpadas de halogéneo no teto fê-la semicerrar os olhos. A seguir, debruçou-se para dentro do cubículo do chuveiro e ligou o rádio à prova de água de Skye, um brinquedo de plástico em forma de golfinho. Música com um som metálico começou a ecoar pela pequena divisão ao mesmo tempo que Lisa abria a torneira. Depois de pousar um lençol de banho grosso perto da porta do chuveiro, voltou para o quarto e fechou a porta até meio. Com um par de passos, já estava outra vez no patamar, a avançar velozmente para o quarto

das visitas. Ficava diagonalmente oposto ao de Skye e se Lisa não fechasse a porta por completo, conseguia vislumbrar uma nesga das escadas e a porta ligeiramente entreaberta do quarto de Skye.

Muito bem, pensou ao encostar-se à parede para dar início à vigilância. Vamos lá ver o que é que tens realmente dentro dessa tua cabeça retorcida, ok?

Sabia que se ouviriam passos a subir as escadas discretamente. Tinha a certeza de que parariam em frente à porta e que essa pessoa agarraria no puxador e entraria sorrateiramente no quarto. Contudo, o que não tinha previsto era que o puro terror de os ouvir de facto lhe gelaria o sangue. Não tinha contado com aquele *medo* capaz de lhe fazer trepidar o coração e dar a volta às entranhas.

Foi apenas a convicção daquilo que ele poderia ter vindo ali fazer que lhe aplacou os nervos e a fez recuperar a coragem. Aquilo seria a prova cabal de que Skye realmente corria tanto perigo como Lisa achava que ela corria.

Tentou manter um certo distanciamento. Fez de conta que estava pura e simplesmente a ver um filme de terror.

Todavia, Lisa não estava de todo preparada para a pessoa que viu a subir as escadas da casa de Skye.

Pela abertura exígua, viu uma figura alta a aproximar-se do patamar. Estava à espera de um homem com calças de ganga, sapatilhas e um casaco com capuz. Em vez disso, a figura em questão trazia uma túnica verde com decote em V e umas calças a condizer familiares. Tinha o cabelo tapado por uma touca médica e a cara escondida atrás de uma máscara cirúrgica.

Enquanto o cérebro baralhado dela tentava processar aquela visão inesperada, Lisa apercebeu-se repentinamente de que quem quer que fosse aquela pessoa tinha uma faca com uma lâmina comprida e um aspeto assustador na mão direita enluvada.

No que se tinha ela metido?

Depois de Skye lhe ter dito que Daniel continuava desaparecido, Lisa tinha tido receio de que ele pudesse pôr a amiga em perigo caso se visse acometido por mais um daqueles estranhos estados de fuga. No entanto, não podia ter imaginado de maneira nenhuma o que se estava a passar naquele momento.

Quando o homem entrou no quarto, Lisa soube que tinha de agir depressa. Sacou o telemóvel do bolso. Tinha-o desligado ao entrar no apartamento de Skye e o aparelho tocava uma musiquinha exasperante quando o ativavam, mas não tinha outra escolha. Espetou o dedo no botão de ligar e rezou para que o barulho do chuveiro ocultasse a melodia.

Lisa deu tempo para que o desconhecido se infiltrasse bem no quarto, a seguir saiu do quarto das visitas em biquinhos de pés e, após inspirar fundo, dirigiu-se o mais silenciosamente possível para a porta aberta.

Se conseguisse simplesmente descer as escadas e sair da casa, podia trancá-lo lá dentro, o que lhe daria tempo de sobra para ligar para o 999 e esconder-se ou, em alternativa, enfiar-se no carro.

Deitou uma olhadela ao quarto de Skye e viu o homem de costas para ela, à porta da casa de banho. Tinha a cabeça inclinada enquanto escutava e Lisa viu-lhe os dedos a retesarem-se e a apertar com mais força o cabo da faca. Restavam-lhe poucos segundos antes que ele se desse conta de que Skye não estava lá, pelo que, com uma prece silenciosa nos lábios, Lisa passou a correr à frente do quarto e desatou a descer escadas abaixo. Enquanto corria, ligou para o 999. Era o melhor que podia fazer.

A meio do átrio de entrada, percebeu que não ia conseguir.

Atrás dela, os sapatos de sola macia batiam com firmeza nos degraus das escadas. Estavam a descer muito mais depressa do que Lisa contava. Por um instante, sentiu-se como se estivesse num daqueles pesadelos em que uma pessoa tenta fugir de alguma coisa sem ser capaz de se mexer. Conseguiu chegar à cozinha, ouvindo ao longe uma voz a perguntar-lhe qual era o serviço de emergência de que precisava.

– Polícia! – berrou. – Tavernie...

O telemóvel saltou-lhe da mão e ela ouviu-o a esmagar-se, com o homem a pisá-lo.

Seguiu-se uma sensação estranha. Não de dor, pelo menos, não de imediato. Só de frio. Pensou na palavra «lacerante» quando a carne do pescoço e do ombro se lhe rasgou.

Aquilo era para ter sido feito a Skye.

Uma fúria absolutamente desabrida tomou conta de Lisa Hurley, que, com um esforço sobre-humano, rodou sobre os calcanhares e se atirou ao agressor.

Num primeiro momento, o homem foi apanhado de surpresa e cambaleou para trás, quase largando a faca. Lisa agarrou no que se encontrava mais à mão, que calhou ser uma caçarola de ferro fundido que estava em cima da placa do fogão. Brandiu-a com todas as forças que lhe restavam.

Um grunhido sonoro indicou-lhe que tinha acertado no homem de raspão, pedindo a todos os santos que isso chegasse para que pudesse sair da casa. No entanto, foi então que começou a sentir o seu próprio ferimento. Uma dor lancinante e violentíssima percorreu-lhe o ombro, com Lisa a arrastar-se até à porta das traseiras.

Abrindo-a com imensa dificuldade, soltou um uivo de angústia e desespero. O carro parecia-lhe estar tão longe como o Polo Norte e uma sensação de tontura agonizante informou-a de que não demoraria muito a perder os sentidos. O segundo golpe da faca ensanguentada atingiu-a algures na parte de trás da caixa torácica.

A última coisa que Lisa Hurley viu antes de ser levada pela escuridão foi a figura de verde a afastar-se jardim fora a correr, desaparecendo pelo portão e embrenhando-se noite dentro.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— **A**taque com uma faca em Tavernier Court, patrão!

Charlie quase tropeçou nos próprios pés enquanto corria à volta das secretárias na sala do DIC.

— Foi na casa da Skye Wynyard!

Jackman saltou do canto da secretária de Marie onde estava empoleirado.

— Na casa da Skye? Mas ela não está aqui connosco?

— Sim, chefe. Está lá em baixo na entrada, à espera que chegue a boleia. Mas não foi a Skye. Foi uma mulher mais velha, chamada Lisa Hurley. Tinha um cartão de identificação do hospital de Saltern.

— Outra vez o maldito hospital! — praguejou Marie, agarrando no casaco nas costas da cadeira. — Está muito ferida?

— Estão a levá-la para a UCI^[23], patrão. O sargento Masters achou que o senhor ia querer estar presente.

— Podes crer que quero — disparou Jackman, tirando as chaves do carro do bolso. — Charlie, assegura-te de que a Skye Wynyard fica quieta. Nada de andar pelas ruas à procura do Daniel e ela vai ter de dizer a quem quer que lhe ia dar boleia para se ir embora, percebido? Quero-a aqui.

Virou os olhos para Marie.

— Vamos!

Quando entraram com os pneus a chiar no estacionamento do hospital, uma maca rodeada por paramédicos estava a ser tirada das traseiras de uma ambulância. Apressando-se atrás do grupo, Marie tentou apanhar o que estavam a dizer. No meio da gíria médica, compreendeu que a paciente ainda estava viva.

— Vai safar-se? — perguntou Jackman, mostrando o mandado a um dos médicos.

O médico não tirou os olhos de Lisa, limitando-se a responder:

– Estamos a tentar.

E depois gritou:

– Reanimação! Já!

Jackman e Marie ficaram a observar através de uma porta aberta. A equipa trabalhou freneticamente até que alguém disse:

– Está estável.

– Bom trabalho, pessoal. A sala de operações está pronta para a levarmos para lá?

– Cinco minutos, doutor.

– Excelente.

O médico tirou as luvas e o avental ensanguentados e atirou-os para um caixote de lixo amarelo. Com os sobrolhos erguidos, aproximou-se de Jackman e de Marie.

– Foi por uma unha negra. Ela precisa de ser operada tanto num sítio como no outro. A ferida no ombro e no pescoço é a mais superficial, pensamos que é principalmente tecido mole, mas a segunda facada é muito mais profunda e pregou-nos um grande susto – explicou, afastando o cabelo escuro da testa. – A faca conseguiu penetrar na camada de músculos das costas, atravessar a caixa torácica e lacerar os segmentos broncopulmonares inferiores do pulmão direito. Esperamos que o cirurgião consiga tirar a parte danificada sem afetar adversamente os outros segmentos.

Inspirou fundo.

– Ela também tem uma hemorragia na cavidade por baixo do pulmão – afirmou, apontando para a base da sua própria caixa torácica para explicar. – Aqui. É aquilo a que chamamos o recesso pleural. É o espaço para onde o pulmão se expande durante a inspiração.

– Mas vai sobreviver? – perguntou Jackman ansiosamente.

– Temos todas as razões para acreditar que sim – respondeu o médico, fazendo uma pausa. – A não ser que haja mais lesões internas que não tenhamos conseguido ver.

– Podemos falar com ela, Doutor? Está consciente?

– Lamento, mas não, Inspetor. Vão ter de esperar até que saia da sala de operações.

Jackman soltou um resmungo baixo de exasperação.

– Desde que toda a gente tenha consciência de que isto foi uma tentativa de homicídio e que achamos que ela viu o atacante. É vital que falemos com ela assim que o possamos fazer. Compreende, Doutor?

– Completamente.

– Vamos ter cá agentes dia e noite. Lamento se for um incómodo, mas é assim mesmo – disse Jackman com a cara a cerrar-se. – Na última vez que a nossa presença foi necessária neste hospital, houve uma má vontade considerável em relação aos nossos homens. Algumas das enfermeiras chegaram mesmo a dificultar-lhes o trabalho. Espero sinceramente que não nos voltemos a deparar com esse tipo de atitude.

– Fui informado disso – respondeu o médico, parecendo envergonhado.

– Peço desculpa. Já fizemos avisos sérios quanto a isso, Inspetor. Não tornará a acontecer.

Afastaram-se para deixar que preparassem Lisa Hurley, decorada com tubos intravenosos, drenos e uma grande variedade de monitores, para a sala de operações.

Marie olhou para a cara branca dela e perguntou para consigo que raio teria a mulher estado a fazer em casa de Skye e como teria acabado por ser esfaqueada tão violentamente.

– Vai precisar disto – disse-lhe o médico, entregando-lhe uma corrente para o pescoço com um distintivo e um passe. – Ela faz parte da nossa equipa, sargento. Tem aqui a identificação dela. É a chefe administrativa do departamento de terapia ocupacional. – informou, encolhendo ligeiramente os ombros. – É duro quando temos de nos ocupar de uma colega. Afeta-nos a todos.

Marie assentiu. Era a mesma coisa quando um polícia era ferido.

– Com que então ela é a chefe da Skye – disse a sargento, olhando para Jackman. – Cada vez mais curioso.

– Skye.

Foi pouco mais do que um suspiro, mas toda a gente se voltou para olhar para a mulher na maca.

– Descontraí, Lisa. Estás em segurança connosco. Vais para a sala de operações. Vais ficar boa – disse o médico, agarrando-lhe na mão.

– Skye? Onde é que está a Skye?

Marie e Jackman aproximaram-se da cabeceira da maca.

– Somos da polícia, Lisa. E a Skye está bem. Temo-la em segurança na esquadra.

– Mantenham-na lá! Ele estava a tentar matá-la *a ela*, só que me encontrou...

A voz começou a esmorecer.

– Quem foi, Lisa? Quem é que a feriu? – perguntou Jackman.

– Tomem conta da Skye. Tomem con...

Marie inclinou-se para mais perto. Quais tinham sido aquelas três últimas palavras? Teria ouvido bem?

– Aguenta-se, Lisa. E não se preocupe com a Skye. Ela está a salvo.

A escolta de assistentes levou a maca apressadamente.

Jackman e Marie viraram-se para se ir embora.

– O que é que ela disse? – perguntou Jackman.

Marie franziu a testa.

– Não tenho a certeza. Não faz lá muito sentido, mas digo-lhe o que acho que ela disse quando estivermos lá fora. Se tiver razão, acho que é o tipo de notícia que a Lisa não quereria que se espalhasse pelo hospital.

Jackman assentiu.

– Então espera até chegarmos ao carro. Para já, preciso de organizar uma vigilância de 24 horas para a Lisa Hurley e, a seguir, temos de voltar para a esquadra. A equipa forense vai ter de passar aquela casa em Tavernier Court a pente fino. Se for o mesmo assassino, não o deixaram acabar o trabalho, por isso aposto que o tipo terá lá deixado vestígios.

Enquanto Jackman estava a fazer os telefonemas necessários, Marie aproveitou para ligar a Charlie para lhe perguntar como estava Skye.

A voz de Charlie soou hesitante:

– Tenho estado a tentar apanhar o chefe, sargento. Mas o telemóvel dele tem estado ocupado e o seu estava desligado. A Skye já se tinha ido embora quando eu cheguei à receção. O amigo do Daniel já devia ter ido buscá-la.

– Grande merda! Ouve, Charlie. A Lisa Hurley não era para ter sido a vítima daquele esfaqueamento, a Skye Wynyard é que era.

– Raios! Bem, eu já pedi ao pessoal fardado para emitir um alerta geral, sargento. Precisamos de a notificar do que aconteceu na casa dela, antes que ela entre na cena de um crime grave.

– E ela não atende o telemóvel?

– Não, sargento. Está desligado.

– O que quer dizer que não tem o *voicemail* ativado, porra.

Marie pensou durante um ou dois segundos.

– Experimenta enviar-lhe uma mensagem. Ela vai vê-la quando voltar a ligar o telemóvel. E depois explica ao pessoal fardado que encontrá-la passou a ser uma prioridade. Anda por aí uma pessoa com uma faca afiada à caça da Skye. Percebeste?

Pensou durante uns instantes.

– Então e esse amigo dela, o tal Mark Dunand? Temos o número de telemóvel dele?

– Sei que temos o número do escritório, sargento, mas não tenho a certeza em relação ao telemóvel. Vou informar o pessoal fardado sobre a rapariga e depois confirmo isso.

Quando Charlie desligou, Marie olhou ansiosamente para Jackman.

– Lá se foi a garantia de que a Skye estava a salvo.

Jackman fechou a tampa do telemóvel e empalideceu.

– Por favor, não me digas que ela saiu da esquadra?

Marie assentiu sombriamente.

– Ainda poderá isto piorar?

– Dificilmente.

Enquanto se apressavam a atravessar o parque de estacionamento, o inspetor perguntou:

– Afinal o que é que a Lisa disse?

– Acho... – respondeu Marie lentamente – ...acho que ela disse: «Tomem conta da minha filha.»

– Mas a Skye não disse que os pais estavam algures em França, a renovar uma vivenda de férias?

– É verdade, na Dordonha. Só que ela já me tinha contado, quando estávamos a conversar sobre o que levava o Daniel a estar tão obcecado em conhecer a mãe biológica, que também era adotada, mas que não tinha vontade nenhuma de encontrar a mãe dela. No que lhe dizia respeito, quem quer que a tivesse dado para adoção tinha-lhe feito um favor. Teve uma infância feliz, uma boa educação e pais que a amavam.

Jackman destrancou o carro e abriu a porta.

– Se calhar, as dores e as drogas baralharam-na. A Lisa é capaz de ter uma filha e baralhou-as.

– E por acaso acredita nisso? – retorquiu Marie, apertando o cinto de segurança.

– Bem, é evidente que tu não acreditas – respondeu-lhe Jackman, voltando-se para ela com um meio sorriso desanimado. – Claro que não acredito. Estou a agarrar-me a tudo o que posso, não é?

Ligou a ignição e dirigiu-se para a saída.

Marie abriu a tampa do telemóvel e ligou para Charlie.

– Alguma novidade?

Seguiu-se um longo silêncio e Marie começou a sentir-se nervosa. Depois Charlie disse:

– Lamento, sargento, mas é pior do que eu pensava.

– E isso é possível?

– Oh se é. Estive a falar com o sargento de serviço e, ao que parece, quando a Skye estava à espera na entrada, recebeu um telefonema e saiu logo a seguir. Passado pouco tempo, o tipo que devia dar-lhe boleia apareceu. Ficou muito aborrecido. O sargento pensa que ele está um bocadinho interessado na Skye pela forma como reagiu.

Marie cerrou os dentes.

– Ou seja, como *nós* não lhe ligámos, o Dunand não lhe ligou e também não foi de certeza a chefe dela que o fez, então teve de ser o Daniel, não é?

– Ou talvez o Profe? – sugeriu Charlie. – Ele tem estado a tentar mantê-la debaixo de olho enquanto o Daniel anda por aí, não tem?

– Hum, sim, tem – respondeu Marie, concentrando-se ao máximo. – Ouve, Charlie, estamos a voltar para a esquadra. Confirma lá se o pessoal fardado sabe que é urgente encontrarmos a Skye e vemo-nos daqui a 10 minutos.

Fechou a tampa do telemóvel e explicou a Jackman o que se passara.

– Telefone ao Guy Preston?

Jackman assentiu.

– Não me parece nem por um segundo que tenha sido ele, mas vale a pena perguntar.

Guy atendeu depois de dois toques.

– Lamento, Marie, mas não fui eu – retorquiu, parecendo agitado. – Oh, meu Deus, então quer dizer que achamos que ela foi ter com o Daniel?

– É o que parece. Mas ouve, Guy, se souberes alguma coisa deles, e é possível que eles vão ter contigo, telefonas-me imediatamente, certo?

O psicólogo soltou um risinho cheio de remorsos.

– Oh, não volto a cair numa dessas, Marie! Se eles me aparecerem aqui, tranco-os cá dentro, se tiver de o fazer, e se algum dos dois me contactar, informo-te logo.

Marie agradeceu-lhe, terminou a chamada e ficou a olhar para o telemóvel.

– O Guy não lhe ligou. Ela tem de estar com o Daniel.

Jackman tinha uma expressão dura e não desviou os olhos da estrada.

– Ela confia nele. Mesmo depois de tudo o que aconteceu. Acredita nele e está convencida de que ele não é o assassino.

– E tu, Marie? – perguntou o inspetor sem virar a cabeça. – Em que é que acreditas?

A sargento fechou os olhos durante um segundo.

– Nunca pensei que ele fosse um assassino, mas as coisas estão a escalar e a ficar descontroladas e agora que sabemos o que lhe aconteceu quando era criança, bem...

Encolheu ligeiramente os ombros.

– Não podemos dar-nos ao luxo de confiar numa pessoa tão perturbada como o Daniel está.

Voltou a ouvir as palavras do velho detetive, Peter Hodder: «Mantenha-o debaixo de olho.» Arrepiou-se na noite quente.

– Precisamos mesmo de o encontrar.

Jackman parou o carro no parque de estacionamento da esquadra.

– Pelo menos, se a Skye e o Daniel estiverem juntos, ela vai contar-lhe o que a Ruby Kinder nos disse sobre a mãe biológica dele. Se alguém conseguir convencer o Daniel de que tem estado a viver uma grande ilusão, será a Skye. Aquela rapariga tem qualquer coisa e ama-o mesmo. É a pessoa indicada para lhe dar a notícia.

Marie não estava convencida.

– Desde que ele acredite no que ela lhe está a dizer. É um bocado como dizer a uma criança que não há Pai Natal. O Daniel pode achar que nós a enganámos e que é tudo mentira. Não fazemos a menor ideia de como ele reagirá a uma notícia tão importante.

– É verdade – respondeu Jackman, retirando a chave da ignição. – Mas, neste momento, é melhor concentrarmo-nos apenas em encontrá-los. E talvez seja boa ideia chamar o amigo do Daniel, o Mark Dunand? Ele e a

Skye iam dar uma volta por alguns dos sítios onde o Mark e o Daniel costumam andar. Talvez conheça uns poisos que nós desconhecemos.

Marie abriu a porta do carro.

– Boa ideia. Se o Max ainda não tiver dado a noite por encerrada, vou mandá-lo ir buscar o Dunand.

Apressou-se ao lado do chefe, que se dirigia rapidamente para a porta da esquadra.

– Já conheceu esse Dunand?

Jackman segurou a porta para ela passar.

– Não. Acho que o Charlie o viu quando foram revistar o gabinete do Daniel. Porquê?

– Gosto de atribuir caras aos nomes e gosto de ficar com uma impressão sobre as pessoas. Não podemos fazer isso quando nunca as olhámos nos olhos.

– Mais uma razão para lhe darmos uma vista de olhos.

Marie e Jackman entraram na sala do DIC e Charlie veio ter com eles.

– Descobri um número de telemóvel, sargento. Mas o Dunand disse que ia procurar a Skye sozinho.

– Caraças, espero que lhe tenhas dito para não fazer tal coisa! – protestou Jackman.

– E disse, patrão. Disse-lhe que a última coisa de que precisávamos era de um tipo a calcorrear por aí sozinho as ruas e que precisávamos que ele colaborasse connosco, mas o gajo mandou-me, mais ou menos, passear – respondeu Charlie, ofendido. – Foi bastante agressivo. Disse que tinha muito mais hipóteses de a encontrar do que nós e depois desligou o telemóvel.

Marie fez uma careta.

– Ele disse especificamente que ia procurar a Skye? E não o Daniel? Ou os dois? Só a Skye?

Charlie olhou para ela com firmeza.

– Só a Skye. Nunca referiu o nome do Daniel, uma vez que fosse.

– Mas ele é amigo do *Daniel* – refletiu Max. – Se ele estava assim tão preocupado com o amigo, seria de pensar que estaria ansioso por o encontrar e não apenas a Skye.

Jackman franziu o sobrolho.

– Isto é preocupante – murmurou. – Acho que temos de reunir tudo o que sabemos sobre o Mark Dunand.

Olhou para Max e para Charlie.

– Vocês os dois tratem disso e verifiquem com atenção se ele tem alguma ligação ao hospital de Saltern.

– Chefe?

Marie olhou pensativamente para Jackman.

– O Dunand importa plantas exóticas do estrangeiro, especialmente da Colômbia.

Seguiu-se um curto silêncio enquanto ela esperava que se fizesse luz.

Os olhos de Max arregalaram-se.

– Ah, está a pensar na outra grande exportação da Colômbia: drogas.

– Provavelmente, não é nada, – replicou Marie – mas vale a pena verificar se ele já teve algum problema connosco no passado.

– As drogas que as nossas vítimas tomaram eram drogas receitas, não era heroína nem cocaína – disse Jackman. – Mas drogas são drogas e os traficantes não se ficam só por um produto. Há imensos traficantes que funcionam segundo a «lei da procura» – desde que se faça o pedido e se tenha o dinheiro, os tipos arranjam o que for preciso – prosseguiu Jackman, dando um murro com um punho fechado na palma da outra mão. – Quanto mais penso nisso, mais acho que precisamos dele aqui. Vocês os dois, comecem a desenterrar tudo o que puderem.

Virou-se para Marie.

– Liga para a responsável do HOLMES e ela que introduza o nome do Dunand enquanto eu mando uns quantos polícias fardados apanhá-lo e trazê-lo para cá.

Marie deslocou-se rapidamente para a secretária e agarrou no telefone ao mesmo tempo que os outros dois detetives se apressavam a voltar para os respetivos computadores para começar a pesquisar.

Quando Marie pousou o auscultador, ocorreu-lhe uma ideia. Guy Preston tinha conhecido Mark Dunand quando este fora a casa de Skye e, como era psicólogo, talvez tivesse uma opinião sobre o homem.

Voltou a pegar no telefone e depois hesitou. Talvez devesse falar primeiro com Jackman? Franziu o sobrolho. Não havia razão absolutamente nenhuma para o fazer. Jackman dir-lhe-ia para tratar disso. Não era tutor dela. Não, a razão por que não queria ligar para Guy era simplesmente

porque não queria que ele ficasse com a ideia errada. Já lhe tinha ligado várias vezes nessa noite e queria muito não lhe dar qualquer tipo de encorajamento.

Voltou a pousar o auscultador. Que se lixasse! O caso estava primeiro. Levantou o auscultador e marcou o número de casa de Guy.

– Desculpa, Guy, sei que é tarde, mas nós precisamos do teu contributo numa coisa.

Falou num tom oficial e claro, enfatizando o «nós».

– Para ti, tudo. Em que é que posso ajudar?

– Estás a ver o Mark Dunand? Conheceste-o. Precisamos das tuas primeiras impressões.

– Bem, só estive com o homem uns instantes. Se soubesse que me iriam fazer perguntas sobre ele, teria prestado mais atenção.

A voz de Guy tinha perdido o tom desenvolto.

– O teu trabalho é avaliar pessoas, Guy. Ao fim de todos os anos que tens passado a analisar mentes, aposto que o fazes automaticamente.

Houve uma pequena gargalhada.

– Suponho que sim. Deixa-me ver...

Hesitou.

– Não gostei lá grande coisa dele, mas isso é apenas um sentimento pessoal, não uma opinião profissional. Pareceu-me bastante «afeiçoado» à Skye, um sentimento que ela claramente não partilhava. De facto, fiquei com uma forte sensação de que ela queria que ele se fosse embora – afirmou, fazendo outra pausa. – Ele estava bastante descompensado, tenso e instável. Tem o hábito estranho de puxar os dedos para os fazer estalar. Era irritante ao máximo. E olhava um bocadinho demais para a Skye para ser apenas um amigo do namorado dela, se é que me entendes.

– Entendo, pois, e isso não me faz sentir lá muito confortável.

– E porque é que estás interessada no Dunand? – perguntou Guy.

Marie questionou-se sobre o que devia dizer a Preston, mas não viu razão para não lhe contar tudo.

– Alguém tentou matar a Skye hoje à noite, só que apanharam a mulher errada. E o Mark Dunand anda por aí, algures pela cidade, à procura dela.

– Minha Nossa Senhora! Isso é terrível! E essa outra pobre mulher morreu?

– Não, graças a Deus, mas está a ser operada agora e embora os médicos esperem um bom resultado, ela pode ter uma hemorragia interna.

– Então esperemos que ela tenha visto quem a atacou e vos possa dar uma descrição quando acordar da anestesia – retorquiu Guy. – Açam que pode ser o Mark Dunand?

– Não temos a certeza de nada, mas precisamos mesmo de o encontrar e de falar com ele.

– Oferecer-me-ia para apanhar um táxi e ir ajudar, mas bebi dois *brandies* enormes. Não me parece que possa servir de grande ajuda. Francamente, Marie, aquela briga com o Daniel abalou-me mesmo. Não diria isto a mais ninguém, mas quando o vi avançar contra mim, a única coisa que consegui ver foi a cara do Terence Marcus Austin. Fiquei completamente petrificado e estava convencido de que tinha ultrapassado isso tudo.

Marie visualizou-o a tocar na cicatriz saliente na face.

– Não me surpreende, Guy. Quando estivemos numa situação em que a nossa vida foi ameaçada e depois nos acontece outra coisa ameaçadora, os medos antigos regressam.

– Graças a Deus, há alguém que compreende.

Guy hesitou durante um bom bocado e Marie sentiu que ele estava prestes a contar-lhe outra coisa. Sentiu-se percorrida por uma onda de compaixão. Sabia que o devia manter à distância, mas, ainda assim, tinha pena dele. O homem passara a vida inteira a tentar ajudar pessoas perturbadas. Às vezes, devia necessitar que alguém o ouvisse a ele.

– O que é que se passa, Guy? – perguntou gentilmente.

– Oh, não tem nada a ver com o passado. Tenho estado a pensar na minha conversa com o Daniel. Perguntaste-me se eu poderia ter referido qualquer coisa que o fizesse perder a cabeça e desaparecer daquela maneira. Respondeste-me que não, mas agora já não estou assim tão seguro.

– Continua.

– A questão é que... descobri que ele tem um fascínio mórbido pelo sangue.

– O Daniel?

A voz de Marie subiu de tom.

– Oh, meu Deus! Não estarás com certeza a referir-te àquele fetiche horrível que a Françoise Thayer tinha, pois não?

– Não, não exatamente como esse, mas o Daniel disse-me que sonha que sente sangue nas mãos e que às vezes está quase a afogar-se nele – respondeu Guy, parecendo desconfortável. – Só espero que, de uma maneira ou de outra, e completamente sem intenção, não tenha acabado por lhe reforçar a crença de que é filho de uma assassina.

Marie sentiu a pele a gelar.

– E há alguma possibilidade de o teres realmente feito?

– Nunca cheguei a verbalizar nada, mas admito que estava a fazer comparações na minha cabeça.

– Mas ele não sabe ler mentes, Guy. Disseste realmente alguma coisa que lhe reforçasse essa teoria estúpida?

O silêncio dele bastava como resposta, mas depois o psicólogo acrescentou:

– Não sei. Como te disse, não por palavras, mas a minha linguagem corporal, ou talvez aquilo que eu *não* disse, pode tê-lo levado a tirar mais uma daquelas conclusões malucas. Por isso, acho que a resposta à tua pergunta é: posso tê-lo feito.

Marie desligou e correu para o gabinete de Jackman para lhe contar tudo o que Preston tinha dito.

– O que me preocupa é que se o Daniel não estiver com a Skye, não vai saber o que a mãe nos contou.

Jackman mordeu a unha do polegar.

– O que quer dizer que ele ainda acredita que é filho de uma assassina e pode pensar que o psicólogo concorda com ele!

Soltou um gemido baixinho.

– Diz ao Preston para vir cá. Precisamos de saber *exatamente* o que ele disse ou não disse.

Jackman fez uma careta.

– Raios! Esqueci-me. Ele está sem carro, não é?

– E tomou uns copos, patrão. O Daniel ter-se atirado a ele, embora tenha sido apenas um empurrão mais assim para o caloroso, reavivou-lhe memórias desagradáveis dos ferimentos que sofreu.

– Desde que não esteja com uma tosca do caraças, arranja alguém para o ir buscar. Quero saber a opinião do Preston sobre qual era o estado de espírito do Daniel quando o rapaz lhe roubou o carro – atirou Jackman, olhando sombriamente para Marie. – Receio que haja uma grande

probabilidade de ter *sido* o Daniel a atacar a Lisa Hurley. Acabaram de me dizer que havia uma chave enfiada na porta das traseiras e o Daniel tem uma chave da casa da Skye.

– Grande merda!

– Precisamente. Pensando melhor, seria mais rápido se fôssemos os dois visitar o Guy Preston. Liga-lhe e diz-lhe para esperar por nós. Não podemos fazer nada até que os agentes que andam a vasculhar as ruas localizem o nosso trio desaparecido. E – acrescentou com uma careta, – até agora, o panorama não parece lá muito prometededor. Acabei de receber uma atualização do inspetor Jim Gilbert. Revistaram e tornaram a revistar a casa do Daniel, além de todas as propriedades e anexos vizinhos, e, à falta do Mark Dunand, também falaram com a empacotadora principal dele, uma mulher chamada Carla, e abriram à força o gabinete do Daniel na Emerald Exotics. Estão a ficar sem sítios para procurar.

Marie assentiu com a cabeça e abriu a tampa do telemóvel.

– Certo, vamos lá apertar com o psicólogo. Vou buscar o casaco.

Enquanto ela se dirigia para a sala do DIC, Max passou-lhe à frente a correr e bateu à porta de Jackman.

– A Lisa Hurley já saiu da sala de operações! – gritou-lhe Max por cima do ombro. – A equipa que está no hospital quer o chefe lá quando os médicos a acordarem.

– Certíssimo – respondeu a sargento, dando meia-volta e entrando de novo no gabinete.

– Eu vou ao hospital. Vai tu falar com o Guy, Marie. Encontramo-nos aqui dentro de uma hora.

A cara de Jackman toldou-se e, quando Max já não os podia ouvir, o inspetor acrescentou:

– Tens algum problema em fazer isso? Não quero pôr-te numa situação difícil com o teu «velho» amigo.

– Eu sei lidar com ele, patrão. O que importa neste momento é a investigação.

– Ok. Uma hora.

[23] N.T.: Sigla de Unidade de Cuidados Intensivos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Marie chegou à zona de estacionamento da residência do psicólogo em menos de cinco minutos. Enquanto tirava o capacete, olhou para o que a rodeava. A única palavra em que conseguiu pensar naquele momento foi «chique». Os jardins eram claramente tratados por jardineiros profissionais e não pelos moradores e ela tinha a certeza de que não havia tinta a descascar ou corrimões enferrujados em Hanson Park.

A voz de Preston pareceu espessa e algo vagarosa quando Marie tocou à campainha:

– Rés do chão. É o apartamento com jardim nas traseiras da propriedade.

Marie interrogou-se se ele teria estado a dormir ou se teria voltado à garrafa de *brandy*.

Era evidente que o inquilino atual não tencionava ficar naquele apartamento luxuoso. Através da porta aberta de um quarto, Marie viu malas, sacos de desporto, caixotes e caixas empilhados.

– Por aqui. A sala principal está relativamente arrumada – disse Guy, abrindo uma porta para uma grande e arejada sala de jantar com cozinha.

A sala *estava* arrumada, embora Marie tenha achado que «despojada» seria uma palavra mais apropriada. A cozinha parecia quase intocada. Era evidente que Guy não era dado a refeições *gourmet* feitas em casa.

Olhou para ela como que a pedir desculpa.

– Um bocadinho básico, eu sei, mas não me pareceu que valesse a pena estar a desempacotar muita coisa quando me vou mudar daqui a poucas semanas – explicou.

Erguendo uma sobrancelha, comentou:

– Pensava que o DI Jackman vinha contigo.

– A nossa mulher ferida saiu da cirurgia e ele queria lá estar quando ela acordasse.

– Claro, claro – concordou Guy e, de copo na mão, virou-se para a cozinha. – Queres uma bebida?

– Não, obrigada. A minha mota custou muito dinheiro. Não quero ficar sem a carta e deixar de a poder guiar.

– Esclarecido. E um café?

– Isso seria ótimo. Tenho estado tão ocupada que nem me lembro da última vez que bebi qualquer coisa. Estou a morrer de sede.

– Simples e com um torrão, não é?

Era exatamente isso, mas Marie ficou irritada por ele se lembrar corretamente ao fim de tanto tempo.

– Oh, já aumentei o consumo de açúcar desde essa altura. Dois, se fizeres favor.

Enquanto Guy preparava as bebidas, Marie olhou em volta e questionou-se quanto lhe estaria a custar aquele «sítio onde ficar». No entanto, tinha de admitir que era muito bonito. A sala, mobilada apenas com duas grandes poltronas de couro reclináveis e um sofá a condizer, estendia-se para uma estufa espaçosa e depois para um jardim imaculado num pátio. Era tão silencioso que até custava a crer que se estava num bloco de apartamentos.

Ao longo de uma parede inteira estavam empilhadas caixas de plástico com livros lá dentro. Marie olhou para os títulos e viu que eram todos livros académicos e científicos ou obras de referência, principalmente relacionados com Psicologia Forense ou homicídio.

– Ficaria preocupada se não te conhecesse – lançou, agarrando num tomo grosso intitulado *In the Mind of the Predator*^[24]. – Nem um único da Mills & Boon^[25].

– Ainda não tive tempo para desempacotar esses – retorquiu Guy, sorrindo enquanto lhe entregava uma caneca de café. – Mas, pelo teu último telefonema, não me parece que estejas aqui para começar um clube de leitura. Anda sentar-te.

Apontou para uma das poltronas enquanto se sentava na outra.

– Precisamos de saber exatamente qual era o estado de espírito do Daniel Kinder antes de te ter roubado o carro e te ter deixado caído de costas na lama.

Marie desistiu de tentar manter um tom ligeiro.

– Guy, a questão é que não fazemos ideia de onde é que para a Skye Wynyrd e estamos muito preocupados com a segurança dela.

– Por causa do Daniel? Ou desse tipo, o Dunand?
– Quem sabe? A Skye está convencida de que o Daniel nunca lhe fará mal, mas nós já não estamos assim tão seguros.

Guy pousou a caneca no chão e recostou-se.

– A culpa disto é minha, não é? Se te tivesse dado ouvidos quando tinha aqui o Daniel, debaixo do meu teto, nada disto estaria a acontecer.

– Esquece isso. Eu e o Jackman chegámos à conclusão de que teríamos feito a mesma coisa se tivéssemos estado no teu lugar.

Não era bem verdade, mas precisavam de avançar.

– Então e como é que ele te pareceu? E o que é que lhe disseste realmente?

Conversaram durante cerca de um quarto de hora. No fim, Marie decidiu que Guy estava a dar demasiada importância ao que Daniel *poderia* ter retirado da conversa. Daniel estava maluco. Poderia ter descambado com a coisa mais insignificante.

– Bem, por aquilo que me contaste, acho mesmo que não disseste nada que lhe pudesse ter alimentado as ilusões – afirmou Marie, sentindo uma onda de compaixão. – E ele assustou-te, não assustou? Tenho a certeza de que é por isso que te estás a sentir tão abalado.

Guy olhou fixamente para a mão marcada pelas cicatrizes e assentiu com a cabeça.

– Quando ele me empurrou, paralisei. Sabia que era apenas o Daniel e a razão dizia-me que ele não me ia magoar, mas raios, Marie, até podia ter sido o ursinho Paddington a atirar-se a mim que eu teria ficado passado à mesma.

Antes que ela pudesse responder, o telemóvel dele tocou. Guy olhou para o ecrã.

– É um dos diretores da nova unidade lá em Frampton. Só Deus sabe o que ele querará a esta hora, mas é melhor atender.

– Força.

Guy entrou na estufa e Marie ouviu-o a falar sobre um assunto financeiro qualquer. Olhou para o relógio. Assim que ele largasse o telemóvel, ela ia pôr-se a andar dali para fora. Sorriu para si mesma. Não tinha querido ir lá sozinha, mas achava que tinha dado boa conta do recado. Talvez estivesse a ser um bocadinho dura com Guy Preston. Afinal de contas, tinham em comum uma experiência traumática. Talvez apenas lidassem com as coisas

de maneira diferente. E *ela* não tinha ficado ferida como Guy. Viu novamente a ferida a sangrar no rosto agredido e a mão trespassada pela arma improvisada por Terence Marcus Austin. Sorriu para a figura alta de Guy Preston a olhar para o jardim às escuras e decidiu que era altura de deixar de ser uma cabra lixada e ser menos dura com o homem.

Kevin Stoner serviu-se de um grande *shot* de *vodka*. Sentia-se esgotado. Um enorme peso sombrio tinha-lhe saído dos ombros como uma mortalha preta. Finalmente, tinha arranjado coragem para abrir o coração ao pai e o bispo tinha-se transformado subitamente no... pai dele! Tinham conversado durante mais de uma hora.

O inspetor tinha tido razão. O pai já sabia que ele era *gay*, mas tinha respeitado a privacidade do filho. Se Kevin quisesse que ele soubesse da sexualidade dele, dir-lhe-ia quando achasse oportuno.

Kevin contara ao pai o máximo que se atrevera sobre a suspensão. O pai oferecera-lhe apoio incondicional. As fotografias não vieram à baila. Quando Kevin arrancou da casa dos pais num passo vivo, tinha-se amaldiçoado por não ter saído do armário há muitíssimo mais tempo.

Kevin levou a bebida para a sala e deixou-se cair no sofá. Agarrou no comando do sistema de som e bebeu um gole de *vodka*. A música inundou a sala e sentiu o alívio a percorrê-lo. Ergueu o copo e disse:

– *Bon voyage, Zane*. Diverte-te na tua nova vida atrás das grades.

Soltou um longo suspiro de satisfação. O único problema agora era o facto de ter sido suspenso, precisamente quando tinham em mãos o maior caso que Saltern-Le-Fen já vira.

Levantou-se, deambulou até à cozinha e serviu-se de outro *shot*. Amanhã ia falar com o chefe. Precisava de saber quanto tempo o processo demoraria. Ainda só estava em casa há poucas horas, mas, com Zane finalmente fora de jogo, já estava a morrer de vontade de voltar ao ativo. O caso Daniel Kinder era uma coisa em grande e queria fazer parte dele.

Kevin tornou a sentar-se, bebeu um golinho e, repentinamente, ocorreu-lhe um pensamento. Um fragmento de uma conversa que ouvira nesse dia voltou-lhe à cabeça. Exatamente antes de sair da esquadra, tinha ouvido um dos colegas a falar com o parceiro sobre Drew Wilson e o assalto

fracassado. Segundo parecia, Wilson tinha afirmado que tinham mandado avançar um batedor para ter a certeza de que estava tudo bem, que o tipo os tinha avisado por telemóvel e que o resto do gangue tinha aparecido com a carrinha.

Kevin piscou os olhos. Mas aquilo não estava certo, pois não? Quando estava escondido na paragem do autocarro, à espera de os denunciar, tinha visto *dois* homens a entrar nos jardins da propriedade dos Kinder. Fechou os olhos e pensou intensamente. Tinha-se interrogado a esse respeito na altura, mas, nesse momento, tinha aparecido a carrinha e o assalto estava prestes a começar e ele esquecera-se do assunto. E não era apenas isso. Também tinha ouvido que um dos polícias da brigada que foi no encalço de Drew Wilson estava convencido de que quem tinha feito a chamada anónima tinha sido Daniel Kinder. E porquê? Porque tinha a certeza de que tinha visto Kinder a escapulir-se pelo jardim quando lá tinham chegado.

Kevin tentou destrinçar os pensamentos com outro gole de *vodka*.

Então teria visto Daniel Kinder nessa noite? Era possível. A figura tinha a altura certa, a constituição física certa. E se o tinha de facto visto, Kinder não tinha estado a dormir em casa de Skye. Tinha andado pelas ruas e, por isso, não tinha nenhum álibi para a altura em que Sue Bannister tinha sido morta.

– Foda-se, que merda! – murmurou baixinho.

Como iria informar o DIC daquela prova vital sem se estar a lixar a si próprio?

Levantou-se e começou a passarinhar de um lado para o outro. E, enquanto o fazia, ocorreu-lhe outra ideia. Se era *mesmo* Daniel que ele tinha visto, onde estava o rapaz quando o gangue chegou? E como os tinha conseguido evitar e depois escapar sem ser visto? Quando Kevin viu o homem a entrar, o tipo estava a dirigir-se para o caminho que levava ao jardim das traseiras. Franziu a testa. Talvez ele tivesse estado naquela área coberta do *spa* onde estava o jacúzi. Era uma edificação de madeira com a estrutura de um chalé, com bar, mesa de bilhar e sítios confortáveis para as pessoas se sentarem. E não estava na lista de Zane Prewett das divisões que tinham objetos valiosos, por isso não teria interessado ao gangue de Drew Wilson.

O cérebro de polícia de Kevin acelerou até à velocidade máxima. Nesse caso, por que motivo estaria Daniel Kinder a dirigir-se para lá? Seria para esconder a arma do crime? Para ocultar roupa manchada de sangue?

Kevin voltou a sentar-se vagarosamente e inspirou profunda e tremulamente. Precisava de partilhar esta informação com os detetives, mas como raio o podia fazer sem perder o emprego que já estava preso por um fio?

Só conseguia lembrar-se de uma coisa a fazer e que era ir ele próprio revistar o chalé. Assim ficaria a saber com toda a certeza se valeria a pena arriscar a carreira.

Pôs-se em pé. Chegara a altura de voltar a vestir as roupas escuras. Não estava feliz com isso, mas se tal implicasse apanhar um assassino, não tinha outra escolha.

Enquanto Marie esperava que Guy acabasse o telefonema, passou revista ao apartamento. Para além daquilo já tinha visto, parecia haver dois quartos de casal que davam para o átrio, provavelmente ambos com chuveiros, uma casa de banho e um gabinete pequeno. A porta para essa divisão estava aberta, deixando ver uma secretária com um computador, uma impressora e mais caixas de arrumação.

Marie desejou que Guy se despachasse. Impacientemente, levantou-se, agarrou nas canecas de café vazias e levou-as para a cozinha. A verdade é que não tinha tempo para aquilo.

Localizou a máquina de lavar louça e enfiou as duas canecas lá dentro. Esboçou um pequeno sorriso quando viu que estava cheia de canecas de café. Guy não se dedicava *mesmo* à cozinha.

Dando uma olhadela ao relógio, resolveu que não podia esperar que Guy acabasse o telefonema. Ia agarrar no capacete e dizer-lhe adeus com um aceno, explicando que lhe ligariam assim que soubessem alguma coisa.

Ao sair da cozinha, viu Guy a voltar a enfiar o telemóvel no bolso. Tinha uma expressão preocupada e ela perguntou-se se estaria tudo bem com o novo projeto dele.

– Desculpa ter levado tanto tempo. O diretor financeiro da Frampton não tem respeito nenhum pelas horas. Calculei pela maneira como andavas a passear de um lado para o outro que precisas de te ir embora.

– Preciso, sim – respondeu Marie, agarrando no capacete e enfiando-o no braço. – E tenho a certeza de que não tens nada com que te preocupar no que se refere àquilo que o Daniel possa ter concluído.

Guy assentiu e virou-se para ela.

– Agradeço-te muito que tenhas cá vindo. Acho que mais ninguém teria compreendido porque é que eu fiquei tão transtornado por o Daniel me ter atirado para um barranco.

Fez uma pausa e depois acrescentou:

– Mas a verdade é que sempre pude falar contigo.

Marie virou-se para se ir embora.

– Tudo bem. Olha, ligo-te se encontrarmos o Daniel ou a Skye. E tu *tens* de me ligar se souberes deles, ok?

– E ligo. Prometo.

Passou para a frente dela para chegar à porta.

– Vou acompanhar-te. Tenho de carregar no intercomunicador para poderes passar pela porta de segurança.

Tocou-lhe ao de leve no braço e a mão demorou-se um bocadinho.

– E obrigado por compreenderes.

Olhou para ela com uma tristeza estranha e depois aproximou-se do teclado de segurança. Nesse momento, Marie inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo rápido na cara.

– Tens de esquecer o passado, Guy. És um psicólogo inacreditavelmente brilhante, mas como é que se costuma dizer: «Médico, cura-te a ti próprio»? Quando isto acabar, assume o teu novo cargo na Frampton e constrói uma vida nova. Esquece o Terence Marcus Austin.

Fez uma pausa, acrescentando para os seus botões: *E a mim também.*

[24] N.T.: Literalmente, *Na Mente do Predador*.

[25] N.T.: A principal editora britânica de romances cor-de-rosa.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Jackman estava parado à porta da sala do recobro, muito enervado. Estava a demorar muito mais do que esperava para Lisa Hurley acordar. O médico tinha vindo ter com ele por duas vezes e pedido desculpa pela demora. Lisa estava fora de perigo, mas não tinha reagido bem à anestesia e precisava de mais cuidados do que aquilo com que tinham contado.

Finalmente, quando se aproximava a meia-noite, uma enfermeira de cara magra chamou-o:

– Pode entrar agora, inspetor. Só por uns minutos, para começar. Ela precisa de descansar e depois já poderá falar consigo como deve ser.

Jackman soltou um suspiro de alívio e apressou-se a entrar. O que queria de Lisa não levaria muito tempo. Outra pessoa podia sentar-se com ela e registar os detalhes mais minuciosos depois. Ele só tinha três perguntas importantes. Sentou-se junto da cama, perto dela.

– Sabe quem é que lhe fez isto, Lisa?

A mulher engoliu penosamente.

– Não. Ele trazia uma coisa daquelas – disse, apontando para um dos assistentes do bloco de operações, que estava um bocadinho afastado a conversar animadamente com uma enfermeira. – Roupa de médico. Verde, com uma máscara na cara.

O rosto de Jackman enrugou-se numa expressão de confusão. Então será que o hospital estaria mesmo no centro daquilo tudo?

– Não houve mais nada nele em que reparasse? Altura ou constituição física? Cor dos olhos? Uma água-de-colónia especial?

– Eu estava a tentar salvar-me, inspetor. Não parei para tomar notas.

Lisa tentou sorrir e depois suspirou, dizendo:

– Tinha a certeza de que seria o Daniel a aparecer. A Skye tinha dito que ele estava a entrar em estados de fuga e que estava preocupado, com receio de poder tornar-se violento. E depois *eu* própria vi-o num estado de

sonolência e fiquei convencida de que ela estava em perigo. Estava aterrorizada com o que lhe pudesse acontecer.

– E por isso tentou apanhá-lo numa armadilha?

– A Skye telefonou-me e disse-me que vocês estavam a chegar para a levar, visto que tinham combinado uma videochamada com a Ruby Kinder. Por isso, eu sabia que ela não ia estar em casa, mas o Daniel não sabia. Tentei fazer com que parecesse que ela estava em casa a tomar duche. E depois fiquei à espera.

– E a Skye é a sua filha biológica?

Lisa arregalou os olhos.

– Como é que soube disso? – retorquiu, com os olhos a rodar por todo o quarto.

– Calma, está tudo bem. Ninguém mais sabe. A Lisa é que nos contou, mesmo antes de ser levada para o bloco. Tinham-lhe dado morfina para as dores e acho que foi por isso que o fez.

– Oh, não! Não acredito! Mas não lhe podem dizer, por favor, inspetor! Não contem à Skye. Ela não pode descobrir, arruinaria tudo.

Jackman também olhou em volta, esperando que a explosão da mulher não tivesse atraído atenções.

– Isso não nos diz respeito, Lisa. Eu não vou dizer nada.

Não que o pudesse fazer mesmo que quisesse, ela está desaparecida, raios partam, pensou sombriamente.

A enfermeira dirigiu a Jackman um olhar de aviso e levantou três dedos. Três minutos.

– Lisa? Quem a atacou tinha um penso no antebraço ou uma ferida cosida há pouco tempo?

Lisa franziu a testa.

– Não. Não vi muita coisa, mas teria reparado porque a túnica tinha mangas curtas.

Então, não era Daniel, pensou Jackman. E se não era, quem seria? Fechou os olhos e tentou pensar. Tinham de encontrar Mark Dunand. E com Skye ainda desaparecida, os receios de Jackman estavam a crescer a cada segundo.

– Descanse um bocadinho, Lisa. Voltaremos a falar, mas neste momento tenho de voltar para a esquadra.

Ela afundou-se nas almofadas.

– Uma coisa, inspetor.

A voz era baixa, quase um sussurro.

– Tentei atingi-lo com uma frigideira de ferro. Acho que só lhe tirei o fôlego, mas deve ter doído.

– E onde é que lhe acertou?

– Fiz pontaria à cabeça, mas ele mexeu-se e não sei bem onde é que a frigideira bateu.

Jackman sorriu-lhe tranquilizadamente.

– Vamos apanhá-lo, Lisa. E vamos ter aqui consigo agentes da polícia permanentemente. Por isso, não se preocupe. Limite-se a ficar boa.

– Não se preocupe comigo. Concentre-se em manter a Skye a salvo – respondeu ela, fechando os olhos.

Jackman inclinou-se para a frente, apertou-lhe a mão e afastou-se da cama. Depois de trocar umas palavras com os dois agentes que iam ficar de guarda, apressou-se a abandonar a enfermaria e a embrenhar-se na noite. Encontrou o número de Marie no telefone e respirou de alívio quando ela atendeu quase de imediato. Contou-lhe resumidamente o que Lisa tinha dito e perguntou-lhe quanto tempo ainda demoraria ela.

– Estou a sair da casa do Guy neste momento. Volto à base daqui a dez minutos.

Fez uma pausa e acrescentou:

– E só para que saiba, tenho a certeza de que o Guy nunca disse nada que fosse perturbar o Daniel, ok?

– Ok, Marie. Até já.

Jackman fechou a tampa do telemóvel com um piparote e, enquanto corria para o carro, rezou para que encontrassem Mark Dunand antes que Dunand encontrasse Skye.

Mais uma vez, Kevin Stoner estava parado na paragem de autocarro toda grafitada a observar a casa dos Kinder. Dessa vez, havia um carro da polícia parado à porta, embora os agentes que estavam lá dentro não parecessem ter a mínima vontade de sair do veículo.

Não tinha pressa. Sabia que tinha apenas uma hipótese e não podia dar-se ao luxo de ser apanhado. Se encontrasse alguma coisa incriminadora, decidiria que linha de ação tomar. Enquanto se preparava para a expedição noturna, estava confiante de que ia encontrar a arma do crime, roupa manchada de sangue ou, talvez, o próprio Daniel.

Kevin concluiu que a equipa que estava no carro ia lá ficar durante muito tempo. E como sabia que haveria agentes a patrulhar o caminho à beira-rio ao longo das traseiras das propriedades, precisava de descobrir uma alternativa para entrar.

Fixou os portões da frente e inventou um plano. Havia apenas duas coisas que podiam estragar a ideia e não havia muito que pudesse fazer em relação a cães à solta nos jardins ou a luzes de sensores escondidas. Não tinha ouvido ladrar naquela noite nem na visita anterior, tal como não se tinham acendido luzes em redor quando Drew Wilson e o gangue dele tinham chegado. Por isso, era melhor meter-se ao caminho.

Uma curva ligeira na estrada escondeu-lhe a figura escura do carro da polícia e, em poucos segundos, estava a salvo, ocultado por uma pequena área de coníferas no jardim da frente de uma casa três portas a seguir à de Daniel.

A sorte não o abandonou enquanto se deslocava por cima de muros baixos e pelo meio de arbustos até chegar ao jardim da casa ao lado. Entre essa casa e a dos Kinder, havia uma vedação robusta de madeira. Calculou que devesse ter cerca de metro e meio de altura, uma vez que conseguia à justa ver por cima dela e ficar com uma ideia razoável do espaço que tinha à frente.

Kevin testou a força da madeira e ficou grato por os residentes terem preferido pagar para ter qualidade. Era esguio, mas anos de natação tinham-lhe dado uma força considerável no tronco. Inspirou, flexionou os braços, agarrou o topo da vedação e içou-se para o outro lado, trepando-a num movimento fluido.

Aterrou quase silenciosamente num canteiro de plantas rasteiras e, sem olhar em redor, correu pelo meio de umas centenas de metros de canteiros negligenciados e de uma mata cerrada de árvores. Deixou-se cair sobre um joelho e fez um pequeno reconhecimento.

A casa estava completamente às escuras, mas, no jardim, a luz filtrada dos candeeiros da rua iluminava algumas zonas, ao passo que outras eram poços de escuridão. Kevin seguiu pelas zonas às escuras e contornou a casa, invisível desde a estrada.

Estava moderadamente convencido de que não haveria ninguém a montar guarda no jardim das traseiras. Haveria de certeza dois carros a observar tanto a entrada como a saída do caminho à beira-rio, e agentes a patrulhar a alameda de quando em quando, mas o rio formava uma barreira entre o caminho e o resto da cidade.

Uma lua fraca, envolta numa nuvem fina e esfiapada, ajudou-o a ver o caminho e, momentos depois, já estava no pátio do lado de fora do chalé de madeira que abrigava o jacúzi.

Kevin enfiou-se num espaço estreito entre um churrasco de tijolos e um armazém de troncos com a parte da frente aberta e examinou cuidadosamente o que tinha à frente. A área do jacúzi parecia um chalé com três lados, sendo a frente constituída apenas por uma fila de portas que se dobravam sobre si próprias e que podiam ser empurradas para trás abrindo o jacúzi para o jardim. À frente das portas, havia um deque espaçoso e, ao lado deste, o pátio onde ele se encontrava. O chalé propriamente dito estava ligado à casa e, do esconderijo e com o luar que aumentava, Kevin conseguia distinguir vagamente duas portas no fundo da sala comprida e espaçosa. Também viu um bar, uma mesa de bilhar, bancos de balcão, várias cadeiras reclináveis, grandes palmeiras envasadas e outra cabina de madeira perto de um dos lados do jacúzi, que supôs tratar-se de uma sauna.

Durante uns instantes terríveis, visualizou mentalmente Zane Prewett e umas mulheres de mamas grandes na pândega na água fumegante. Observou a sala durante uns 10 minutos, mas não ouviu nada nem viu qualquer movimento lá dentro. Havia uma pequena porta para o pessoal num dos lados do chalé. Podia estar destrancada, as pessoas eram descuidadas em relação a coisas dessas. Esperando não ter de forçar a fechadura, saiu cautelosamente do esconderijo e atravessou o espaço amplo do deque.

Parou à porta e agarrou a medo no puxador. Este girou facilmente e Kevin Stoner esgueirou-se silenciosamente lá para dentro.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Jackman entrou na sala do DIC e foi imediatamente bombardeado por Charlie Button e Max Cohen.

– Está a compor-se, senhor inspetor. Fizemos algumas descobertas em relação à mulher morta.

Charlie tinha os olhos arregalados e uma expressão ansiosa, apesar da hora tardia da noite.

– Sim – confirmou Max.

Não parecia tão desperto, mas era evidente que o cérebro estava.

– O homem da Sue Bannister estava a ter uma aventura com uma enfermeira mais novinha e a Sue descobriu.

Charlie assumiu o controlo da conversa:

– Ela ficou completamente destruída, mas não conseguia suportar ir ao médico de família. Uma amiga dela contou-nos que ela confessara ter «procurado ajuda noutro sítio», nas palavras da amiga.

– E essa amiga sabia onde é que ela obteve ajuda?

– Não, mas ela contou à amiga que o homem que a ajudara fora, e cito, «um anjo num momento difícil».

Max fez uma careta.

– E parece que afinal era o maldito anjo da morte.

– Se foi o homem que a matou – corrigiu Jackman. – Ainda não temos a certeza.

– Acho que temos, senhor inspetor – acrescentou Charlie. – Porque a nossa foliona, e sempre sorridente enfermeira, Julia Hope também estava a ter dificuldades que não queria partilhar com o médico dela – disse, deitando a Jackman um olhar lúgubre – e também ela encontrou um anjo, um anjo com o bolso cheio de comprimidinhos superúteis.

– E quem é que vos contou isso?

– A irmã dela – respondeu Charlie, erguendo a cópia de um *email*. – A Anna nunca disse nada antes porque não sabia. Teve uns problemas com o servidor de *email* dela e depois esteve duas semanas no cu de Judas. Quando conseguiu resolver o problema e descobriu este *email* na caixa de entrada, contactou-nos. A Julia já o enviou há algum tempo, mas a Anna nunca tinha chegado a vê-lo. Nele, a Julia confessa que estava a lutar com uma depressão grave e que estava demasiado assustada e envergonhada para procurar ajuda profissional. Disse à Anna que: «Um amigo maravilhoso está a ajudar-me, uma pessoa em quem eu confio totalmente.»

– Grande erro – resmungou Max. – Mas se juntar isso ao facto de a fonte das drogas da Alison Fleet ser completamente ilícita, sabemos que elas todas abordaram alguém que era aparentemente leal e digno de confiança.

Jackman fechou os olhos e pensou.

– Então porquê matá-las? Se eram uma fonte de rendimento, porquê matar a galinha que põe os ovos de ouro?

Max franziu o sobrolho.

– Hum, isso é que é o busílis disto tudo. Raios me partam se consigo perceber porque é que ele as matou.

– Se calhar, devíamos olhar para as imagens da CCTV, não? Para ver se conseguimos apanhar alguma das mulheres a encontrar-se com um homem.

Charlie não parecia muito convencido com a própria sugestão.

– Eu cá acho que teriam tido todo o cuidado de ser discretos, não vos parece? – retorquiu Jackman.

– Pedi a um dos meus informadores para ver se algum dos passadores locais orienta especificamente os drunfos de que estamos a falar – disse Max. – Mas, francamente, nenhum dos traficantes miseráveis desta cidade pode ser descrito como «anjo». Este tipo parece um vigarista supersuave, com uma língua de prata e uma ligação direta a um manancial de drogas.

Deixou-se cair numa cadeira.

– Onde é que está a sargento, patrão? Ainda está com o psicólogo?

– Vem a caminho – respondeu Jackman, dirigindo-se para o gabinete. – Digam-lhe para vir ter comigo assim que chegue e acho que já são boas horas de vocês os dois darem o dia por terminado. Já estão a dormir em pé.

– E como é que podemos ir para casa quando está tudo a desmoronar-se e a bomba pode explodir a qualquer instante? – protestou Charlie.

– Sim, temos um assassino desaparecido, ou talvez apenas um lunático desaparecido, ainda não temos a certeza, a namorada desaparecida dele e agora o estupor do melhor amigo dele também desapareceu, possivelmente à procura da namorada desaparecida do assassino desaparecido! – explodiu Max, revirando os olhos e girando dois dedos de cada lado das têmporas. – E o patrão está à espera de que abandonemos esta diversão toda?

– Está bem. Mais uma hora. Depois, esteja quem estiver desaparecido, toca a ir para casa, ok?

Antes que os dois jovens pudessem responder, um polícia fardado entrou no gabinete com um memorando.

– Localizámos o carro desaparecido do Professor Preston, senhor inspetor.

Entregou o papel a Jackman e foi-se embora.

– Num estacionamento. Fantástico!

Jackman tirou o telemóvel do bolso e marcou o número de Guy Preston. Preston levou um bocado a atender e estava a abafar um bocejo quando falou.

– Desculpe, já é tarde, Guy, mas achei que devia saber que encontrámos o seu carro.

Guy desculpou-se:

– Perdão, inspetor, estava a passar pelas brasas. Mas isso é mesmo uma bela notícia! Onde é que ele estava?

– O Daniel deixou-o no melhor sítio para esconder um carro – respondeu Jackman.

Fez uma pausa antes de continuar:

– Num parque de estacionamento para clientes. Só quando o segurança da noite foi fazer a ronda é que repararam nele. Não está danificado, mas vamos precisar de o ir buscar e passá-lo a pente fino antes de o poder vir levantar.

– Claro – respondeu Guy. – E obrigado por me informar.

Fez uma pausa e a seguir disse:

– Calculo que eu não possa dar uma palavrinha rápida à Marie, pois não? Encontrei uma pulseira no chão depois de ela se ter ido embora. Tem o fecho partido. Julgo que deve ser dela.

– Ela ainda não voltou. Mas usa uma pulseira, realmente. Quer que lhe diga para lhe ligar quando cá chegar?

– Mas ela já saiu há mais de vinte minutos – comentou Guy baixinho. – E disse que ia voltar logo para a esquadra.

Elevou a voz:

– Não acha que ela caiu daquela moto horrível, pois não?

– Não deixe que ela o ouça a chamar-lhe isso! E já viu a Marie a andar de moto?

– Recentemente, não.

– Era o que eu pensava.

– Até um bom motociclista pode ter um dia mau – disse Guy nervosamente.

– Ok, lá nisso tem razão, Doutor, mas, com a Marie, as probabilidades são diferentes. A única coisa que me ocorre é que aconteceu qualquer coisa com que ela teve de lidar. Não se preocupe. Tenho a certeza de que vai chegar dentro em breve.

– Bem, mais uma vez, obrigado por me ter informado do carro e...

Fez nova pausa.

– Avise-me se, hum..., bem, se tiver acontecido alguma coisa a Marie?

– Claro.

A resposta de Jackman foi seca. Por muito bem que Marie estivesse a lidar com a paixoneta de Preston, o homem continuava obviamente afeiçoado a ela.

Desligou. Quanto mais depressa aquele caso acabasse, melhor. Marie não se queixava, mas não devia ter sido agradável ter o Dr. dos olhinhos de labrador a babar-se por ela. Embora não tivesse propriamente a certeza porquê, a devoção adúladora de Guy Preston estava realmente a começar a irritá-lo.

– Senhor inspetor!

O agente fardado que tinha acabado de os informar do carro de Preston voltou a entrar de rompante no gabinete.

– Houve uma pessoa que comunicou ter visto uma motorizada na água, perto do portão de Blackland Sluice.

Jackman ficou gelado.

– Que tipo de motorizada? Disseram?

– Só que era verde, senhor inspetor.

O frio desceu-lhe até à medula dos ossos e Jackman sentiu-se como se o coração tivesse congelado. Por favor, meu Deus, não. Isso não, agora, não.

Engoliu em seco.

– E quem é que está a tratar do incidente?

– Já lá estão duas equipas – respondeu o agente. – E foi enviada uma brigada de bombeiros para a tirar com um guincho.

Jackman pensou em voz alta:

– Não há casas ao longo desse trecho da estrada, só a estação de bombeamento e uns quantos ancoradouros. E as câmaras de segurança da companhia das águas?

– Os nossos agentes já contactaram a autoridade hidroviária a propósito disso. Havemos de analisá-las mal as tenhamos.

O jovem agente olhou atentamente para Jackman.

– Está a sentir-se bem, senhor inspetor? Está branco como um fantasma.

– Estou bem – respondeu Jackman bruscamente.

Mas estava longe de estar bem. De facto, sentia-se como se o mundo dele se estivesse a desfazer lentamente em minúsculos bocadinhos esfarrapados.

– Tenho de ir.

– A equipa que lá está diz que há uma boa probabilidade de se tratar apenas da motorizada, senhor inspetor. Os bombeiros acham que é impossível que um corpo saia da comporta a não ser que as duas portas estejam totalmente abertas e eles não vão fazer isso até terem revistado a água por completo. E também não há nada a boiar na lagoa.

Jackman sentiu vontade de vomitar. Imagens de Marie de cara para baixo nas águas escuras e oleosas passaram-lhe pela mente e o estômago embrulhou-se.

– Eu vou lá, patrão.

De repente, Max estava ao lado dele.

– Conheço bem a mota da sargento e mantenho-o informado de tudo o que estiver a acontecer.

– Obrigado, Max, mas quero ir eu.

– Tenho a certeza que sim, mas o senhor devia ficar aqui, vendo bem as coisas – insistiu Max com a cara franzida de preocupação. – E, por qualquer razão, não me parece que ela esteja na água. Conheço esse trecho da estrada e não há razão nenhuma para uma motociclista experiente como a sargento ter ido parar à água, razão nenhuma mesmo. Isto cheira mal, patrão.

Jackman sabia que Max tinha razão, mas, se Marie estivesse ferida, queria estar com ela.

– Sei o que está a pensar, patrão. Mas tenho a certeza absoluta de que alguém quer que o patrão esteja a perder o seu tempo, a passarinhar de um lado para o outro lá no caminho e a arrancar o cabelo, enquanto essa pessoa prossegue com o quer que seja que está a planear.

Jackman soltou um suspiro sonoro.

– Ok, mas liga-me se houver a mais pequena suspeita de que ela possa lá estar, está bem?

Max assentiu e dirigiu-se para a porta.

– E se for tudo um embuste, como acho que é, volto para cá ainda mais depressa do que o raio do Usain Bolt.

Jackman decidiu que era altura de ligar para a superintendente Crooke. As coisas estavam a escalar e ela precisava de ser informada. Sentou-se no gabinete e olhou, sem ver, para a parede, enquanto esperava que a superintendente atendesse. Se Marie não estava na água, onde raio estaria?

Jackman explicou tudo a Ruth Crooke, desorientada. Ao fim de uma série de palavrões, a superintendente disse-lhe para não sair da esquadra, a menos que acontecesse qualquer coisa muito grave e que chegaria lá dentro de 20 minutos.

Enquanto pousava o telefone na base, Jackman foi repentinamente acometido por uma sensação de desconforto. Qualquer coisa que ouvira nas últimas horas não lhe parecia verdadeira, mas não fazia ideia do que era que destoava tanto.

– Patrão?

Da porta, Charlie olhou em redor. Nunca parecia estar arranjado, mas naquela noite parecia que tinha sido arrastado por uma sebe.

– Alguma novidade sobre a sargento? – perguntou esperançosamente enquanto tentava meter a camisa nas calças.

– Nada, Charlie. O Max vai contactar-nos do local do acidente quando souber alguma coisa.

– Não é nenhum local de acidente – ripostou Charlie estoicamente. – Concordo com o Max nisso. Se for mesmo a motorizada dela que está na comporta, então é porque alguém a atirou para lá só para nos manter ocupados.

– E em que pé é que ficamos?

– É evidente que a sargento foi apanhada. Temos de tentar localizar com exatidão onde e quando é que ela desapareceu do radar. Talvez assim consigamos descobrir quem poderá ser o raptor.

Jackman olhou estupefacto para o jovem detetive. Charlie Button não era nenhum génio e não era habitual ser o mais esperto do grupo, mas às vezes mostrava-se tão convicto das conclusões a que chegava que levava os outros atrás.

– Senta-te.

Jackman indicou-lhe uma cadeira, tirou uma folha de papel de impressão do tabuleiro por baixo do computador e passou-a a Charlie.

– Certo. Falei com a Marie – afirmou o inspetor, puxando do telemóvel e consultando o registo das chamadas – exatamente às 23 horas e 16 minutos. Ela disse que estava mesmo a sair do apartamento do Guy Preston em Hanson Park.

Jackman ficou a ver Charlie a apontar as horas.

– Depois falei com o Preston e ele disse que ela já tinha saído há mais de 20 minutos. Espera, deixa-me só confirmar isso.

Voltou a verificar o registo das chamadas.

– Vinte e cinco minutos mais tarde, às 23h41.

Franziu o sobrolho.

– O percurso habitual dela, partindo do princípio de que foi o que ela fez, teria sido sair de Hanson Park, seguir por Park Villas e entrar na estrada principal, a Saltern High Road, descer para Blackland Sluice e, por fim, apanhar um atalho e cortar caminho até à esquadra.

– Dez minutos, no máximo – replicou Charlie, levantando uma sobrancelha. – Provavelmente, até menos, conhecendo o desrespeito da sargento pelas restrições de velocidade e tendo em conta que não há praticamente trânsito a esta hora da noite.

– Então quer dizer que alguém a intercetou entre Hanson Park e um ponto qualquer perto da estrada à beira-rio, onde largaram a motorizada.

Charlie ergueu os olhos.

– E como é que o terão feito ao certo?

Franziu as sobrancelhas enquanto pensava.

– Como é que se para uma motorizada que vai a toda a velocidade? *E se faz o motociclista sair da mota e deixá-la?*

– Fazendo-lhe sinal para parar, não? Encenando um incidente qualquer? Como um acidente ou uma avaria. A Marie tentaria sempre ajudar uma pessoa aflita.

– Sim, pois tentaria, e também pararia se visse alguém conhecido, como uma pessoa de que andemos à procura.

– Alguém como o Daniel Kinder.

Jackman sabia que se tivesse visto Kinder, Marie tê-lo-ia perseguido. Isso era certo. Lembrou-se de Daniel a gritar com Marie, a perguntar-lhe por é motivo não acreditava nele. Daniel não gostava mesmo nada de Marie. Soltou um assobio baixinho.

– Isso é uma possibilidade bem real.

– E se eu agarrar em dois polícias fardados e for a Hanson Park? Talvez alguém a tenha visto a ir-se embora e reparado no caminho que ela seguiu, não? Isso já nos daria uma coisa concreta, não é verdade, patrão?

– Não vais ser muito bem visto pelos moradores quando lhes estragares o descanso, mas tens razão. Vai ver o que consegues descobrir, Charlie.

Observou o jovem a pôr-se de pé com um salto.

– E tenta não irritar muita gente. Não queremos queixas, se as pudermos evitar.

– Da minha parte só vão ter charme e diplomacia, patrão – respondeu o detetive, dirigindo-se para a porta. – E acha que devo ir falar com o psicólogo? Só para voltar a verificar exatamente a que horas é que ela saiu?

Jackman pensou durante uns instantes e depois disse:

– Não, não o incomodes. O registo das chamadas no meu telemóvel já nos diz que chegue. Deixa-o dormir.

– Ok, patrão.

Quando Charlie saiu, o telemóvel de Jackman tocou. O inspetor olhou para o ecrã e viu o nome de Skye Wynyrd. Carregou no botão verde.

– Skye! Graças a Deus! Está bem?

– Sim, estou bem e tive notícias do Daniel. Pareceu-me muito mais o Daniel de antigamente. Disse-me que o Guy Preston o tinha ajudado muito. Nem imagina como me sinto aliviada, DI Jackman!

– Skye, precisamos de falar com ele urgentemente. O Daniel disse onde é que estava?

– Não. Mas falámos durante uma eternidade e eu contei-lhe que a mãe tinha dado notícias.

Fez uma pausa.

– Não quis contar-lhe tudo pelo telefone, mas disse-lhe que tinha novidades realmente boas para ele. Com o hábito que o Daniel tem de desaparecer, achei que era melhor mantê-lo do nosso lado.

– Concordo – retorquiu Jackman. – Mas onde é que a Skye está? Precisamos que venha para aqui.

– Eu sei. E vou voltar dentro em pouco, prometo.

Jackman não gostou que ela tivesse ignorado a primeira pergunta.

– Skye? Ouça, faça o que fizer, *não* se aproxime do Daniel. Nem do Mark. Pense o que pensar. Quero que volte para aqui imediatamente, está a compreender?

Jackman ficou à espera da resposta dela e depois percebeu que a rapariga tinha desligado.

Voltou a ligar-lhe rapidamente, mas foi parar ao *voicemail*. Reiterou que a queria de volta imediatamente e rezou para que ela reagisse à mensagem. Um ou dois instantes depois, voltou a enfiar o telemóvel no bolso.

– Merda e mais merda!

Saiu do gabinete e correu escada abaixo para a secretária do sargento de serviço. Poucos minutos depois, o sargento tinha contactado a equipa no exterior da casa dos Kinder e tinha sido informado de que estava tudo sossegado, ninguém entrara, ninguém saía.

– Calmo como um cemitério, senhor inspetor – comunicou o sargento, – mas se acontecer alguma coisa, contacto-o imediatamente.

Enquanto subia penosamente as escadas, Jackman tentou consolar-se com o facto de Skye estar a salvo naquele momento, mas a única coisa em que continuava a pensar era por quanto tempo? E Marie estaria em segurança? Jackman sentia-se como se alguém lhe tivesse enfiado a mão dentro do peito e espremido todos os átomos de ar dos pulmões. Onde quer que Marie estivesse, estava longe de estar a salvo se não a encontrassem depressa...

Kevin Stoner moveu-se silenciosamente pela sala do chalé. Trabalhou metodicamente, levantando cuidadosamente as almofadas grossas da mobília de verga e inspecionando debaixo dos assentos. Depois seguiu para

a área do bar. Abriu o frigorífico, tirou garrafas da parte de trás das prateleiras e vasculhou um armário que estava cheio de copos de bebida, frascos de azeitonas, caixas de *snacks* embrulhados em papel de alumínio e uns quantos limões muito engelhados. Trabalhou lenta e ordenadamente, mas não encontrou nada.

Levantou-se e esticou-se, sentindo-se repentinamente muito satisfeito por ter resolvido revistar o sítio pessoalmente antes de chamar os tipos da pesada. Dava toda a ideia de que a teoria dele tinha sido um completo disparate e era capaz de ter salvo a carreira ao não se ter armado em esperto.

Fixou o jacúzi. Um grosso cobertor térmico azul-turquesa estava estendido sobre a superfície para manter a temperatura e não deixar entrar detritos nem terra. Ajoelhou-se e puxou-o para trás. Sentiu um cheiro desagradável a mofo. O jacúzi já não era usado há algum tempo. Agarrou na lanterna e apontou-a para baixo, com medo de descobrir qualquer coisa desagradável a flutuar na água parada. No entanto, não havia nada aninhado nas profundezas do jacúzi da família Kinder.

Com um leve suspiro, levantou-se e tratou de ir investigar a coleção de vasos de plantas que decoravam a divisão da piscina. Tendo cuidado para não ser visto, levantou as plantas uma a uma e certificou-se de que não havia nada escondido na base dos vasos.

Ao voltar a colocar a planta de folhas aguçadas, tipo cato, no vaso, Kevin concluiu que aquela grande ideia estava rapidamente a transformar-se num monte de nada. Mesmo assim, ainda tinha de inspecionar a sauna e também as duas portas, que calculava que dessem para a casa propriamente dita. Esfregando a terra das mãos, dirigiu-se para a sauna. Abriu a porta devagarinho, esperando que não houvesse uma luz lá dentro que se acendesse quando a porta era usada. Felizmente, continuou escuro e ele conseguiu enfiar-se no espaço pequeno sem chamar atenções para o chalé.

Lá dentro, cheirava agradavelmente a um tipo de madeira escandinava. Faia, talvez? Ou se calhar era espruce. O espaço espraia-se de maneira tradicional, com paredes apaineladas de madeira clara, e havia bancos de ripas com costas reclináveis dispostos em anfiteatro. Numa das paredes, havia uma fornalha carregada de carvão e com um anteparo de madeira à volta.

Tudo muito bonito se tivéssemos dinheiro para isso, pensou Kevin, enquanto espreitava debaixo de um dos bancos. Com novo suspiro, voltou para a divisão da piscina e olhou em volta desanimadamente. Só faltavam as duas portas para investigar e, como não achava que valesse a pena entrar na casa principal, a investida estava quase a terminar.

A porta da direita tinha um painel de vidro e, cuidadosamente, usando a minilanterna, Kevin viu que ela ia dar, de facto, ao átrio das traseiras da casa. Conseguiu ver um painel de segurança na parede e embora tivesse memorizado o número aquando da visita anterior, não tinha nenhuma vontade de entrar. Segundo o chefe, a casa tinha sido revistada não uma mas duas vezes quando tinham começado a andar à procura de Daniel Kinder.

Sobrava portanto a última porta. Kevin franziu a testa na escuridão. Fosse ela o que fosse, também já devia ter sido investigada. Mas o que seria? Pensou na planta da casa e não conseguiu imaginar por que razão estaria ali a porta. De certeza que aquela parte da parede dava para a sala? E não havia lá nenhuma porta. Tinha a certeza disso.

Kevin agarrou no puxador e rodou-o. Não aconteceu nada. Nem a porta abriu, nem o alarme disparou. O sobrolho franziu-se mais e a curiosidade dominou-o.

Na escuridão, Kevin Stoner tomou uma decisão rápida. Precisava de saber o que estava por trás daquela porta, mesmo que acordasse metade da vizinhança, embora, com sorte, se o alarme fosse ativado, talvez fizesse apenas soar um bipe e ele tivesse tempo de introduzir o código de segurança. Apalpou o bolso e tirou um porta-chaves pequeno com vários palitos e chaves mestras. Estava longe de ser um perito, mas era uma arte que o intrigava desde miúdo. Isso e o facto de o primeiro namorado ter sido um pretenso artista da fuga, algo que Kevin tinha achado histericamente divertido e imensamente erótico. As tentativas estouvadas de Dominic para se passar por um Houdini amarrado e acorrentado acabavam frequentemente por ser mais parecidas com servidão do que com qualquer arte da fuga, mas o rapaz tinha ensinado a Kevin uma data de coisas sobre fechaduras.

Passados cerca de três minutos, ouviu um clique agudo e o puxador acabou por girar. Kevin abriu a porta.

Nenhum alarme tocou. E também não havia uma divisão do outro lado da porta, apenas um lanço estreito de escadas de pedra. Claro! Kevin bateu na cabeça com a palma da mão. Um sítio daqueles, com um jacúzi e uma sauna, teria de ter uma casa das caldeiras. A disposição dele melhorou. Havia melhor sítio para esconder uma coisa?

Kevin entrou pela porta, fechou-a e, a seguir, desceu cautelosamente as escadas. Ao fim de seis ou sete degraus, a escada virava repentinamente para a esquerda e, depois de ter descido outro pequeno lanço, Kevin encontrou-se numa cave pequena por baixo da sala do chalé. Pelo menos agora já podia usar a lanterna em segurança.

Girou o pequeno feixe de luz e viu que tinha tido razão. Aquele lugar continha todo o equipamento para cuidar da divisão da piscina. Ficou parado durante uns momentos, tentando orientar-se. Era óbvio que não era a cave principal – essa devia ter sido de certeza revistada pela equipa de buscas, mas havia uma boa probabilidade de não terem dado por aquela antecâmara extra.

Pensou cuidadosamente. Deviam ter acedido à cave principal a partir da porta fechada que dava para a cozinha, descido e revistado a cave. Depois, se tinham investigado o chalé e visto lá a porta, podiam ter partido do princípio de que dava diretamente para uma área que já tinha sido revistada. Portanto, aquilo poderia ser território virgem! Kevin mordeu o lábio e questionou-se se se atreveria a procurar um interruptor de luz.

E porque não? Ninguém podia ver a luz ali em baixo, a porta ao cimo das escadas até era robusta e ele tinha tido o cuidado de a fechar. Deslocou a luz da lanterna pelas paredes, mas não conseguiu localizar o interruptor.

Praguejou em voz alta. Estar à procura no meio daquelas caixas e prateleiras todas iria levar uma eternidade com a pequena e inútil Maglite. Precisava de uma coisa muito mais forte. Certamente que deveria haver algum tipo de luz, não? Virou o feixe para cima e viu a cobertura branca, comprida e espalmada de uma tira fluorescente. Sentindo-se encorajado, Kevin recuou em direção ao fundo das escadas e franziu os olhos para olhar para as sombras. Sim! Num recesso escuro, viu a placa de plástico de um interruptor. Formidável! Deslocou-se rapidamente nessa direção, esticou a mão e foi então que cambaleou, caindo para a frente depois de tropeçar num degrau de pedra invisível e muito íngreme.

Com um grito que ecoou pela pequena divisão, Kevin chocou de cabeça contra a sólida parede exterior. O mundo dele tornou-se uma ardente explosão de luz e a seguir veio a escuridão, quando tombou violentamente no chão.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Jackman estava sentado à frente de Ruth Crooke. Estavam os dois calados. O inspetor tinha-lhe contado tudo o que sabia e estava a começar a sentir o terror a crescer dentro dele. Ao olhar para o rosto pálido da superintendente, teve a certeza de que ela se estava a sentir tão mal quanto ele.

Quando o telemóvel tocou, agarrou-o rapidamente.

– Jackman!

– Sou eu, senhor inspetor. O Charlie. Falei com alguns moradores e já sei a hora exata em que a motorizada saiu de Hanson Park.

– E condiz com a nossa estimativa dos movimentos dela?

– Sim, com uma diferença de um minuto ou coisa assim. Várias pessoas ouviram-na a sair da zona de estacionamento e estavam a preparar-se para se reunirem de manhã e irem queixar-se do barulho ao Dr. Preston.

Os olhos de Jackman estreitaram-se.

– Qual barulho?

– Ao que parece, a sargento puxou a fundo pelo motor como um puto acelera.

– E alguém a viu realmente a ir-se embora?

– Sim, senhor inspetor. A última pessoa com quem falei disse que o motociclista tinha um capacete com um visor que lhe tapava a cara e um casaco de couro verde e branco.

A mente de Jackman acelerou.

– Charlie, vai ter outra vez com essa testemunha e pergunta-lhe se reparou nas botas ou nas calças do motociclista. Trata já disso e não desligues.

– Certo.

Ao fim de uns quantos longos minutos, Charlie estava outra vez ao telemóvel:

– Ela não viu botas nenhuma, senhor inspetor, e acha que o motociclista estava de calças de ganga ou calças escuras e não de cabedal.

O peito de Jackman contraiu-se de ansiedade.

– Agradece aos vizinhos e volta para aqui o mais depressa que puderes, mas certifica-te de que fica uma equipa aí nas redondezas. Que ninguém os veja, mas que fiquem por perto, para o caso de serem precisos. Ok?

Desligou, mas antes de conseguir pôr Ruth Crooke a par, o telemóvel voltou a tocar. Dessa vez, foi a voz de Max a soar do outro lado da linha:

– Chefe? Já estou a regressar. É a mota da sargento, sem dúvida nenhuma, mas não está ninguém dentro de água. E – continuou – pedi aos bombeiros que me analisassem a mota e ela não caiu na comporta. Foi empurrada lá para dentro. Estava em ponto morto e não tinha a ignição ligada.

Jackman disse-lhe para se despachar a regressar, fechou a tampa do telemóvel e voltou-se para a superintendente.

– Há quanto tempo é que conhece a Marie?

– Há anos. Porquê?

– Alguma vez a ouviu a puxar pelo motor e a berrar como uma desordeira?

– Nunca.

– E se lhe pedissem para descrever o aspeto dela quando estava prestes a arrancar na mota, o que é que diria?

– Que o motociclista era alto e esguio, que usava roupa de cabedal que combinava com as cores preta e verde da moto e que tinha um capacete com um visor que lhe tapava a cara toda e botas de corrida feitas à medida.

Jackman concordou.

– As botas dão nas vistas por causa dos plásticos verde lima. Fariam reflexo com as luzes da rua e ela trazia umas calças de cabedal a condizer, mas as testemunhas não viram nada disso. Acho que a Marie nunca saiu de Hanson Park. Acho que foi apanhada ainda antes de ter chegado à mota.

– Então pegue nos seus dois rapazes e em muitos reforços e revirem Hanson Park de uma ponta à outra.

A cara de Ruth era uma máscara de preocupação.

– A Marie está em grande perigo, não está?

Jackman levantou-se e tirou o colete de proteção contra armas brancas da parte de trás da porta do gabinete.

– Creio bem que está, senhora superintendente.
– Vou reunir uma brigada devidamente apetrechada.
Seguindo-o para fora do gabinete, agarrou-lhe subitamente no braço.
– Sabe onde é que ela está, não sabe? Vejo-o na sua cara.
Jackman apertou os maxilares.
– Não tenho a certeza, senhora superintendente, mas, c’os diabos, quase ia jurar que sim!

Marie estava deitada na cama *king-size* de Guy. Conseguia ouvi-lo a mexer-se numa das outras divisões. O pânico por não conseguir mover um único músculo ainda ameaçava dominá-la, mas Guy tinha-lhe dito que a paralisia era temporária e, sem perceber bem porquê, acreditava nele. Se calhar, para bem da sanidade mental dela, tinha de o fazer.

Marie recapitulou tudo o que tinha acontecido, desde o momento em que tinha compreendido que uma fina agulha hipodérmica lhe estava a furar a pele.

Tinha acabado de desligar depois de ter falado com Jackman quando Guy se inclinara para a frente para lhe abrir a porta. A cara dele tinha uma expressão estranhíssima e ela tinha percebido que havia qualquer coisa terrivelmente errada.

O entorpecimento e a tontura tinham sido quase instantâneos. Tinha-se tornado difícil mexer-se, depois impossível, e ela tinha-o sentido a segurar-lhe no corpo impassível e a deixá-lo escorregar gentilmente para o chão da entrada. Horrorizada, vira Guy a manter-lhe as pálpebras abertas.

– Desculpa, Marie, mas tu és uma detetive tão astuta que não irias levar muito tempo a juntar dois mais dois.

As palavras tinham-lhe chegado de muito longe, mas depressa desapareceram quando um zumbido lhe encheu os ouvidos e o choque e a descrença deram lugar ao terror. Marie tinha tido sempre um medo patológico de entrar numa sala de operações e ser incapaz de avisar que ainda estava acordada. Agora, o pesadelo tornara-se realidade.

Tinha tido a certeza de que ia morrer sem conseguir fazer a mínima coisa para se salvar. E então ouvira-lhe a voz:

– Escuta-me, Marie. Não te vai acontecer nada. Sei que é aterrorizador, mas é apenas um meio para chegar a um fim, garanto-te.

Guy tinha soado calmo, razoável e estranhamente gentil.

– Vou reverter o efeito, mas só quando tiver a certeza de que é seguro fazê-lo.

Guy arrastou-a para longe da porta da frente e ao longo do corredor. A seguir, largou-a, abriu uma porta e enfiou-a para dentro do quarto principal, onde ela se encontrava agora. E depois disse-lhe que tinha de sair.

– A droga não é para fazer os teus pulmões deixarem de funcionar ou o coração parar de bater comigo longe daqui. Acredita em mim, não é fatal. Só te controla os movimentos voluntários sem que percas a consciência, ok? Não vais morrer, Marie. O único problema que terás é se alguma coisa me acontecer, porque se te deixar aqui sozinha durante demasiado tempo, o teu diafragma pode parar de funcionar e isso não seria uma boa ideia.

Ficou calado enquanto lhe içava o corpo impassível para cima da cama.

– Desculpa lá isto.

A ofegar do esforço, começou a tirar-lhe o casaco de cabedal.

– Tenho uns trabalhinhos para fazer e depois vamos conversar – disse e, levantando-se, olhou para ela com uma expressão desolada. – Porque temos mesmo de conversar, Marie.

Enfiou o braço no casaco dela e sorriu.

– Fico contente por não seres uma dessas mulheres magricelas. Isto fica-me um bocadinho apertado, mas não é impossível de vestir.

Ajustou o casaco e disse-lhe:

– Agora, relaxa. Não me vou demorar muito.

Assim que ouvira o arranque ruidoso da sua preciosa Kawasaki, Marie tinha percebido o que ele estava a fazer. Silenciosamente, mandou-o para o inferno.

Durante meia hora, tinha permanecido imóvel na cama enorme, lutando para acalmar os pensamentos frenéticos e baralhados que lhe passavam pela cabeça. Dissera repetidamente a si própria que não ia morrer. Guy tinha-lhe prometido isso. Tinha de tentar pensar numa maneira de sair daquela situação desesperada.

Seria aquilo pura e simplesmente uma horrível escalada louca dos sentimentos que ele nutria por ela? Ou seria Guy o assassino? O que teria ele querido dizer quando referira que ela não levaria muito tempo a juntar

dois mais dois? Mas com certeza que Guy Preston não podia ser o assassino impiedoso que procuravam, pois não? Tinha-o visto em ação e ele tinha-se mostrado cheio de compaixão, dedicação e compreensão. Um assassino em série não podia fazer isso, pois não? Talvez estivesse a proteger alguém. Mas quem? E se fosse isso, por que diabos lhe havia de fazer aquela coisa terrível?

Quem estava ela a tentar enganar? Se Guy era capaz de a aprisionar dentro do próprio corpo – uma pessoa de quem era suposto gostar profundamente –, o que poderia então fazer a uma estranha? O pânico ameaçou dominá-la novamente, mas Marie apercebeu-se de que não podia deixar que isso acontecesse. Esforçou-se por voltar a recuperar um mínimo de calma. Tentando aclarar a mente, pensou em Jackman. Se pudesse sorrir, tê-lo-ia feito. O chefe era o homem mais honesto que já conhecera e, para além do marido, o polícia mais sincero e genuíno com quem já trabalhara. Apesar de ter recebido a melhor das educações e das suas origens privilegiadas, nunca a tinha feito sentir-se inferior. Exatamente o contrário. Fazia-a sentir-se valorizada, como a verdadeira profissional que era. E isso era um bem muito escasso na Polícia de Fenland. Marie sabia que não estava apaixonada por ele nem nada desse género. Continuava a amar Bill e desconfiava que isso nunca se ia alterar. Porém, de todas as pessoas no mundo que poderiam ser capazes de a ajudar, sabia que essa pessoa seria Jackman. O inspetor *ia* encontrá-la. De uma maneira ou outra, ia perceber que Preston estava por trás do desaparecimento dela. Só esperava que o fizesse rapidamente.

Marie enviou a Jackman um pedido de socorro mudo. O tempo não estava do lado dela, porque mesmo que a droga não a matasse, acreditava que depois da tal *conversa*, Guy Preston o faria.

Aprisionada no corpo sem reação, tinha-o ouvido a falar com Jackman ao telemóvel. Guy tinha posto a chamada em alta-voz e ela tivera de sofrer ao ouvir a voz de Jackman, sem lhe poder gritar que a ajudasse.

Marie sentiu a raiva começar a arder dentro do corpo rígido, o calor quase suficientemente forte para lhe derreter os membros congelados. Começou a desejar ter deixado Terence Marcus Austin acabar o que tinha começado. Lamentou amargamente ter salvo a vida a Preston, porque o

psicólogo se tinha transformado numa coisa pior do que qualquer dos pacientes psicóticos dele. Manteve a fúria a arder. Podia ser tão-só isso que a salvaria.

– Lamento ter demorado tanto tempo.

Guy Preston entrou no quarto e colocou um tabuleiro com o que pareciam ser seringas na cómoda.

– Chegou a altura de tratar de ti.

Preston trabalhou rápida e habilmente. Prendeu-lhe os braços e as pernas à cama com cintas grossas e suaves e colocou-lhe uma faixa mais larga à volta da cintura. Depois encheu uma seringa e enfiou-lhe a agulha no braço.

– Isto vai ser superassustador, mas tenta descontrair. Vai passar depressa.

Assim que a agulha lhe saiu do braço, o coração de Marie começou a acelerar. Era quase tão aterrorizador como estar paralisada.

– Mantém-te calma.

A voz de Guy não serviu em nada para a acalmar. Marie ia morrer e o filho da mãe não queria saber. O que quer que fosse que lhe tivesse dado estava a fazer-lhe o peito arfar violentamente e o coração trovejar como um comboio desgovernado. Sabia que o corpo nunca seria capaz de suportar aquela pressão durante muito tempo. Nunca tinha pensado muito na morte até Bill morrer. E depois tinha pensado muito nisso. Contudo, também pensou na vida. E precisava de viver para que aquele monstro, aquele assassino sem coração que a tinha perseguido disfarçado de amigo devoto, fosse afastado da sociedade para sempre.

– Acalma-te! Já te disse, isso vai passar.

Seguiu-se uma pausa longa e depois Guy agarrou-lhe no pulso e mediu-lhe as pulsações.

– Este inibidor de reversão é novo. É rápido, mas não exatamente estável – explicou, dando uns passos atrás. – Provavelmente, vais ter câibras musculares e náuseas durante algum tempo, mas a tua tensão arterial está a descer.

E tinha razão. Marie ainda se sentia com se tivesse um martelo pneumático a trabalhar dentro da caixa torácica, todavia agora já era menos assustador. Respirou tremulamente e tentou abrir a boca.

Os dedos dele taparam-lhe os lábios.

– Não tentes falar ainda. Limita-te a controlar a respiração e a acalmar.

– Como é que te atreves! Meu filho da mãe! – rouquejou ela.

Sentia-se como se o maxilar se fosse partir e os músculos faciais doridos lhe estivessem a gritar.

– Está tudo bem. Não estou espantado por estares zangada – retorquiu Guy e, por instantes, o olhar de cachorrinho magoado voltou. – Só o fiz porque não te queria magoar. Não consegui convencer-me a bater-te.

– Mas conseguiste fazer isto – arranhou Marie. – Quem me dera que me tivesses batido. Conseguia compreender isso, mas fazeres uma coisa tão horrível, tão chocante... – cuspiu. – São maus-tratos, Guy. Uma violação nojenta.

– Lamento que te sintas assim. Pensei que ias compreender, talvez até...?

– O quê? Talvez até estar grata? Seu cabrão tara...!

Marie tentou libertar-se das amarras, mas os músculos rígidos encheram-se de câibras.

– Tens alguma ideia – gritou – do que é estares preso no teu próprio corpo, estares completa e totalmente indefeso?

Os olhos doridos encheram-se de lágrimas e ela voltou a debater-se.

– Por favor, não faças isso. Também peço desculpa por essas coisas – disse ele, apontando para as amarras. – Costumávamos usá-las para a terapia de choques elétricos. Servem para impedir que os pacientes se magoem durante as convulsões.

Sorriu-lhe pesarosamente.

– Só que, neste caso, são para a minha segurança e não para a tua.

– Podes crer, porra!

Guy Preston baixou os olhos para Marie. A seguir, sentou-se na borda da cama, muito perto dela. Soltou um ganido de meter dó e disse:

– Ajuda-me, Marie. Não sei o que fazer.

A fúria de Marie deu lugar ao desnorteamento. Tinha de ter cuidado. Qualquer coisa que lhe dissesse podia exacerbar-lhe a psicose. A tensão saía dele em ondas, como eletricidade estática.

Olhou para ele. Agora, cabia-lhe a ela ser a conselheira e teria de ser tão boa como o Professor Guy Preston tinha sido outrora. Bem, ela tinha dois pontos a seu favor. O primeiro era que ainda estava viva. Guy não a tinha matado. E o segundo era que ele lhe pedira ajuda.

Marie forçou um sorriso com os lábios ainda parcialmente dormentes.

– Queres falar, Guy? Não me parece que vá a qualquer lado neste momento.

Guy Preston pousou a mão em cima da dela. Marie viu uma tristeza imensa na cara marcada pela cicatriz, mas ainda bela.

Guy olhou melancolicamente para a pele enrugada da ferida antiga nas costas da mão.

– Reparei nisso pouco depois de o Terence Marcus Austin ter tentado matar-me.

Olhou para ela durante uns instantes e prosseguiu:

– Não consigo dizer-te quantas vezes é que desejei que *não* me tivesses salvo. Devia ter morrido, Marie. Devias tê-lo deixado espetar-me aquela caneta na artéria carótida.

A mão dele começou a afagar suavemente a dela.

– Começou quando vi os olhos dele. Durante anos, tinha andado a olhar para os olhos de assassinos, mas o Terence Austin era diferente.

Soltou um suspiro.

– Já vira várias vezes um vazio, buracos negros onde deveria ter havido uma alma. Já vira indiferença insensível e, às vezes, maldade pura. Falara com prisioneiros que me tinham dito que o homicídio não significava nada para eles. É fácil, disseram-me. Mas os olhos do Austin tinham qualquer coisa que, em todos os meus anos a estudar assassinios e assassinos, nunca tinha visto. Era uma *conexão*. É a única maneira de o descrever, uma conexão entre ele e a morte. O tipo existia apenas para esse momento único. Tinha o controlo total da vida e da morte e tudo o que lhe interessava era isso, o instante da morte. Era por essa razão que continuava a matar.

Marie também tinha estado suficientemente perto para olhar para os olhos de Terence Austin, mas tudo o que vira fora um predador calculista. Olhou de soslaio para a cara atormentada de Guy e resolveu não partilhar esses pensamentos. Preferiu responder-lhe:

– Não compreendo o que é que queres dizer.

Guy franziu o sobrolho.

– É complexo, especialmente para um leigo.

O olhar carrancudo deu lugar a um sorriso paciente.

– Deixa-me tentar explicar-te. Todos nós temos processos mentais mais elevados, por outras palavras, os nossos sentimentos de empatia. Identificamo-nos com os outros e sentimos as emoções deles – ira, terror ou alegria – como se nós próprios estivéssemos a sentir essas emoções. E a experiência mais extrema é a da morte. Estás a perceber?

Marie estava a fazer um grande esforço, mas respondeu:

– Como quando nos deixamos levar por um filme de terror?

– Sim, o fascínio pela morte ou pelo ato de morrer em filmes ou documentários. É curiosamente empolgante e podemos dizer que é uma parte perfeitamente normal do comportamento humano. Se formos sinceros connosco próprios, todos nós ficamos embasbacados quando passamos por acidentes, não é? Visitamos campos de concentração, vamos ao *Ground Zero* ou fazemos fila durante horas para vermos os cadáveres da *Body Worlds*^[26].

Guy começou a andar de um lado para o outro do quarto enquanto gesticulava.

– Todos nós temos esse fascínio. Ao longo da História, temos tido medo da morte embora nos sintamos atraídos por ela. Sobretudo no que toca ao momento em que a alma deixa o corpo.

– O instante da morte?

Guy suspirou.

– Precisamente. Estudei este assunto mórbido com grande profundidade, mas nunca, nunca cheguei mais perto de o compreender do que quando olhei para os olhos do Austin. Durante um segundo, vi uma identificação total com o instante da morte, a *conexão* dele, enquanto os mecanismos normais do Terence se tornavam patológicos e a emoção humana desaparecia por inteiro. Foi um momento marcante e único.

Marie não queria ouvir mais, mas precisava mesmo de ganhar tempo. Tinha de o manter interessado, fosse como fosse.

– Alguma vez visitaste o Austin depois de ele ter sido preso?

A voz ainda estava rouca e a garganta bloqueada e dorida.

Guy assentiu.

– Muitas vezes. Eu tinha uma ligação contigo, mas tinha uma ainda mais forte com o Austin.

Dirigiu-lhe um sorriso quase pesaroso.

– Ele odiava-te, sabes?

Não tanto como eu o odiava a ele, pensou Marie amargamente.

– Porque o rejeitaste.

– Pois foi, não foi? – disparou ela roucamente, para depois soltar um grito de dor quando um espasmo muscular lhe apanhou a barriga da perna.

Guy massajou-lhe a perna até a dor abrandar.

– Melhor?

Marie assentiu.

– Obrigada.

De repente, tudo lhe pareceu surreal e teve vontade de desatar a rir às gargalhadas. No entanto, Marie sabia que tinha de manter a cabeça fria. Enquanto tinham estado a conversar, tinha reparado que no meio do equipamento usado no tabuleiro que se encontrava em cima da cómoda, continuava uma seringa grande, ainda cheia.

Guy prosseguiu:

– Falei longamente com o Austin sobre o que tinha visto nele. Depois disso, ele começou a confiar em mim – declarou, inclinando a cabeça. – Foi o Austin que sugeriu que eu estudasse a Françoise Thayer. Disse-me que ela tinha aquilo a que ele chamava «a afinidade verdadeira». Que ela era como ele.

Marie assentiu, embora sentisse a frustração a crescer. Por que motivo aquele *professional* não conseguia ver que Austin tinha estado a brincar com ele? Tinha estado a encher a cabeça de Guy com conhecimentos aparentemente profundos sobre a morte, mas durante esse tempo todo tinha estado apenas a fazer o que os assassinos em série faziam sempre, a alimentar um ego doentio.

– Não fazia ideia do quanto ele te afetou, Guy – disse-lhe. – Lamento imenso.

– Gostaria de dizer que a culpa não foi tua, mas, realmente, suponho que até foi – respondeu ele, olhando para ela de uma maneira estranha. – Quase fiquei desapontado quando o Terence não me matou. Aquele olhar foi tão poderoso que selou o meu destino para sempre. E tinha de ver aquilo outra vez.

– Não sei o que dizer.

E como era verdade, pensou.

– Tu e eu, nós costumávamos falar daquilo que aconteceu naquela sala e eu sempre quis perguntar se não terias talvez, e apenas talvez, visto o mesmo.

– Sou uma agente da polícia, Guy. Vi uma situação má a explodir. Agi instintivamente para te proteger. Nunca vi o que tu viste.

Guy levantou-se. Depois, para surpresa de Marie, deu umas palmadas na almofada ao lado da cabeça dela para a tornar mais fofa e deitou-se ao lado dela. Enfiou a mão na dela e soltou um ruídozinho de contentamento.

– Por favor, não penses que não gostei do que fizeste porque houve alturas, dias em que estava ocupado e o trabalho era intenso, em que quase me esqueci do Terence Marcus Austin. Estava quase liberto daquilo que tinha acontecido. Eu ainda funcionava e, por mais estranho que fosse, funcionava muito bem.

Aproximou-se mais dela. Marie tentou não se afastar instintivamente.

– Mas tu sabes como é que é a obsessão, não sabes? Uma recordação minúscula, um cheiro da garrafa ou uma dose de droga e estás outra vez nisso. O problema foi que nunca voltei a ver aquele olhar. Por muitos assassinos que visse, eles simplesmente não o tinham.

E então foste à procura disso.

De repente, Marie compreendeu. Não só Guy queria vê-lo nos outros, também queria senti-lo nele, *ser* esse olhar. Em termos profissionais, tinha passado a vida inteira ao lado da morte e de quem a praticava, mas tinha sido um estranho. Nunca tinha conseguido identificar-se de facto com isso, só podia conjecturar, o que não lhe chegava. E depois de ter visto a mente de Terence Marcus Austin a funcionar, Guy queria compreender mesmo. Vivê-lo.

– E encontraste alguma vez o que procuravas? – perguntou ela.

– Não.

Então, percebeu rapidamente, era essa a causa da tristeza avassaladora dele. Tinha matado para nada. Não havia nada ali. Devia ter sido como ser capaz de assaltar as caixas-fortes do Banco de Inglaterra e encontrá-las vazias.

– A primeira, aquela enfermeira, a Julia Hope, foi um acidente.

A voz dele soava outra vez monótona e desapaixonada, mas a confissão foi como um toque a finados para Marie. Agora, dificilmente Guy a deixaria ir-se embora.

– Andava a dar-lhe consultas a título pessoal há mais de um mês. Ela estava a mostrar sinais de uma doença psicótica grave e eu quis que ela fosse admitida no hospital para ser avaliada. Sabia que seria perturbador para ela, mas tinha a certeza de que a Julia seria capaz de lidar com a verdade.

Soltou um suspiro.

– Mas não foi. Tentei acalmá-la, mas ela perdeu por completo as estribeiras e atacou-me. Empurrei-a e ela caiu e bateu com a cabeça.

– Mas não morreu logo nessa altura, pois não?

Guy sorriu e apertou-lhe a mão afetuosamente.

– Estás a ver, sempre me compreendeste, Marie. Não, tens toda a razão, ela não morreu logo nessa altura. Mas quando vi aquele sangue todo, percebi que me tinham dado uma oportunidade para sentir o que o Austin sentiu e questioneei-me se talvez...

Marie sentiu-o a estremecer.

– Quando, finalmente, ela acabou por morrer, compreendi que tinha lidado com aquilo tudo de forma completamente errada. O Terence Austin tinha-se mostrado tão sereno como um barco sem vento quando me atacou. E eu tinha estado quase desvairado.

Soltou uma pequena gargalhada.

– E depois de me ter livrado dela naquele *pub* abandonado, soube que não tinha outra opção a não ser voltar a tentar. A ponte tinha sido atravessada. Não tinha nada a perder e precisava de encontrar aquele êxtase em falta.

– E então fizeste com que parecesse que estávamos a lidar com um assassino em série?

Ao fazer aquela pergunta, Marie sentiu-se ela própria quase paranoica, porque Guy *era* um assassino em série. Só que não se via como tal.

– Exatamente! E estranhamente, nessa altura precisa, vi-me a braços com uma superabundância de mulheres malucas a precisar da minha mestria muito privada, da minha porta sempre aberta, do meu modo sensível de escutar e, claro, da minha provisão inesgotável de antidepressivos por baixo da mesa.

– Que maravilha ter uma tal variedade de vítimas adequadas por onde escolher – murmurou Marie. – E como tinhas estudado assassinos durante a maior parte da tua vida, em especial a Françoise Thayer, enfeitaste as

cenas dos crimes. Encenaste-as só para nós. Tenho razão?

Subitamente, Guy soergueu-se apoiado num cotovelo. Virou-se para Marie, a cara apenas a centímetros da dela. Tinha uma expressão resplandecente de entusiasmo.

– Consegues imaginar a minha surpresa quando a Ruth Crooke me pediu para ajudar como consultor?

Soltou uma gargalhada.

– Era demasiado ridículo! Ela queria a minha opinião de perito sobre os meus próprios assassinatos. E quando ela me contou que havia um jovem iludido a andar por aí convencido de que era o filho da Françoise Thayer e de que ele é que era o assassino! Bem...

Abanou a cabeça.

– Parecia uma farsa macabra do Whitehall.

De repente, ficou sério.

– Mas claro, nessa altura já tinha descoberto que eras *tu* a detetive-sargento encarregada do caso. Foi quando deu tudo para o torto, Marie. E agora não sei o que fazer.

Olhou pensativamente para ela e passou-lhe as costas da mão ao longo da face.

– Contigo.

Jackman, Max e Charlie estavam parados em silêncio nas sombras, à espera.

Quando estava no gabinete da superintendente e Ruth Crooke lhe tinha perguntado se sabia onde Marie estava, o inspetor tinha voltado a ouvir a voz de Guy Preston ao telemóvel. O homem estava a fazer tudo para garantir que Jackman acreditava que Marie já se tinha ido embora. Subitamente, tudo o que o psicólogo tinha dito lhe soou a falso. A pulseira, a hipótese de um acidente com a motorizada, tudo com a intenção de o enganar.

Preston tinha uma fixação por Marie. Já a tinha há anos. Jackman mordeu o lábio inferior. Teria Preston, finalmente, levado esse fascínio um pouco mais longe? Ou teria feito qualquer coisa ainda pior?

Estavam reunidos no jardim comunitário no exterior do bloco de apartamentos em Hanson Gardens. Encontravam-se acompanhados por uma equipa de polícias fardados e as duas carrinhas que levavam a unidade armada estavam a descarregar silenciosamente os ocupantes numa estrada de serviço nas traseiras dos apartamentos.

A preocupação com a segurança de Marie fazia com que cada um deles quisesse arrombar a porta aos pontapés, correr lá para dentro e libertá-la, mas a experiência dizia-lhes que a situação exigia a maior das cautelas. Para começar, não sabiam o que iam encontrar. Um movimento errado e seria o último caso de Marie, se não o fosse já. Estavam todos penosamente conscientes de que podiam encontrar um cadáver naquele apartamento e não uma prisioneira.

– Sabemos qual é a localização exata do apartamento do Preston? – perguntou Max baixinho.

Charlie inclinou-se para a frente e desdobrou uma folha impressa, um planta dos andares do edifício.

– É o apartamento do jardim. A última porta do corredor. E tem uma saída, uma janela envidraçada que abre para as traseiras.

– O pessoal fardado já tem isso vigiado – disse Jackman.

Tinha a boca seca. Tudo parecia estar a levar uma eternidade. E não tinham muito tempo. Cada segundo contava.

– Avançamos quando quiser, Inspetor.

O chefe da equipa fardada tocou-lhe ao de leve no braço.

– Os agentes já estão todos a postos e devidamente armados.

Jackman observou as sombras. Os homens de preto estavam ali, invisíveis, todos com as espingardas apontadas às janelas do apartamento de Jackman.

Três homens com coletes volumosos à prova de bala, capacetes e espingardas nos braços aproximaram-se dele.

Jackman engoliu em seco e depois deu um passo em frente.

– Ok, sigam-me.

[26] N.T.: Exposição itinerante que exhibe corpos e partes de corpos humanos e de animais preservados e preparados com a técnica de plastinação para revelar o interior de estruturas anatómicas.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Guy Preston estava agora sentado aos pés da cama. Parecia cansado e macilento.

– Calculo que não vá levar muito tempo até o teu inspetor chegar no cavalo branco dele.

– Não me parece. Ele não faz ideia do teu envolvimento – retorquiu Marie, tentando parecer convincente. – Ele dá valor à tua opinião. Leu os teus ensaios e as tuas teses e admira o teu trabalho. Vai acreditar tanto que estás implicado como eu acreditei.

– Até veres a faca na minha máquina de lavar a louça.

Claro! Teve vontade de rir alto. Evidentemente, tinha-a visto, mas nem sequer se tinha dado conta disso. Devia tê-lo feito. Um homem que não cozinhava não ia precisar de uma faca de *chef* para fatiar superprofissional. Tentou que a voz parecesse calma quando lhe respondeu:

– Sabes uma coisa, Guy? Isso nunca me passou pela cabeça.

– Não me mintas, Marie. Estavas nervosa, estavas ansiosa por te ires embora. E tudo isso aconteceu depois de teres metido as canecas na máquina da louça.

– Estás enganado, Guy. Eu só queria recomeçar a procurar o Daniel e a Skye. Não gosto de ficar parada quando há trabalho para fazer.

Guy esfregou os olhos.

– Bem, tenho a certeza de que terias estabelecido essa ligação até ao fim da noite. Sabia que não te ia enganar durante muito tempo. Por isso, acho que chegou a hora.

Marie olhou para o tabuleiro onde estava a seringa.

– Isso é para mim? Ou para ti?

Guy inspirou fundo.

– Não vai doer nada e vai ser muito rápido. É a minha última oportunidade, eu sei. E, desta vez, sei que vai resultar. Quando te matar, vou finalmente descobrir aquilo que o Terence Austin sabia. Ao fim de todos estes anos a andar às apalpadelas na escuridão, vou compreender verdadeiramente. Sempre gostei de ti, Marie. Durante o tempo todo que estive no Norte, nunca te esqueci. Mesmo quando casei com a Sara – encolheu os ombros e continuou, – fi-lo pelo intelecto e pelo belo cérebro académico dela. Mas nunca tivemos a ligação profunda que sempre senti por ti.

– Como é que ela morreu?

Marie questionou-se se deveria ter feito aquela pergunta.

– Conforme acabei de te dizer, casei com a Sara pelo cérebro dela.

Soltou uma pequena gargalhada amarga.

– E ela começou a manifestar muito cedo sintomas de demência. Carma, hem?

– E também a mataste?

– Pensei nisso. Tanto para bem dela como para o meu, mas ela adiantou-se. Meteu-se à frente de um trator que puxava um atrelado carregado de beterraba.

– Isso é pavoroso.

– Foi pior para o condutor do trator. Pobre homem. Acompanhei-o durante meses depois do incidente.

Marie sentiu-se como Alice no País das Maravilhas, conversando amigavelmente com o Chapeleiro Louco – um triplo homicida que se preocupava profundamente com as pessoas.

– Mas o tempo está a passar. Preciso de tomar uma decisão final e avançar. Não quero que seja o invulgarmente inteligente DI Jackman a fazer essa escolha por mim.

Guy levantou-se e dirigiu-se para a mesinha de cabeceira. Voltou para a cama carregando o tabuleiro e sentou-se de novo.

– Acreditas que eu nunca planeei isto, não acreditas, Marie?

– Sei que não, mas não tem de ser assim.

Guy soltou uma gargalhada suave.

– Acho que tem.

O tempo estava a esgotar-se e Marie sabia que não tinha feito o suficiente para se salvar.

Jackman! Onde é que está?

– Posso fazer-te uma pergunta? – questionou Marie.

Com os olhos na seringa, Guy assentiu com a cabeça.

– Amas-me?

Guy assentiu devagarinho.

– Então deixa-me viver. Deixa-me recordar-te como o homem bom, o amigo, o médico que tentou ajudar tantas pessoas.

– Rejeitaste o Terence Marcus Austin e agora queres rejeitar-me a mim?

Marie sentiu-se a explodir.

– Raios partam! Então mata-me se tens de o fazer, mas estou a dizer-te, neste preciso instante, que vais voltar a ficar desapontado, porque nunca irás *sentir* o que o Terence Austin sentiu. Nunca! Porque, independentemente do que tenhas feito, não és um assassino nato e o Austin era. Era um animal, um exterminador de crianças e adultos. Era frio como a própria morte. Não tinha coração, Guy. E tu tens porque *tu* tens a capacidade de amar. Não vai haver um momento eureka, nenhuma ligação mística ou mágica, porque ela não existe! Se pudesse, dir-te-ia para fugires, para desapareceres antes que o Jackman perceba o que está a acontecer – disse-lhe quase melancolicamente. – Mas não posso. Não posso permitir que ponhas mais vidas em risco. Pediste-me ajuda e agora estou a dar-ta. Lamento, Guy, mas ou me matas ou telefonas ao Jackman e esperamos juntos até ele cá chegar.

Guy pôs-se em pé rigidamente, com a seringa na mão, e aproximou-se dela.

Sem perceber bem porquê, Marie não se sentia assustada. Sentiu uma aceitação calma a pairar sobre ela como uma névoa do brejo. Talvez fosse mesmo a vez dela. Pelo menos, ficaria com Bill. Olhou para os olhos de Guy Preston e viu o sofrimento atroz e os estragos que o trabalho dele com um assassino perverso tinha provocado. Marie sorriu-lhe, o tipo de sorriso que só oferecemos a um amigo querido.

– Está tudo bem, Guy. Confio que vais tomar a decisão certa.

– E vou tomar, Marie. Porque há outra solução.

Inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios, depois recuou e espetou a agulha bem fundo na coxa.

– Não! – gritou Marie. – Não! Assim não! Guy!

Preston olhou serenamente para ela enquanto carregava no êmbolo até ao fim.

– Ganhaste, Marie. O Jackman bem me disse que tinhas sempre razão.

CAPÍTULO TRINTA

Jackman ia à frente da equipa que avançou em magote para o bloco de apartamentos de Hanson Park. Não era um herói, mas aquela noite era diferente. Marie precisava dele. Não a deixaria ficar mal.

Quando o agente mais pesado e matulão se afastou da porta despedaçada, o inspetor entrou de um salto, a gritar o nome dela. E exatamente antes de o alarme começar a berrar no prédio inteiro, ouviu-a a chamar pelo nome dele.

Com Max e Charlie coladinhos a ele, correu na direção do som da voz dela.

A cena no quarto principal parecia algo tirado de um conto de fadas. A mulher linda estendida na cama, com o amante morto no chão ao lado dela.

Mas Jackman via apenas uma coisa. Marie. E ela estava viva.

– Foda-se, porra! – exclamou Max, quebrando o feitiço.

– Chamem as urgências! – gritou Jackman enquanto corria para o lado de Marie. – E arranjem alguém para desligar aquele maldito alarme!

– Ele está morto – sussurrou Marie roucamente, a olhar para o corpo quieto de Guy.

Olhou para Jackman com olhos lacrimejantes.

– Afinal de contas, foi ele. Incrível, não é?

O inspetor começou a desatá-la.

– Julguei que íamos chegar demasiado tarde.

Olhou para ela, a adrenalina ainda a percorrer-lhe o corpo.

– Ele ia matar-te, não ia? Devia ter percebido mais cedo. Devia ter compreendido! Lamento muito, Marie.

– A verdade, patrão, é que estou a ficar um bocadinho farta de que as pessoas me peçam desculpa. Durante a última hora, tive um psicólogo ilustre a dizer-me como lamentava ter de me matar. E isso depois de se

desculpar profusamente por me ter enfiado uma droga paralisante qualquer porque gostava demasiado de mim para me bater na porra da cabeça!

Jackman desatou a última amarra e Marie esforçou-se para se sentar.

– Bem vistas as coisas, tem sido uma noite de merda.

Marie olhou para ele com uma expressão furiosa e depois reventou em lágrimas.

Jackman sentou-se ao lado dela e abraçou-a.

– Ei, agora estás a salvo. Mas precisamos de te levar para o hospital. Sabes que drogas é que ele te deu?

Marie abanou a cabeça, limpou os olhos e depois apontou para a bandeja aos pés da cama.

– Acho que as seringas usadas estão ali, com os frascos.

Expirou ruidosamente e depois voltou-se para o inspetor, a boca ligeiramente aberta como se lhe tivesse acabado de ocorrer uma ideia.

– Jackman! A minha motorizada! Ele levou-a. Onde é que ela está?

– Ah..., bem, sabes aquilo que disseste sobre estar a ser uma noite de merda...?

Max juntou-se à conversa:

– Ainda ficou pior, sargento. A tua mota está em Blackland Sluice. Não, estou a mentir. Na verdade, está caída na margem de uma poça de detritos do rio.

Marie fulminou Preston com os olhos.

Charlie sorriu.

– Acho que não seria de bom gosto se lhe desse um pontapé, sargento – disse-lhe ele, sorrindo ainda mais abertamente. – Mas isso é apenas a minha opinião.

Na ambulância, Marie sentou-se na borda da maca.

– Estou bem, patrão. Cancele isso de me mandar para o hospital. A única coisa que quero é ir-me embora daqui.

Jackman olhou para os paramédicos.

– Como é que ela está?

– Os sinais vitais estão invulgarmente bons, inspetor.

O paramédico vestido de verde parecia ligeiramente surpreendido.

– Mas nós não temos qualificações para avaliar os efeitos secundários ou as reações tardias a drogas específicas. Aconselho-a fortemente a fazer um *check-up* nas Urgências.

– Ouviste o homem.

– O Preston garantiu-me que não haveria efeitos secundários, patrão. Só algumas náuseas e câibras. E sabe uma coisa? Acredito nele – atirou, dirigindo-lhe um olhar comovedor. – Por favor?

– Não devias ficar sozinha em casa. Depois de tudo por que passaste, não.

Marie sentiu que o inspetor estava a amolecer.

– Olhe, vai-me ser difícil desligar depois disto tudo, não lhe parece? Leve-me para a esquadra. Se começar a sentir-me mal, prometo que vou direita para o hospital.

Jackman fez uma careta desesperada ao paramédico.

– Já não é a primeira vez que tento discutir com ela, sabe? Ainda nunca ganhei.

– Podia puxar dos galões, *detetive-inspetor* – respondeu o homem contundentemente.

– Pois podia, mas não tenho vontade de morrer.

– Bem, não podemos obrigá-la a ir – disse o paramédico, voltando-se para Marie. – Mas tenho de garantir que compreende que isto é contra a opinião médica. E vai ter de assinar um termo de isenção de responsabilidade.

– Não se preocupe. Se as coisas derem para o torto, não vos processo – respondeu Marie secamente, levantando-se. – E obrigada por me terem examinado.

Depois de assinar o formulário, acompanhou Jackman até ao carro, com a mão no ombro dele.

– Vai ter de recolher as minhas informações, patrão. E prefiro que isso seja o quanto antes.

– Vamos voltar e enfiar-te um café forte e a seguir tratamos do assunto, está bem?

Kevin sentou-se vacilantemente. Ao princípio, estava desorientado, incapaz de compreender o que tinha acontecido ou onde estava. A cabeça pulsava-lhe e lutou contra a vontade de vomitar.

Aos poucos, começou a recordar-se. Estava na casa dos Kinder. E não devia estar.

Tocou cautelosamente na testa e sentiu o alto. Estremeceu com a dor e fechou os olhos até ela passar. Pensou nas instruções relativas às lesões na cabeça. Tinha estado inconsciente durante quanto tempo? Tinha estado agoniado? Estava a sangrar? Achava que não, mas um bocado de luz seria uma ajuda. Apalpou em redor à procura da lanterna, mas não a conseguiu localizar. Foi então que se lembrou da razão por que se encontrava ali. Tinha visto um interruptor na parede.

Kevin levantou-se, encostando-se à parede, e passou a mão ao longo dela. Isso pô-lo tonto, mas um minuto ou dois depois encontrou o interruptor e a cave pequena viu-se inundada de luz. Estremeceu e fechou os olhos. Quando os abriu, conseguiu ter por fim uma imagem mais nítida do sítio onde se encontrava.

Subiu o degrau que o tinha feito cair e olhou em volta. Havia prateleiras cheias de caixas e de contentores de plástico com químicos e produtos de limpeza para a piscina, além de uma quantidade de outros artigos desnecessários. Cadeiras dobráveis para o pátio estavam encostadas a uma pilha de sacas de briquetes para churrasco. Chapéus de sol coloridos, um conjunto de bolas e uns tacos de croquet estavam amontoados num canto. Estava tudo coberto de pó e terra.

Kevin deixou-se cair numa mesa de jardim com a forma de um barril e tentou pensar no que fazer a seguir. Sentia-se pessimamente. O pescoço estava rígido da chicotada quando a cabeça batera na parede. Os dentes doíam-lhe de terem chocado uns com os outros e a cabeça latejava-lhe horripelmente. Todavia, tinha vindo fazer um trabalho e seria estúpido pôr-se a andar agora, sendo aquele o único sítio que faltava revistar.

Com um gemido, levantou-se e, relutantemente, começou a dar a volta à divisão.

Estava a meio quando viu o sangue. Não era muito, apenas uma mancha. Tocou na testa e depois olhou para os dedos. Estavam secos. A pele estava inflamada e inchada, mas não tinha sangue.

Aproximou-se mais da risca escura de sangue castanho avermelhado que manchava a tampa da caixa de cartão. A caixa, que outrora tinha contido pacotes de batatas fritas, estava cheia de roupa ensanguentada. Levantou uma peça de tecido com o indicador e o polegar e viu que era uma camisa de xadrez vermelho. Por baixo, estava um par de calças de sarja manchadas, uma *T-shirt* preta e outras peças de roupa.

Kevin inspirou fundo. Agora que raio devia fazer? Uma parte dele tinha duvidado que a coisa chegasse alguma vez àquilo e agora que tinha mesmo chegado, sentia um vazio gelado. Não ia safar-se com outra chamada anónima e estávamos a falar de provas vitais.

Com um suspiro, resolveu que havia apenas uma única pessoa de quem se conseguia lembrar que talvez o pudesse ajudar. Voltou a pôr cuidadosamente a tampa na caixa e depois sentou-se na mesa velha e tirou o telemóvel do bolso. Ligou-o, encostou-se à parede da cave e ficou a ver enquanto o aparelho procurava rede. Kevin mexeu-se um bocadinho – tinha um cano de água a enterrar-se desconfortavelmente na omoplata – e depois endireitou-se repentinamente, pondo-se à escuta.

Vozes? Inclinou a cabeça para o lado e depois aproximou o ouvido do cano.

Pelo meio da trovoada provocada pela dor de cabeça, ouviu vozes baixas que ecoavam de um sítio qualquer lá em cima e, para sua grande consternação, percebeu que não estava sozinho na casa. Se era outra equipa de polícias, estava metido numa bela merda, mas se fosse o dono daquela roupa manchada de sangue, podia estar metido numa coisa muito mais desagradável.

Lamentando amargamente ter saído de casa, decidiu voltar para o jardim e ver se a equipa de vigilância estava a dar uma volta de rotina à propriedade. A seguir, acontecesse o que acontecesse, ia pôr-se a mexer, regressar à segurança da paragem do autocarro e fazer a chamada.

A cabeça batia violentamente a cada passo, mas depressa se encontrou no pátio a respirar o ar fresco da noite. À volta, estava tudo calmo. Não havia luzes na casa e não havia polícias a espezinhar o restolho do jardim negligenciado. Contornou o edifício e viu o carro da polícia, ainda estacionado e ainda com dois agentes entediados lá dentro.

Quem estaria então na casa?

Olhou para as janelas escuras e estremeceu. Não ia esperar até voltar para a estrada para fazer a chamada, mas ia afastar-se da casa para que não o ouvissem a falar.

Esquecendo as dores, Kevin voltou a correr para os arbustos, saltou a vedação e deixou-se cair agachado no chão. Abriu a tampa do telemóvel e, aliviado, viu que tinha um boa rede.

– Vá lá! Vá lá! Atende! – sussurrou.

Em seguida, acrescentou para si próprio:

– *Porque não sei bem porquê, mas estou assustado. Estou mesmo muito assustado.*

No regresso à esquadra e enquanto conduzia, Jackman viu que a sargento estava a começar a relaxar. Era a mulher mais forte que conhecia e já estava a mostrar sinais da velha Marie.

Max e Charlie iam sentados no banco de trás, na galhofa e a fazer piadas constantes de humor negro e ajudavam a aliviar a tensão.

Jackman estava a contar-lhes o telefonema que recebera de Skye quando o telemóvel de Max emitiu o toque mais recente que ele tinha escolhido: uma sirene da polícia.

– Quem me dera que mudasses esse toque – resmungou Jackman baixinho. – Já ouvimos isso mais do que a conta.

– Preferia a versão *reggae* da *Any Old Iron*^[27] – acrescentou Marie.

Quem quer que fosse que estava a ligar para Max levou um bom bocado a transmitir a mensagem e ao fim de uns resmungos e murmúrios de concordância, o detetive acabou por dizer:

– Certo, companheiro, agora ouve, aguenta-te aí. Estou neste preciso momento com o chefe e vamos ter aí contigo dentro de cinco minutos, ok?

Max fechou a tampa do telemóvel e tocou no ombro de Jackman.

– Chefe? Temos de ir para a casa dos Kinder. Está alguém lá dentro, mas não há luzes acesas e estão lá sem o conhecimento das equipas de observação no exterior. Jackman abrandou imediatamente.

– E quem é que estava a falar contigo?

Max inspirou rapidamente antes de responder:

– O Agente Kevin Stoner, senhor inspetor. Estava a seguir um palpite, embora esteja suspenso neste momento.

– Em que raio é que ele está a pensar? Porra de idiota!

– Ele é bom tipo, chefe. Vai explicar tudo quando lá chegarmos.

– E porque é que não chama simplesmente a equipa que está no exterior para fazer um reconhecimento? Por amor de Deus, o mais provável é ser o Daniel. E tenho um pressentimento de que a Skye já lhe deve ter dito que não é nenhum assassino, por isso, provavelmente, ele limitou-se a ir para casa tentar pôr a cabeça em ordem.

As palavras de Jackman não possuíam convicção nenhuma.

– Não havendo luzes acesas? E sem que os agentes da polícia o vissem a entrar? Muito duvidoso.

– É complicado – respondeu Max. – Mas se a sargento estiver disposta a isso, o Kevin confia em si e ele tem a certeza de que há qualquer coisa errada.

Jackman olhou de relance para Marie.

– Vamos – respondeu ela de imediato. – Preciso de uma coisa que me faça esquecer os últimos acontecimentos. Vamos lá!

Jackman fez inversão de marcha e acelerou pela rua principal em direção ao rio.

– Ok, Max. Deduzo que queiras uma aproximação muito, muito suave?

– O Kevin Stoner vai ficar num belo sarilho se toda a esquadra souber o que é que ele anda a fazer. Ele tem estado escondido no jardim de um vizinho, mas vai dirigir-se para uma paragem de autocarro no cruzamento. Encontra-se connosco lá.

– Ok. Vamos ouvir o que ele tem a dizer e a seguir alertamos os agentes no posto de observação e vamos investigar a casa.

Olhou para Marie.

– Ainda não estou muito seguro em relação a ti. Aqueles paramédicos queriam que fosses para o hospital e não que andasses na rua à procura de intrusos.

Marie dirigiu-lhe um sorriso presunçoso.

– Lembra-se do que é que disse sobre nunca ganhar numa discussão comigo?

– Sim, mas...

– Eu esqueceria isso, patrão – soltou Max lá de trás. – Desconfio que vai perder.

– Ele tem razão. Limite-se a guiar – interveio Marie. – Também tenho um pressentimento estranho em relação a isto.

Estacionaram na rua principal e foram a pé até ao sítio onde Kevin os esperava nas sombras.

– É bom que isto seja uma coisa a sério, Stoner – grunhiu Jackman. – Que raio é que estás a fazer aqui? E como é que arranjaste o raio de um galo tão grande na cabeça?

– A cabeça não interessa, senhor inspetor. É que, quando eu estava em casa, comecei a pensar no que alguns dos tipos disseram sobre o Daniel Kinder. Que talvez ele também estivesse lá quando fizeram a rusga à casa para apanhar o Drew Wilson e o gangue dele.

As palavras saíam em turbilhão da boca do jovem agente:

– Depois, questionei-me, se eles tivessem razão, o que é que ele estava lá a fazer? Afinal, supunha-se que ele tinha tomado comprimidos para dormir em casa da Skye Wynyard e que estava completamente apagado, não era?

Max assentiu com a cabeça.

– Foi o que ele disse aos agentes que o foram informar do assalto.

– Então quer dizer que ou mentiu ou estava a ter uma das crises dele – acrescentou Charlie.

– E se mentiu, porque é que o fez? O que é que ele estava a fazer ali? – perguntou Marie, a olhar pela estrada fora até à propriedade dos Kinder.

– Foi o que eu pensei, sargento – respondeu Kevin. – E embora eu saiba que a casa foi revistada quando estavam à procura do Kinder, pensei ir até lá pela calada e dar uma boa vista de olhos aos anexos para ver se ele tinha estado a esconder alguma coisa.

– Como o quê? – perguntou Jackman.

Kevin olhou com um ar muito sério para ele.

– O que é que um possível assassino esconderia? Achei que uma arma ou roupa ensanguentada.

– Mas ele *não* é o assassino – disse Jackman baixinho. – Só que não podias saber isso, Stoner. Temos o nosso assassino. Ele foi...

Hesitou.

– Foi descoberto e apreendido há umas horas aqui pela nossa sargento Evans. É por isso que não me estou a lançar para aquela casa com as armas em riste. O Daniel não é o nosso assassino.

A boca de Kevin abriu-se de espanto.

– Mas... mas eu encontrei roupas ensanguentadas, senhor inspetor. Há uma caixa cheia delas, numa pequena cave por baixo da sala do jacúzi – disse, inspirando tremulamente. – E ouvi sussurros a ecoar pelo sistema dos canos de água vindos do andar de cima. Está lá alguém com toda a certeza, senhor inspetor. E pensando melhor, acho que o sistema de alarme está desligado.

– Então é melhor irmos ver – retorquiu Jackman, olhando pensativamente para o jovem polícia. – Vai para casa, Stoner. Já estás metido em sarilhos suficientes. Vou dizer à equipa que está lá fora que recebemos uma chamada de uma pessoa que viu um possível intruso.

Soltou um suspiro.

– Mas nós os dois precisamos de ter uma longa conversa mais tarde, rapaz. E, a propósito, vai ver dessa cabeça. Podes ter um traumatismo. Agora vai-te embora.

Kevin Stoner dirigiu-lhe um sorriso de alívio.

– Obrigado, senhor inspetor. Nem consigo dizer-lhe quanto lhe agrade...

Jackman interrompeu-o.

– Põe-te a andar, Stoner. Temos trabalho para fazer.

Kevin Stoner virou costas e, com um aceno de agradecimento silencioso para Max, apressou-se a desaparecer na noite.

Daniel estava sentado no chão do sótão a olhar fixa e silenciosamente para a faca de cozinha com uma lâmina comprida que estava deitada no colo dele.

À frente do namorado, sentada de pernas cruzadas e encostada à parede mais afastada, estava Skye. A rapariga não fazia ideia de há quanto tempo lá estavam, mas parecia-lhe muito.

Tinham-se dirigido para a casa atravessando os jardins dos vizinhos e esgueirando-se lá para dentro pela porta das traseiras, que não estava a ser vigiada. Subir as escadas até ao sótão na escuridão total fizera disparar o

coração de Skye, mas não se tinham atrevido a acender uma luz nem a usar uma lanterna com medo de atrair a atenção dos agentes que se encontravam dentro do carro da polícia.

Daniel não tinha falado desde que tinham chegado a casa dele e Skye sabia que precisava de ser muito mais inteligente do que alguma vez fora para impedir que o seu querido e perturbado Daniel fizesse alguma coisa de que se fosse arrepender amargamente.

De alguma maneira, lá conseguiu arranjar coragem para falar e rezou para que tivesse escolhido as palavras certas:

– Falei com a Ruby. Ela está a caminho de casa para estar contigo, Daniel, mas contou-me uma coisa muito importante e quer que eu ta explique.

O silêncio dele podia querer dizer tudo e mais alguma coisa, por isso Skye continuou:

– Ela sabe tudo sobre a tua mãe biológica, Daniel, e não é a Françoise Thayer.

Na obscuridade cheia de sombras do sótão, viu Daniel a estremecer. Depois ouviu-o soltar uma risadinha rouca que a fez arrepiar-se.

– Eles disseram-te para me dizeres isso, não disseram? A polícia: eles disseram-te para me convenceres de que isto está tudo na minha cabeça.

Voltou a soltar aquela risadinha rouca.

– Eu sabia que o fariam. São *tão* previsíveis.

– A única pessoa que me pediu para falar contigo foi a Ruby. E ela não te iria mentir.

Skye adotou um tom mais severo:

– A polícia disse-me para não me aproximar de ti, Daniel. Não querem que eu fale contigo.

– Se calhar, têm razão – respondeu ele, passando o dedo ao longo da lâmina da faca. – Se calhar, devias ter-lhes dado ouvidos, Skye.

– Tens de saber a verdade. E quero ser eu a falar-te da tua infância – insistiu ela, inspirando fundo – porque não é muito agradável.

– Estás a perder o teu tempo, minha querida – respondeu Daniel, soltando um grande suspiro. – Porque o Guy Preston já me disse tudo o que eu precisava de saber. Tenho a mesma doença que ela, que a minha mãe, a Françoise Thayer. Está-me no sangue.

Soltou uma gargalhada aguda.

– Literalmente – prosseguiu, baixando a voz para pouco mais do que um sussurro. – E também tenho a mesma propensão para matar. Ele disse que ia tentar ajudar-me, mas todos nós sabemos que é demasiado tarde. Certamente que o é para aquelas três mulheres e talvez também para ti.

– A Françoise Thayer não é a tua mãe! – gritou-lhe Skye. – A tua mãe chamava-se Lucy Carrick e também era uma assassina, já que tens de saber. Matou os teus dois irmãos e também tentou matar-te!

Pronto, estava finalmente dito. Sem nenhuma gentileza simpática e cuidadosa, como ela tinha planeado, a informação tinha-lhe sido simplesmente gritada. E agora que Skye já tinha arrancado, não conseguia parar:

– É por isso que tens falhas na tua memória. É por isso que estás tão baralhado, Daniel. Ela fechou-te num carro cheio de monóxido de carbono! Quase morreste e depois ficaste doente durante anos. Pergunta à Ruby! Pergunta-lhe! Ela conta-te essa triste história toda.

De repente, Skye sentiu-se como se o ar lhe tivesse desaparecido por inteiro do corpo, como se já não tivesse nada para dar.

– Estás a mentir. Tens de estar.

Daniel agarrou na faca com as duas mãos e balançou-se para trás e para a frente.

– *Tens* de estar!

Skye queria abaná-lo, e também queria abraçá-lo, mas, mais do que tudo, queria chorar. E foi o que fez. Não sabia o que Daniel faria e, naquele momento, não queria saber mesmo. Já não estava nas mãos dela.

Jackman deu à equipa de observação a mais curta das explicações para toda uma equipa de detetives lhes ter aparecido no terreno a perguntar sobre um simples intruso. Mas, para seu alívio, não o questionaram. Ainda não lhes tinha sido dito para se retirarem e por isso, no que lhes dizia respeito, ainda havia um assassino em série à solta. Podia ter chegado metade da Polícia de Fenland que isso não os teria ralado.

– Têm uma chave? – perguntou Jackman.

– Sim, senhor inspetor. Temos estado a fazer uma ronda de duas em duas horas. E isto é o código do alarme – respondeu um dos agentes, entregando uma folha de papel a Jackman.

– Certo, então vocês os dois cubram as traseiras. Um fica com a porta da cozinha e o outro com a arrecadação do jardim. Nós os quatro vamos entrar pela frente. E olhos bem abertos, rapazes.

Stoner tinha tido razão. O alarme tinha sido desativado. E isso preocupou Jackman. Uma olhadela para a equipa disse-lhe que tinham chegado todos à mesma conclusão: Alguém tinha estado, ou ainda estava, na casa dos Kinder.

Esgueiraram-se silenciosamente ao longo da casa e foram entrando em cada uma das divisões, sussurrando a palavra «livre» sempre que saíam desses espaços vazios.

Quando completaram a revista aos quartos, Marie agarrou no braço de Jackman, murmurando:

– Foi aqui que começou tudo, não foi?

Apontou para as escadas para o sótão.

– E é aqui que também vai acabar tudo, parece-te?

– Imagino que só haja uma maneira de descobrir.

Marie avançou para o primeiro degrau, mas Jackman deteve-a.

– Desta vez, não.

Passou para a frente dela e dirigiu-se para o sótão.

A porta não estava fechada. Cedeu facilmente e abriu-se para trás quase sem fazer um único som.

Ao luar pálido que brilhava através da lucerna, viram Daniel Kinder sentado com as costas encostadas à parede que outrora tinha estado decorada como um altar a Françoise Thayer. Skye estava quieta nos braços dele.

Os braços da rapariga rodeavam o namorado e a cabeça estava aninhada no ombro dele. Uma faca com uma lâmina comprida e um aspeto assustador encontrava-se diante de ambos e Jackman reparou numa alarmante mancha escura de uma coisa qualquer molhada que se espalhava pelo chão.

– Olá – disse Daniel numa voz suave.

Sorriu-lhes tristemente.

– A Skye acabou de me contar uma história.

– E é uma história verdadeira, Daniel. Ouvi o que a Ruby lhe contou – replicou Jackman, tentando manter a voz firme, embora não gostasse da estranha entoação distante da voz de Daniel.

– Está tudo bem, inspetor – disse Skye, endireitando-se, mas sem largar Daniel, nem por um segundo. – Agora o Daniel já sabe tudo. Está só a tentar absorver tudo. Foi um choque horrível e parece que tem o braço a sangrar. Acho que somos capazes de precisar de cuidados médicos para ele.

Sem mudar o tom de voz, deitou um olhar ansioso a Marie e acrescentou:

– Mas há uma coisa que precisam mesmo de saber sobre o Guy Preston.

Marie engoliu em seco com força e a expressão que fez indicou que havia pouco que ela não soubesse acerca desse homem.

– O Preston morreu, Skye. E foi o responsável pelas mortes daquelas três mulheres.

Daniel estremeceu.

– Então eu não lhes fiz mal? – perguntou, a voz a erguer-se. – Mas o Guy disse-me...

A voz esmoreceu e silenciou-se.

– O Guy Preston estava a montar-te uma cilada para ficares com as culpas, Daniel – explicou Jackman brandamente. – Nunca fizeste mal a ninguém.

– Eu acreditei nele.

Subitamente, Daniel soltou um soluço e depois o corpo começou a tremer-lhe.

– Eu acreditei nele.

– Um erro comum, ao que parece – murmurou Marie entre dentes. – E eu posso dizer isso com conhecimento de causa por ter estado na situação nada invejável de ser a vítima seguinte na lista dele.

Jackman mandou Max chamar os serviços médicos e a seguir calçou as luvas, ajoelhou-se e agarrou na faca. Continuava a não confiar plenamente em Daniel Kinder perto de objetos afiados.

[27] N.T.: Clássica canção britânica de *music hall*, gravada pela primeira vez em 1911 e alvo de múltiplas versões desde então.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Marie tinha feito uma lista de pessoas a contactar. Gostava das coisas arrumadas e fazia questão de passar os últimos dias de uma investigação a atar as pontas soltas.

Passou os olhos pela lista. Só restavam três nomes. Riscou o nome de Mark Dunand. Tinha-o visto uns dias antes e tinha ficado satisfeita em relação às poucas duvidazinhas que ainda persistiam sobre ele. Já tinha comprovado que o negócio de importações de Dunand era legítimo, não havia drogas nem nada de ilegal, e o interesse dele por Skye tinha sido, como ela pensara, amor não correspondido. A namorada do meu melhor amigo e essa treta toda.

– Quem é que se segue?

Agarrou no telefone e marcou o número seguinte. Peter Hodder atendeu ao segundo toque.

– Prometi que lhe dizia se o Daniel Kinder era realmente filho da Thayer, senhor inspetor, e estou muito satisfeita por lhe poder dizer que não é.

Contou a história em traços largos ao polícia reformado.

Hodder soltou uma risadinha trémula.

– Tive sempre esperança de que a morte dela significasse que o mundo era um sítio mais seguro, Marie, mas ela ainda conseguiu estragar a vida desse rapaz, mesmo do túmulo.

– Presumo que isso queira dizer que continua a não querer que lhe devolvam os blocos de notas antigos?

– Pode crer que sim! Tenho-me sentido muitíssimo melhor só por saber que desapareceram da minha vida. Nunca me verei livre dela, mas ela ficou um bocadinho mais longe de mim.

Conversaram durante um bocado, principalmente sobre motorizadas, e depois Hodder desejou-lhe boa sorte e despediram-se.

Marie voltou a atenção para o exemplar do *Motorcycle News* que tinha em cima da secretária. Tinha vendido a Kawasaki destruída a um jovem polícia novato que a queria reconstruir e tinha-lhe juntado a roupa de couro para jogar pelo seguro. Sempre que olhava para aquele casaco preto e verde, via a expressão transtornada de Guy Preston enquanto o vestia.

Por isso, parecia que chegara o momento de escolher uma coisa completamente diferente. Olhou, quase lubricamente, para a imagem da Suzuki V-Strom 650 azul-elétrico e preto. Ora bem, era muito bonita, mas também havia a Suzuki Gladius escarlate e preto. Leu as especificações, mas mudou de ideias assim que viu a descrição da carroceria vermelho-sangue. Já tinha visto sangue suficiente recentemente. Tocou na fotografia lustrosa da motorizada azul.

– Parece que vais mesmo ser tu, minha beleza.

– A sargento parece-se assustadoramente com o Gollum, minha preciosidade.

Max olhou por cima do ombro dela para a fotografia da motorizada azul.

– Nunca pensou num carro bonito e seguro?

– Vai chatear outra, Cohen – respondeu Marie, sorrindo-lhe. – Vou ter tempo para uma coisa dessas quando for velha e enrugada.

Riscou o nome de Peter Hodder e voltou a olhar para a lista. O último nome que lá estava era o de Orac.

O génio das TI não se tinha poupado a esforços para os ajudar e Marie duvidava que muitas pessoas se dessem realmente ao trabalho de lhe ir agradecer. Sorriu e tirou uma caixa pequena e cuidadosamente embrulhada da gaveta da secretária. Levantou-se e deitou um olhar de relance para a porta firmemente fechada de Jackman. Sabia que o inspetor estava à espera de uma visita de Lisa Hurley e que pedira para não ser interrompido durante algum tempo. Típico! Mais uma vez, conseguia evitar uma viagem ao covil do submundo de Orac.

Encontrou-a no lugar habitual, ligada ao computador.

– Por favor, não se ofenda, mas queria agradecer-lhe. O seu trabalho foi inestimável para a investigação.

Pousou a caixa embrulhada em papel prateado na secretária de Orac.

Orac levantou os olhos para Marie, aqueles olhos estranhos que cintilavam metalicamente no clarão do computador. Sem dizer uma palavra, abriu o presente e olhou para os brincos ultramodernos feitos à mão.

– Não se quer sentar, se tiver uns minutinhos? – convidou Orac.

Marie sentou-se.

Sem tirar os olhos dos brincos, Orac disse:

– Encontrei as suas caixas de provas desaparecidas do caso da Françoise Thayer.

Marie arregalou os olhos.

– A sério? E onde é que estão?

Orac olhou para o relógio.

– Na A17, provavelmente, algures perto de King's Lynn. Se o trânsito o deixar, estarão consigo dentro de hora e meia. Estavam em Norfolk, num armazém usado para guardar casos antigos resolvidos.

Dirigiu a Marie um raro sorriso.

– Não é que eu ache que precise delas agora.

– De certeza que não para aquilo para que as queria à partida, mas não há dúvida de que devem ser guardadas num sítio seguro. Documentos e provas tão sensíveis como essas nunca devem desaparecer.

– Acha que alguma vez lerá as notas do caso?

– Já li os blocos de notas do Peter Hodder, Orac. Chegaram e sobraram – rematou, estremeando.

Orac assentiu.

– Tenho de confessar que até eu fiquei abalada por algumas das coisas que descobri.

Tocou ao de leve na superfície de um dos brincos.

– E elas trouxeram-me memórias muito más.

Marie olhou para ela inquiridoramente. Aquilo era mais do que estranho. Orac não tinha conversas propriamente ditas com *ninguém*.

– Numa outra vida – disse ela, olhando fixamente para Marie – ...estive envolvida com pessoas impiedosas. Vi homens, deliberadamente e sem consciência, a matar e a torturar gente. Todavia, faziam-no por aquilo em que acreditavam, pelas causas ou pelas organizações com que estavam comprometidos. Mas a Françoise Thayer fazia-o com um sorriso e aquecia as mãos nesse sangue inocente. É inconcebível.

– Pois é – concordou Marie.

A seguir, arriscando couro e cabelo, perguntou:

– E o que é que fazia, nessa outra vida?

– Coisas que preferia esquecer.

Marie concluiu que, provavelmente, já tinha ido suficientemente longe, se calhar, até longe demais, mas repentinamente Orac disse:

– Tiraram-me do serviço ativo quando um desses homens zelosos de quem eu estava a falar me cegou com um estilete, desenhado para o efeito e enfiado diretamente no meu olho esquerdo. Um centímetro mais fundo e ter-me-ia furado o cérebro.

Inclinou a cabeça para a frente e, puxando para baixo a pálpebra inferior, manobrou a lente de contacto para a parte inferior do olho, removendo-a cuidadosamente e levantando depois os olhos para Marie.

A sargento ficou sentada num silêncio estupefacto. A íris esquerda e a córnea de Orac estavam quase completamente pretas, dando-lhe a aparência fria e morta do olho de um tubarão.

– Laceração corneana de espessura total, sargento. Nada bonito. Por isso, eu sei, com toda a certeza, que há pessoas muito desagradáveis por esse mundo fora – disse Orac, soltando uma gargalhada fria. – Mas você, não, DS Marie Evans, você é o lado oposto do espectro. Isto é uma novidade absoluta – continuou, apontando para a prenda. – E são lindos, obrigada.

Marie levantou-se.

– Também são do Jackman, mas o inspetor está com uma pessoa no gabinete neste momento e...

De repente, não quis apresentar mais desculpas fracas por ele e, por isso, limitou-se a encolher os ombros e a fazer uma careta.

Orac soltou uma gargalhada inaudita.

– Oh, Marie! Arreliar o Jackman é *tão* divertido.

Voltou a enfiar destramente a lente de contacto.

– Antes que se vá embora, duas coisas: uma, eu só faço pouco das pessoas de quem gosto; e dois, não conte a ninguém o que é me aconteceu – fez uma pausa – ou terei de a matar.

Voltou-se para o computador e, mais uma vez, milhares de números começaram a correr pelo ecrã.

Jackman inclinou-se para trás no cadeirão e saboreou uns poucos momentos daquilo a que se poderia chamar paz. A porta do gabinete estava fechada e, por uma vez, ninguém estava a exigir-lhe fosse o que fosse.

Fixou o globo de pedras semipreciosas que estava em cima da secretária. Não só era lindo como tátil e passou delicadamente as pontas dos dedos pelo objeto, admirando a paciência dos artesãos que o tinham criado. Cada país estava fielmente recortado em pedras como jaspe, ágata, jade e olho-de-tigre. Os oceanos eram de madrepérola e as linhas de longitude e latitude eram feitas de arame dourado torcido. Tinha um pedestal de bronze e ocupava o lugar mais importante à direita na preciosa secretária.

Empurrou-o e, delicadamente, pôs o mundo girar. Se tudo fosse assim tão simples.

Quando estava a observar o oceano Pacífico enquanto este desaparecia suavemente e era substituído pelas Américas, bateram à porta.

– Uma pessoa para falar consigo, patrão.

Max recuou e segurou a porta aberta para Lisa Hurley entrar.

Jackman levantou-se de um salto, deu-lhe as boas-vindas e puxou-lhe uma cadeira. Lisa baixou-se cautelosamente no assento e fez uma careta.

– Ainda dorida? – perguntou Jackman.

– Não me sinto nada confortável, mas, tendo em conta tudo, é uma gota no oceano, não é verdade?

– É muito mais do que isso, Lisa. Ele quase a matou.

– Para já, estou a tentar não pensar nos «e se?» nem nos «talvez». Considero-me extraordinariamente sortuda.

Olhou para ele com um sorriso curioso.

– Um bocado como a sua sargento Marie Evans, segundo sei, não?

Jackman assentiu.

– Sim, se calhar, vocês as duas deviam começar um clube de sobreviventes.

Lisa sorriu, concordando.

– Se calhar, devíamos.

Depois a expressão tornou-se séria.

– Vim cá para lhe agradecer o cuidado e a preocupação que tiveram com a Skye e para lhe pedir, respeitosamente, que o facto de saber que ela é a minha filha biológica fique entre nós. Ela é muito feliz com a família e com o Daniel e eu nunca tive a intenção de que ela ficasse a saber de mim.

– Pode ficar descansada – respondeu Jackman, inclinando-se para a frente, com os cotovelos na secretária. – A Marie e eu não contaremos a ninguém. A senhora era a chefe direta dela no hospital e uma amiga

carinhosa. Fim da história.

Lisa parecia estar quase a ponto de chorar.

– Pelo menos, por uma vez, pude ajudá-la quando ela precisou. É uma rapariga tão linda e tenho tanto orgulho nela.

Tirou um lenço da algibeira e limpou os olhos.

– É uma coincidência ambas trabalharem na mesma área de cuidados médicos? – perguntou Jackman. – Isso tem-me intrigado desde que ficámos a saber de si.

– Oh, não, a minha área era gestão de empresas, trabalhava numa grande empresa de saúde privada. Quando finalmente encontrei a Skye e descobri em que é que ela se estava a formar, pedi transferência para um cargo na administração hospitalar. Quando a Skye acabou por se instalar no Saltern General, passei para um novo cargo lá; tornei-me gestora de pessoal dos departamentos de Fisioterapia e TO^[28].

Sorriu-lhe.

– E foi a melhor coisa que fiz na vida. Nunca quis desistir da minha bebé, mas estava numa situação desesperada e pouca ou nenhuma escolha tinha se queria pôr a minha filha em primeiro lugar, mas nunca a esqueci.

– E foi a *Lisa* que lhe deu o nome de Skye?

Ela assentiu.

– Nunca tinha visto uma criança tão pequenina com uma disposição tão luminosa ou com uns olhos de um azul tão intenso. E a Ilha de Skye era a casa dos meus avós. Pareceu-me adequado.

– E agora?

– Acho que chegou a altura de continuar com a minha vida. Ofereceram-me um lugar no Sul e acho que vou aceitar. Não posso permitir que a Skye comece a desconfiar da minha preocupação com ela. Agora já estou descansada no que diz respeito à segurança dela e não tenho qualquer dúvida de que, com o tempo, o Daniel vai recuperar o suficiente para voltar a ter prazer na vida, como tinha antes. Tenho grandes esperanças de que os dois ficarão juntos.

– Estão muito bem um para o outro e o prognóstico para esse jovem é, aparentemente, excelente. A mãe, a Ruby Kinder, já voltou para casa, sem mais planos para fugir para climas estranhos, por isso, com ela e a Skye como apoio, ele tem a melhor das hipóteses, na minha opinião.

– Posso fazer-lhe uma última pergunta, inspetor? – atirou Lisa, agitando-se desconfortavelmente na cadeira. – O Guy Preston tinha alguma ligação ao nosso hospital? Nunca o vi lá e tenho uma relação bastante estreita com o departamento de psicologia.

Jackman abanou a cabeça ao de leve.

– O Preston estava ligado a vários hospitais e clínicas privadas. Obter drogas era fácil para ele. E em relação às duas últimas vítimas que escolheu: ao que parece, ambas lhe tinham pedido discrição absoluta, por razões pessoais, queriam ser seguidas confidencialmente. Acreditamos que ele até usou um nome diferente ao lidar com elas. Preparou-as cuidadosamente para que, no fim, confiassem piamente nele.

– E depois matou-as – disse Lisa, erguendo o olhar, furiosa. – Como é que ele pôde fazer isso? Era psicólogo! O que é que aconteceu a *Primeiro, não faças mal?*

Jackman mordeu o lábio inferior.

– A Marie garante-me que ele *foi* em tempos um bom psicólogo, Lisa. Era um dos melhores. Ajudou uma data de gente perturbada a recuperar a vida.

Contou-lhe como um assassino tinha atacado Preston numa sala de interrogatórios.

– A mente tem uma força incrível, mas, por outro lado, é tão frágil como a asa de uma borboleta – soltou Lisa, endireitando-se. – Suponho que quando trabalhamos nesse tipo de ambiente e nos acontece qualquer coisa, bem, nenhum de nós sabe como é que isso nos poderia afetar nem o que é que seríamos capazes de fazer, pois não?

Esfregou ao de leve o ombro ferido.

– E por falar em esgotamentos nervosos, quando vi o Daniel com a Skye, mesmo antes de ele fugir, percebi que ele estava muito doente. Fui para casa e pesquisei tudo o que consegui sobre estados de fuga. Aquele pobre rapaz deve ter passado por um inferno durante muito tempo.

– Ao que parece – respondeu Jackman, apontando para o relatório que se encontrava em cima da secretária, – a vida dele foi um caos. Em certas alturas, a realidade não tinha qualquer significado e, noutras, o rapaz já parecia ser o Daniel normal.

Olhou para Lisa.

– E nesse *outro estado* dele, mutilava-se. Não eram golpes fundos com lâminas, nem nada de grave, exceto, claro, da última vez. Geralmente, implicava apenas fazer correr um bocadinho de sangue. Havia várias peças de roupa, encontradas escondidas na cave, todas com sangue dele, algum já bastante antigo.

– E ele não compreendia que estava a fazer isso quando voltava ao normal? – perguntou Lisa.

– O Daniel diz que reparava nos ferimentos, mas não fazia ideia de como é que tinham acontecido. E isso aumentava a ansiedade dele em relação às falhas de memória. Estranhamente, conseguia parecer e comportar-se de uma maneira completamente natural, mesmo quando tinha a mente confusa e infeliz. É a natureza da coisa. Mas, finalmente, está a ter o melhor dos tratamentos e agora sabe que todos aqueles episódios terríveis eram causados pelos estragos feitos pelo monóxido de carbono, tem respostas baseadas em factos, por isso pode seguir com a vida dele.

– Como espero que todos possamos, inspetor – afirmou Lisa, levantando-se. – E obrigada, mais uma vez, pela sua descrição em relação à Skye. Nunca acreditei em esconder a verdade quando se trata de saber quem são os nossos pais e o caso do pobre Daniel é uma prova disso, mas, às vezes, é mesmo melhor deixar as coisas como estão. Se a Skye alguma vez sentisse necessidade de procurar a mãe biológica, seria diferente, mas sendo as coisas como são...

– Bendita ignorância.

Lisa assentiu.

– De facto, inspetor Jackman, de facto.

FIM

[28] N.T.: Sigla de Terapia Ocupacional.

LISTA DE PERSONAGENS DE O FILHO DA ASSASSINA

DI Rowan Jackman

Jackman é um cavalheiro; alto, esguio, erudito, tendo entrado para a força policial com uma Licenciatura em Antropologia pela Universidade de Cambridge. A sua única paixão, para além do trabalho, são os cavalos. É um chefe justo e tem o dom de identificar os pontos fortes dos elementos da sua equipa e, dessa forma, trazer ao de cima o melhor deles.

DS Marie Evans

Marie tem alguma coisa que lembra uma amazona; tem 45 anos, é alta, com cabelo castanho-escuro comprido, e lembra sempre a Jackman uma pré-rafaelita com roupa de couro para corridas, por ser uma excelente motociclista. É viúva; o marido morreu num acidente com uma motorizada *vintage*. Marie trabalha utilizando o instinto. A equipa gosta dela e respeit-a, tendo-lhe dado a alcunha de Super Mario. Apesar de serem oriundos de contextos muito diferentes, ela e Jackman dão-se na perfeição.

Detetive Max Cohen

Max é um jovem detetive *cockney*. Não tem problemas em exprimir as suas opiniões e tem um feudo permanente com Charlie, o parceiro mais novo. Contudo, a abordagem superconfiante que faz da vida explica-se por ser precisamente o mais novo de uma família grande da zona leste de Londres e ter de arranjar maneiras de se afirmar e não dar parte de fraco. E embora *ele* possa atacar Charlie, que Deus ajude qualquer outra pessoa que tente fazê-lo. Max é ferozmente leal à equipa e é um bom homem para termos ao nosso lado numa situação difícil.

Detetive Charlie Button

Charlie é um homem mal-arranjado e com ar arrapazado. É o mais novo da equipa, mas tem boa vontade e um enorme desejo de aprender. Tem bom feitio e aguenta bem que o gozem. Charlie tem relampejos de brilhantismo ocasionais, reparando em coisas tão óbvias que todos tinham deixado passar.

Orla «Orac» Cracken

Orac trabalha na cave por baixo da velha esquadra. É responsável pela unidade das TI e é perita em programação e tecnologia informática. É muito atraente, com cabelo loiro branco e uns olhos estranhos. É um enigma porque ninguém sabe nada acerca dela nem por que razão um tal génio está a trabalhar para uma força policial rural.

Daniel Kinder

Daniel é um jovem simpático de uma família unida. Tem um bom emprego, um grande futuro e uma namorada adorável, chamada Skye. Também tem a obsessão de descobrir o seu passado porque não se lembra dos primeiros cinco anos de vida.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Prólogo](#)
3. [Capítulo um](#)
4. [Capítulo dois](#)
5. [Capítulo três](#)
6. [Capítulo quatro](#)
7. [Capítulo cinco](#)
8. [Capítulo seis](#)
9. [Capítulo sete](#)
10. [Capítulo oito](#)
11. [Capítulo nove](#)
12. [Capítulo dez](#)
13. [Capítulo onze](#)
14. [Capítulo doze](#)
15. [Capítulo treze](#)
16. [Capítulo catorze](#)
17. [Capítulo quinze](#)
18. [Capítulo dezasseis](#)
19. [Capítulo dezassete](#)
20. [Capítulo dezoito](#)
21. [Capítulo dezanove](#)
22. [Capítulo vinte](#)
23. [Capítulo vinte e um](#)
24. [Capítulo vinte e dois](#)
25. [Capítulo vinte e três](#)
26. [Capítulo vinte e quatro](#)
27. [Capítulo vinte e cinco](#)
28. [Capítulo vinte e seis](#)
29. [Capítulo vinte e sete](#)
30. [Capítulo vinte e oito](#)
31. [Capítulo vinte e nove](#)
32. [Capítulo trinta](#)
33. [Capítulo trinta e um](#)
34. [Lista de personagens de o filho da assassina](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Preface](#)